

15

REVISTA LUSITANA

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

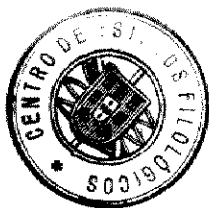
PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses
e a de alguns estrangeiros

Por

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de bibliothecarios-archivistas e Conservador
da Bibliotheca Nacional de Lisboa



VOL. V

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND

75, Rua do Chiado, 75

1897-1899

Porto: Typ. de A. F. Vasconcellos, Succ., R. de Sá Noronha, 51

SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SEC. XVI

A feitiçaria é um conjunto de regras e de praticas estreitamente ligadas entre si, representando na sua maioria os antigos processos d'um culto animistico.

O termo feitiçaria (hechizeria) é puramente peninsular; mas os seus principios ou leis encontram-se em todas as epochas e em todos os povos contemporaneos com maior ou menor intensidade. Da antiga religião da península, principalmente do occidente d'ella, sobre que se baseia a feitiçaria, pouco sabemos, sendo, porém, de esperar que em breve, devido aos esforços do sr. Leite de Vasconcellos, essa lacuna se preencha. Essa religião, em que ha indubitavelmente muitos elementos celtas, pelo menos no nome dos deuses, foi respeitada pelos romanos, que se limitariam, como procederão em outras, a fazer a correspondencia dos deuses dos dois systemas, segundo os attributos e esphera de acção delles, conservando, porém, o culto, que pouco differente seria, fóra o apparatus que uma civilisação mais complexa podia fornecer. Quando mais tarde, por circumstancias internas e externas do povo romano a religião natural foi substituida officialmente pelo christianismo (religião social) com os seus diversos matizes, ficarão subsistindo as antigas crenças, desprovidas, porém, de elementos historicos e progressivos.

As crenças provinciaes anteriores conservarão-se, todavia, debaixo da nova ordem de coisas, apesar de perseguidas pelo monotheismo, sendo consideradas como demoniacas. O facto da perseguição mostra por um lado que ellas prejudicavão os interesses materiaes dos mantenedores do culto superior, e por outro demonstra o reconhecimento do poder que os deuses agora, sem excepção, infernaes, tinham ainda em frente do Deus da nova fôrma religiosa.

As crenças populares trazidas sem duvida á península pelos africanos do norte ou mouros e pelos judeus, devião ter achado benevolento acolhimento. A sciencia que se desenvolveu no sul da Hespanha debaixo da protecção oriental, e que depois, segundo parece, se espalhou pela Europa, havia de conter em si muitos actos maravilhosos, ou pelo menos considerados como taes pelos adversarios do noroeste da península que não admittirão a supremacia arabe. Ainda depois da inversão politica dos dois systemas, a supremacia intellectual estava entre os judeus, e era decerto entre elles que se recrutavão os feitiçeiros melhores. Com a introdução dos escravos negros no continente

a começar no sec. xv, os conhecimentos dos feiticeiros devião ter augmentado extraordinariamente. Poucos povos excederão os africanos em riqueza de material crendeirol, e é notavel a relação que os viajantes encontrão entre as superstições destes mesmos e as dos judeus, cuja nação esteve originariamente mais ligada á Africa do que a península iberica pelo seu povo ao fronteiro continente. Quasi desde o apparecimento em Portugal dos negros que data o estabelecimento das suas associações mais ou menos secretas e governadas por reis, conforme consta de documentos ainda ineditos. Não era só em Lisboa que ellas se encontravão, ha vestigios da sua existencia num ou noutro ponto do sul. Dissolvidas por vezes, ainda os pretos as conseguirão renovar debaixo do typo de irmandades ou confrarias. Ha poucos annos, numa procissão que se verificou em Lisboa, ia uma irmandade composta de negros, com os seus santos e anjos de côr; e existe ainda na mesma cidade uma *rainha do Congo*, com a sua côrte. Bastão estes elementos para prova do grande numero de negros existentes em Portugal, que por si e pelas diversas mestiçagens espalharião os ritos africanos que, no seio daquellas sociedades, se devião praticar, apesar de nada constar nos documentos. Os herdeiros das casas nobres erão educados entre os negros e os lacaios, e mais tarde quando viessem a exercer as funções que lhe competião pelo nascimento na administração do estado, iam dotados de apreciações que, se tinham muito de populares, estavam, porém, em desacordo com a marcha regular das coisas. O rei D. Affonso vi é um exemplo.

O dominio da feitiçaria era illimitado em todos os ramos; nada havia que não pudesse ser influenciada por ella, nem mesmo a religião. O desejo de adquirir objectos, por meio dos quaes se conseguisse a saude e outras coisas com pouco trabalho, passava muito além da seriedade; com o caminhar dos tempos chegou-se, porém, só á conservação dos objectos maravilhosos, sem procurar fabricar mais. Que este abuso se tenha conservado tanto tempo, em quanto outros povos os tenham supprimido ha alguns seculos, provém em grande parte «aus der weit geringern geistigen bildung der Portugiesen»¹. Como exemplo da assimilação das crenças antigas, basta apontar o caso de Agostinho Pimentar (1540-1619), conhecido como poeta notavel debaixo do nome de Fr. Agostinho da Cruz, que se tornou depois de morto, devido ao seu piedoso procedimento, um objecto notavel. O seu biographo, José Caetano de Mesquita, dizia em 1771²: «Espalhou-se pela villa a noticia da morte do servo de Deus, e logo pela manhã acudio á enfermaria grande numero de pessoas não so a veneralo, mas a cortar-lhe pedoços do habito, que guardavão como reliquias preciosas com que remediar os seus perigos e molestias; e chegou nesta parte o excesso da devoção que foi necessario vestir ao santo cadaver novo

¹ Lang — *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, 1894, XLII.

² *Várias Poesias do Veneravel Padre Fr. Agostinho da Cruz*, etc. Lisboa, 1771.

habito para decentemente se poder levar á sepultura». As proprias senhoras da casa ducal de Aveiro não hesitáram mandar «... a hum seu Capellão, que cortasse ao servo de Deos parte dos cabellos do cercilio, e das unhas dos pes; e estas forão as reliquias preciosas que guardarão. Outras muitas pessoas se contentarão com tocar no cada-ver as Coroas e Rosarios de que usavão, não podendo alcançar nada ou do habito, ou das cousas de sen uso». Nos povos no estado natural não ha escolha de individuos; todos elles podem fornecer substancias preciosas.

Assim como ha *objectos feitiços*, tambem ha *ideias feitiças*; numerosos exemplos antigos desculpão o emprego de feitiço como adjectivo. Entre aquellas ideias, a mais notavel e mais vulgar é a do castigo. O homem primitivo, assim como o homem natural de hoje, acreditava que todos os casos adversos erão motivados pela vingança da alma do inimigo morto, ou provinhão da irritação da alma do parente fallecido, e em povos de character elevado, d'um deus, a quem elle faltara com o culto (alimento). Com o progresso social da monarchia coincidiu o monotheismo. O que se attribuia a muitos, passou estar a cargo dum só. Os exemplos são abundantes, mas basta apresentar apenas alguns daquelles que erão dados como causantes de grandes desgraças e catastrophes nacionaes e que muitas vezes ião fazer victimas aonde não seria de justiça segundo o facto incriminado, mas que aos olhos dos fanaticos era do mais puro direito, pois reparando estes nas victimas innocentes ou nos castigos apontados, ás vezes ridiculos, certamente não defenderião o sen conceito demasiado antigo¹. Para se mascarar o odio aos judens, resultado de circumstancias sociaes e economicas geraes em todas as partes onde elles se encontrem, forão-se buscar determinantes destituidas de toda a materialidade. A protecção concedida pelo rei D. João II aos judens fugidos á perseguição iniciada pelos reis catholicos, produziu a morte desastrada do principe herdeiro de Portugal, e quando a sua viuva entron novamente no pais para casar com o rei D. Manuel, a instancias suas começãrão os christãos-novos a soffrer perseguições systematicas. Dois seculos depois, pretendendo o governo português conceder um perdão á mesma raça a troco dum donativo, o povo, tendo á frente o clero, oppôs tal resistencia, e promoven taes tumultos, que a tentativa ficou em meio caminho. E' a esta epoca que se deve o doc. I. Entre outros individuos defensores do perdão em Roma, contava-se o Padre Antonio Vieira; não obstante isso ficou incolume; em compensação, a tripulação dos navios aparelhados com o dinheiro israelita, que na sua maioria, se não no todo, seria desfavoravel á concordia, foi victimada pela colera dos elementos.

As diversas crenças populares ainda hoje existentes e aquellas

¹ A crença na ideia era cega, os tactos tinhão de se subordinar a ella por qualquer fórma que fosse. Em resumo, questão de indolencia para uns e proveito para outros.

que se podem retirar da leitura das fontes impressas, já foram recolhidas na sua maioria pelos srs. Th. Braga e Leite de Vasconcellos nos seus livros *O Povo Portuguez* e *Tradições populares portuguezas*, aproveitando alguns trabalhos anteriores. Das fontes mss. unicamente de alguns processos inquisitoriaes, tirarão subsidios os srs. F. A. Coelho e Consiglieri Pedroso. Ao sr. Teixeira de Aragão se deve a primeira tentativa feita para a incorporação no estudo da feitiçaria do mysticismo segundo os factos, pois na verdade até a propria Inquisição deu o exemplo. Além dos processos do Tribunal do Santo Offício deviamos possuir os processos levantados anteriormente ao estabelecimento d'aquelle tribunal, e alguns ainda contemporaneos, pela justiça real e episcopal, se no correr dos tempos não foram por acaso destruidos. A lacuna deixada pela destruição muito provavel dos cadernos da justiça real é preenchida em parte pela existencia dos livros de perdões; mas como é de prever, a porção melhor e mais preciosa a dos reus, para quem não houve compaixão quer pela divergencia nas ideias, quer pela sua independencia e animo intemerato perante os juizes sempre dispostos a ostentarem o seu poder soberano, não teve aqui cabimento. Em compensação, podemos usar doutros documentos, em que, nada havendo de censuravel no entender dos nossos antepassados, para nós são de grande valor, porque nos offerecem a parte, por assim dizer, democratica de certas crenças por intermedio e por auxilio das quaes se elevaram certos vultos, ainda hoje considerados, acima da grande massa dos seus rivaes, que ficarão para trás; uns, devido á sua rusticidade, que lhes permittiu viver apenas nas recordações dos seus contemporaneos ou num espaço reduzido, outros, por usarem conceitos antigos de revolucionarios, foram aniquilados. Sujeitando mesmo a um exame superficial certos factos pretendidos oppostos, reconhece-se no fundo a identidade dellas, e a lucta que se travou teve apenas por alvo o interesse material; pelo menos o resultado final e as acções parciaes assim o demonstrão. Temos, pois, como auxiliares para o estudo das superstições no sec. xv, não contando a legislação, os documentos existentes nos livros das chancellarias; no sec. xvi temos tambem a mais os papeis da Inquisição. Os documentos subsidiarios provenientes da chancellaria, podem dividir-se em tres classes: perdões, privilegios e doações. As cartas de perdão mencionão o que era criminoso, e as de privilegio e de doações, em pequeno numero, o que era digno de estima: para nós, porém, o interesse é o mesmo. A exploração dos hagiologios dá referencias preciosas sobre o systema mixto catholico-pagão; delles só foi aproveitado um documento. Os 109 docc. aqui apresentados, são extrahidos quasi na totalidade dos livros de registo das chancellarias de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique. Dividem-se nas seguintes secções, a justiça das quaes é duvidosa:

a) Benzedores, II a XI.

b) Feiticeiros-curandeiros e adivinhadores, VII a XXIX.

c) Phenomenos naturaes, XXX a XXXIII.

d) Doenças nervosas, XXXIV a XXXVIII.

e) Legislação e Varia, XXXIX a CIX.

I.—Rol dos que pertendêrão o perdão geral e fim que tiverão (1674):

1. João Nunes, muito rico, preso em Castella e hoje muito pobre.—2. Manuel de Palacios morreo de huma estocada.—3. Rui Fernandez Serrão deo lhe o ar na lingua morreo sem fala.—4. André Palheiro fugio para Flandes com 40 mil cruzados de El Rey.—5. Jorge Roiz Soliz, homem rico, preso em Castella e hoje pobre.—6. Rodrigo de Andrade fugio para Roma e morreo em Flandres.—7. Manuel Lopes que tinha este dinheiro fugio com a familia para fora e se perdeu no mar.—8. Miguel de Lacerda que fes as peticoens foi Penitenciado.—9. O D.^o Serena, centro da Asambleia, morreo desestradamente.—10. Heitor Mendes requerendo o negocio em Madrid quebrou huma perna.—11. Hum clerigo do Alentejo, Requerente do negocio hindo para Roma o matarão.—12. Castão de Brunhoza, Requerente do negocio está doudo em Piza.—13. Hieronimo Castanho morreo em Madrid.—14. Fernão Lopes de Milão, queimado em França, e prezos 15 Parentes.—15. D. Pedro Franqueza Protector do negocio fingio se doudo em Castella prezo e confiscado.—16. Ramires do Prado, Protector morreo na prisão.—17. Pedro Alvarez Pereira prezo e infamado.—18. A senhora D. Serafina, Mulher do Marques Embaixador em Roma a que derão 200 mil cruzados. Queimou-se-lhe o Palacio, e ella morreo de parto, seu entheado foi captivo pelos Mouros, e renegou em Constantinopla.—19. D. Constantino de Bragança.—20. Belchior do Amaral.—21. Lopo de Barros.—22. Henrique de Souza por cujas mãos correo o dinheiro todos morrerão brevemente.—A caravella que se aprestou do dinheiro para hir á Mina, de que era Capitan João Paes foi a pique a 4 legoas da barra.—A armada do Vice Rei da India, Martin Affonso de Castro, aparelhada com este dinheiro quasi toda se perdeu, e o Vice-Rei morreo em Malaca, e 6 mil homens.—O Pontifice Clemente 8.^o morreo em breves dias com ar na lingua.—O Cardeal Nepote que moveo a concessão o mesmo.—23. Alexandre de Aguiar, Muzico e Agente morreo afogado em hum Rio.—24. Hum frade Dominico, Confessor de El Rey morreo virando o rosto da cruz de Christo para a parede.—Tudo isto succedeo dentro de hum anno depois do dito perdão.—A armada de D. Luis Fajardo, feita deste dinheiro 2 galeoens tomou o Inimigo, e 2 se perderão na barra.—No dia em que se concedeo o perdão forão a pique 5 galeoens da frota das Indias emporte de 8 milhoens.—Das Naos aprestadas na India com o dito dinheiro 2 se perderão na barra.—A armada do Conde da Feira, Vice-Rei da India, que constava de 20 embarcaçoens. Huma se perdeu na Mina, 2 arribarão, a outras comeo o mar, outras forão ás maos dos Inimigos e só a Náo Oliveira chegou á India. E o Vice-Rei morreo na Jornada.

(Arch. Nacional, Ms. 1:058, fl. 193).

a) Benzedores

Ha uma differença capital entre benzedores e feiticeiros. Estes alcanção a sua virtude ou a sua força por meio duma observação pueril e pelo ensino pratico; tudo o que são devem-no a si, ou, segundo os antigos theologos, a um pacto com o demonio que a troco de lhes possuir a alma lhes concede toda a sorte de beneficios. Os benzedores, pelo contrario, são escolhidos, na crença popular, por Deus para alliviar a humanidade enferma, independentemente de qualquer meio terrenal; as suas armas são as orações (*benedicere*) e a insuflação. Mas para que a humanidade soubesse que lhe ia apparecer um novo intermediario entre o ceu e a terra (*medium*) era necessario que isso fosse assignalado: um desses signaes era o de ser gêmeo. Considerado positivamente, vemos que a qualidade de gêmeo predispunha para a profissão de benzedor houvesse ou não essa vontade: vid. doc. VI. No que fica dito parece estar incluído o fim da classe dos benzedores, mas encontramos com este nome individuos que extendião a sua actividade até aos animaes e até aquelles que erão mordidos por estes quando atacados de hydrophobia ou raiva. Ora justamente o tratamento dos animaes e dos individuos por elles mordidos era a occupação dos *saludadores*, e, como se não pôde duvidar da existencia deste nome e nesta epoca em Portugal, temos de acceitar a sua confusão de fins, predominando a denominação de *benzedores*. E' possivel ainda que devido á pressão catholica a classe dos saludadores, deixando o emprego da saliva applicado directamente com a lingua nas feridas, imitando nisto o costume habitual dos cães ¹ como se pôde ver numa estampa qualquer representando S. Roque, passasse a usar dos meios dos benzedores. Os benzedores admittem numerosas gradações, vão desde o feiticeiro até ao habitante dum mosteiro, mas em todas ellas a qualidade mais perseguida, por ser a mais perigosa para a sociedade, era a adivinhação ou a revelação. E' evidente que o benzedor não tem actividade propria, é um espirito que se lhe introduziu que o impulsiona a tal ponto que elle nem deve exigir retribuição pelos seus serviços, é uma especie de santo como aquelles que a tradição fixada nos apresenta. O doc. II apresenta-nos dois individuos a que o autor da memoria não dá denominação, mas não é difficil descobrir que são dois verdadeiros benzedores que a tradição popular obrigou a acceitar ás auctoridades religiosas. Até se pôde estabelecer um *simile* com S. Isidoro, lavrador, patrono de Madrid. No procedimento daquelles individuos antes e depois de mortos ha muito da arte de *saludador*. A conservação das cabeças (resto dum culto mais geral como ainda hoje praticão alguns povos da Oceania?) prohibidas pelas Ord. Manuelinas

¹ O saludador parece querer-se identificar com os cães; a respeito da virtude da lingua e saliva dos cães ha, ainda hoje, diversas crenças.

para a dos saluadores que curavão especialmente a raiva dá a certeza que os dois lavradores santos erão benzedores com laivos de saluadores. Ainda hoje se guardão em muitas igrejas do país craneos, uns, ignorando-se a quem pertencessem, outros de santos apocryphos (S. Baccho), a cujo tocamento se pôde curar a hydrophobia. Diz-nos o conego Ciruelo que os saluadores podião entrar impunemente num forno ardente; esta maravilha mais simples do que parece, verifica-se ainda hoje nalgumas povoações por occasião de festas religiosas: só individuos de determinadas familias tem essa *virtude*. O tratamento pasteuriano não concluiu completamente com a *therapia* popular: por um lado ainda se empregão mais ou menos uns remedios secretos, talvez os mesmos que Ciruelo nos indica, e por outro, as igrejas, tendo apropriado para si o tratamento pela benzedura, preventiva e curativa, da mordedura dos animaes danados, conseguirão neste como em outros casos chegar a uma especie de chrystalização, prodomo da redução e eliminação de tal crença. E' um facto enrioso que no mesmo anno e pelo mesmo ministerio fosse elevado o Instituto bacteriologico de Lisboa á altura em que actualmente está, e que o Santuario Real de Santa Quiteria de Meca (Alemquer), centro principal, em toda a Extremadura e mais alem, do tratamento religioso da hydrophobia, soffresse uma reforma que o habilitasse a não perecer!

A classe de individuos, ainda pouco estudada, dos ichacorvos, frades e clerigos inimigos da hierarchia religiosa, merece uma menção especial por causa do seu caracter popular e credulo. E' a elles que se deverá, talvez, uma certa systematização e harmonia na formação das crenças mixtas que se tem desenvolvido nas camadas mais numerosas do povo.

Nada ha na legislação que exceptue os benzedores ¹. As cartas que apresentavão para o exercicio da sua missão fundão-se apenas na virtude divina, na experiencia, no pedido dos povos, e nas licenças ecclesiasticas que por seu termo se fundarião tambem na virtude e na experiencia. Quando se lhes queria dar um caracter legal e não privilegiado obrigavão-nos ao exame do physico-mór, em cujo *Regimento* se encontrava um *item* que lhes poderia ser applicado: não havendo pessoa competentemente habilitada numa povoação, o physico-mór, depois de previo exame podia arvorar indiferentemente um homem ou mulher em physico mas com certas particularidades e restricções.

A arma toda espiritual do benzedor era a *oração*, ainda que pelo seu nome se poderia deduzir ser o gesto especial da benção ou o *benzer*. Benzer vem do latim *benedicere* (bêedizer, bêezer, benzer) e significa *dizer bem* ou *louvar* (*loar* donde *loa*) isto é dizer umas palavras agradaveis. E' no que consiste geralmente a oração dos benzedores dizer umas palavras agradaveis a um ou mais santos e em pagamento pedir-lhes um determinado favor para um certo individuo. As *palavras*

¹ A benzedura dos animaes era permittida, considerados estes como cousas.

seguia era a benzedura, e os resultados colhidos eram excellentes, segundo allegava.

O que é certo é que os povos de 20 e 30 leguas em roda o vinham consultar ou mandavam chamar, e elle prestava de boa vontade os seus serviços, não levando dinheiro, e acceitando sómente o que lhe queriam dar. Um *menino de virtude*, como ainda ha poucos annos tanta curiosidade excitou. D. Manuel deu-lhe licença para elle exercer a sua mysteriosa clinica, mas no reinado de D. João III pozeram-lhe embargos e elle teve de recorrer ao monarcha para poder continuar no seu lucrativo e humanitario officio. El-rei mandou informar-se pelo juiz de Thomar e não teve duvida em confirmar a licença, como se vê na seguinte carta, que transcrevemos na integra, modificada apenas, para melhor intelligencia, a orthographia archaica:

«Dom João, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que João Fernandes, morador nas Olalhas, termo de Thomar, me envion dizer que era homem de idade de sessenta annos e que de quarenta a esta parte sempre curou e benzeu todas as pessoas e alimarias de dôr de cães damnados que o vinham para isso buscar de vinte e trinta leguas, onde ia de boa vontade, sem levar mais premio que o que lhe as ditas pessoas queriam dar por suas vontades, e por el-rei meu senhor e padre, que santa gloria aja, ter d'elle informação que curava e benzia da dita dôr, lhe dera licença para o poder fazer, e d'então até agora sempre usava d'isso, pedindo-me que por quanto lhe agora punham duvida a curar e benzer da dita dôr pelo defender a ordenação, houvesse por bem lhe dar licença para isso, e antes de lhe dar despacho mandei o liceneado Antonio da Costa, juiz de Thomar, que se informasse do dito caso, o qual me fez saber por sua carta como curava e benzia da dita dôr e o modo que nisso tinha e por achar pela dita informação que o fazia com o signal da cruz, hei por bem de lhe dar licença que possa curar e benzer da dita dôr de cães danados, sem embargo da dita ordenação. Notifico-o assim a todas minhas justiças, officiaes e pessoas outras, a quem isto pertencer e lhes mando que não vão contra isto e o deixem livremente curar e benzer da dita dôr sem ontra duvida nem embargo algum que a ella seja posto, porque hei por bem e lhe dou para isso licença. Gaspar Mendes a fez em Setembro a 24 dias de abril de 1532».

João Fernandes não é o unico curandeiro d'esta especialidade. Outros apparecem antes e depois. As Ordenações do reino prohibiam que se usasse de benzeduras; e a inquisição levou á fogueira não poucas victimas por este motivo, mas a realza concedia frequentes vezes licença para semelhante pratica. A crendice chegou até nossos dias e ainda hoje é vulgar, sobretudo nas fogagens e molestias de pelle, recorrer ao prestigio d'alguuma benzedeira que nos talhe o bicho ¹.

¹ As *Curiosidades historicas e artisticas* fazem parte de uma serie de artigos importantes que o sr. dr. Sousa Viterbo está inserindo nas columnas do *Diario de Noticias*.

IV. — Dom João, etc. saude. Faço vos saber que Domingos Caldeira, morador em a vila dAbrates me ēvion dizer per sua pitição que elle pela virtude que deus noso senhor nele posera bemzia bois e vacas e outro gado mjado e tãobem bemzia pessoas que se começavão a danar e as pessoas a que o ja tinha feito crão saãos de suas jmfirmjidades como o fazia certo por hũ estormento que apresentava e por que ele fazia jsto sē licença minha fora dado delle hũa querela por Lopo Gonçalvez, alcaide averia tres anos de que o dito Lopo Gonçalvez ja era parte. . . e por tāoto vos mando que daquj em diāte o nō prēdaes nē mãdeis prender. . . Dada ē esta minha cydade de Lixboa aos xxij dias do mes de ffeureiro. . . de mjl b^o xxxbiij^o anos. (Liv. 14 de perdões e leg. de D. João III, fl. 36 v.)

V. — Dom Joam, etc. ffaço saber a todas minhas Justiças a que ho conhecimento desto pertencer que os officiaes e povo da villa da Batalha menviarã dizer per sua pitiçã que Junto da dita villa no lugar das Bracas esta hũa molher beata da ordem de sam domjgos per nome Jsabell Gonçalvez que per esperyencia se tem visto ter vertude pera o mall da Rayna e que as pessoas que bemze se acham bem de maneira que de muitos annos a esta parte o faz e todos os que bemze Recebem saude e que tynha pera yso Licença do vigairo de Leyrya e do pryor do mosteiro da dita villa segundo vy per hũ estormento publico que me foy apresentado. Pedindo me ouvese por bem que podesse bemzer como ora faz sem por yso emcorrer em pena algũa. E visto seu Requerimento ey por bem tendo ella Licença pera yso do prellado e pera fymzoza diso lhe mandey pasar esta carta per mim asynada e asellada Joam Roiz a fez ē Lixboa a xxb dias de Junho de myll b^oxxx biij. Bastiã da Costa o sobescreuy. (Chancellaria de D. João III, Liv. 44 de Doações, fl. 44).

VI. — dom yoham, etc. saude. Sabede que Joana Martinz, viuva, morador na freguisia de Santa Maria dos Onliuaes nos emvyou dizer que Jmdo ora o Corregedor Maracote tirando devasa per o termo desta cidade, tirando a dita devasa a mãdara prender dizendo era culpada em bemzer e que he verdade que a sopricamte he Jemca e lhe diziam que aproveitaua bemzer os mininos de boca danada e ela os bemzia sem mais dizer que somente lhe bafejana na boca com o nome de Jhu e os bemzia por asy ser Jemca e dizerem que aproveitaua e que por qnamto ela era pobre e muyto velha e nom tinha pera mamtença senã o que lhe danã os fices de deus nos enviara pedir por mercee que lhe perdoasemos a nosa Justiça se nos a ela por Rezam do caso sobredito em alguma maneira era teuda. . . . de feito avemos por perdoada Joana Martinz do dito caso de asy ser culpada na dita devasa que bemzia os mininos da boca danada comtamto que ela pagase a piadade quinhētos reaes e mais que nom bemzia sem licença do prelado. . . Dada ē Lixboa aos xiiij dontubro el Rey o mãdon per

o bispo do funchall. Diogo Velho a fez ano de mjl b^{xxij} anos. (Chancellaria de D. João III, Liv. 46 de Doações, fl. 44 v.).

VII. — Dom Johão, etc. saude. Faço saber que Caterina Fernandez, morador em Boçelas, termo desta cidade, e ora presa na cadeia da dita cidade Me enuiou dizer per sua pitição que ella avia muito tempo que hera benzideira e benzia gente e boys e vacas e guado meudo e cães danados e bichos e outros animaes, e que Jndo o Corredor Bertolameu Aluez Varejão a fazer correição achara a ella supplicante comprehendida no sobredito caso de benzer, e que por ella não ter minha licença nã do perlado pera o fazer a prendera e a mandara presa a cadeia e prisão desta cidade honde ora estaua e o promotor vir com libello e que por ella ser molher muto pobre e necessitada e estar perecendo a fome (*sic*) Me pedia que avendo Respeito a sua pobreza lhe perdoasse minha Justiça e que as palauras que dizia quando benzia herão as seguintes:

Em nome do padre e do filho e do esprito sancto || vos benze e amezinha. || pello poder de deus || e da virgẽ Marja.

E que acabando de dizer estas palauras dizia o pater noster e ave Marja, e benzia agua e a lançaua pera o ar por cima do guado e dezia que o guado que se achaua bẽ e que ella tem a vertude... querendo lhe fazer graça e merçe... tenho por bẽ e me praz de lhe perdoar liuremente e Releuar da pena que merecia... Dada na cidade de Lixboa aos xxix dias do mes de Janeiro e feita na dita cidade aos xxx dias do dito mes... de mil b^oL.^{ta} (Liv. 16 de perdões e legit. de D. João III, fl. 17 v.).

VIII. — Dom Sebastiam, etc. saude. Faço vos saber que a mjm ãajou dizer per sua ptyçam Pero Miges, laurador, morador em Chosendo, termo da villa de Fomte Arcada que os Juizes da dita villa o premderão por se dizer que elle avya fferjdo a hũ Francisco Mendez, filho do pymtor da dita villa pelas costas cõ hũ faqua ou adagua de hũa estoquada de que estyuera a morte e por outros ferymentos e causas e preso o ãetregarão a Pero Affonso que vyera de Ferronha, quadrijbeyro do dito luguar de Chosymdo e Antonio Francisco, Jemro do bemzedor e a João Fernandez, filho de Bastyam Fernandez e outras pesoas pera que o guardasem e tyuesem a Recado pera o leuarem a cadeia... Dada em esta cidade de Lixboa aos nove dias do mes de mayo... de j b^oL.^{ta} e nov annos. (Liv. 37 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 417).

IX. — Dom Joham, etc. saude. ffaço-vos saber que Joham Gonçaluez, homẽ muito velho e pobre, morador em o Concelho de Godim, termo de Penagnyão me emvyou dizer per sua petyção que elle fora preso no dito Concelho e degradado pera o conto de Chaues por cinco anos por se dizer que bemzia e adevinhava o qual degredo elle sopricate não fora comprjr por ser como hera homẽ de oytenta anos

e muito desposado e pobre e pelo asy não hyr comprir fora outra vez preso e cōdenado ē minha Relação nos ditos cinco annos de degredo pera Affrica cō pregão na audiência e feyta nelle exycação fora trazido de Concelho ē Concelho preso a esta corte... elle hera tão velho que se nō podia mandar cō sua vellyçe e cegydade e deyxaua na terra oytto fylhos e sua mulher que elles sē elle e elle sē elles se perderião ao desenhparo... Dada em a minha cidade de Lixboa aos xxbiij dias do mes de novembro e feyta a doze dias do mes de dezembro... de mjl b^oRj anos. (Liv. 11 de perdões e leg. de D. João III, fl. 102 v.).

X. — Dom Johā, etc. saude. Faço saber que Antonyo Diaz, laurador, morador no termo d'Evora, Me enujon dizer per sua pitiçā, que sendo costume Imemorial os lauradores o dia da Sanctissima Trindade, cuja festa se celebra no mosteiro de Sam Dominguos da dita cidade, virem a ella, vistidos dos millores vestidos que tē e achā, a ofereçer seus gnados e solenizar a dita festa, e, sendo elle, como he, laurador Rustico que nā entende leys nē ordenaçōes, e que todo o āno anda vestido de burel ē sua lauoura, veo a ella vestido com hū pellote de graā cō botões, o qual somente tinha o colarinho do pescoço forrado de tapeta da mesma cor, e que estando em esta festa da Sanctissima Trindade ao officio peguado com a porta da Igreja o meirinho do Corregedor o tirou daly, e prendeo, e lhe espio o pellote, e se processou tanto contra elle que per sentença de minha Relaçā foy cōdenado em perdimento do dito pellote e ē dez cruzados.... Dada na minha cidade de Lixboa ao primeiro dia do mes d'abril e feita ē ella a tres dias delle.... de mil b^oçinquenta e cinco annos. (Liv. 23 de perdões e leg. de D. João III, fl. 278).

XI. — Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Gomes Ribeiro, veador das agoas, morador ē a villa de Mōte Mor o Novo, me enujon dizer per sua pitição, que elle fora preso e acusado por parte da Justiça, por se dizer que matara de preposito a huū Roque Casqueyro, mullato, tendo ja dantes saltado cō elle... Dado na cydade de Lixboa aos dous dias do mes dagosto... de j bclxb. (Liv. 41 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 259).

b) Feiticeiros-curandeiros e adivinhadores

A doença e a morte são devidas, segundo as ideias animistas, á influencia doutras pessoas, á vingança dos espiritos e tambem aos astros, principalmente á lua; porém, ha remedio para tudo, a questão é saber quem foi o autor do maleficio, nuns casos para debellar a doença, noutros para exercer a vingança, e em ambos os casos para a jus-

tiça cumprir o seu dever ¹. Tão importante é o diagnostico para a medicina moderna, como era a adivinhação para o curandeiro então chamado feiticeiro. Descoberto o criminoso, podia dizer-se que se estava em meio caminho, era nisso que consistia a habilidade do profissional. Os meios para causar a doença e a morte e os seus antidotos são-nos já mais ou menos conhecidos. Deve-se notar, porém, que não havia, nem ha hoje nas classes populares, grande differença entre substancias supersticiosas ou aquellas que convencional e voluntariamente os criminosos e os pacientes aceitão como produzindo certos effeitos, e outras que produzem realmente resultados desastrosos. Assim é vulgar encontrarmos certa confusão entre feitiço e um veneno qualquer como por exemplo o solimão (sublimado).

Por substancias supersticiosas devem ser entendidos aquelles corpos ou mesmo actos que os feiticeiros empregavão com determinado fim, fazendo-o préviamente saber às victimas indicadas, que tomadas de susto não tardavão em fazê-lo cumprir em si. Nada mais curioso neste genero que a execução mandada fazer em estatua no anno de 1483 por D. João II ao Marquês de Montemor. Quer fosse pela vergonha, quer por outro sentimento, o Marquês, ao saber a nova, morreu quasi subitamente. Para evitar factos semelhantes já os apaixonados semitas ² tinham prohibido severamente o emprego da figura humana. Esta prohibição obedece a outra ordem de ideias do que a suppressão da adoração de imagens nos protestantes. O semita, sempre práctico, procurando tirar interesse de tudo, aproveita as imagens para fins mysteriosos, não compreendendo o uso dellas como pura imitação artistica da natureza. Assim como o toiro entra em furor à vista da còr vermelha, da mesma forma o selvagem se sente possuido de terror em presença d'um agglomerado de linhas traçadas numa superficie ou de um vulto. Não citando nos outros viajantes nacionaes e extrangeiros, diz por exemplo Curt von François *Die Erforschung des Tschuapa und Lulongo, Reisen in Centralafrika*, 1888, pag. 48: «Alles Papier und alles Schreiben macht auf die Neger, die nicht länger mit Weissen zusammen-gewesen sind, einen unheimlichen Eindruck. Ich wunderte mich nur, dass bei der Nähe der Station der Aberglanbe noch so stark vertreten war. Auch Grenfell hatte mich darauf aufmerksam gemacht, als ich die Dorfschmiede zeichnen wollte, etc». Por occasião do centenario de Santo Antonio em 1895 numa procissão religiosa, que percorreu as ruas de Lisboa, ia uma imagem do santo que se disse ter entrado em numerosos combates, no principio deste seculo, contra os francezes: num delles consta ter sido ferido.

Santo Antonio ganhou character militar e amoroso ao mesmo tempo, que só se pôde comparar com o deus Marte. Mesmo ao santo não falta plasticamente Cupido, representado pelo Menino Jesus ³.

¹ O direito, a religião e a medicina tem origem commun.

² Em tempos historicos.

³ S. Pedro tomou o aspecto de um deus do fogo e das regiões subterraneas,

«*Le Magasin Pittoresque* de 1835, pag. 71, publicou um artigo bastante curioso sobre esta superstição, que é o seguinte: *Saint Antoine généralissime des Portugais*. — Le roi de Portugal s'était joint aux ennemis de Philippe v, roi d'Espagne. Berwick fut chargé de défendre le royaume contre ce nouvel agresseur. Il campa avec un corps de troupes sur les bords de la rivière de *Subugal*, que les Portugais, les Anglais et les Hollandais voulurent passer. Déjà Berwick se préparait à les repousser, lorsqu'il aperçut une étrange confusion qui se mettait dans leurs rangs; bientôt un effroi général se manifesta parmi eux, et ils font retraite avec beaucoup de précipitation. Berwick, dans la fuite, fit quelques prisonniers; il les manda devant lui et les interrogoa sur les causes de cette terreur panique. Voici ce que les Portugais répondirent:

«Saint Antoine de Padoue est le patron du royaume de Portugal. Lorsque notre nation secoua le joug espagnol il nous protégea en diverses circonstances, et ce fut à lui que nous dûmes le succès de notre entreprise. Par reconnaissance, les Portugais demandèrent alors à leur nouveau roi que saint Antoine de Padoue fût déclaré pour toujours généralissime de leurs armées... Son buste est toujours porté à la suite de nos troupes, et on lui rend les honneurs dus à la dignité dont il est revêtu. Ce matin, lorsque nous étions prêts à passer la rivière, un boulet de votre camp a emporté le buste du saint. Constatés d'avoir perdu notre général, nous avons reculé, et nos alliés ont été entraînés dans notre fuite. Voilà la cause de cette retraite précipitée qui vous a tant surpris». — O mesmo facto acontece nos africanos, com os encarregados dos feitiços, como diz Gamitto *O Muata Cazembe*, etc., 1854, pag. 57: «Quando a guerra é com os portuguezes, a primeira cousa que estes procuram fazer é matar o tal Ganga, que elles julgam invulneravel; conseguido o que pouco mais resta para vencer, porque fraca é a resistencia que desde então fazem, pela persuasão em que ficam de que os Mogungos teem melhores encantos do que os seus, aos quaes não podem resistir»¹. Dizia o infante D. Luiz, tão sympathico aos seus contemporaneos, mais pelo que podia ter feito, do que pelo que realmente fez, que a alchimia e o motu-contínuo erão bellas cousas, porque, procurando a humanidade attingir a perfeição d'ellas, tinha encontrado muitas utilidades. O mesmo, ou cousa muito semelhante, se póde dizer da esculptura e do desenho, porque, inventados com fins maravilhosos, chegaram successivamente, quer pela decadencia da fé, quer pela sua introdução em povos mais razoaveis, a um fim bastante justo.

Um tratamento especial, que podia andar annexo ás alcoviteiras

muito semelhante a Hades ou Plutão. Assim, havia em Santarem uma imagem de S. Pedro, a que erão pagas em foguetes as promessas: Vasconcellos, *Hist. de Santarem* (1740), 1, pag. 308.

¹ O que um individuo pratica, julga-se que a sua imagem tambem o fará entre os povos mais adiantados.

ou ás feiticeiras, classes na essencia identicas, era o da provocação do aborto. Tem-se affirmado que o decrescimento da população em Portugal desde o sec. xvi até ás primeiras decadas d'este, era devido á grande emigração para o Brasil, quando o descobrimento das minas, e principalmente á sahida da gente válida para as diversas conquistas e navegações e a consequente destruição d'ella. Basta, porém, notar que a Gran-Bretanha e a Allemanha tem dado no presente seculo um exemplo nunca visto de enorme emigração, e a sua população tem crescido mais do que em outras, conservando os seus habitantes, para vêr que o causante é outro. Contudo, e isto já foi notado, o desenvolvimento monachal é o principal culpado, mas não o unico; a liberdade existente nos conventos era bastante, apesar de ideias supersticiosas, para não impedir o desenvolvimento da população. Causas, que tanto se podem chamar indolentes como economicas, foram as culpadas. Os estadistas portuguezes do sec. xvi não souberam dirigir o movimento de expansão nacional, e acobardaram-se sempre deante de iniciativas rasgadas. Sabendo-se as ideias mesquinhas e nada universeas de que estavam possuidos, tudo se explica. O povo, brando e não activo como os seus dirigentes, submetteu-se, enclausurando o maior numero possível de filhos nos conventos, exigindo do rei dotes para as filhas, empregando o seu nervosismo extravagantemente e creando as rodas. Tudo isto seria bom, se os odiados povos do norte tivessem o mesmo proceder.

XII. — Dom Joam, etc. a todos os Juizes, Justicas de meus Reinos, a que esta minha carta de perdão for mostrada, faço saber que Filipa Marquez, molher viúua, morador nesta minha cidade de Lixboa, mēvion dizer per sua pitição, que ela sopricante acostumaua a Induzir molheres solteiras e as daua é sua casa a homēs que dormisē com elas, e que se fazia adeujnhadeira, e que via os santos, e que pelo dito caso fora per sentença fora finalmente na Relação do civil condenada é tres anos de degredo pera o conto de Marnão. . . Dada é a minha cidade de Lixboa ao primeiro dia do mes dabrill. . . de j b^a xxx annos. (Liv. 10 de perdões e leg. de D. João III, fl. 73).

XIII. — Dom Joam, etc. saude. Sabede que Maria Fernandez, morador na villa de Pinhell me ēvion dizer per sua pitição que ela sopricante foy acusada pella Justiça por dizer ser feyticeira e que deslegara huū omē per nome Joam de Sella, morador da dita villa de Pinhell cō húa syllva macho pella quall ho fizera pasar cō tres ave marias e por ello a cōdenarā é Rolaçā é dous anos de degredo cō preguam na audiencia pera Marvam e nella sopricante hera ja feita a eixecuā do preguā. . . Dada é ha minha cidade d'Evora. . . de j b^a xxx iij. (Liv. 9 de perdões e leg. de D. João III, fl. 293).

XIV. — Dom Joham, etc. saude. Faço vos saber que Isabell Eanes, molher de Salluador Pirez, ferreiro, morador no termo do Por-

to, presa na cadea da dita cidade me êviou dizer por sua pytiçã que ella foy acusada pela Justiça por se dizer que ella fizera sertos feytigos e cõ elles se lhe tolhera a fala femgymdo que outrem lhõs fizera e pusera debayxo da lumieyra de sua porta e como fora achado ella sopricamente femgyra que logo lhe a fola tornara pela qual causa ella fora pela Justiça acusada.... ser molher pobre que nã tynha nada de seu somente o que ganhava em hũ forno de poya e asy seu marido era homẽ muito pobre e ella era molher symprez e amiga de deus.... Dada ẽ a vila de Symtra aos vinte e seis dias do mes de de Julho... de j b^oRiij anos. (Liv. 13 de perdões e leg. de D. João III, fl. 268 v.).

XV. — Dom João, etc. saude. Faço nos saber que Marta Pirez, moradora (*sic*) na cidade de Bragança, me enuyau dizer por sua pitiçã, que ella fora presa ẽ o anno de mill e quinhentos e coremta e cinco ẽ hum dos dias do mes de Junho, por se dizer que ella era culpada ẽ huua deuasa que o duque mandara tiraar, a culparão dizemdo que era feitiçeira e allecoujteira, e que curaua não temdo carta de cura nẽ licença pera iso do curjião moor; e por ella soplicante se ver desemparada, que não tinha quem por ella fizesse se sayra da cadea... Dada çidade de Lixboa ẽ omze dias do mes de setembro e feyta na mesma cidade aos dous dias do mes de outubro... de mil quinhentos coremta none anos. (Liv. 4 de perdões e legit. de D. João III, fl. 237).

XVI. — Dom João, etc. saude. Faço nos saber que Ana Lopez, molher que não foy casada, morador no concelho de Lanhoso elle enujou dizer per sua pitição que sendo acusada pello meirinho da correição da comarqua dizendo que hera feitiçeira e adeninhadeira fora na mayor alçada condenada em hũ ano de degredo pera o conto de Crasto Marym com preguão na andiençia e em dous mill reaes e custas pera o acusador e fora em elle feita execuça do preguão e fora solta da cadea em o mes dabrill pouco mais ou menos do ano de b^oRiij^o pera jr cumprir o dito degredo dentro em trinta dias... Dada na mjnha çidade de Lixboa a xij dias do mes dabrill e feito em ella ao derradeiro dia delle... de mil b^oL.^{ta} anos. (Liv. 16 de perdões e legit. de D. João III, fl. 131 v.).

XVII. — Dom João, etc. saude. Faço nos saber que Veronjea da Mouta, morador no Concelho de Ferreiros de Tadaes, me êujou dizer per sua pitiçã que sendo ella presa na cadea do dito concelho por se dizer que matara sua maj e que era mãceba de cleryguo e feytyceira e allecoujteira, matadora de crjanças os quaees casos hũu seu Irmaão e Imjguo lhe Impos maleçiosamente e asy esta entendido no terra... Dada em esta mjnha cidade de Lixboa aos bj dias março e feyta aos ix dias do dito mes... de j b^oliij anos. (Liv. 19 de perdões e leg. de D. João III, fl. 290 v. No Liv. 23, fl. 68 v., está uma carta de per-

dão a Jorge Pirez, que servia de carcereiro no concelho de Ferreiros, por ter deixado fugir Veronica da Mouta por della quererlar Francisco da Mouta, homẽ que vivia por sua fazenda, dizendo que com peçonha e feitiços matara Ines Fernandez, sua may da dita Veronica da Mouta e do dito Francisco da Mouta, e que tendo elle soplicante a dita Veronica da Mouta presa ẽ sua casa, por não aver casa de cadea no dito luguar da gralheira, ẽ hũa cadea em hũ dos dias do mes de outubro ao soll posto, Indo elle sopricante fazer algũas cousas que lhe comprirã, deixando sua molher em casa, acertara a dita sua molher meter hũ pouquo de guado ẽ hũa corte, leixãdo a presa ẽ casa com a porta fechada com hũa chaue de pao, a dita presa abrira a dita porta e fogira etc.).

XVIII. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Joam Pirez, lavrador, morador ẽ Sortes, termo da cidade de Bragamça, me ẽviou dizer por sua pitiçã, que ele foy acusado pela Justiça, por não aver parte que o acusase, pela morte de Francisca Fernandez, que se dise morer de pamçadas, a fora lyure pelo ouujdor da comarqua, fundando se em dizer que a morta ẽdara sempre ẽ pee e que era amyga dele supricante e que morera de feytiços, e ẽ minha Relação sajra cõdenada ẽ tres anos de degredo pera Afryqua cõ pregão ẽ audiencia... Dada na minha cidade de Lixboa a oyto dias do mes de Julho de j b.lij e feyta nela a xxix dias do mes dagosto... de mjlj b.lij anos. (Liv. 26 de perdões e leg. de D. João III, fl. 143).

XIX. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Isabel Gonçalvez, molher de Afonso Anes, laurador, morador no concelho de Penela, preso na coreyção de Ponte de Lyra me ẽviou dizer por sua pytição que ela foy acusada por se dizer que adeujnhaua por fitas e ourelos e por sentença da Relação foy condenada ẽ acoutes cõ baraço e pregão pela vylla e ẽ hũn ano de degredo pera Crasto Marym a qual condenaçã lhe foy feita por se dizer que adeujnhaua as doemças sẽ ver augoas e por que ela supricante he molher de setemta anos e que sẽpre viuen omrradamente e tẽ quatro filhas e as duas solteiras e fição perdidas que não acharẽ (*sic*) quẽ cõ elas case e asy as casadas seus marydos não quererão fazer vida cõ elas se nela se fizer ẽxecuçã da sentença e toda sua Jeração fica Injuriada.... avendo Respeito ao sobredito e a ser colaça de Gonçalo de Bajros, que he fidalgo ẽ meus Liuros o qual crjara sua maj de seu leyte.... Dada na minha cidade de Lixboa aos quatro dias do mes de março e feita ẽ ela a biiijº dias do mes dabrjl.... de j b.lij anos. (Liv. 27 de perdões e leg. de D. João III, fl. 255 v.).

XX. — Dom Joam, etc. saude. Faço saber que Breatiz Pirez, viuua, morador na villa dAlvayazere me ẽviou dizer por sua pitiçã que ela fora presa e acusada por poste da Justiça por se dizer que por augoas que via adeujnhaua as doemças como feyticejra e que fazia

mouer molheres e tanto no caso se tratara que fora cõdenada na casa da suplycação ã tres anos de degredo pera alem cõ pregão na audiencia que lhe fora dado e por ela suplicante ser molher muito doente e velha de Idade de setemta e cymquo annos pera oytemta me pedira perdão e eu ouuera por bẽ lhos comutar pera o couto de Monte Aluão.... Dada ã a mynha cidade de Lixboa aos dezaseis dias do mes dabril do ano de j belbj e feita aos xxix dias do mes dabril.... de j belbij anos. (Liv. 27 de perdões e leg. de D. João III, fl. 263).

XXI.—O Infante Dom Luiz dizia que tres cousas que não ha no mundo andando as os homẽs a buscar acharão muitos muito proueitosos e fizerão grandes feitos, a saber a Roda viua, a alquimica, e a honra (Memoria dos ditos e Sentenças dos Reys, Principes e Senhores Portuguezes e outras pessoas de fama, Ms. fl. 19).

XXII.—Dom Sebastião, etc. A todolos Corregedores... saude. Faço saber que Anna Martinz, presa no Limocyro, desta cidade Me enuiou dizer por sua pitição queu ouuera por bẽ por hũa minha pronisão que apresẽtaua de lhe perdoar os cinco anos de degredo pera o Brasyl ã que era condenada pelo caso que nela dezia fazendo certo per proua abastante que Margaida Fernãodes Matosynhos mataua erjamças no ventre e porque ela suplicante cõprira a dita condição debaixo da qual lhe perdoaua segundo da certidão que apresẽtaua constaua que era do escriuão dos autos Me pedia ouuese por bem mandar lhe pasar seu perdão ã forma e Receberya merce.... Dada na cidade de Lixboa aos xiiij dias do mes de mayo.... de j belxij. (Liv. 3 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 44 v.).

XXIII.—Dom Sebastião etc. a todolos Corredores.... saude. Faço saber que Maria Diaz Nunes, morador na vylla de Barcelos, me enuiou dizer, por sua pitição, que ela fora acusada pela Justiça, e cõdenada por sentença da Rolação ã hũ ano de degredo pera Africa, cõ pregão na audiencia, por se cõtra ela dizer que tynha fama de feytyceira e daua beberages pera não ãprenharẽ, ou monerem as molheres que as tomasem, como se mostraua da sentença aquy Junta; e sendo nela feyta execução do pregão, fora solta, cõ tempo que lhe aJnda duraua, pera Jr seruyr o dito degredo; e por que era molher que pasana de lx. anos, e não tynha desposição pera jr a Africa, me pedia, ouuese por bẽ de lhe mudar o dito ano de degredo pera fora da dita vylla e seu termo e dez legoas ao Redor; e Receberya merce. E visto por mym a dita pitiçã, Mãdey que disese se estaua aJnda presa, e se era solta, como o fora, e se lhe fora dado tempo pera Ir o seruyr, e quãto, e se era pasado, e quãto mais lhe pasara, ao que satisfiez: declarãdo que fora solta por mandado do Regedor a pidymento da mjserjcordia, bespera de pascoa, por estar ã costume aos degradados dAfrica.... Dada na cydade de Lixboa aos xxbj dias do mes de mayo... de j belxbj. (Livro 2 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 127).

XXIV. — Dom Sebastião, etc. a todoslos Corregedores.... saude. Faço saber que Jlena flerejra, molher solteira me êviou dizer por sua pytição que hũ Antonio de Magalhães, mejrinho da coreição e ounydoria de vylla Reall querellara dele suplicante dizendo que ela de seys meses a esta parte e de majs tempo estaua por mançeba theuda e mâtheuda como marydo e molher de Gaspar Pirez, clerigo de mjsa capelão na JgreJa de Giàes, termo da dita vylla e ele lhe daua ho necessaryo e lhe fazia bem e que o dito mejrinho a prendera ã casa do dito clerigo e que desegando ela suplicante aver filhos do dito clerigo se fora a mestra de mouços pera que lhe fizesse algũa cousa pera auer filhos e que Jndo o vygajro da coreição digo comarqua vygytar pousara na casa do dito clerigo e que pasando o vygairo pera hũa casa de cyma ela soplicante se vynha pera a casa de baixo e estamdo na debaixo se pasaua pera a de cyma o que ela soplicante cõfesaua... Dada na cidade de Lixboa ao iijº dia do mes dagosto... de j bxlxij. (Liv. 6 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 343).

XXV. — Dom Sebastião etc. Faço saber que Alluaro Eanes, morador na villa de Maruão, me enuiou dizer, por sua pitição, que, sendo carcereiro na dita villa, tinha a seu cargo cinco presos. *saber.* hũ Pere Annes, por ser dito que furtara certos bois e bestas, e hũ Manuel Gonçalvez Coreal, por pallauras que disera contra o bispo e seu prouysor e contra o vygayro da dita villa, e hũ Josepe de Caragoça e a hũa Caterina Fernandez, saa mançeba, por ter dito que elle tinha duas molheres viuas e ella dous marydos vyuos, e a hũ Antonio Bras, bolleyro, por ser dito que elle cõ outros na dita cadea fizeram hũ homê de palha, dizendo que era hũ Francisco Fernandez, e o sentencearão a ser queymado por maõ cristão; os quais presos tirando o Pere Anes estauão presos pollo ecclesiasticos (*sic*) e asy dito Antonio Bras não era dado hũ pregão por estar degradado fora da villa termo por seis meses por ser dito que descouçara hũas portas a hũas molheres; os quais todos lhe fogirão por Interçessão da dita Caterina Fernandez, que lhe abrira a escadinha que estaua fechada cõ a chane, e ella presa na corrente.... Dada nesta cidade de Lisboa a xxb de setembro... de j bxlxbj. (Liv. 14 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 260 v.).

XXVI. — Dom Sebastiam, etc. a todoslos Corregedores... saude. Faço nos saber que Margarida do Campo, morador em Afife, termo da villa de Vyana, Foz de Lyra, me ênujou dizer per sua petyção que ella fora presa e acusada pela Justiça e condenada per sentença da Rolação em hũ ano de degredo pera o couto de Crasto Marym cõ preguão na audiencia, por se contra ella dizer que fazia beberages pera mover crjamças, como se mostrauã da sentença que apresentaua, e, sendo nella feyta execução do preguão, fora solta cõ tempo de xxx dias pera serujr o dito degredo.... ser molher de Jdade e multo soo e desemparada e pobre e na uerdade não tynera cullpa no dito crjme e fora lhe ordenado por Jmygnos e por sentença do Juiz de fora da

dita villa fora absoluta e prouar ser molher virtuosa e amigna de deus e de boa ffama. . . . Dada na cidade de Lixboa aos xxj dias do mes de março e feyta aos xxix dabrill. . . de j b^lxbij anos. (Liv. 26 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 264 v.).

XXVI. — Dom Sebastião, etc. faço saber que Joana Ribeira, moradora (*sic*) na villa dAbrantes, e casada, presa na cadeia da dita villa, me ãyoun dizer por sua pitição, que ella fora cullpada na denasa que se tirara das alleouiteiras e feytyçeyras. a per sentença do Corregedor da comarca da villa de Tomar e sentença da Rollação sayra que fose degradada seis meses fora da dita villa dAbrantes, e seu termo, cõ preguão. . . . e a cullpa que lhe puserã, fora dizerẽ, que disera hũas pallauras a hũa molher pera seu marydo lhe querer bem, e por que ora seu marydo della suplicante dizia que se avia de Jr por ese mundo se ella fose ao pregão e degradada, e ella tinha duas cryanças e se seu marydo se for, que *era (?)* official, ficaua perdjda e sã Remedio, pedindo me por amor de nosso snnor auendo Respeito ao seu desêparo, se se for seu marydo, lhe perdoasse os ditos seis meses de degredo e pregão e Receberia merce. Decllara que lhe poserão que ãsynara hũas pallauras a hũa molher que as disese pera seu marydo lhe querer bem. . . . Dada na villa dAlmeyrym a xbij dias do mes de Janeiro. . . de j b^lxxij. (Liv. 18 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 21).

XXVIII. — Dom Sebastião, etc. faço saber que Bryatiz Gonçalvez, vyuuu, morador em Verryde, termo de Monte Mor o Velho, me ãyoun dizer, per sua petyção, que ella fora presa pela mynha aliçada, por se dizer que hera feytyçeira e curaua sem carta, como constaua da sentença que hapresentaua, pelas quaes cullpas fora por sentença condenada em dous anos de degredo pera Crasto Marym, cõ barão e preguão pela villa. . . Dada em Lixboa a xxbij^o dias de Junho he feyta aos bij de Julho. . . de j b^lxxiiij^o. (Liv. 16 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 239).

XXIX. — Dom Sebastião etc. faço saber que Fernão Gomez, morador ã Ryo Mayor, termo da villa de Santarem, me emuiou dizer per sua petição, que elle fora aensado pela Justiça, por dizer que fora culpado na moorte de huũ Afonso, moço pastor, que fora espancado cõ hũa bota chea d'areia ¹, de que viera a morer. . . . Dada em Lixboa a dous de mayo. . . de mill e b^lxybij. (Liv. 29 de Leg. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 160).

¹ Diz-se no Ribatejo que o individuo que for espancado com um sacco cheio d'areia, ou mesmo com uma meia contendo aquella substancia, nunca denunciara quem lhe bateu. Para isso, porem, é necessario que dentro da areia exista uma moeda de prata com uma cruz, como a tinham as antigas moedas. O espancamento por meio da areia é bastante grave.

VOCABULARIO TRASMONTANO

(MOGADOURO E LAGOAÇA)

Por intermédio do meu amigo, e antigo condiscipulo, dr. Trindade Coelho recebi o seguinte trabalho philologico, feito pelo sr. Augusto C. Moreno, professor de instrucção primaria no Mogadouro. Julgo ser de interesse publicá-lo na *Revista Lusitana*¹, porque contém muitos termos que não pertencem ao uso geral da lingua, e contém outros em accepções novas. Como me falta tempo para anotar os artigos, e consultar o auctor sobre alguns pontos que necessitam de explicações, deixo-o ir tal qual o recebi, e ficarão para occasião posterior as annotações e emendas, certo de que o sr. Moreno, que aqui se mostra tão bom como diligente observador, não levantará mão do assumpto, se aperfeiçoará nelle constantemente, e continuará a colher nas aldeias de Tras-os-Montes materiaes como estes, que tanto contribuem para o conhecimento da Glottologia portuguesa.

Varios termos do presente glossario pertencem á linguagem da giria.

Oxalá que todos os professores primarios imitassem o bello exemplo do sr. Moreno. Em breve o nosso thesouro lexical estaria todo conhecido.

J. L. DE V.

A

Abarruntar. — Dar fé seja do que fôr, lobrigar.

Abastimento (dar, ou não dar). — Haver, ou não haver, *mãos a medir*, a respeito de qualquer coisa.

Abatufado. — Gordo, sobretudo da cara, mas de gordura balôfa.

Abechucho. — Homem ou mulher muito grandes e mal azados, com um corpanzil enorme.

Abetarda. — Especie de aguia das arribas. (Termo commum. Já vem nos dicc.).

Abigheiro. — O lado da encosta, ou qualquer sitio onde não bate o sol nunca ou mais que uns instantes no dia. — O contrario do *abicheiro* é a *soalheiro*.

Abondar. — Aproximar, chegar qualquer coisa que esteja á mão.



¹ O A. d'este *Vocabulario* já se occupou do mesmo assumpto num jornalzinho de Famalicão, intitulado *A Alvorada*, de que apenas conheço alguns numeros.

Aboquejar (uma coisa). — E' só ir a abrir a bocca para a dizer; da-la a perceber sem fallar, etc.

Aboquéjos (estar com os, ou estar a dar os). — Estar já com as ansias da morte.

Acachuchar (alguem). — Matá-lo sem o deixar piar, amarfalhando-o no chão.

Acambolhado. — Está o pão, nas searas, quando, de forte ajoe-lha um sobre o outro.

Acanavear. — Atermentar, affrontar, pedindo importunamente. (Corrente, nos dice.).

Acceptuar (ou *acétuar*, segundo a pronuncia?) — Combinar, assentar em como ha-de ser uma coisa.

Acebar e acenar (cães). — Açulá-los. Diz-se-lhes: «céba!» — ou então, baixinho e rapido: «*chiu! chiu! chiu!*»

Accessar (ficar a). — Ficar a oflegar, causado de qualquer esforço.

Achadilha. — Lembrança snbita e estrambotica; pretexto inventado para faltar á palavra dada.

Achinar. — Assignalar; marcar, com um *chino*, o logar onde o ferro bateu, no jogo da barra.

Acizentar (rapazes, cães, etc.). — Afoitá-los, açulá-lo, incitá-los.

Acobilhar. — Cobrir, agasalhar, e mórmente — recolher em casa, acoiatar.

Acoitadar. — Dizer palavras de compaixão, como: *coitado! coitadinho!* etc.

Acortar (em alguma pessoa). — Dizer com ella; ser da mesma opinião.

Acostar (a qualquer coisa). — Dizer que sim a ella; estar de accordo.

Acruchada (talvez melhor *acorchado* por *acorchado*). — Muito embuçada: o manteu, o chaile ou o lenço muito puxados para a cara, a taparem-na quasi toda. As beatas é que, principalmente, vão muito *acruchadas* á missa...

Adorado (ser *adorado* a qualquer coisa). — Ser muito dado a ella, muito natural a essa coisa.

Advêres (fazer-lhe todos os). — Prestar-lhe todas as honras, todos os serviços; não omitir para com elle nenhuma cerimonia. — Será melhor *adevêres*.

Afaragatar (cães, gatos, rapazes, etc.). — Attrai-los a casa, afazê-los a ella.

Afarvar-se. — Apressar-se, metter os pés pelas mãos.

Afarvada. — Mulher muito apressada, que quer tudo feito a correr.

Afergulhar-se. — Afarvar-se, atrapalhar-se com a pressa.

Agazular (alguem). — *Catrafilá-lo*, sobretudo por cima, pela gola da véstia.

Agostar-se (o fructo, qualquer planta). — Murchar por falta de frescura. — E' coisa que se dá principalmente em *agosto*.

Agraz (ter *agraz* no olho). — E' ser muito esperto, muito perspicaz.

Agrazes (subst.). — Uvas verdes; e por extensão, qualquer fructa verde.

Ala. — Não só *asa*: também pedra de lousa grosseira, bastante grande, que fica no cimo das paredes para que a pedra miuda se não derrube facilmente. — Se as *alas* são muito grandes, tomam então o nome de *albes*.

Ala! — Interjeição, valendo o mesmo que: *rua! largo! andar!* etc.

Alabarca. — Qualquer coisa desmarcada, sobretudo a *véstia* muito larga.

Alagôsta. — Mulher desgovernada, gastando tudo ás tolas.

Alagostices. — As demasias, as superfluidades da *alagôsta*.

Alambazado (ficar). — Calido de barriga, num tombo formidável, como um cevado de bruços. — (Na acceção de asselvajado, glutão, que os dictionarios lhe dão, não usamos).

Alambazar-se. — Cair, ou deitar-se, de bruços, ficando de barriga muito assapada no chão. — (Tambem só usamos com esta significação).

Alambre (ser qualquer pessoa um). — E' ser espertissima, muito viva, um azougue. — Vulgar noutras localidades.

Alancada (vir uma pessoa). — Assim como vir ajoujada com um peso.

Alanzoar. — Palrar um individuo o seu e o alheio, prometter mundos e fundos, gabar-se, e o que é seu, sempre num tom inchado, e quasi sempre mentindo. — Vulgar noutras localidades.

Alanzoador. — O que *alanzoa*, *fanfão*.

Alboróque. — Vinho que se bebe á saude d'uma troca de burros que se fez.

Albrecha. — Especie de pessego pequeno, cujo caroço se destaca perfeitamente da parte carnosa, que é muito granulada de açúcar. E' muito parecida com o damasco, só com a côr mais averdoadada. — Será o que noutros sitios chamam *alperche*?

Albricóque. — Unico nome por que, entre nós, é conhecido o damasco grosseiro. — Usado noutras terras.

Albricóqueiro. — O damasqueiro de certa e ruim qualidade.

Alcacél. — Pimentos, tomates, cebolas, etc., que se compram para pôr na horta. — Ao *verde* para as bestas não chamamos.

Alcaldadas. — Novidades frescas de acontecimentos pouco possíveis; ballelas contadas com enthusiasmo; lembranças estramboticas.

Alcarroteira. — Mulher de mexericos e *alcaldadas*.

Alçaprême. — Poste, barrote a pino, a pegar num sobrado ou numa trave a cair-se. — *Alçaprema* não dizemos.

Alças (da ponte). — As resguardas, aquellas pedras de pé aos lados.

Alchumoioço. — Grande chumaço.

Aldravão (um). — Referido a mulher: estafermo; a homem: trapalhão, troca-tintas, mentiroso, alanzoador, intrujão. — Usado noutras localidades.

Alfarja (do lagar). — Aquelle vaso grande, de pedra, em fôrma de alguidar, dentro do qual se deita a azeitona, e onde giram as rodas. — Noutros sitios é a *tarifa*.

Alfar-se (o pão). — Dar-lhe *nevoa*, engellar, seccar sem grão ainda.

Alfar-se (o fructo, em geral). — E' seccar ás malhas.

Alfas. — As taes malhas de pão ou outro fructo sêcco na terra.

Alfas (de calor). — Aquellas vaporações d'elle que nos veem á cara, quando passamos, no verão, por uma estrada arenada ou em frente d'uma parede caiada, com o sol a bater-lhes de chapa.

Algarismeira. — Mulher bisbillhoteira, sempre em «contos e mexidas», d'um «argueiro fazendo um cavalleiro».

Alprêgue. — Planta espinhosa das arribas, e type do pau quebradiço. — (Veja *salágre*).

Aljaraz. — Guiso, cascavel de cão.

Aljarózes. — Pedras lisas, schistosas, que se põem, um pouco saídas fóra, no alto das paredes das casas e palheiros, para lhes tirar a agna, e servindo como de cornija tósca.

Almagrar (o corpo de alguem). — Tosar-lh'o de bordoadas.

Almanicha. — Em Mogadouro, talvez *alma pequena*; em Lagoaça, euphemismo para adoçar a praga *almanegra*!

Alobadado (estar o céu). — Estar ondeado em pequenas nuvens negras e pardas. — Signal de neve.

Alóilado. — Como atolambado, maluco, lunatico.

Alperxim, na Beira **alperxim**. — Sumo negro e amargo da azeitona.

Alpirxe. — O mesmo que *alperxim*.

Alquinar (estar para as). — Estar para levar o diabo um sujeito, com uma indigestão ou coisa assim. «Alquiná-las»: levar o diabo a tal sujeito.

Alquitarra. — Alambique para a aguardente.

Alvaneira. — Canal artificial, por baixo do lastro das estrebarias, e destinado a arregueirar as aguas para fóra de casa. — Em Mogadouro tambem se chama *alvaneira* ao mesmo canal para escoar as aguas nas hortas e nas cortinhas.

Alvanhal. — Quasi o mesmo que *alvaneira*, mas em ponto maior, e feito no campo, para enxugar as terras muito molhadas.

Alvará-de-soltura (um). — Mulher estouvada, cabeça de pouco assento, sempre de focinho no ar, farejando alguma novidade que morda o credito do proximo, para ser depois um telegramma á roda da povoação.

Alvarinho (um). — Homem com pouco assento na bóla, um doidellas, um cabeça de vento.

Alveiro (subst.). — E' pouco mais ou menos um metro quadrado de panno branco, ordinariamente estopa, que as mulheres põem deante, de avental, quando vão a cozer, ou a fazer outra qualquer coisa que lhes suje a frente da saia. Tambem se usa muito para pôr na bocca dos cortiços, ao fazer a barrella.

Alvorário. — Doidivasas, estabareda, sem paragem nem assento em parte nenhuma.

Alvoreado (andar). — E' andar de cabeça no ar, muito accendido, sobretudo por causa de fêmeas...

Alvorear. — Levantar vóo, pôr-se na perna.

Alvorizado (ter o cabello, ou pôr-se-lhe). — Té-lo ou pôr-se-lhe de pé, muito estacado, ou seja de medo ou de raiva.

Alvorizar-se (o cabello). — Pôr-se de pé, naturalmente, como o do lombo dos cães quando vão morder-se.

Amalancornado (estar, ou pôr-se). — Estar ou pôr-se macambúzio e sem querer sair de casa.

Amalhoar (uma terra de matto). — E' pôl-a aos *malhões*, isto é, juntar algumas estevas e giestas, etc., pelas pontas e atar-lhes á roda um *vincelho*. Os *malhões* indicam que a terra está vedada.

Amalhoar (o corpo de alguém). — Tosar-lh'o com bordoadas.

Amariçar (o gado). — *Acarra* no verão, juntar-se muito unido.

Amariço. — O sitio onde o gado *acarra* ou *amariça*.

Amontar-se (um rapaz, etc.). — Fugir de casa do pae.

Amurilhar-se (alguem, em alguma parte). — Chegar, sentar-se, acantonar-se, e ficar p'ra alli sem dar palavra e quieto como um *murilho*.

Anaçar (ovos). — Bate-los para uma tortada, etc.

Anaçoado. — Manso, bondoso. Refere-se principalmente a animais, sobretudo aos cavallos. Mas não deixa de se applicar tambem, e frequentemente, a pessoas. A gente bonacheirona, facil de accomodar, submissa, etc., é *anaçoada*. — (Rectificação, neste ponto, ao que já está publicado).

Anaguel. — Especie de berço de cortiça, onde se deitam as tripas e buchada dos porcos, quando se matam, para as ir lavar. — Tambem mulher atrouxada, masseirão.

Andadeira (subst.). — Um brinquedo de rapazes. Um pedaço de *cana-frecha*: no tópo superior um pausito espetado, terminando no alto em forcada, e agora, girando neste eixo, outro pedacinho, espalmado, da mesma canna, furado no meio, e com duas *asas* de papel, pregadas com picos de silva, nas extremidades, uma para um lado e outra para outro, dando a esta ultima peça uns longes de um **Z**. Correndo com ellas ao vento, *andam* muito, e d'ahi o nome.

Andóbias. — Pedras que nalguns systemas de asenhas servem de cobrir o vão em que gira o *carrinho*, e sobre as quaes rodam as mós.

Anoque. — Lamaçal que as agnas fazem pelas nossas ruas, no inverno, mórmente havendo estrumeiras a tapetal-as. — Também a celha onde os sapateiros molham a sola, e até os tanques onde ella se curte.

Apájar (alguem). — Dispensar-lhe todas as attenções, todas as cortesias, fazer-lhe todos os salamaleques da visita.

Apancado ou **apancanado.** — Telhudo, maniaco, o que tem *pancada*.

Apedoirar. — Apurar, juntar, fazer mealheiro. Radical: *pedeiro*, definido no lugar competente.

Aperronhado. — Muito preso, muito opprimido, muito *aperreado*.

Aprisco. — Chamamos não ao redil do gado, mas a dois palmos de terra concelhia, coisa pouca, que se tenham nas arribas.

Aranheira. — Teia de aranha.

Arenga (um). — Um trabalhador réles, um engana-mundo, um enredo que não faz nada.

Arengar. — Enredar no serviço, fazer que se trabalha e realmente não se fazer quasi nada.

Arestas. — Pedacitos inúteis que se vão desprendendo da estriça sobre o regaço de quem fia, e que fazem parte dos tomentos; argueiros.

Argadilho. — Certa especie de dobadoira.

Arganel. — Arame que se espeta no focinho dos porcos para elles se ferirem e não fossarem.

Argavaços. — Pedacitos de lenha muito miuda, muito esmigalhada: pontas de esteva, de giesta, agulhas de pinho, etc., para acender o lume.

Arguilheiro. — Todo diligente, todo prompto em serviço seu e alheio, e naturalmente buliçoso, vivo, habil.

Arloar. — Metter o arado levemente ao pão, alli por fevereiro, para lhe arrancar a herva e para o deixar bem aconchegadinho.

Armões. — Membros gordos e fortes. Quem tem pulsos grossos, «tem-te alli uns *armões*!»

Arnaz (ter bom, ser de bom). — Comer muito e alarvemente; ser de «boa bocca» e de muita comida.

Aróla (cair na). — Cair na ratoeira, na patetice, na arriosea.

Arrabeirar. — Propriamente, é aproveitar, recolher as *rabeiras* (grão sujo do fim das *parvas*); e por extensão, acabar uma coisa, principalmente uma cobrança.

Arramar. — Sendo agua, etc., é entorná-la, deitá-la fóra; sendo estrume, cinza, etc., é espalhá-los pela terra para a sementeira. — *Derramar*, no mesmo sentido não se diz.

Arrasta (subst.). — Uma peça de madeira, forte, bifurcada em V e cortada logo adrede da arvore, servindo para sobre ella se montarem cantarias, que os bois *arrastam* depois. A *arrasta* seria a *zôrva* primitiva.

Arregalar (os olhos). — Esmugalhá-los. — Vulgar no país.

Arregateiras. — Montículos de terra, constantemente removida, que apparecem muito nos lameiros e hortas, produzidos pelas toupeiras, e ainda por outros animacinhos chamados mesmo — *arregateiras*.

Arreguichada. — Toda a sair-se, a pôr-se em evidencia.

Arreguilada. — Exactamente o mesmo que *arreguichada*.

Arremangar. — Arregaçar, sobretudo as *mangas*, mas tambem as calças, etc. — Em terra de Miranda é *arrefucir*.

Arrestralar (a cara). — Apanhá-la em cheio com uma bofetada, que deixe os dedos assignalados nella; rascá-la com a navalha ao fazer da barba.

Arribóses. — Ribas muito empinadas, muito penhascosas, cheias de precipícios e de fragaredos a metterem medo.

Asado (subst.). — Pote de barro, grande, como um cantaro ou maior, de bocca bastante larga e pescoço cylindrico, com duas *asas* symetricas, partindo rentes da bocca a descansarem no bôjo, e formando assim como uns hombros.

Asagre. — Certa molestia de pelle nos cães. Fica-lhes com elle o corpo côr de cobre ou avinhado. De *osagre* (usagre).

Assafiado (andar). — E' andar debaixo d'um peso de trabalho enorme, a moirer como um ladrão todo o dia, sem treguas, sempre com força como um negro.

Assisadeira. — Mulher má-língua, mulher-tesoira a cortar de todos, mulher niqueira que nem deixa uma ninharia por censurar.

Assobiada (cara). — Uma cara aguçada, sem côr, a quem fez a barba, levando carne e tudo, uma lufada de vento frio.

Assolapada (paixão). — Por muito tempo latente; represada no coração. — Vulgar no país.

Assopeado (andar). — Affrontado, *acanaveado* por credores, e sobretudo extenuado de trabalho.

Assovinhar. — Coser mal e atabalhoadamente, um ponto aqui e outro além, para andar depressa.

Ataganhado. — Afogado por apertão na garganta, ou por abstrucção na larynge ou na tracheia.

Ataganmar. — Afogar assim. As lombrigas *ataganham* muito as creanças.

Atalancar-se. — Endividar-se, *enterrar-se* co'as perdas do negocio. Usa-se muito o particípio *atalancado*.

Atalante (um). — Lembrança inopportuna de possuir alguma coisa; entôjo singular.

Aterlondar. — Diz-se em vez de *atordoar*. *Aterlonda* especialmente o sol na cabeça.

Atramar. — Murchar, *agostar-se* (qualquer planta).

Atrapar. — Agarrar na carreira; acabar, apressadamente, qualquer serviço.

Atreecer-se. — Tolher-se de frio, *engaranhar-se*. *Estar atrecido* é também usadíssimo.

Atregulhar-se. — Apressar-se, metter os pés pelas mãos, *atrapalhar-se*.

Atregulhado. — Apressado, precipitado, atabalhoado.

Atregulhadamente. — A' pressa, atabalhoadamente.

Atreves-te (o). — Um jogo de couca.

Atuir. — Obstruir, atulhar.

Aturrear (os e aos ouvidos). — Fazer muito barulho, e enfado-nho, junto d'elles; mais ainda que *atui-los*. A palavra é mais ou menos onomatopaica: fazendo *tiauh!* demoradamente aos ouvidos, é que se *aturreia* á letra.

Augmentar. — Usamos em vez de inventar.

Avangar. — Pender para algum lado com o carrêgo. — Como das arvores carregadas de fructo se diz «que até *avangam*», será a palavra corrupção de *avergar*?

Azagres. — O mesmo que *agrazes*: uvas verdes, etc.

B

Bachicar. — Patinhar na agua com pés e mãos, principalmente com as mãos.

Badalhócas. — Bolas feitas de excrementos e terra, e penden-tes como *badalos*, entre as pernas das ovelhas e carneiros.

Badamécos. — Euphemismo do nome indecente dos testiculos, mas, em todo o caso, palavra ainda pouco decente.

Badana. — Aquella pelle dependurada verticalmente do pescoço do boi; e, em geral, qualquer coisa, mais ou menos em gume, e assim pendente de outra. Figuradamente, *badanas* são qualquer coisa assim como abas.

Badigó. — Sujeito gordo, boizana, pançudo.

Badil. — A pá de tirar o lume ou a cinza para a lareira. Tam-bem lhe chamamos *ferra*.

Baio (subst.). — A buchada dos animaes, e até a pança da gente.

Balcão. — Por cá não é só o «mostrador»: é, principalmente, aquelle patamar ao cimo das escadas, quando as casas as teem por fóra.

Balear (o pão nas ciras). — Ir-lhe limpando, com o *baleio* as es-pigas e outras impurezas que vão caindo no mó.

Baleio. — O *escovallho* de *balear* o pão. *Baleio*, ainda uma her-bacea especial com que se fazem os taes *escovallhos*.

Balga (palha). — A palha sem a acção do trilho, a palha ma-lhada unicamente para colmos e fachas. — (Emende-se na *Alvorada*, onde saiu *ralga* e palha *molhada*, em vez de *malhada*).

Balhada. — Gordura pendente, como a das barrigas de José Francisco Andrães, no romance de Camillo.

Balbau (um). — Especialmente uma mulher mal feita, atrouxada.

Bancal. — Panno riscado, ordinariamente de lã, que se conserva sobre a mesa de comer, e em cima do qual se estende depois a toalha. — (Está nos dicc.).

Bandorias. — Gatices de mil diabos, com barulho, com espalhato que se ouça na rua.

Numa creança, por ex., o espojar-se, o morder-se, o arrepellar-se, o sapatear, num berreiro medonho. Num cão, todas as tropelias que faz, deixando-o encerrado, sobretudo em casa alheia.

Banzos. — Os quatro braços dos parallelos sobre que assenta o andor; as peças lateraes e parallelas da escada; os braços do escano, do esquife, das *engarellus*, etc. — (Está nos dicc.).

Banzo (picar o). — Pô-lo a quem mais dá, relativamente ao do andor. — Na procissão, os mais pimpões e briosos são os que o recolhem para a igreja. E como todos querem, *picam-no* então: — «Emquanto vae isso?» — «Em tanto». — «Mais tanto!» — «Vae na mão!» — «Mais tanto!» — «Vae na mão!» — «Mais tanto!» — «Agora já pesa: pega-o lá...». Etc.

Baranhas. — Como que emmarranhamentos, como que meadas, que se apresentam deante das vistas já cansadas.

Baranho. — Aquelle cordão de herva que nos lameiros resulta da ceifa á gadanha. — (E' a sua definição).

Barbacão. — Pedaco de terra sáfara, que se tenha na chã, fóra de mão.

Barbião (do carro de bois). — Qualquer d'aquelles dois madeiros que lhe ficam atravessadas, adeante e atrás, e com aberturas rectangulares nas extremidades para metter o espigão das cancellas.

Barda. — Defesa de silvas e espinheiros que se põe nas paredes dos quintaes e cortinhas, para que lá não vão os rapazes nem as *pitãs*.

Bardo. — *Aprisco* de terra concelhia, nas arribas, onde se põem batatas para cedo.

Bardino. — Velhaco, cruel, vingativo, e mostrando mesmo no olhar a perversão do instincto.

Barranha. — Tigella sopeira desmarcada.

Barranhão ou **barrenhão.** — Alguidar de *barro*.

Barreada. — Facha de terreno, quasi no alto d'uma encosta muito suave.

Barrelleira. — Não só a que faz barrellas; tambem a mulher *abalhãnsada*, trouxe e pouco limpa.

Barrisco (levar de, ir de). — Como varrendo, a esmo; tudo: *rudo e miudo*. — (No dictionario de Roquette creio ter visto a locução: a *barrisco* ou a palavra: *abarrisco*).

Barrunta. — *Brezundella*, labrego, bodegão; um parelho geitoso para a *barrelleira*.

Basculho. — Rapaz bochechudo, cara de saude, empipado, perfeita miniatura de cylindro; qualquer pessoa mal amanhada, que não tem forma nem geito.

Batibarbo (um). — Uma raspança; uma reprimenda aspera. — (Vid. *lavadentes*, *reverbério* e *rexeró*).

Batoque. — Não só rolha de pipa: — o *batoque* verdadeiro é um pedacito de pau, um furco de comprido, grossura d'um pollegar de homem, aguçado em cone de ambas as extremidades, e que é o instrumento principal de um jogo de rapazes — o jogo do *batoque*. Em geral, *batoque*, homem baixo e atarracado.

Báxe!-báxe! — Interjeições para chamar os cachorrinhos, quando elles começam a entender.

Bédalha. — O presente do noivo, e a lembrança que as raparigas dão — a juro, claro... — á sua amiga acabada de casar — um lenço, umas meias, uma toalha, renda para uma camisa, etc. — Chama-se tambem *pinha*.

Bejóga. — Empóla, bolha cheia de *aguadilha*, e que se fórma quando nos entalamos, ou coisa assim.

Bêlbotreira. — Mentirosa, mexeriqueira, *algarismeira*.

Bêldar. — Dar á *taramella*, sem despegar, sem tom nem som. — *Bêldar* é mais persistente e menos inchado que *alanzoar*.

Beldro. — Planta hortense, espontanea, d'um verde abrançado e mimoso, e que serve mesmo para caldo.

Belfarinheiro. — Dizemos em vez de *bufarinheiro*; mas o verdadeiro *belfarinheiro*, entre nós, é o que anda pelas portas deitando *gatos* em pratos e malgas.

Bêlfo. — Diz-se o animal um pouco rombo dos dentes, de maneira que não possa comer a herva.

Bellicoso. — Só empregamos na accepção de melindroso, meticoloso, impertinente (fallando de creanças choronas).

Benairo. — Trapo, frangalho, pedaço de qualquer coisa, mesmo não esfarrapado. — Não *benario*, como por erro typographico sahio num artigo meu publicado na *Nova Alvorada*.

Berças. — Conves segadas para o caldo, mórmente depois de cozidas. — *Versas* dizem os dicionarios.

Beroeiro. — Calaceiro, molle, de mau corpo para o trabalho. — Usam-se muito os augmentativos *berceirão* e *berceirona*.

Bernaz (pedra de). — Granito miúdo para obras de alvenaria.

Berrão. — Porco não castrado, e que se deixa assim para a creação.

Berroiça (andar nma porca). — Andar na sação de ir ao macho.

Bertóldo. — Sujeito atolambado, bruta-montes.

Besteiro. — Indivíduo gordo e forte, *abechnucho*; tambem cacete grosso.

Blâgulhas. — Não só nome d'uma herva dos lameiros, cuja folha são dois filamentos, mas tambem a *dupla agulha* do pinheiro.

Biganau. — Sujeito forte e bem alentado; gigantão.

Bilhestres. — Termo de giria para exprimir dinheiro: exactamente o mesmo sentido que *chêta*, *cobres*, *arame*, etc.

Bio. — Prego de pau para pregar o fundo dos cortiços e até para lhes segurar a *costura* longitudinal, quando falta a verga de vime.

Biqueiro. — Escolhido, de má bocca.

Bisca (nma). — Um garoto azongado, cara falsa, sem vergonha, sempre prompto para uma pirraça, sempre às ordens para uma falcatrã; também zurzidella, de raspão, com as pontas dos dedos, pelas orelhas de alguém.

Bistáculo. — Pedacinho pequenissimo, ultimo restinho seja do que fór.

Blandinas. — Ralhos, questões, *redes*, contos, mexidos.

Blandineira. — A mulher que anda sempre em *blandinas*.

Blandinices. — Coisas, motivo de *blandinas*.

Bóchinho. — Indivíduo que tem os figados e a alma logo ao pé da bocca, que se zanga num instante, que se espinha todo, e a quem se põem de repente accesas as veias da testa por quaesquer *dez réis de mel coado*.

Bodeguice. — Porcaria, mexerutada.

Bodelgo. — Rapaz gorducho, empipotado, e principalmente bochechudo.

Bodigo. — Quasi o mesmo que *bodelgo* e *badigó*, com a differença de *bodigo* e *bodelgo*, se applicarem mais a rapazes, e de *badigó* ter uma significação mais geral.

Boicello. — Falha na bocca d'uma panella, d'um cantaro, d'um pucaro, etc.

Boicellada. — Que tem *boicellos*. E' mais usado: *esboicellada*.

Boizana. — Indivíduo, já homem, muito nutrido, com uma barbiga desmarcada, e que tem um vozeirão atroador.

Bójo (ter uma pessoa bom). — E' ter bom *arnaz*, comer muito. — Ter *bójo para qualquer coisa*, é ter coragem, ter *estomago* para ella. — (Vulgar no pais).

Bóla. — Pedaco de massa espalmado e perfeitamente circular, que as mães fazem aos filhos, quando cozem a fornada de pão.

Bolarda. — Inchado produzido pela picada de mosquitós, trombeteiros, etc.

Bólcar. — Tombar, voltando.

Bólco. — Tombo pequeno, em que o objecto *bólcado* se vire.

Bóldrêgo. — Sujo, emporcalhado, com os focinhos cheios de ranho.

Bóldreguices. — Porcarias, *mexerutadas*.

Bulhaca. — Galha do carvalho bravo, mas tem differença do *bugalho*: não é tão redonda, e tem o feitio de saia larga vestida, ao fundo em volta, uma carreira de biquinhos para fóra, em guisa de tetinhas de menino, e indo-se arredondando depois para baixo, até acabar noutro bico.

Bolhaco. — Galha redondinha do roble; *bugalho*. — Em vez de *globo*, diz-se *bolhaco* do olho.

Bólhara. — Alluvião de terra e pedras desprendidas, encosta d'uma ladeira abaixo. — Palavra esdruxula.

Borneira (pedra). — A mó do centoio (no moínhó), em contra-posição a pedra *alveira*, a do trigo. — Usam-se, como subst., as palavras no masculino. «Moer no *borneiro*, moer no *alveiro*». — (Está nos dicc.).

Botaréu. — Creio que leira de feno. — (Não estou bem certo na sua significação). Na Beira «terreno em socaleço»?

Boteina. — Peça de pau, longes de roldanazinha, e que serve para remendar os ôdres. — (Temos mesmo o adágio: «Ôdres velhos, tudo são *botinas*»).

Botilho. — Pauzito curto, dois refegos em volta nas extremidades, para atar dois baraços, e que serve para metter, a modo de freio, na bocca dos chibatos novos, com o fim de os desmamar. — A's vezes o *botilho* é só o pauzito, sem os refegos, e posto a pino, entre o céu da bocca e a lingua dos burros, etc., para os não deixar comer.

Bôxe! bôxe! — O mesmo que *baxe! baxe!*

Bozeira ou buzeira. — Excremento molle de gallinhas e outras aves grandes. Se é grande e se alastra, então é *bozeirada*.

Branil (um). — É' o sitio onde o fructo se dá em grande abundancia.

Briada (a qualquer sitio). — Caminhada, girata lá.

Brial. — Em Lagoaça só se emprega por: uma só, e qualquer, peça de vestuario.

Brôca. — A ferroadá d'um pião noutro, ou num sobrado.

Brocar. — Dar *brôcas*. Usa-se muito o particípio *brocado*.

Brôça. — Paparrotada muito espessa, mórmente de batatas cozidas e abobaras com farellos, para alimento dos cevados. — Tambem se diz: «muita *brôça*» por: «muito dinheiro». — Em geral, porcaria espessa.

Brôciga. — Exactamente o mesmo que *brôça*.

Buchacrar. — Enxagnar a bocca, tomar *buchavros*.

Buchacro. — Porção de agua ou de outro liquido, que se tome na bocca, para a enxagnar; mesmo a acção de *buchacrar*.

Bucho (de agua, etc.). — Toda a que se possa tomar na bocca; qualquer porção que nella se tome.

Burgêssu (ou *burgêço*?) — Typo gordo; um *bocado* d'um homem.

Burguête. — O mesmo que *aprisco*, na accepção de pedacinho de terra concelhia, tapada, que se tenha entre fragas nas arribas.

Burzalaque. — *Brezundella*; rapaz *abodelgado*; *burgêssu*.

Burzigada. — O mesmo que paparrotada.

Búsara. — A barriga, a pança. — «O que elle quer é encher a *búsara*» — dizemos.

Busaranhos. — Coisas phantasticas que se nos põem diante dos olhos, quando temos febre, *baranhas*.

C

Cabanal. — Coberto de telha, sem parede na frente, e debaixo do qual os lavradores mettem o carro, lenha, etc.; o mesmo coberto, aos lados da praça da feira, para debaixo se vender tenda, ouro, etc.

Cacada (de ovos). — Grande porção d'elles que se encontrem em sitio escondido onde as gallinhas se acostumam a pôr.

Cacafôrro. — Especie de cogumello, sem pé, molle, com uma materia esverdeada lá dentro. De qualquer coisa muito molle diz-se que é como um *cacafôrro*.

Cacarel (um). — Pessoa pouco ajuizada, principalmente rapariga fraquinha da cabeça.

Cacha. — Metade das coisas, principalmente dos fructos e dos lenços, quando se partem, em diagonal, para pôr na cabeça às creancinhas recém-nascidas.

Cachafosgo. — Buraco para debaixo da terra, lá para debaixo, sem se lhe vêr o fundo.

Cachafrilhas (um). — Um individuo alto, magro, duas flautas as pernas, mau moral lá dentro, e focinho torcido de má rez por fóra.

Cachapeira. — Herva muito alastrada, folha crespa e em recortes irregulares, de cujo centro saê depois uma haste lenhosa, que os rapazes empregam, secca, para flechas.

Cachapuço. — Mergulho de cabeça.

Cachapução. — *Cachapuço* grande.

Cacharoz. — Casa velha e feia; grande, mas negra e desconfortavel.

Cachear. — O mesmo que *machear*, sobretudo entre passaros.

Cachinha (fazer). — Estabelecer-se perfeita intelligencia e acôrdo entre duas ou mais pessoas; serem todas da *panellinha*.

Cachonda (andar ou estar, qualquer fêmea). — Andar ou estar na sação de ir ao macho. — Se se trata da fêmea do porco, diz-se: «andar *cachonda* ou *berroica*».

Caço (subst.). — Utensilio de cozinha, onde costuma aquecer-se o leite. É de latão, convexo por baixo, e com o cabo de ferro, ainda mais comprido que o da certã.

Cacosa. — Ranhosa, moncosa. — *Cacoso.* — Ranhoso, porco. — Diz-se dos pratos e covilhetes velhos, etc., bem como dos lenços *encardidos* e sujos de ranho, etc.

Cadino (estar). — Estar pratico, *enfarinhado*, industriado em qualquer coisa. — (Corrupção de *estar cadino*?).

Calacre. — Divida, que tarde ou nunca se poderá solver.

Calagoiça. — Foice roçadoura, de cabo curto — p'r'áhi quatro palmos, se tanto.

Calagoiçada. — Pancada com a *calagoiça* ou com o *calagoiço*.

Calagoiço. — Instrumento analogo á *calagoiça*, um pouco mais

fechado na volta, e com o cabo muito mais comprido — o dobro ou quasi, como convem ao seu emprêgo: cortar silvas, limpar oliveiras, etc. — A *calagoiça*, essa emprega-se sobretudo para *roçar* o matto nas *boiças*.

Calda. — Tambem dizemos por *sava*.

Caleja. — Azinhaga, quelha.

Calondros. — Melões outonicos, que ficam por amadurar, já no fim, e abandonado o meloal. — *Calondro* é tambem uma especie de abobora comprida e abrançada: acceção geral.

Cambaluço. — Tombo grande, caindo de bruços.

Campaiões. — Flôres amarellas, minosas, de corolla *campanulada*.

Campichano. — Atável, lhano, despreoccupado, bem á vontade em qualquer parte.

Camúnia. — Corja, multidão de rapazes ou raparigas.

Canada. — Parte baixa das terras, concavo dos terrenos ondulados, *oiga*.

Canamão (do trilho). — Aquelle pau a pino, a que a gente se apoia quando anda a trilhar.

Canamão (da cebola). — A parte logo acima do bolbo, antes de se desatar nas *porréas*.

Canamão (de abobora). — O peciolo da folha respectiva.

Canamões. — Pulsos grossos, *armões*.

Canchal (de qualquer coisa). — Grande abundancia d'essa coisa. — Este anno, a respeito de uvas, foi um *canchal* d'ellas.

Candorça. — Egua velha, grande e escavacada; mula nas mesmas condições; até mulher que já não póde com os ossos.

Canéco (estar alguém). — Estar tocado da pinga, estar mesmo bebedo.

Canêlha. — *Caleja*, quelha.

Canêna. — Mulher unhas, mãe da fome, somítica.

Cango. — A flôr da oliveira.

Canhona. — Ovelha.

Canóco. — Pedaco de pão, grande como os diabos, partido á bruta, de qualquer dos lados.

Cantelra. — Gato de ferro, pequeno, um furco de comprido, e que serve para não deixar abrir as juntas de duas táboas unidas.

Cantrôço. — O mesmo que *canéco*, com significação mais extensa todavia, pois tambem se diz: um *cantrôço* de queijo; um *cantrôço* de presunto, etc.

Capão (subst.). — Mólhozinho de vides, de fôrma propria e especial — longes de sardinha escorchada — que as mulheres fazem nas vinhas, depois da poda.

Capear. — Tapar o céu d'um *alvanhal* com pedras schistosas grandes; orlar com as mesmas pedras o cimo das paredes.

Capear. — As *alas* empregadas para *capear*.

Carambina. — Agua gelada, em placas delgadas.

Caramello. — *Carambina* grossa.

Caramôno. — Desenho toseco de figura ou só cabeça humana; cara feia, de gente ou de imagem.

Caranchôna. — Mascara medonha, de madeira, com que alguns individuos fazem de diabo á roda do povo, a tirar esmola para santos (!).

Caráva. — Confrade, companheiro (ou companheira) inseparavel, para a conversa, no caminho da fonte, das compras, etc. — Esta palavra é *sobre-commum*: sempre feminina, embora a *carava* seja um rapaz. — Tambem os animaes, sobretudo os cães, *andam de carava* ou têm *carava*, quando tem companheiros para qualquer estúrdia.

Caraveiro. — O amigo de *caravas*.

Caravelho. — Cavilha de pau, com duas presas nas extremidades, e que funciona á maneira de ferrolho numa porta de somenos importancia; a de um cortello, um cancello, etc.

Carocaveira (do moinho). — Aquelle grande vão na parede dianteira, e dentro do qual gira o rodizio da agua.

Cardanho. *Barquete*; casa pequena e ruim.

Carêna (dar). — Dar cresta valente a qualquer coisa, dizimá-la a valer.

Carêta. — O mesmo que *caranchôna*.

Carêto. — Homem que faz de diabo á roda do povo. — Barro *carêto* — aquelle que tem cara e focinho tudo negro.

Carmear (o corpo de alguém). — Tosar-lh'o. — *Carmear* (lã) é operação conhecida e vulgar.

Carniçós. — O nome popular da *cravagem* do centeio.

Carócas e carôquinhas. — Petas floreadas, doiradinhas, que mettemos na cabeça de alguém; phantasias que se nos mettam a nós na cabeça

Carpanta. — Carraspana, bebedeira.

Carraboçal. — Assim como *barrocal*; mais precisamente: la-deira penhascosa, sobretudo cheia de silvas e outro mato.

Carramello. — Encastellamento de coisas. — *Carramello* de di-nheiro — pilha d'elle.

Carranchinhas (levar ás). — Levar ás *carallinhas*.

Carranchôlas (levar ás). — Levar ás costas (uma pessoa), agarrada pelas mãos, com as pernas ou estendidas, ou escarranchadas em cima dos quadris.

Carranha. — Porcaria encascada no nariz, ou remella secca nos olhos.

Carranhoso. — O que tem *carranhas*.

Carrapito. — Além de penteado alto, *carrapicho*, tambem piná-culo, cocoruto de qualquer coisa. — *Saltar da quarta para o carrapito* — é ir do principio para o fim, e vice-versa: não levar uma coisa se-guida.

Carrello. — *Carramello*, especialmente de castanhas. — Com este fructo, os rapazes jogam mesmo o *carrello*.

Carrocho. — Nome que nós damos ao *môcho*.

Cartalóxo. — Objecto feito de cartas de jogar, feittio de *abat-jour* em ponto pequeno, e que serve para segurar a estriga na roca.

Carual (ser ou estar, a qualquer coisa). — Ser dado, ser *adorado* a ella; estar natural a essa coisa. «Isto aqui é *carual* á vinha»; «está o tempo *carual* á chuva», etc.

Carunha. — Carço dos fructos, especialmente das drupas. — Em Lagoaça diz-se — *crunha*.

Cascarna. — Placa de ranho encodeado na parede interna do nariz.

Cascarnoso. — O que cria muitas cascarnas, ou as tem á vista na entrada das ventas.

Cascarolêta. — Rapariga sempre a «mostrar a caravelha», sempre «de tacha arreganhada», numas cachinadas mesmo tolas, sem termos nenhuns.

Caspila. — De preferencia, a mulher magrinha, reles, mal humorada, um ninguémzinho. Por extensão: qualquer animal pequenito e reles.

Casqueiros. — Os dois taboões das bordas, quando se serra uma tomada de madeira. *Casqueiros*, porque, de ordinario, ainda ficam com alguma *casca*. — *Casqueiros*, tambem os *arrastados* na confissão, os que são capazes de estar tres ou quatro annos com os peccados ás costas.

Catatau. — Propriamente, besta grande e velha, *cândorça*. Por extensão, tambem pessoa velha e escavacada.

Catramêço. — Grande *candêo*, *bracanz*.

Catrapêço. — O mesmo que *catramêço*.

Catrofa. — Parte posterior da cabeça, nuca. — Em Lagoaça é — *o cotrofe*.

Cêba! — A interjeição de *acabar* cães.

Cecrinha. — Cesto especial de ter o pão cozido, e feito de palha e silvas ou de palha e vime. — Tambem se diz — *serinha*.

Cecrinho. — O mesmo objecto em ponto grande, mais ou menos em fôrma de balão, e servindo até para metter o pão em grão, como se usa em Freixo. — (Terá algum parentesco com *escrínio*?)

Cêno. — Sobreceenho.

Cenórias. — Excremento. — Depois do verbo *ser*, exprime negação: — «E!, cenórias!» igual a: — «Pois isso é! não é tal!»

Cenudo. — O que tem *cêno*.

Ceringonhar (ou *seringonhar*?) — Pedir importunamente, numa sêcca, como as ciganas.

Ceringonheira. — A mulher assim pedingona.

Cermanho (ou *sermanho*?) — O mesmo que *pero*.

— **Cerrucho.** — Gottinha no fundo de qualquer vasilha. Tambem se usa o diminutivo *cerruchinho*.

Chação (subst.). — *Pega*, remendo no calcanhar de meia.

Chação (ser o). — Ser o bom, ser o que convém, ser o que está mesmo ao pintar.

Chafardel. — Sujeito reles, poucas *chicas*, bigorriilha, safardana.

Chafarrão. — Cicatriz grande, costurão como o do *Cara Fatal*.

Chafarrica. — Tenda réles. — Outros dizem — *chafarnica*. — Com a significação de: *loja maçónica*, traz o dicionário — *chafarica*.

Chaira (terra). — Franquinha, muito solta, sem chorume.

Chamancada (dar a). — Cair na patetice; dar *cabeçada*.

Chambas (um). — Homem mal azagalhado, cara de lorpa, pés tortos e grandes, cambados os sapatos, sem correias, e com as bordos da bocca a saírem p'ra fóra das calças, etc.: um labrego chapado.

Chamiços. — Accendalbas, *mindas*, *argavaços*. — Também se diz: *chamiço* e *chamicinho*. — Usa-se noutras terras e já vem nos dicionários.

Chanfeniteiro. — Um d'estes homens que veem com a canastriinha vender agulheiros, espelhinhos, sertas e outras bujicarias assim, com carinha de trapaceiros, calça justa, bonnet com borla e ar de quem «levon já pontapé por baixo de meza...» — Toma-se, em geral, por sujeito pouco sério.

Chanqueta (andar de, de alguem). — Andar sempre «de mandilêto», às ordens d'essa pessoa, sempre numa roda viva a adivinhar-lhe as vontades para lhe fazer tudo, sem ser chamada muitas vezes, p'ra allegar serviços, para se mostrar bem prompto, bem às ordens para tudo o que for...

Chapaçal. — Atoleiro, paúl, sobretudo entre juncaes, — pelo menos entre hervas.

Chaparrinho (um). — Um sujeito muito tapado, muito bruto.

Chape! — O som do perro batendo em falso sobre o ouvido da espoleta da espingarda, ou estoirando só o fulminante.

Chapejar (a espingarda). — Errar fogo, estoirando só o fulminante e ficando dentro o tiro; fazer *chape!*

Chapinheiro. — Atoleiro, *chapaçal*, lugar onde se possa *chapinhar*. — Já vem nos dicionários.

Chapodar. — Cortar as *chapodas*. (*Chapotar* não dizemos). — *Chapodar* (uma pelota) — é bater-lhe em falso, não a agarrar em cheio, não a fazer ir á parede.

Chapodas. — Ramusculos de que se despojam os carvalhos esguios, olmos, etc., ao limpa-los.

Chapódas (um). — Um sujeito sem habilidade, *podão*, desastrado.

Chaquiço. — O fundo das estevas, giestas, etc., comprehendendo a raiz, o collo e ainda uns pedaços chapotados das varellas.

Charabasca. — Terra sáfara na chã; em geral, terra pouco fundavel e de pouco valor.

Charabasqueira. — O mesmo que *charabasca*. Mais usado ainda.

Charola. — Nicho para um santo. — Já nos dice.

Chasca. — Passarinho muito pequenito e desassocegado; rapariga sem dez réis de juizo.

Chasqueta. — Diminutivo de *chasca*, na accepção de rapariga sem juizo. *Chasqueta* é mais usado.

Coécha (dar, estar á). — Dar *trella*, estar em palrenga.

Chêchê. — Pedacito muito pequenito, de qualquer coisa.

Cheina. — Terra fraca, *charabasqueira*.

Cheiroga. — Espécie de urze sem cepa, e ordinariamente alastrada.

Chêldar. — Agradar, soar bem ao ouvido.

Cheringalho. — Troca-tintas, maltrapilho, porco, pobretão sempre, ainda que tenha muito.

Cherutão. — Matulão, lambão, vadio.

Chetá. — O mesmo que *chó*, isto é: a interjeição para fazer parar as bestas. — Deverá antes escrever-se *etá*? — Será corrupção de *está*?

Cheúra. — Fartura, abundancia. — Subst. abstracto de *cheio*.

Chicoso. — Palavra que, depois do verbo *ser*, exprime negação. «E' *chicoso*!» — igual a: «Pois isso é! não é, não!» — Com a mesma significação, e no mesmo tom, se diz também: «E', *fresco*!»

China. — Pedrinha ou caquinho, sobre os quaes se doba para fazer novello.

Chino. — Também pedrinha pequenita, com significação mais extensa do que *china*, e que serve para *chinar* as paredes, ou para marcar (*achinar*) o *tiro* no jogo da barra.

Chinar. — Tapar com *chinos* os buracos d'uma parede, ao deitarche argamassa ou barro.

Chincha-la-raiz. — Nome d'um passarinho, que, ao cantar, diz como se chama.

Chinchão. — Nome d'outro passarinho, que só sabe dizer: *chin!* *chin!*

Chinchona. — A fêmea do *chinchão*.

Chismes. — Conjuncto dos accessorios da caça, e a reunião dos petrechos de petiscar lume.

Chite! — Interjeição que significa: quieto! ou: alto com essa coisa! ninguém lhe toque!

Chô! e **chô'qui!** — Interjeição para enxotar gallinhas.

Chócas. — Salpicos de lama, e principalmente quando ella se apresenta já encodeada e alastrada em maior ou menor extensão dos vestidos.

Chochicalha (fazer qualquer coisa á). — Fazê-la á *capucha*, muito em segredo. — Em Mogadouro diz-se: á *chochicála* (ou *chuchicalha*).

Chócho. — Telo, maluco. — Fructo *chócho*: — sem grão.

Chofrado (ficar). — Ficar *banzado*, *enfado*.

Choisinha (um). — Um bacóco, um bisonho, um bocca-aberta, um pasmadinho.

Chupão. — A nossa chaminé da cozinha.

Cibo. — Bocadinho diminuto de qualquer coisa.

Cicateiro. — Niqueiro, que *pega* como isca para armar uma questão.

Cicatices. — As niqñices do *cicateiro*.

Cicisbêa. — Rapariga toda lambida, toda de cidade, a fallar muito «ao grave», toleta, e ordinariamente pobre. — Não usamos *cicisbêo* nem *chichisben*.

Cifras. — *Cicatices*, niqñices. — Também se usa no singular: «Cada dia tem sua *cifra*!»

Cifreiro. — O que tem *cifras*, *cicateiro*.

Cigas. — Miudalhas, coisas que não luzam. Usa-se na phrase: «*Cigas* e migas e carvões».

Cigora. — Um certo jogo de pião.

Cigorelha. — O mesmo que *cigora*, e também nome que se dá a uma rapariga velhaqueta, fina da orelha, magrita, lépida, e sempre á espreita do que se diz para assumpto de mexericos.

Cimão (atirar pedras de). — Atirá-las por debaixo do braço.

Cimeiros (subst.). — Os altos das arribas, a linha de separação entre a encosta e o plano.

Cinascos. — Migalhas, estilhas. Diz-se muito: «Fazer em *cinascos*!»

Cinchos. — Nome vulgar d'uma herva que nasce, com os *bedros*, nos milharaes e nas hortas: — haste laivada de vermelho, folha pequena, lisa e verdeneira. Também, como os *bedros*, servem para o caldo.

Cinisca. — Rapariga magrita, *cigorelha*.

Cipôtada. — Pancada com *cipote*.

Cipote. — Cacetete grande. *Cipó* não dizemos.

Cisque! e **cisque dono!** — Interjeições que significam: fóra d'aquí! rua! gire! largo!

Côa (a). — O erario, thesouros enormes. Ouve-se muito: «A esse gastador, nem a *côa* lhe chegava!»

Côca. — Raiva, osga. *A côca*: á espreita, a escurtar.

Côca. — Doe, axe nas creanças.

Côche! côche'qui! — Interjeições para enxotar porcos.

Cochina. — Suja, porca. — Também se usa o masculino.

Cochinada. — Porcaria, *cancaborrada*.

Códeo. — Terra endurecida, empedernida pela geada.

Codorno. — Pedaco de pão, partido em volta, de «cantinho». — Só empregamos n'esta acceção.

Coicão. — A poça onde a perdiz faz o ninho, e que, com pouco mais trabalho, é o proprio ninho.

Coicil. — Espigão de madeira, nas portas antigas, e que gira, ordinariamente, num fundo de garrafa ou num tacaõ de sapato. — Em Mogadouro é *coicillo*.

Coiquinho. — Logar de reunião para a má lingua. Uma pharmacía é quasi sempre o *coiquinho* d'uma terra pequena.

Colandreu. — A gola da vèstia, etc.

Colga (adject.). — Muito preguiçosa.

Cólgálho. — Dependura de fructa, sobretudo de uvas.

Cólgar. — Dependurar; pender. — Termo já archivado nos dicionários.

Commua. — Latrina, necessaria. — De uso geral no país.

Concho (subst.). — Vaso de folha ou de cortiça, com um cabo comprido e que serve para despejar os poços no verão. — (Vid. *Garabanhô*).

Concho! — Interjeição empregada como euphemismo á asneirada *conho!*

Concho (estar, ou ficar todo). — Estar ou ficar todo ufano, todo inchado, com um elogio, por exemplo. — Usado noutros pontos.

Conculha. — Pequena porção de pão, em grão, herva, etc., no fundo d'um sacco, e enchendo só um canto ou pouco mais.

Congeminar. — Pensar, meditar, *matutar*.

Constório (subst.). — Commentario desagradavel feito por mais d'uma pessoa; *coiquinho*. — Será contracção de *consistorio*?

Córça. — *Arrasta*, zorra primitiva e tosca para arrastar cantarias.

Córcho. — Espécie de caixote para sentar as creanças, quando ellas começam a sentar-se.

Cornal. — Correia de couro com que se prendem os galhos do boi ao jugo.

Cornalheira. — Planta das arribas e ladeiras, cujo nome deriva da forma do fructo.

Cornichos. — Aquelles dois bicos no fundo dos saccos, e aos lados — os cantos; prega de *minguados* que se faz como introdução ao calcanhar da meia.

Cornilhaes. — O mesmo que *cornichos* na primeira accepção. *Cornilhaes* é mais usado.

Corre-vae-di-lo (um). — Chama-se a um homem, e principalmente a uma mulher, mexeriqueiros, que nada têm calado.

Córres. — As medranças dos feijões, ou d'outras quaesquer trepadeiras.

Côscas. — Dizemos em vez de *côcegas*.

Cosquinhas. — Exactamente o mesmo que *côscas*. *Cosquinhas* é muito mais usado.

Cóta (de qualquer ferramenta). — O lado opposto ao corte.

Côtada. — Pancada com a *cóta* de qualquer ferramenta.

Côtra. — Peçaço encadeado de porcaria, relamposo até, que as sardinhaes trazem no fato, ou que as creanças *cochinhas* arranjam no canhão da jaqueta de se assoarem a elle. *Côtras* será modificação de *crostas*?

Cotroso. — O individuo cheio de *côtras*.

Cotrofe (o). — Diz-se em Lagoaça, em vez de *a catrofa*, mas com a mesmíssima significação.

Covilhete. — Tijela de barro vermelho, vidrada ou não. — Só usamos nesta accepção.

Coxia (correr a). — Andar á *tanu*; correr *Sica* e *Mica*...

Cóxo (subst.). — Especie de erupção cutanea produzida, diz-se, pelo veneno de animaes que passassem por sobre a roupa branca no estendedouro.

Cuinçar (os cães). — Ganirem, lamentarem-se. Palavra onomatopica.

Cunca-do-joelho. — A rótula.

Cunco. — Caçoilo, escudella.

Cunqueiros. — Especie de azedas de folha grande, que nascem nos paredões das arribas e nas rampas das estradas.

Curgidoso. — Diligente, *arguilheiro*, trabalhador, muito continuadinho no serviço, e naturalmente habilidoso de mãos.

Cusculheira (ou *cosculheira*?) — Mexeriqueira. Tambem se usa a palavra no masculino. Alguma gente pronuncia *quesculheira*.

D

Debagar (pão, gravangos, etc.). — Debulhá-los. — *Debagar-se* (a agua) — é cair em grandes bâtegas.

Debriar (o corpo de alguém, com pancadas). — E' malhar nelle como em centeio verde. — *Debriar-se* (o mundo com agua). — Chover que pareça um diluvio.

Decrúa. — A primeira mão de enxada, ou a primeira lavra funda do terreno. — Já archivado nos dictionarios.

Decruar. — *Surribar* pela primeira vez o terreno inculto.

Degranhar (vagens, etc.). — Tirar-lhes o feijão; em geral, *debagar*, *debulhar*. — A' letra, vê-se, é *tirar o grão*.

Delingar. — Pendurar, cólgar. Usa-se especialmente o particípio *delingado*.

Demolhar. — Deitar de molho, mas só em agua.

Déo em déo (andar de). — Andar de pousada em pousada, de porta em porta, a procurar qualquer coisa.

Derreigar. — *Decruar*. A' letra, é *surribar*, arrancando as raizes do matto, dos *hercarchões*, da *grama*, das *abróteas*, etc.

Derrengar. — Dizemos em vez de *derreur*. De *rengo*: derreado, côxo, *esquecido* de alguma perna.

Desabragalar (as calçar, a camisa, etc.). — Abrir de par em par a *braguiha* d'umas ou o peito da outra. Usadissimo o particípio *desabragalado*.

Desaolebrada (andar). — Andar desorientada, doida, *alvorea-dissima*. — Deve ser talvez corrupção de *desacerebrada*.

Desafôrido. — Quer dizer: desenfreado, em impetos brutos de quem leva tudo por deante, e tambem muito accêso em enthusiasmos sensuaes... — Em Lagoaça é *desenfôrido*.

Desavesso (não ser). — Não ser mau de todo, poder servir. Usa-se tambem no feminino, mas sempre em forma negativa.

Desbabar (d'uma coisa ou pessoa). — Ir-se perdendo a fé nellas; irem-nos desenganando e aborrecendo.

Desbarar. — Resvalar, escorregar.

Desbaria. — Fraga em plano inclinado e lisa para *desbarar*.

Descampatória. — Uma descoberta, uma ideia por que ninguém esperava: lembrança *ex-abrupto* e sempre disparatada. — (Na *Alvorada* saíam: «... uma ideia por quem ninguém esperava»; e, no exemplo, onde escrevi: «Ai, *che!*...» puseram: «Ai, *ché!*...», sem graça nenhuma. Rectificar).

Descomprensada. — Rapariga mansarrona, pasmarota, bocca-aberta, passo de boi, sempre a morrer-se, p'r'álli num desleixo em tudo.

Desembarrancar. — Dar uma resposta decisiva, acabar de se resolver.

Desemblinhar-se. — Correr a toda a brida, num dobar vertiginoso; em geral, desenvolver-se, aviar-se.

Desaugar (uma creança, uma besta, etc.). — Dar-lhes um mordido de qualquer coisa que nos vejam na mão. Ha quem diga *desougar*.

Desenângar (pronuncia-se: *de-zim-ân-gár*). — O mesmo que *desaugar*. Mas *desenauugar* é mais usado.

Desencabrestada. — A rapariga doida, *desaustinada*, sem haver quem a sujeite. — (Vulgar noutras terras).

Desenguçar (o cabelo). — Desenredá-lo, desemmaranhá-lo com o *desenguço*.

Desenguço. — O pente grande de alisar.

Desfaiar-se (um animal, uma pessoa). — Cair d'um *picão*, d'um fragaredo abaixo, nas arribas.

Desgaira (fazer qualquer coisa á). — Fazê-la sem lhe pôr fé, numa indiferença, como quem lhe não liga importancia, nem se lhe dá de que saia bem ou mal, etc.

Desladeiro ou **deladeiro** (subir ao). — Não subir «a festa», mas ladeando.

Deslarada. — Rapariga atrevida, cara estanhada, sempre com uma resposta torta á ponta da lingua.

Desmaltas (andar ás). — Andar em ralhos, em questões, mesmo á pancada.

Desmortes (bater ás). — A's tolas, a matar.

Desnecho (andar). — Andar roto e *mal-andante*, desprezível.

Desneixar. — Desarticular os ossos, desconjuntar.

Desnevada. — Quasi o mesmo que *descampatória*. — *Fazer qualquer coisa por uma desnevada* — é fazê-la só por milagre, só lá por um acaso muito remoto e incerto.

Despear-se (um cão). — Abrandar dos pés e começar coxeando, por andar muito (á caça). — Para que se não *despeie* nem se adeante, ata-se lhe uma correia a um curvillhão.

Despedrada. — Vem a ser: desabrida, rispida, forte, aspera, estridente, sem naturalidade. «Fallas *despedradas*; resposta *despedra-*

da; chuva despedrada», etc. Também se diz: «*lêr despedrado e despe-
dradamente*».

Despostiçar (alguma pessoa de casa). — Pô-la na rua, á má cara, c'um chicote, ou c'um *recado* bem tangido; enxotá-la como a cão alheio.

Destoituçada. — Estouvada, *desencabrestada*. *Destoitiçada* não se diz.

Deve (o). — Um certo jogo de pião.

Dobadoira-sem-pés. — Chama-se á pessoa sem juízo nem as-
sento em parte alguma.

Dondo. — Macio e nedio. — *Dondas* diz-se especialmente das
verças, nabíças e alfaces muito azeitadas.

E

Êcho. — Um certo jogo de rapazes.

Eito. — Corte da cavada ou da segada, etc. — *A cito*: seguida-
mente, a fio, sem interrupções. Esta locução usamos muito construí-la
com as duas proposições *de* e *a*: «Levar *de a cito*; comer *de a cito*»,
etc.

Eivas (dar-lhe nas). — Dar-lhe nas manhas; descobrir-lhe as bal-
das, os planos; *bolir-lhe na ferida*.

Embarrar (em alguma coisa). — Embicar nella, roçá-la, tocar-
lhe. — *Embarrar* (alguma coisa: o chapéu, uma chave, etc.). — Pen-
durar essa coisa, *colgá-la*, num prego, numa estaca, etc.

Embélga. — Ourela estreita de terreno.

Embilhado (andar). — Andar com ares de querer uma coisa,
mas conservando-se hesitante em o dizer, numa reserva medrosa de
acanhamento.

Embilhar (andar a). — Andar *hoje, amanhã*, a gastar tempo, a
contemporizar, sem se acabar de decidir a fazer aquillo que anda pro-
mettendo.

Embroéza. — Brava, arisca, orgulhosa, *cachaçada*.

Embudado. — Amuado, *embezerrado*. A' letra, será como os pei-
xes com o *embude*.

Emdita! (e). — E estavas com sorte! e como elle foi isso! — Tal-
vez deva mesmo escrever-se em separado: *e em dita!*

Emmentes. — Enquanto, durante o tempo em que. *Entremen-
tes* não usamos.

Empalamado. — Está o individuo doente, não de qualquer en-
fermidade, mas d'un mal que o faça inchar, amarellecer muito, e pôr-
se muitissimo tristonho.

Empeçar. — Começar.

Empeirar-se (gente). — Remediar-se, provêr-se, *arranjar-se*.

Empenetrar. — Enriquecer, *levantar cabeça*.

Empesgado. — Apertado, preso, opprimido.

Empeügar (a caça). — A' letra, achar modo de a prender, pelos pés, ao cinto; em geral, prende-la ao cinto.

Empôita. — Pouco mais ou menos o mesmo que *burzigada*; principalmente a caldeira de batatas cozidas, esmagadas, muito espessas de farellos, que damos aos cevados.

Empôitada. — O mesmo que *empôita*, mas em ponto grande.

Empoleado (levar algem, ir). — Levar pelos ares, arrebatado, como dizem que as bruxas levam a gente; ir assim *empandeirado*.

Empontar. — Despedir de casa; e também *empurrar*. — Na primeira acceção, Camillo creio que escrevem — *impontar*). — Em vez de *empurrão*, dizemos *empontão*.

Empresgado. — O mesmo que *empesgado*. E' de Mogadouro.

Enaugar (pronuncia-se: *im-au-gar*). — Apanharem (as creanças e as bestas) molestia que as faça deſinhar, ás creanças por não se lhes dar de qualquer coisa que nos vejam comer, e ás bestas por lhes não darmos também um *mordo* á entrada de uma porta em que parem, ou nontro sitio onde estejam acostumadas a comer. — Diz-se de tres maneiras: *enaugar*, *angar* e *ougar*; e em contraposição, respectivamente: *desenaugar*, *desangar* e *desougar*.

Enaugamento. — O acto de *enaugar*; a doença resultante.

Encachapução. — O mesmo que *cachapução*.

Encachapuçar. — Dar *encachapuções*.

Encalacrado. — Endividado. O contrario é *desencalacrado*.

Encarantar-se (uma pessoa com outra). — Aconfradarem-se, de maneira que procurem andar sempre juntas, e entenderem-se bem. — As creanças de servir, pelo caminho da fonte, é que são muito amigas de *se encarantar*.

Encarantonhar (a cara). — Fazer *carantonha*; pôr toda a cara nuns esgares feios, para metter medo ás creanças, roncando depois como os ursos: *Omh!*

Encaravar-se. — O mesmo que *encarantar-se*; arranjar *caravar*.

Encaraveilhar (alguem). — Armar-lhe cilada, culpa-lo, fazer que o prendam, mettê-lo nalguma. A' letra, será: fechar com o *caravelho*.

Encarrapitar-se. — Alcandorar-se mesmo na *c'ruta* das coisas. — (Camillo creio que escreveu, algures, *encarapitado*; lapso, talvez typographico, porque com dois *rr* vê-se melhor que vem de *carrapito*).

Encatramonar-se. — Pôr-se *de trombas*, *embudado*, *embezer-rado*. O particípio passivo é usadissimo.

Encatravilhar (as pernas). — Cruzá-las e recruzá-las ao fundo, com muita força, muito apertadas.

Encerradia. — Fraga ou terriço debaixo de que os coelhos se mettem, e d'onde se sacam com o furão.

Enoristar-se. — Tomar *prôa*, *presumpção*, ir-se saindo; e também insurgir-se contra as ordens e conselhos da mãe, etc.

Encristinar-se. — O mesmo que *encristar-se*, mas na ultima acceção; tomar collo, abespilhar-se.

Endez. — Ovo de continuo no *ninheiro*, chamariz para que as gallinhas alli vão pôr.

Enfareado. — Enfastiado de qualquer comida, pelo ininterrupto uso d'ella. — Usa-se tambem o verbo *enfarear*, ora reflexo, ora não. «*Enfareio-me d'isto; isto já enfareia*»; etc.

Enfrascar-se. — Encerrar-se, principalmente por casa das pequenas, á pandega com ellas. — *Andar enfrascado*, além de andar assim mettido por onde *cheire a suas*, quer dizer tambem: *andar embeçado* pelo namoro.

Engaçar. — Arrebanhar a palha ou o feno com o *engaço*.

Engaço. — Instrumento em fôrma de T com dentes de ferro ou de pau; serve para *engaçar*.

Engajatado. — Tortivanho, voltado. — Deriva de *gajato* ou *gajata*.

Engajavatado. — O mesmo que *engajatado*, mas com a ideia de mais tortivanho ainda.

Engalapar. — Empenar, entortar (a madeira verde). O antonymo é — *desengalapar*.

Engaliar-se. — Agarrar-se, pegar-se para uma bulha. — E' coisa que se dá especialmente entre rapazes e cães. — O contrario é — *desengaliar-se*.

Enganido. — Engelhado, fraco, rachítico, e com aspecto friorento. — Diz-se de creanças e dos vegetaes.

Engaranhado. — Enregelado.

Engaravitado. — Crispado, hirtó, tambem por effeito do frio.

Engarbonar-se. — Assear-se, vestir-se com a melhor *farpella*, ainda que depois se fique sem garbo nenhum.

Engarellas. — Cancellas altas dos carros; travéssas cimeiras das cancellas ordinarias.

Engarilho. — Pisaverdes, janotinha magricella, bonifrate, sujeitinho d'estes modernos, só a *farpella* e mais nada, fraquito. — *Ingarrilho* creio que escreveu o Camillo na *Filha do Arcebispo*.

Engarrar. — Trepár — por uma parede acima, por uma fraga, pelas arvores, etc.

Engatar. — O mesmo que *engarrar*. — Não usamos noutra accepção, não sendo ainda para significar o estorcer-se a gente numa cólica agudissima: «*Até se engata pelas paredes!*»

Engrampar. — Enganar, lograr, *comer*. — O que *engrampa* é — *engrampador*.

Engrideira. — Corda grossa, para carros ou cargas pesadas.

Engrillar-se. — *Encristar-se*, sair-se, ir-se emproando, espevitar-se. — Já archivado nos dictionarios.

Engrujido ou engurjido. — Encolhidinho de frio, entanguido, pescoco mettido nos hombros, e a cara toda arripiada.

Enjégado (ou engégado?) — Reles, achacoso, não prestando para nada.

Enlbruscar-se. — Lambusar-se, *embôldregar-se*.

Enrascar (alguem). — Como *encararellá-lo*, mettê-lo também nalguma d'onde não saia.

Enrédo. — Trabalhador reles, que nada faz, senão estorvar os outros.

Enredar. — Não trabalhar quasi nada, estorvar os outros.

Enrelhar (os bois, etc.). — Feri-los com a *relha* ao lavar. — Mas *andar enrellado* (qualquer sujeito) — é coxear, andar a custo, impossibilitado sobretudo por doença venerea.

Enriçado (estar ou andar). — Estar ou andar muito afinçado, muito teimoso em alguma coisa. *Estar enriçado* (o cabelo) — é estar emmaranhado. — A palavra, na primeira acceção, tem muito nitida a ideia da persistencia, da força de vontade, mesmo do phrenesi.

Enrodrigar (vinhas, feijões). — Pôr-lhes estacas para amparo ou para treparem.

Enruminar-se. — *Engrilhar-se*, enfeitar-se, pôr-se em evidencia.

Ensoissar-se. — Apressar-se, agoniar-se. — Emprega-se muito o participio — *ensoissado*.

Entarambécado (estar, qualquer aposento). — Estar cheio de trastes caseiros: caixas, cadeiras, cestos, bancos, etc., trastes que neste caso se chamam — *tarambécos*.

Enticar-se (uma pessoa com outra). — Travarem-se de razões, chegarem mesmo a *engaliar-se*.

Entólho. — Appetite caprichoso, desejo singular. — Ha tambem o verbo *entolhar*: ter *entólhos*.

Entourada. — Pérra, difficil de abrir (fallando de alguma porta).

Entralhoadá (caçá-lo na). — Surprehendê-lo na acção, caçá-lo com a bocca na botija.

Entrasgado. — Entalado, apertado entre duas ou mais coisas. — A' letra, será preso, entalado na *trasga*, especie de argola de pau, em forma de ferradura portuguesa, e que, pendente do jugo, serve para segurar o temão do arado, etc., por meio da cavilha.

Entre-amba-las-aguas (estar). — Estar sem saber para que lado se ha de virar, indeciso, hesitante.

Entrisar-se. — Erguer-se em certa resistencia.

Entrosga. — E', na azenha, um vão entre cantarias parallelas, e dentro do qual gira uma roda — a roda da *entrosga*.

Enturida. — O mesmo que *entourada*. — Em Lagoaça.

Envêrado (olhar muito). — Olhar muito fito.

Envluêmos (estar ou ficar). — Estar ou ficar perplexo; sem saber como decidir-se. — (E' possível que seja contracção e de — *em ve-lo-hemos*).

Enxaugado ou **enxaugo** (um). — Chama-se a qualquer que seja um reles, um *enjégado*. — Na primeira forma é variavel; na segunda não: seja homem ou mulher, é sempre — *um enxaugo*.

Enzarél (um). — Toda a pessoa fraca e franzina. E' sobrecommum a palavra: sempre masculina.

Enzinado (em qualquer coisa). — Saturado d'ella. «A terra *enzinada* em agua; um sujeito *enzinado* em vinho», etc.

Enzôna. — Não só embuste; tambem qualquer brinquedo de creança, e mesmo o producto futil de occupações infantis.

Esbalgir. — Esbanjar. — Quem *esbalga* é *esbalgador* e *esbalgadeira*.

Esbalurtada (estar qualquer coisa, uma propriedade, por ex.). — E' estar talada pelo gado, cheia de carreirões, esportellada, devassada, num completo abandono. Diz-se: uma casa *esbalurtada*; uma bocca *esbalurtada*, isto é, sem dentes, ou com muitas folhas; e até — um coração *esbalurtado*, que é aquelle que está já assolado e gasto por muitas paixões.

Esbambar (o pauno). — Repuxá-lo, fazê-lo dar.

Esbandalhar. — Fazer em *bandalhos*, em frangalhos. — (Corrente no país).

Esbanzalhado. — Numa lassidão mortazina de corpo, ou então: com alguns membros desarticulados, a bamboarem, esquecidos, como mortos.

Esbenairar. — Esfarrapar; fazer em *benaios*.

Esboicellado. — Com *boicello* ou *boicellos*, *esbotenado*.

Esboicellar. — Fazer *boicellos* (falhas) na bocca das vasilhas, *esbotenar*.

Esbritar (ossos). — Esbrugá-los, esbichá-los. — Ha mesmo uma ave de rapina, chamada *esbrita-ossos*.

Escachapeirado. — Alastrado como a *cachapeira*.

Escalfado. — Só usamos na acceção de: vazio, ou muito desfalcado. «Ter o bolso *escalfado*; andar mesmo *escalfado*», etc.

Escambrão (um). — Pessoa nada meiga, dura no trato, rispida. — *Escambroeiro* — Planta, de casca anegratada e de espinhos grandes e muito agudos, como os do limoeiro.

Escanastrado. — Escavacado, alquebrado, fraco, arruinado. — Diz-se principalmente do corpo humano e do dos animaes.

Escarafolar-se (o pião, ou a *baraça* d'elle). — Propriamente: desfazer-se o cone de roscas da *baraça*, por falta de cuidado na sobreposição de alguma volta, ou por se não ter molhado o «ferrão» a principio.

Escarambar-se (a terra, por ex.). — Ficar resequida e gretada pelo muito calor. — Para significar o estado, é usadissimo *escarambada*.

Escarampantear. — Granisar em bâtegas acontadas pelo vento.

Escaravelhar (o pião). — Saltaricar, fazer bailado no terreiro, por ter o «ferrão», empennado. *Escaravelhar*, em geral, é escarafunchar. — (Na acceção, tambem se diz *esgaravilhar*).

Escogita (um ou uma). — Pessoa que anda sempre a espreitar, lépida, parecendo uma doninha.

Escogitar. — Espreitar; e tambem, ir dar com alguma coisa que esteja bem escondida, desencanta-la.

Escova. — Nome vulgar da giesta.

Escovalho. — Vassourão, ainda que não só de *escóvas*, baleio.

Escucar (ou **escocar**). — Subtrair arteiramente qualquer coisa a alguém.

Escucir-se. — Esquivar-se, safar-se em retirada surrateira.

Escumiado. — Escolhido, escrupuloso principalmente no asseio da comida, e na eleição da noiva.

Esfangoado. — Diz-se d'um sacco mal cheio, a poder dobrar-se mais ou menos. — Ha tambem o verbo *esfangoar-se*: ir-se descalcando a berva, a palha, etc., d'um sacco, de maneira que não fique teso.

Esfardar (alguem). — Metter-lhe as mãos nos bolsos e deixa-los sem nada.

Esfoirar-se (uma tripa, um sacco, etc.). — Rebentarem, sair-lhes toda a massa ou todo o pão, etc., que tenham dentro. — *Esfoirar-se* (a gente) — é... uma coisa, que as calças é que a pagam...

Esforfalhar (pão, etc.). — Esfarellá-lo. A raiz é *forfalha*.

Esfregante (fazer qualquer coisa num). — Fazê-la num instante. — (Virá da phrase: «Fazer uma coisa, enquanto o diabo *esfrega* um olho» ?)

Esgalgueirado. — Muito magro, com os *vazios* (flancos) pegadinhos um ao outro, como nos *galgos*.

Esgalhado. — Apartado, distante d'outros objectos da mesma natureza, desgarrado.

Esgalmido. — Sem chorume, falho de materia, *escalfado*.

Esgalrichar. — Galrejar, ensaiarem-se as creanças em sons gutturaes.

Esganifado. — Roto, nuns grandes rasgões. — Ha tambem o verbo *esganifar-se*: rasgar-se todo.

Esganizarada. — Diz-se a arvore que tem nma pernada p'r'aquí, outra p'r'acolá. — Tambem o individuo mal feito, *estabanado*, pernas altas, braços longos, se chama — *esganizarado*.

Esgaravanada. — Saraivada de curta duração; bátegas fortes de aguaceiros intermitentes, mórmente tocadas pelo vento. — Tambem se diz: *esgravanadas*.

Esgarnachado. — Muito roto em grandes rasgões; com o peito da camisa *desabragalado*.

Esgôda (subst.). — Uma coça, uma trepa, uma *esfrega*, etc.

Esgodar-se. — Rogar-se, levantar a pelle numa esfoladela superficial.

Esgöldrejar. — Abanar, sacudir com violencia, chocalhejando o que se abana; por exemplo: um liquido em vasilhas mal cheias, e as visceras da gente num cavallo a chouto muito picado. — *Esgöldrejar* é até palavra mais ou onomatopaica.

Esgöldrejão. — Safanão violento para *esgöldrejar*.

Eslazeirado. — Assim um pouco *esbanzalhado* com a fome. — Vê-se que vem de *lazeira*, fome.

Esmamonar (as parreiras). — Tirar-lhes, quando estão na pompa da verdura, aquelles rebentos viçosos ao fundo, para evitar que

elles aproveitem o melhor da seiva, em detrimento da vara das uvas. — Esses rebentos chamam-se *mamões*, e d'aíhi o verbo — *esmamonar*.

Esmarmoirar. — Desfallecer muito depressa com a fome ou com a sede.

Esmarroar. — Partir, achatar, contra uma pedra, etc., como com *marrada*. — *Esmarroar-se* (o ferrão d'um pião) — é perder o agudo do bico, tornar-se rombo de bater nalguma pedra, etc.

Esmêlmar. — Encolher (o panno, por ex.); diminuir, faltar á medida.

Esmérmar. — Diz-se, em Mogadouro, por *esmelmar*, e com a mesma significação.

Esmichar. — Fazer um calor de arder tudo. — Verbo impessoal.

Esmicha (subst). — Rechina do calor.

Esmochar. — Achatar (materialmente fallando); quasi o mesmo que *esmarroar*, mas em acceção muito mais restricta. — Diz-se, por exemplo: «*esmochar* o nariz; *esmochar* a testa»; e pouco mais.

Esmoicar-se (um boi ou vacca). — Partir um galho ou os dois.

Espalchado. — Alastrado, largo, *abodêlgado*. — *Espalachada* — diz-se sobretudo da cara da gente.

Espaldoirar-se (um animal, mesmo a gente). — Não só quebrar as *espáduas*; em geral, aleijar-se, partir um quarto, o espinhaço, de algum paredão ou *arriboz* abaixo.

Epassaricado. — Muito sêcco, myrrhado. — Diz-se principalmente da fructa.

Espavilado. — Esperto, bem acordado, vivo, agudo de vista e de penetração intellectual.

Espêlde. — Rasgo, geito, dispôr, expediente para qualquer coisa.

Esperdigotar. — Ir-se desembaraçando, ir-se fazendo corrente, ir tomando rasgo. — Os *perdigões*, logo acabados de nascer, ensinam.

Espichão (ir de, descer de). — Expressão diametralmente oposta ao «*subir a fêsto*»; ir, descer em linha recta ao baixo.

Espído. — Diz-se o pão, quando, depois de cozido, fica enxuto, com *olhos*, bom. — O contrario de '*spído* (como nós pronunciamos) é *abetumado* ou *enrezinado*.

Espildrar (qualquer coisa). — Acabar, esgottar-se. — Talvez corresponda a *expirar*.

Espigar (alguem). — Colher d'elle, sonda-lo astutamente. — Mogadouro.

Espiuncado (ter o bolso, etc.). — Tê-lo sem *pedoiro*, sem nada, na maior miseria. — Diz-se muito: «ter a casa *espiuncada*».

Espolinhar (uma besta). — Escorraçá-la num galope a toda a brida. — Talvez seja corrupção de *esporear*; mas as bestas *espolinham-se* mesmo sem espora...

Espúria. — Inimiga de dar, somítica, agarrada, e com má cara para agradar. — Pouco se usa o masculino. — A acceção geral da palavra *espúrio* não a conhece o povo.

Esquartilhar (azeitonas). — Cortá-las longitudinalmente para as curar. — Também se diz só — *quartilhá-las*.

Estalagem. — Também se chama a um atoladoiro dissimulado, que no inverno se forma pelos caminhos, e onde as bestas se enteram até á barriga.

Estalecido. — Dôr velhaca de dentes, em que parece que uma corrente de ar passou por elles, deixando-os todos aluidos.

Esteirada. — Bordoada que apanhe as costas em cheio.

Esterloixo. — Solavanco, e também a acção de escabujar.

Estinhar. — Parar de chover, escampar.

Estiraçar-se. — Deitar-se ao chão e estatelar-se p'r'alli.

Estornegar (um pé). — Dizemos em vez de *estorcega-lo*.

Estrampalhar. — *Arramar*, espalhar (estrupe, por ex.); desconjuntar, desorganisar, desfazer, estragar.

Estrampalho. — Usamos em vez de *espantalho*; frangalho, homem escanastrado.

Estranfeniar (qualquer coisa). — Dar cabo d'ella, gasta-la num prompto.

Estranzilhado. — Mais ainda que *esbanzalhado*, a barriga ainda mais sumida para dentro, e os flancos mais affundidos.

Estrefegar (um cavallo, por ex.). — Escorraça-lo brutaemente até o esfalfar. — Também se diz: «dar-lhe uma *estrefega*» e «dar-lhe uma *escórriça*».

Estrefura (um ou uma). — Uma cara de *espirrote*, sempre a rir-se de falsidade e velhacaria, cheia de ronha.

Estretalar (os olhos). — Esmugalhá-los. — Usa-se especialmente o participio *entretalado*.

Estrevango. — Grande solavanco, *esterloixo*.

Estringar (nos dentes). — Partir qualquer coisa nelles, sacudindo-a com phrenesi, como um cão uma cobra que agarre.

Estrompado. — Diz-se do individuo escanastrado, já poltrão e escaveirado.

Estronçar. — Quasi o mesmo que *estringar*; partir sobretudo as couves pelo meio do pé, ou as folhas, aos troços, retorcendo-as, para a beberagem das bestas e dos porcos.

Estrumadal (de coisas). — Grande abundancia d'ellas. Uma pessoa bem gorda e bem desenvolvida é também um *estrumadal*.

Estuche. — Pequena seringa de cana, que os rapazes usam para se esguicharem. — Não usamos noutra accepção.

Estulisar (qualquer coisa). — Imaginá-la, arranjá-la de sua cabeça.

(Continúa).

AUGUSTO C. MORENO.

OURIVEZEIROS

Na actualidade a palavra *ourives* tanto serve para designar o singular como o plural. Não succedia assim no seculo xvi, em que um e outro numero eram designados distinctamente: *ourives* e *ourivezes*. Lá o expressa Garcia de Resende na sua *Miscellanea*:

Ourivezes e esculptores
São mais subteis e melhores...

No seculo xv havia todavia uma outra formula, que nos parece desconhecida: ao menos não se acha exarada nos mais afamados lexicographos. Da primeira vez que a encontramos ainda chegamos a suppôr que teria sido erro do copista, ou má interpretação de leitura da nossa parte, mas a duvida cahiu por terra quando se nos deparou em outro documento.

Em 1463 nomeava D. Affonso v a Pero d'Almada, criado de Gomes Eanes d'Azurara, alcaide e meirinho dos *ourivezeiros da adiga*, da mesma sorte que o havia sido seu pae Alvaro Fernandes, por cuja morte vagara o cargo. Além das funcções especiaes, gosava dos mesmos privilegios e liberdades que os outros ourivezeiros, pagando a el-rei, annualmente, duas corôas de ouro velhas, sendo a primeira paga em dia de S. João Baptista de 1464. A carta fôra assignada na vespêra do santo no anno anterior.

Como se sabe, a Adiga era uma mina de ouro proximo de Almada, sendo o metal extrahido das areas do Tejo. Esteve em exploração durante seculos, até ao primeiro quartel do que vae decorrendo, mas actualmente acha-se abandonada. A carta de 1463 é mais um apontamento curioso para a historia d'esta mina.

Ao lêr este documento acreditamos que a palavra *ourivezeiros* seria synonymo de *adiceiros*, mas verificamos que não era assim, pois num documento do mesmo reinado, alguns annos posterior — 8 de outubro de 1474 — vêmos que o termo se emprega na acceção de *ourives*, lavrantes de ouro ¹. Este documento é uma doação a Paio Rodriguez, genro de Lopo Gomes Pestana, de umas boticas na cidade de

¹ [Em mirandês diz-se *ouribeiro*, que parece ter como etymo *aurifarius, segundo eu já disse no meu opusc. *O dial. mir.*, Vocabulário, s. v. — Quanto a *ourivezeiro*, notarei o seguinte: assim como em lat. havia *panificium*, *lanificium*, nada impede que (no lat. vulg.) houvesse tambem *aurificium, a que, segundo as leis morphologicas, corresponde *aurificiarius, que é o etymo de *ourivezeiro*. — J. L. DE V.]

Evora, ao cabo da rua da selaria, junto com a praça onde lavram os ourivezeiros.

Damos em seguida estes dous documentos, que são interessantes não só pelo seu lado philologico, mas pelo que respeita á archeologia industrial e á topographia eborense. Julgamos indispensavel completar a sua publicação com outro que amplia e elucida o primeiro e que tem valor especial, porque é mais uma referencia para a biographia do celebrado auctor da *Chronica de Guiné*. E já agora, para conglumar elementos, que dizem respeito á mesma pessoa, intercallaremos aqui a verba de uma quitação passada a João Rodrigues de Carvalho de todos os dinheiros que recebeu em Flandres, onde foi enviado — Bruges, 1451. O trecho da quitação resa assim: «E vynte e hũa libras cynquo soldos por cem duzyas de purgamyinhos respançados que entregou a Gomes Eanes dAzurála, nosso criado, comendador dAlcáiz, autor dos feytos notanees de nossos regnos, pera os teer em guarda na nossa lyurarya, que esta em a cydade de Lixboa, de que ele tem cargo per aluara de mandado». (D. Afonso v, L.º 12, fol. 62).

A exploração dos archivos fornece d'estas revelações inesperadas, fragmentos dispersos, que veem formar a moldura d'um quadro ou ajudar a recompôr esse mesmo quadro. Em documentos, apparentemente insignificantes, quantos e variados subsidios para a historia do nosso movimento artistico, social e litterario.

DOCUMENTOS

I

Carta de D. Afonso v, nomeando Pero dAlmada alcaide e meirinho dos ourivezeiros da adiga

«Dom Aº &c. A quantos esta nosa carta virem fazemos (falta saber) que nos querendo fazer graça e mercee a Pº dAlmadaã, criado de Gomez Eanes dAzurara &c, teemos por bem e damollo por alcaide e meirinho dos nossos ourivezeiros da adiga, asi e per a guisa que o era Alvaro Fernandez, seu pay, que o dito officio tynha per nosa carta e se ora finou. E porem mādamos aos juizes da dita aadiça e mestres dela e a outros quaees quer officiaees e pessoas a que o conhecimento desto pertencer que o leixem prender em Almadaã e em outros lugares todos aqueles meesteiraes que laurarem e forem theudos laurar no dito serviço que lhe per eles ditos juizes e meestres for mādado, de que eles hã jurdiçom segundo seus priuilegios, e assi outros quaeesquer que lhes for per eles mādado, e mādamos que ele dito Pero dAlmadaa aja todalas liberdades e priuilegios como cada huũ dos outros ourivezeiros, e elle nos pagara em cada huũ ano de foro e tributo duas coroas douro velhas segundo nos hã de pagar os outros ourivezeiros que tem os moores priuilegios e he contheudo em huũa nosa carta que elles delo tem de que cada huũ nos deue de pa-

guar, e a primeira pagua nos fara por dia de Sam Johã Baptista que vynra de iiij^olxxiiij. E asy em cada huũ ano em quanto tal carreguo tener. O quall P^o dAlmaadã jurou em a nosa chancelaria &c. carta em forma dada em Lixboa xxiiij dias de junho — ElRey o mādou per o dito Lopo dAlmeida — Johã Roiz a fez — ano de noso Senhor Ihũ xpo de mill e iiij^olxxiiij.

(D. Aff.^o v, L.^o 9, fol. 94).

II

Carta de D. Affonso v doando duas boticas em Evora a Lopo Gomes

«Dom A.^o Rey de Portugall e dos Algarues daquem e dalem mar em Africa, a quãtos esta nossa carta virem faço saber que a nos disserom que Lopo Gomez Pestana, escudeiro, morador em Euora, traz duas nossas boticas que som em a dita cidade no cabo da rua da selaria junto com a praça homde laurom os orivezeiros, aforadas emfitiota por certo foro em cada huũ ano, e que nom tem do dito aforamento nossa confirmaçom segundo direito e nossa ordenaçom, per a quall cousa elle perde o dito aforamento e lhas podemos tirar e dar a quem nossa mercee for, e ora querendo nos fazer graça e mercee ha Paio Rodriguez, caualeiro de nossa cassa, seu gemro, se asy he como nos diserom que as elle perde per o que dito he ou per quall quer outra maneira que seja per a que a nos asy de direito possamos tirar, temos por bem e fazemoslhe dellas mercee per aquell foro que as o dito Lopo Gomez de nos traz. E porem mādamos ao nosso comtador e almoxarife da dita cidade e a outros quaes quer nossos officiaes e pessoas, a que o conhecimento desto pertencer e esta carta for mostrada, que sendo o dito Lopo Gomez ou partes a que pertencer citados e ouvidos, segundo dereitamente devem, saibam desto o certo &c. Dada em Estremoz aos biij dias de outubro — EllRey o mādou per G^o Vaz de Castell branco, do seu conselho e vedor da sua fazemda e seu almotacee moor — P^o Bemtez a fez — do ano de mill e iiij^olxxiiij anos».

(D. Aff.^o v, L.^o 7, fol. 7).

III

Carta de D. Affonso v, nomeando Pero d'Almada

«Dom Afonso &c. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a P^o dAlmadaã, criado de Gomez Eanes dAzurara, nosso cavaleiro e comendador do Pinheiro Grande e da Granja, nosso canonista, e guarda moor da torre do nosso tonbo desta cidade, teemos por bem e damollo por juiz das nossas sisas da dita vila dAlmadaã, asi e per a guisa que o era Alvaro Fernandez seu pay, que o dito officio tynha per nossa carta e o renüciou em nossas maãos que o desemos a quem nosa mercee fose. E porem

mãdamos ao noso contador da dita comarca e aos rendeiros &c carta em forma. E esto pollo do dito Gomez Eanes, que nolo por ele pedio. Dada em Lixboa xxij dias de junho — Elrrei o mãdon per Lopo d'Almeida, do sen conselho e veedor da sua fazenda — Johã Roiz a fez — ano de noso Senhor Ihu xº de mil e iiij^clxiiij.

(D. Aff.º v, L.º 9, fol. 94).

Em artigo subsequente esperamos ter ensejo de apresentar mais algumas palavras da mesma época, não só desconhecidas, mas algumas até de significação duvidosa. São outras tantas contribuições a enriquecer os nossos vocabularios, linguisticos e technicos, vindo ao mesmo tempo demonstrar o movimento industrial e artistico no reinado de D. Afonso v.

SOUZA VITERBO.

O VOCABULO «LEDINO» E OS CANTOS «DE LEDINO»

Em uma ligeira nota que publicamos nesta *Revista*, vol. iv, pag. 384, demos noticia de uma palavra inglesa que se formou em virtude de um erro typographico e que, havendo-se introduzido em grande numero de dictionarios d'aquella lingua, passou d'elles para os dictionarios universaes ou encyclopedicos e conseguiu por este meio insinuar-se tambem em alguns dictionarios portuguezes. Foi nosso intento não só prevenir futuros lexicographos, mas ainda apontar um exemplo curioso de transformação de palavras que não se pôde explicar pelas leis, physiologicas ou psychologicas, segundo as quaes se opéra a evolução da linguagem.

Aquelle exemplo suggeriu-nos a indicação de outra palavra que nos pareceu analogica quanto ao modo como se produziu¹: era o vocabulo *ledino*, que se encontra em edições de Christovão Falcão, Ecloga, estrophe 42.^a

¹ Aproveitamos a occasião para dar conhecimento de outro caso analogo e muito interessante. Nos *Mélanges de philologie romane* dedicados a Carl Wahlund pelo seu quinquagesimo anniversario natalicio, publicou o snr. E. Langlois um artigo sobre a palavra *Archipiada*. Eis o que diz a este respeito o snr. Gaston Paris (*Romania* xxvi, pag. 103): *Voilà une bien jolie trouvaille. On s'est demandé en vain qui était cette Archipiada, que Villon mentionne parmi les belles dames du temps jadis. M. L. montre que sous ce nom défiguré se cache en réalité... Alcibiade! L'erreur vient d'un passage de Boèce mal compris: «Quod si, ut Aristoteles ait, linceis oculis homines uterentur, ut eorum visus obstantia penetraret, nonne, introspectis visceribus, illud Alcibiadis superficie pulcherrimum corpus turpissimum videretur?» Tous les commentateurs et traducteurs du moyen âge ont cru qu'il s'agissait d'une femme et Villon a gardé de quelque lecture le souvenir de la belle Alcipiada (le p se trouve presque toujours) ou Archipiada.*

Depois da longa discussão ¹ a que a snr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos submetteu nesta *Revista*, vol. III, pag. 353 e segg. aquelle passo do Chrisfal, com a erudição e segurança que são características de todos os trabalhos da eminente romanista, a quem a philologia portugueza deve tão assignalados serviços, afigurava-se nos ser mais que duvidosa a authenticidade do vocabulo *ledino*, o qual deveria ter-se originado em uma antiga graphia *delledino* ou *deledino*, lida de *ledino* em lugar de *d'elle dino* (= *digno*) ².

Havia chegado á mesma conclusão o snr. Epiphanyo Dias, a cuja edição critica de Christovão Falcão nos referimos no nosso pequeno artigo.

O snr. dr. Theophilo Braga no seu último livro, *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, o terceiro de uma extensa série de volumes em que deverá dar-nos nova edição da sua vasta obra, refundida e ampliada com os resultados das investigações feitas depois dos seus primeiros trabalhos, sustenta a pag. 409 e segg. como authentica a fórma *ledino* e com ella a existencia dos cantos de *ledino*.

Os principaes argumentos com que o illustre escritor fundamenta a sua these são os seguintes: 1.^o) uso frequente do adjectivo *ledo* nos antigos cantos de *romaria*; — 2.^o) um passo do fragmento de uma antiga Poetica trobadoresca publicado á frente do Cancioneiro *Colloci-Brancuti*; — 3.^o) facilidade de derivar *ledino* de *ledo*.

Relativamente ao primeiro ponto notaremos que o adjectivo *ledo* era de emprego muito extenso naquella época e ainda posteriormente (em Camões, por exemplo), não só na poesia mas tambem na prosa ³. Corresponhia-lhe o substantivo *ledice*, tambem muito usado.

Não seria, pois, talvez o encontro d'este epitheto razão sufficiente para caracterizar um genero poetico.

¹ Já no seu trabalho sobre a litteratura portugueza, publicado no *Grundriss der romanischen Philologie* de Gröber, vol. 2.^o, pag. 149, nota 4, dizia aquella Senhora que «*delledino* i. é, *d'elle dino* dá talvez o verdadeiro sentido» e achava por consequencia ocioso tractar de investigar qual fosse a origem de *ledino*: «*Erörterung darüber ob ledino so viel wie ladino = schlau, oder latino = lateinisch bedeute, oder mit ledainha = litania zusammenhänge oder auf ledo = lactus als auf das charakteristische Wort der Wahlfahrtsgesänge hinweise, sind daher müßig*». Mais adiante pag. 152, nota 6, referindo-se aos cantos de romaria do Cancioneiro da Vaticana, diz «*eu chamo-lhes cantos de romaria e não cantos de ledino*».

² «Tendo parecer divino
para que melhor lhe quadre
cantar cantou d'elle dino».

Ed. de Ep. Dias.

³ No proprio livro a que nos estamos referindo, pag. 217, em uma citação de Bernardini Ribeiro, acha-se um exemplo do seu emprego na prosa: «Mas parece que tambem a terra se muda como as coisas d'ella, e esta por que passou o tempo de quando foi *leda*, veio este de quando havia de ser triste».

O passo do fragmento da Poetica, a que se refere o snr. Theophilo Braga, acha-se a pag. 4 do Cancioneiro *Collocci-Brancuti*, linha 59:

«EN PRAZ' (prazer) OU EN CEDO»

Evidentemente *cedo* não faz sentido, mas crêmos que não será provavelmente *ledo* a lição que deva adoptar-se. A similitude entre o *c* e o *t* na calligraphia da época leva talvez a outra leitura, que todavia não podemos aqui determinar ¹.

Mas admittindo ainda que neste lugar a verdadeira leitura não pudesse effectivamente ser outra senão *ledo* e que este adjectivo caracterizasse realmente um determinado genero poetico, o que é certo é que a denominação d'esse genero poderia ser cantos *em ledo* ou *de ledo*, como cantares *d'amigo*, e não cantos *de ledino*.

Para provar que seria natural a derivação de *ledino* da palavra *ledo*, e alludindo especialmente ao que dizíamos na nota publicada a pag. 386 do vol. iv d'esta *Revista*, escreve o indefesso auctor da *Historia da Litteratura Portuguesa*:

«E' normal esta derivação *ledino* de *ledo*; abundam exemplos de outros adjectivos, como *libertino* de *liberto*; *ferino* de *fero*; *malino* (malo) de *mao*; *divino* de *divo*. Ha outros adjectivos formados pelo suffixo *ino*: *bovino* de *boi*; *canino* de *cão*; *marino* de *mar*; *taurino* de *touro*; *trino* de *trez*. E como substantivos deminutivos: *violino* de *viola*; *buzina* (de *bocca*).

Infelizmente nenhum dos exemplos adduzidos mostra que seja normal aquella derivação. Todos elles, excepto um, nos vierão já formados do latim sem que em nenhum se effectuasse a derivação dentro da lingua portuguesa. Assim, *libertino*, *ferino*, *divino*, *canino*, *marino*, *taurino* e *trino* correspondem respectivamente aos adjectivos *libertinus*, *ferinus*, *divinus*, *caninus*, *marinus*, *taurinus* e *trinus*. O adjectivo *malino* e o substantivo *buzina* resultão de *malignus* (formado como *benignus*, *privignus* e *abiegnus*) e de *bucina* ². Quanto ao vocabulo *violino* veio-nos elle do italiano.

¹ A' perspicacissima escritora a quem nos temos referido, está provavelmente reservada a solução d'este interessante problema. — A respeito do fragmento da Poetica escreve aquella Senhora: «O unico manual doctrinario relativo á época dos trovadores que existe, é laconico e fragmentario, e nada revela ácerca de cantos *de ledino*. *Rev. Lusit.*, vol. III, pag. 358, nota 4.

² Sobre a formação de *malignus* e *bucina* cf. Bréal et Bailly, *Dictionnaire étymologique latin*, s. vv. *gigno* e *bos*. V. ainda Georges, *Ausführliches Latein. Wörterbuch*, e Stolz, *Historische Grammatik der lateinischen Sprache*, Lautlehre, pag. 270, 380 e 483.

Mas ainda quando de *ledo* se tivesse formado *ledino*, a expressão regular seria *cantos ledinos* e não *cantos DE LEDINO* ¹.

Haverá, portanto, razão, depois do estudo aqui publicado pela douda editora de Sá de Miranda, e attentas as rapidas considerações que deixamos expostas, para se afirmar categoricamente que a forma *ledino* «não pôde considerar-se uma graphia erronea, nem uma leitura errada, nem ser apontada como exemplo de teratologia glottologica» ² como afortunadamente assevera o snr. dr. Theophilo Braga, a pag. 417 (nota) do seu novo livro, tão rico de factos e de ideias luminosas, que o consideramos absolutamente indispensavel a todos quantos desejarem estudar a época litteraria de que tracta?

Crêmos que não.

JULIO MOREIRA.

NOTICIAS PHILOLOGICAS

1. Menza — mesa

E' frequentissimo em Lisboa, e noutros pontos do Sul, ouvir-se, mesmo a pessoas cultas, dizer *menza* por *mesa*.

Como a palavra vem do lat. *mensa*, pôde suppôr-se que o nasamento do *e* resulta do *n* latino, e já effectivamente ouvi dizer isso; mas o phenomeno tem outra explicação.

Em latim vulgar o grupo *ns* pronunciava-se *s*, sem *n*, como o provão as palavras *cosul*, *sposus* e muitissimas outras; por isso *mensa* pronunciava-se tambem *mesa*: logo o *n* tinha desaparecido antes da existencia do portuguez, e não podia pois dar origem ao nasamento do *e* nesta lingua.

O nasamento do *e* resulta da influencia do *m* inicial, que é consoante nasal. A nasalidade do *m* communicou-se ao *e*: *mesa* > *mêsa* = *menza*.

Eis aqui varios outros exemplos de nasamento devido ao *m* inicial:

maçam (ant.), de *maçam* (= maçã);
mãi, de *mai* (ainda usado em mirandês);

¹ No seu artigo, pag. 357, já a snr.^a D. Carolina Michaelis escrevia: «*Cantos de ledino*? Mesmo grammaticalmente este modismo é incorrecto».

² «CANTOS DE LEDINO, nascidos em 1559 por geração equivocada» como se exprime D. Carolina Michaelis.

muito, de *multo* (ainda usado no século XVI em rima);
mui, de *mai*;
manjor, de *major*;
mês, de *mês*¹;
mongote, de **mogote* = *magote*².

O *n* inicial também em certos casos nasaliza em vogal seguinte, como o prova *nonjo*, por *nojo*, e *nem*, do lat. *ne(c)*, ainda que em *nem* pôde também ter havido influencia da nasal de *nom* (ant.).

O phenomeno do nasalamento dá-se sobretudo quando a vogal inicial se segue *i* ou uma consoante continua.

2. Restaurant — restaurante

No Porto e noutras terras do Norte os titulos dos restaurantes são escritos á portuguesa: RESTAURANTE. Em Lisboa, porém, apesar de se estar na capital do reino, onde a linguagem passa por ser mais culta, escreve-se á francesa: RESTAURANT. A ignorancia da lingua, e o desprezo da nacionalidade, levam muita gente a pronunciar também á francesa, *restaurant*, e não á portuguesa, *restaurante*; o facto é posto fóra de dúvida pela seguinte quintilha publicada num jornal de 7 de abril de 1895:

Os passeios a horas mortas,
 As ceias nos *restaurants*,
 As funçanatas nas hortas,
 As poeticas *manhãs*
 Passadas fóra de portas.

A rima de *restaurants* com *manhãs*, suppõe que o singular de *restaurant* acaba em *-ã*.

3. Pedra ume

Não se deve escrever *pedra lume*, mas sim *pedra ume*, sem *h*. A etymologia está no lat. *alumen*, cujo *u* se conservou, por ser longo, e cujo *l* se syncopou por ser pretonico e intervocalico, como também succedeu nas seguintes palavras:

<i>saír</i>	de <i>salire</i> ,
<i>côr</i> (arc. <i>coor</i>)	de <i>colorem</i> ,
<i>quenda</i> (arc. <i>caenda</i>)	de <i>calenda</i> ,
<i>soão</i>	de <i>solanus</i> ,
<i>soidade</i>	de <i>solitatem</i> .

¹ *Mês* por *mês* é forma que tenho ouvido varias vezes em Lisboa.

² A forma *mongote* ouvi-a em Lisboa, na phrase «um *mongote* de gente».

Comquanto alumen seja neutro, deve admittir-se que no latim vulgar se dizia no accusativo *aluminem, em virtude de se dizer em hespanhol *alumbre*; tambem vimen é neutro, e todavia tinha o accusativo *viminem, como o prova o hesp. *vimbre*, e o portug. popul. *vimê*. As palavras *alumen* e *vimen* (entre outras) seguirão a analogia de *pecten*.

Temos pois: *alumine(m) > *alumene > *aúmče > *aíme* > *úme*.

Isto prova que não ha motivo para se orthographar *ume* com *h*.

Como *ume* só se usa no composto *pedra-ume*, devia ter-se dito primitivamente *pedra aume*, isto é *pedraúme*, o que, pela redncção da vogal aberta a fechada, trouxe a pronuncia *pedraúme* = *pedra ume*.

4. Adjectivos em -ilis

Ha em português, como noutras linguas romanicas, certos adjectivos que, com quanto não venhão de palavras latinas que realmente existirão, forão comtudo formados como se taes palavras existissem.

Pois que em latim se dizia:

fissilis, derivado do thema do participio *fissus* (*findere*),

ficilis, do do participio *factus* (*figere*),

coctilis, do do participio *coctus* (*coquere*),

versatilis, do do participio *versatus* (*versare*),

volatilis, do do participio *volatus* (*volare*);

do mesmo modo se criarão na nossa lingua (e refiro-me só á nossa, mas noutras ha, como disse, fórmás correspondentes):

vibrátil, como se em latim houvesse **vibratilis*, do thema de *vibratus* (verbo *vibrare*),

portátil, como se em latim houvesse **portatilis*, do thema de *portatus* (v. *portare*),

serrátil, como se em latim houvesse **serratilis*, do thema de *serratus* (v. *serrare*),

projectil, como se em latim houvesse **projectilis*, do thema de *projectus* (v. *projicere*).

A quantidade do suffixo -ilis prova que deve dizer-se em português *versátil*, *projectil*, etc., e não *versatil*, *projectil*, etc.: portanto no plural *versáteis*, *projecteis*, e assim por deante.

Esta regra não soffre quebra pelo facto de nos terem provavelmente vindo do francês algumas das palavras mencionadas, como *projectil*, que em francês se diz *projectile*: de facto, quando as palavras nessas circumstancias se podem accomodar facilmente ao typo latino, e fazer entrar nas normas do genio da nossa lingua, perdem a feição estrangeira, e nacionalizam-se. Ha porém casos em que, a alludida ac-

commodação com quanto facil, não ficava bem, como succede com o francês *vivres*; repugna dizer em português «loja de *viveres*», mas também ninguém quereria dizer *vivêres*; neste caso a palavra deve ser traduzida por *mantimentos* ou *vitualhas*.

5. Uma grammatica philosophica

Na Bibliotheca da Universidade de Coimbra ha um ms., com o n.º 613, in-fol., anonymo, d'este seculo, intitulado *Grammatica philosophica da lingua portugueza*.

Não tive tempo de examinar detidamente esta obra, mas, pelo pelo que li, creio não ter grande valor.

Divide-se em quatro livros, e cada um em varios capitulos. Eis os assumptos de alguns capitulos do Livro I:

Cap. 1.º *Da origem, necessidade, utilidade e antiguidade das linguas em geral*;

Cap. 2.º *Da origem da lingua portugueza, — variedades de linguas que houveram nestes reynos, a quem os mestres da arte chamam paleografia*;

Cap. 3.º *Do genio da lingua portugueza, dos progressos que tem tido, em que consiste a sua perfeição, e os modos por onde se conhece e adquire*.

6. «Synonimos Portugueses» (ms)

No n.º 332 dos mss. da Bibliotheca da Universidade de Coimbra ha uma obra que vem no Catalogo com o titulo de *Synonimos Portugueses*.

Não se trata, porém, de verdadeiros synonymos, mas de phrases latinas correspondentes a certos termos portugueses, como se vê da seguinte amostra:

«AMIZADE, AMOR, AMIGO: *Nihil facilius quam amor recrudesce*. Seneca [etc.].

CASAMENTO, ESPOSORIOS, ESPOSOS: [citão-se varios textos].

EXEMPLO, EXEMPLAR: *Decipit exemplar vitii imitabile*. Horatius, Epist. lib. I, epist. 19 ad Maecenatem.

E assim por deante. São meras *flores latinas*.

7. Discurso de Monterrojo

Discurso feito na Academia dos Aplicados em 27 de Mayo de 1724, sendo mestre de ortografia José Freyre Monterrojo.

Este discurso constitue uma lição sobre a nobreza da orthographia.

Segue-se-lhe:

Apendix á 1.ª LIÇÃO;

LIÇÃO 2.ª *Da antiguidade e invenção das letras*;

LIÇÃO 3.^a *Do número das letras e sua divisão;*

LIÇÃO 4.^a *Em que trata da letra A;*

LIÇÃO 5.^a *Em que se trata da letra B;*

Ms. in-4.º, 39 pag. numeradas Bibliotheca da Universidade, n.º 138, est. x.

O A. conhece os grammaticos, João de Barros (que imagina ser o primeiro que entre nós escreveu), Barreto, Bento Pereira, Argote, Bluteau, etc., que cita e segue às vezes.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Colhidos na tradição oral

XVII

O PREGUIÇOSO DA FORNEIRA

Havia uma forneira que tinha um filho muito preguiçoso. Iam os outros rapazes á lenha e diziam-lhe que fosse tambem, mas elle não queria ir. A mãe vivia muito desconsolada, por o filho ser tão preguiçoso e já não sabia o que havia de fazer. Uma vez teimando ella muito para que elle fosse com os outros rapazes, elle lá foi indo, mas assim que chegou ao matto, enquanto os outros começaram a apanhar lenha, o preguiçoso deitou-se á borda de um ribeiro e principiou a comer. Veiu um peixe e entrou a comer as migalhas que lhe caiam até que elle o apanhou. O peixe pediu-lhe muito que o não matasse, que lhe faria tudo que elle quizesse. O preguiçoso não se quiz fiar nisso e disse: «por meu Deus e por meu peixe, quero que me appareça já um feixe de lenha, maior que o dos meus companheiros, e que o feixe ande commigo debaixo sem me verem». De repente appareceu o feixe prompto e elle deitou o peixe ao mar. Veiu para casa e passando pelo palacio do rei, este estava á janella com a princeza. Todos se admiravam de vêr o feixe a andar sem vêr ninguém e a princeza tambem se riu. O preguiçoso disse então: «por meu Dens e por meu peixe, fazei que a princeza tenha um filho, sem ninguém saber de quem é». A princeza começou a sentir-se pejada e o rei descontente com ella mandou-a metter numa torre com as suas aias, e passado tempo teve um menino. O preguiçoso foi outra vez ao matto e o peixe tornou-lhe a apparecer e a fallar-lhe, e disse-lhe que a princeza já tinha um filho. O preguiçoso ensinado pelo peixe lembrou-se de mandar fazer um

palacio mais rico e melhor que o do rei. Havia nelle um jardim com muita flôr, e, coisa admiravel! tinha arvores de fructa, onde havia uma laranjeira com doze laranjas d'oiro. Tudo isto fazia o peixe mais as fadas. O preguiçoso foi para o palacio feito principe e ninguem o conhecia por outra coisa. O rei mandou-lhe pedir licença para ir vêr o palacio e elle mandou-lhe dizer que sim e convidou-o para almoçar mais os seus vassallos. O rei e os camaristas, mal chegaram ao palacio, ficaram muito admirados de vêr a riqueza que havia. Depois de verem o palacio todo, foram ao jardim. Gostaram muito de vêr a variedade de flôres e mais admirados ficaram, quando viram uma laranjeira com laranjas d'oiro. O preguiçoso disse ao rei e aos vassallos, que podiam apanhar de tudo que gostassem, menos que não apanhassem laranjas. Vieram depois todos para o palacio e começou o almoço. Quando acabou e o rei estava para se ir embora para o seu palacio, o preguiçoso disse que se admirava muito de os ter tratado tão bem e elles lhe terem tirado uma laranja d'oiro. Começaram os vassallos a dizer, que não tinham sido elles, e a despirem as fardas para elle vêr. O rei muito envergonhado era o unico que faltava. Tirou a farda e não tinha nada, mas o preguiçoso disse-lhe que procurasse bem, que não a tendo os vassallos havia de ser por força elle. O rei metteu então a mão na algibeira e tirou a laranja muito envergonhado, dizendo que não sabia como tal coisa tinha acontecido pois não lhe tinha tocado. O preguiçoso disse-lhe então que o mesmo tinha acontecido á princeza de ter um filho sem saber de quem. Acabou-se o encanto do peixe que se fez num principe, casou com a princeza e o preguiçoso foi para casa muito rico.

(Ilha de S. Miguel).

XVIII

A GATA BORRALHEIRA

Era uma vez uma mestra que era viuva e tinha uma filha muito feia. Esta mestra tinha uma meniua que era muito bonita e era filha de um viajante (*sic*). A mestra gostava muito do pae e dizia todos os dias á menina que lhe pedisse para elle casar com ella, que depois lhe daria sopinhas de mel. A menina foi para casa dizer ao pae, que casasse com a mestra, que ella depois dava-lhe sopas de mel. O pae disse-lhe que não, porque ella agora dizia que lhe dava sopas de mel e depois dava-lh'as de fel. Como a menina chorasse muito, o pae, que era muito amigo d'ella, disse-lhe que mandava fazer umas botinhas de ferro, que as dependurava e que enquanto as botas não estivessem rotas, que não casava com a mestra. A menina foi muito contente contar-lhe isto, e a mestra ensinou-lhe que todos os dias ourinasse nas botas. A menina assim fez e no fim de algum tempo já as botinhas estavam rotas. A menina foi logo dizer ao pae. Elle então disse que casava com a mestra, e no dia seguinte casou.

Emquanto elle estava em casa era a menina tratada com muitos affagos e caricias, mas depois de elle se ir embora a mestra tratava-a muito mal. Mandava-a ir pastar uma vaquinha, dava-lhe um pão e queria que ella o trouxesse inteiro, e uma bilha d'agua e queria que ella a bebesse e a trouxesse cheia. Um dia a mestra disse á menina que queria que ella lhe dobasse umas poucas de meadas até á noite. A menina foi a chorar muito e a dizer mal á sua vida. A vaquinha disse-lhe que não se ralasse, que lhe mettesse as meadas nos páus e que dobasse o linho. Depois com um corninho tirou-lhe o miollo do pão, tornou a tapa-lo e deu-o á menina. A' noite ella veio para casa e a madrastra quando viu tudo feito ficou desesperada e queria-lhe bater, dizendo que andava alli a vaquinha, e ao outro dia mandou mata-la. A menina pôz-se a chorar muito e a madrastra disse-lhe, que ella é que havia de ir lavar as tripas da vaquinha a um tanque. A vaquinha disse á menina que não estivesse triste e que fosse lavar as tripas, e o que visse sahir que fosse atraz d'elle. A menina assim fez; foi e quando as estava a lavar viu sahir uma bola de oiro e cahir pela agua abaixo. A menina foi atraz d'ella. Viu uma casa muito desarrumada e entrou a arrumar tudo. De repente sentiu passos e escondeu-se atraz da porta. Entraram tres fadas que começaram á procura e vinha tambem um cãozinho que foi para onde ella estava e principiou a ladrar: *beo, beo, beo, atraz da porta está quem nos fez bem e nos ha-de fazer! beo, beo, beo, atraz da porta está quem nos fez bem e nos ha-de fazer! beo, beo, beo, atraz da porta está quem nos fez bem e nos ha-de fazer!* As fadas vieram e deram com a menina e disseram: «eu te fado para que tu sejas a rapariga mais bonita que haja». Disse a outra: «eu te fado para que tu quando fôres a fallar não deites senão perolas e oiro pela bocca fóra». Disse a terceira: «eu te fado para que tu sejas a rapariga mais feliz que ha no mundo. Toma lá esta varinha de condão, tudo quanto lhe pedires tudo ella te fará». A menina veio-se embora e a filha da mestra quando a viu pôz-se a gritar pela mãe, que viesse vêr a gata borralheira. A mestra veio vê-la e perguntou-lhe o que ella tinha feito. A menina disse, como as fadas lhe tinham ensinado, tudo ao contrario; que tinha encontrado uma casa muito arrumada e que tinha desarrumado tudo. A mestra mandou lá a filha e ella mal que chegou, fez o que a menina lhe tinha dito: desarrumou tudo e quando sentiu as fadas mettu-se atraz da porta. Veiu o cãozinho e disse: *beo, beo, beo, atraz da porta está quem nos fez mal e nos ha-de fazer! beo, beo, beo, atraz da porta está quem nos fez mal e nos ha-de fazer! beo, beo, beo, atraz da porta está quem nos fez mal e nos ha-de fazer!* Vieram as fadas e uma disse: «eu te fado para que sejas a rapariga mais feia que ha no mundo». Disse a outra: «eu te fado, para que tu quando fôres a fallar não deites senão porcarias pela bocca fóra». E disse a terceira: «eu te fado para que tu sejas a rapariga mais pobre que ha no mundo». A filha da mestra veio para casa e julgava que vinha muito bonita. Quando chegou ao pé da mãe começou a fallar e a mãe pôz-se a chorar muito

desconsolada por vêr a filha assim. De raiva mandou metter a menina na cozinha, dizendo que ella era a gata borralheira e que não havia de sahir mais de lá. Um dia a mestra e a filha foram ás cavalladas (*sic*), e a menina depois de ellas sahirem pediu á varinha de condão, que lhe dêsse um vestido muito rico, botas e chapéo, tudo completo. Depois arranjou-se, foi para as cavalladas, e ficou mesmo defronte da tribuna do rei. A filha da mestra viu a e pôz-se a gritar no meio de todos: «oh! mãe, oh! mãe, aquella é a gata borralheira!» A mãe entrou a dizer-lhe que não era, que se callasse, porque a gata borralheira tinha ficado em casa, fechada á chave. A menina ainda bem não estavam acabadas as cavalladas, foi-se embora, mas o rei ficou muito apaixonado por ella. A mãe mal chegou a casa perguntou á gata borralheira se tinha sabido. Ella disse que não, e mostrou a cara toda mascarrada. No outro dia pediu a menina á varinha de condão, que lhe dêsse um fato ainda mais rico. Arranjou-se e foi outra vez para as cavalladas. O rei mal que a viu ficou muito contente, mas ainda bem não estavam as cavalladas acabadas, a menina metteu-se na carruagem e foi-se embora. O rei com mais paixão ficou ainda por ella. No terceiro dia pediu a menina á varinha de condão, que lhe dêsse outro fato ainda mais rico e outros sapatos, e foi para as cavalladas. O rei quando a viu ficou muito satisfeito, mas ainda bem não estavam as cavalladas acabadas, já a menina se tinha vindo embora. A menina quando ia a entrar para a carruagem com a pressa deixou cahir um sapato. O rei apanhou-o, depois foi para o palacio e adoeceu de paixão. O sapato tinha umas letras, que diziam: *este não servirá sendo á propria dona*. Correu-se todo o reino para vêr a quem servia o sapato. A ninguem servia. Já não faltava senão a casa da mestra, e ella foi ao paço a vêr se o sapato lhe servia; mas não o pôde calçar. Depois foi a filha da mestra, mas tambem o não pôde calçar. Faltava só a gata borralheira. O rei perguntou quem vinha agora provar o sapato, e se havia mais alguem naquella casa. A mestra respondeu que não havia ninguem. O rei disse que havia de haver por força. A mestra tornou a dizer que não havia ninguem; mas o rei tornou a teimar e a dizer-lhe que havia de haver alguem a quem servisse aquelle sapato. A mestra disse então que só tinha uma gata borralheira, mas que ella não calçava d'esses sapatos. O rei ordenou-lhe então que a trouxesse alli, e a mestra não teve mais remedio senão trazer a menina. O rei então provou-lhe o sapato, que lhe serviu logo. Depois mandou-a vir para o palacio, casou com ella e mandou matar a mestra e a filha.

(Lisboa).

XIX

AS TIAS

Havia uma velha que tinha uma neta, e estando esta um dia á janella, passou sua magestade e gostou muito d'ella. Bateu á porta e

vindo a velha abrir-lhe perguntou o que sua magestade desejava. O rei respondeu que queria vêr uma menina, que tinha visto á janella. A velha então disse-lhe que a menina que elle tinha visto, lhe faria uma camisa que passava pelo fundo de uma agulha. O rei lhe disse, que se ella a fizesse, casaria com ella, e se assim não fosse, a mandaria matar. Depois do rei se ir embora a menina pôz-se a chorar, porque não tinha dito tal coisa. Apareceu-lhe uma mulher e disse-lhe que se não mortificasse, que ella lhe faria a camisa, se ella no dia do casamento lhe chamasse «tia» diante de toda a gente ao jantar. A menina disse que sim. Depois appareceu a camisa feita e foi dada ao rei. Este lhe disse que ainda não estava contente, e a avó lhe disse que a neta era capaz de ouvir o que se dizia a tres leguas de distancia. Sabendo isto a menina começou de novo a chorar e a mulher lhe tornou a apparecer dizendo-lhe, que se ella lhe chamasse «tia» diante de toda a gente no dia do casamento lhe diria o que o rei havia de dizer numa caçada a que tinha ido a tres leguas de distancia. A menina disse que sim, e a mulher disse-lhe o que o rei tinha dito na caçada. A avó foi logo dizer a sua magestade e não ficando ainda este contente, a avó lhe disse que a neta era capaz de fiar uma meada de linho em meia hora. Sabendo-o a menina pôz-se outra vez a chorar, por não o poder fazer. Apareceu-lhe outra vez a mulher que costumava e lhe disse o mesmo. A menina respondeu-lhe que sim, e a meada appareceu-lhe logo fiada. Chegou o dia do casamento e casou o rei com a menina e estando ao jantar sentiu-se bater á porta. Entrou uma mulher muito feia com uns olhos muito grandes e a menina levantou-se logo e lhe disse: «boas tardes, minha tia, deite-me a sua benção!» Ficou toda a gente admirada de vêr semelhante mulher, e ella disse ao rei que tinha os olhos assim que era de fazer uma camisa, que passasse pelo fundo d'uma agulha. D'ahi por um bocado se tornou a sentir bater á porta e appareceu outra mulher com umas orelhas muito grandes. A menina levantou-se logo e lhe disse: «boas tardes, minha tia, deite-me a sua benção!» Toda a gente ficou admirada, e a mulher disse ao rei que tinha as orelhas grandes que era de ouvir o que se passava a tres leguas de distancia. D'ahi a bocado bateram outra vez á porta e entrou outra mulher muito feia com uns braços muito grandes. A menina levantou-se logo e disse: «boas tardes, minha tia, deite-me a sua benção!» Todos ficaram muito admirados, e a mulher disse ao rei, que tinha assim os braços que era de fiar uma meada em meia hora. O rei então se levantou e disse á rainha, que não queria nem que ella fizesse a camisa, nem que ouvisse o que se dizia a tres leguas de distancia, nem que fiasse a meada em meia hora. E é assim que ella se livrou do que a avó tinha dito ao rei.

(Ibba de S. Miguel).

XX

A POMBA

Era uma vez um rei, que tinha um filho. Este filho gostava muito de uma menina, mas ella, quando estava para casar com elle morreu. O principe adoeceu de paixão e não comia nem bebia nem se ria. O rei não sabia já o que havia de fazer. Mandou arranjar um tanque de azeite para alli virem todos encher. Mas o principe não se ria. O rei mandou então fazer um tanque de vinho. Vieram todos para beber, mas o principe tambem se não ria. Finalmente o rei mandou fazer um tanque de leite, onde todos vieram e onde veio tambem uma velhinha. Como ella estivesse a gritar muito para encher, o principe riu-se, e a velha julgando que elle estava a fazer escarneo d'ella, disse-lhe, que não lhe contava as tres cidras do amor. O principe chamou-a e disse-lhe, que com pena de morte lhe havia de contar as tres cidras do amor. A velha ensinou-lhe então que fosse á Estrella ¹ (*sic*), e que se o leão estivesse com os olhos abertos, que estava a dormir, e que se estivesse com os olhos fechados, que estava acordado. Que o leão havia de ter uma chave na bocca, que lh'a tirasse e que abrisse o armario do lado direito; depois que tirasse tres garrafas e abrisse o armario do lado esquerdo e tirasse tres cartuchos. E que se viesse logo embora e que não abrisse as garrafas senão ao pé de agua. O principe assim fez. Foi á estrella, viu o leão, abriu os armarios e tirou as garrafas e os cartuchos. Quando vinha para o palacio, olhou para traz e viu o leão. Atirou-lhe com um cartucho e tornou-se num enxame de abelhas. O leão rompeu o enxame e correu atraz do principe. Elle atirou-lhe o segundo cartucho e tornou-se num nevoeiro de mosquitos. O leão ainda rompeu o nevoeiro e continuou a correr atraz d'elle. O principe então atirou-lhe o terceiro cartucho e tornou-se num nevoeiro de sal (*sic*). Onde o leão não ponde romper este nevoeiro. O principe seguiu para diante e abriu uma garrafa. Sabiu logo d'ella uma menina muito bonita que disse: «dá-me agua, senão morro!» Como não havia alli agua, a menina morreu. O principe abriu a segunda garrafa. Sabiu outra menina de dentro que lhe disse tambem: «dá-me agua, senão morro!» O principe disse, que não a tinha e a menina morreu. Um criado, que o principe levava consigo, pediu-lhe que não abrisse a outra garrafa, que elle ia adiante vêr se encontrava um tanque d'agua. Encontrou-o, veio chamar o principe e ao pé da agua abriram a ultima garrafa. Sabiu logo uma menina mais linda que as outras duas, que disse: «dá-me agua, senão morro!» O principe disse-lhe que tinha agua, mas não tinha aonde a dar. Depois ti-

¹ Quem narrou este conto, não sabe o que esta palavra quer dizer. Não haverá aqui uma localisação no leão do jardim da Estrella (Lisboa) ainda hoje lembrado?

rou o chapéo e deu-lhe a beber por elle. A menina viveu. O principe levou-a, cobriu-a com a sua capa e deixou-a em cima de uma arvore, até ir buscar a côrte. O principe demorava-se tres dias e a menina ficou sósinha. Veiu uma preta¹ etc. (O final do conto é identico ao dos n.ºs n e m).

(Lisboa).

XXI

O COELHINHO BRANCO

Era uma vez uma princeza, que costumava pentear-se todos os dias á janella do sen palacio, que deitava para o jardim. Todos os dias vinha um coelhinho branco muito lindo, e uma vez estando-se a princeza penteando veiu o coelho e levou-lhe o pente. Passados dias estando outra vez a princeza a pentear-se veiu o mesmo coelho e levou-lhe o laço, e passados mais uns dias tendo a princeza tirado um anel e posto na janella o coelho tornou a apparecer e levou-o. Passaram-se uns poucos de dias e o coelho nunca mais voltou. A princeza com muitas saudades de elle não apparecer adoeceu. Vieram os medicos e não atinaram com a molestia. O rei muito afflicto por vêr que a filha não podia resistir á doença não fazia senão chorar. A princeza tinha uma aia, que era muito sua amiga, e que sabia porque ella estava doente. A princeza sonhou uma noite, que bebendo um copo d'agua d'uma fonte que havia no meio de um bosque distante do palacio lhe daria saude. Pediu á aia que lh'a fosse buscar, porque só da sua mão a queria beber, que só nella confiava. A aia foi, chegou á fonte e quando ia a encher o copo, vê abrir-se o chão e sahir um preto com um burro carregado com barris. Ella escondeu-se e o preto encheu os barris, carregou o burro e foi-se embora. A aia foi atrás d'elle, e o preto, chegando ao sitio por onde tinha apparecido, disse: «abre-te chão!» Immediatamente o chão se abriu e appareceu um palacio muito rico. A aia entrou e escondeu-se muito admirada por vêr semelhante riqueza. O preto veiu e trouxe uma bacia e um jarro de ouro, deitando os barris d'agua dentro da bacia; depois foi-se embora. D'ahi a pouco viu ella vir o coelhinho branco, que costumava ir ao jardim da princeza. O coelho metteu-se na bacia de agua e fez-se logo num formoso principe. Abriu uma gaveta e tirando um pente, um laço e um anel começou a dizer:

—Pente, laço, anel de minha senhora,
Vejo a ti, não vejo a ella,
Ai! de mim, que morro por ella!

¹ O titulo do conto é tirado da ave (pomba) sob cuja fôrma a preta encontrou a menina, como nas demais versões.

Depois arrecadando tudo voltou a banhar-se, tornou-se logo no coelho e fugiu. A aia quando se viu só, chegou ao sitio por onde tinha entrado e disse: «abre-te chão!» O chão immediatamente se abriu, sahiu ella e chegou ao palacio muito contente com a agua da fonte. A princeza bebeu-a e começou a achar-se melhor. A aia então contou-lhe o que tinha visto, e a princeza ainda mais contente ficou. Depressa se achou boa, e foi um dia passear mais a aia ao mesmo sitio da fonte e esconderam-se. D'ahi a pouco tempo abriu-se o chão e appareceu o preto. Encheu os barris, carregou-os no burro, e foi-se embora. Chegou ao tal sitio e disse: «abre-te chão!» Immediatamente o chão se abriu e appareceu um palacio muito rico. Ellas entraram e foram seguindo o preto sem que elle as visse, depois esconderam-se no mesmo sitio onde esteve a aia. O preto foi buscar a bacia e o jarro de ouro, despejou a agua dentro e depois foi-se embora. D'ahi por um bocado veio o coelhinho branco, banhou-se dentro da bacia e tornou-se num principe muito lindo. Abriu depois a gaveta, tirou o pente, o laço e o anel e começou a dizer:

— Pente, laço, anel de minha senhora,
Vejo a ti, não vejo a ella,
Ai! de mim, que morro por ella!

No mesmo instante appareceu a princeza, que lhe disse: «se morres por mim, aqui me tens!» Acabou-se immediatamente o encanto do principe, que ficou muito contente por tornar a vêr a princeza. Fez-se o casamento, casaram, e o pae d'ella ficou muito satisfeito.

(Ilha de S. Miguel).

XXII

A MENINA, QUE QUANDO SE PENTEAVA, LHE CAHIAM PEROLAS E ALJOFRES DA CABEÇA

Era uma vez uma mulher, que tinha um filho e uma filha. O filho era do mar, e a mãe, estando um dia muito mal para morrer, chamou a filha e disse-lhe: «aqui tens esta toalha e este pente; nunca te limpes a outra toalha, nem te penteies com outro pente senão com este». Depois morreu. Morrendo a mãe a menina cumpriu o que ella lhe tinha pedido. Mas quando se penteava com o pente, cahiam-lhe muitos aljofres e muitas perolas da cabeça; e quando se limpava com a toalha, a mesma coisa. A menina contou isto ao irmão, e elle disse-lhe que aproveitasse todas as perolas e aljofres e que fizesse raminhos. A menina fez então seis raminhos, e o irmão disse-lhe que em indo fazer uma viagem os levava, para os ir vender a um rei. Assim foi. D'ahi a algum tempo embarcou, chegou a uma terra e foi a palacio offerrecer ao rei se lhe comprava aquelles seis raminhos. Appareceu um criado e disse para lh'os dar, que elle os ia mostrar ao rei.

Elle não quiz e disse, que havia de ir pessoalmente á presença de sua magestade, para ajustar o preço. Chegado á presença do rei, sua magestade achou os raminhos muito preciosos e raros, deu-lhe grande somma de dinheiro por elles, e perguntou-lhe onde é que tinha ido descobrir uma coisa tão fina. O rapaz declarou-lhe tudo como era. Contou-lhe que a mãe, quando morrera, dera á irmã uma toalha e um pente, e que todas as vezes, que se limpava ou se penteava, lhe cahiam muitas perolas e aljofres. O rei disse-lhe então, que lhe havia de apresentar a irmã, a toalha e o pente; se fosse verdade o que elle dizia, que casava com a irmã, e se fosse falso, que havia de ir a morrer.

O rapaz voltou muito contente para casa e contou á irmã o succedido. A irmã muito contente tambem resolveu levar a toalha e o pente e ir com o irmão á tal terra, para casar com o rei. Mas antes de se ir embora, contou a uma visinha que ia ser rainha. A visinha pediu-lhe que lhe fizesse bem visto estar para ser tão rica e tão nobre, e que a deixasse ir na sua companhia mais uma filha que tinha.

Chegado o dia da partida embarcaram todos, ella, a visinha com a filha e o irmão. Quando iam pelo mar fóra a visinha deu uma bebida á menina para a envenenar. Sentindo-se a menina muito doente, vinha todos os dias o irmão saber d'ella. Um dia a visinha deu-lhe a bebida em tanta quantidade, que ella estava como morta. O irmão persuadido que ella tinha morrido com muita pena mandou-a deitar ao mar, como era costume. Depois começou a lamentar-se, que estava desgraçado, que a unica esperanza que tinha era na irmã. A visinha disse-lhe então, que dissesse elle ao rei, que a filha d'ella é que era a irmã e que a levasse a palacio. O irmão respondeu, que nisso não estava a duvida, mas que talvez que o pente e a toalha não fizessem o mesmo que á irmã. Experimentaram, mas não cahia nada, nem os aljofres nem as perolas. Disse a visinha que era por ser alli, mas que em chegando á presença do rei haviam por força de fazer o milagre. Chegaram á tal terra e caminharam todos para o paço. O rapaz apresentou a filha da visinha, o pente e a toalha, dizendo que era sua irmã. O rei ordenou logo que ella se limpasse á toalha, mas não cahia nada. Penteava-se com o pente, mas em logar de cahirem perolas cahia caspa. O rei muito zangado disse para o rapaz: «enganastes-me! vaes já para a prisão e depois vaes morrer!» Nisto um criado foi vêr se havia peixe á beira do mar para fornecer sua magestade, e chegando ali viu uma grande baleia que tinha dado á costa. Estava morta, mas dentro da barriga viu o criado uma coisa a mexer e ouviu uma voz dizer: «tirem-me d'aqui! tirem-me d'aqui!» O criado foi com muita cautella com uma faca e rompeu a pelle á baleia. Viu então a cabeça de uma menina e foi abrindo muito admirado a baleia toda e tirou a menina viva. Levou-a comsigo e disse-lhe que ella se havia de metter num quarto no palacio e não havia de dizer nada. A menina contou-lhe a sua vida toda e o que lhe tinha acontecido no mar e que uma baleia a tinha salvado. O criado então contou-lhe o

que a visinha tinha feito no paço com a filha e que o irmão estava preso para ir a morrer. Chegada ao palacio a menina ficou fechada num quarto. Todos os dias chegava á janella, e olhava para a porta da prisão onde o irmão estava mettido. Uma vez viu uma cadellinha que era d'ella e do irmão e disse para ella: «Cylindra, como está o meu irmão?» A cadella respondeu: — para ir a morrer, é hoje o primeiro pregão! — Ao segundo dia tornou a menina á janella e perguntou: «Cylindra, como está o meu irmão?» A cadella respondeu: — é hoje o segundo pregão! — O criado que a tinha librado e que viu isto, foi descobrir tudo ao rei. O rei disse: «se isso foi verdade, amanhã em ella fallando á cadella, chama-me que eu quero ir ouvir». No outro dia, quando se chegou á mesma hora o rei foi para a janella observar e ouviu a menina dizer: «Cylindra, como está o meu irmão?» Respondeu a cadellinha: — é hoje o ultimo pregão! — O rei que ouviu isto, ordenou que viessem todos á sua presença, onde veio (*sic*) a menina e o irmão. Depois ordenou que a menina se limpassem á toalha, e começaram logo a cabir aljofres. Ordenou que se penteasse com o pente e começaram logo a cabir muitas perolas, como as que estavam no ramo. Então o rei mandou matar a visinha e a filha e casou com a menina, e o irmão ficou sendo cunhado do rei.

(Lisboa).

XXIII

A PRINCEZA ENCANTADA

Era uma vez um principe que andava a passear num jardim, muito triste. Passou uma menina por elle e disse-lhe: «salve Deus, principe! que tendes, que estaes tão triste?» O principe respondeu-lhe: — as minhas tristezas ninguém as póde remediar! A menina tornou a dizer-lhe: «quem sabe? póde ser que eu as possa arremediar, que eu trago uma coisa commigo, que dá remedio para tudo». E neste comenos puchou por uma varinha. O principe assim que viu a varinha logo se lembrou, que ella era uma fada. Sentou-se ao pé da menina e disse-lhe que estava apaixonado por uma princeza, que estava encantada. A fada, disse-lhe: «olha, vae andando por ahí fóra a cavallo. O cavallo ha-de dar tres patadas, uma á sahida do teu palacio, outra ao meio do caminho, e a outra quando chegares ao pé de um palacio que has-de encontrar. A' entrada d'esse palacio hão-de estar dois leões. Se os vires com os olhos fechados é porque estão acordados, e se os vires com os olhos abertos é porque estão a dormir. Se elles estiverem acordados e que te não deixarem passar, deita-lhe tres cartuchos, um de cinza, outro de areia e outro de agua. Se estiverem a dormir, entra então no palacio, que has-de encontrar num dos quartos tres caixas. Essas caixas, toma bem cuidado, não as pódes abrir senão onde houver agua». Depois a fada, quando acabou de dizer isto, foi-se embora. O principe montou logo a cavallo. O cavallo deu uma

patada, quando sahiu do palacio, deu outra ao meio do caminho, e deu outra quando chegou em frente de um palacio muito rico. O principe apeou-se e viu os leões a dormir com os olhos abertos. Entrou, foi ao tal quarto, viu as tres caixas e tirou-as. Depois montou a cavallo outra vez e veio-se embora. Andou, andou, mas não encontrava agua, e estava com muita curiosidade de vêr o que levavam as caixas. Abriu uma e olhando para dentro viu uma menina, que lhe disse: «dá-me agua, senão morro!» Como não havia alli agua a menina morreu. O principe continuou a andar. Mais adiante sentiu muita curiosidade de saber o que levava a segunda caixa. Abriu-a e appareceu-lhe outra menina, que mal o viu, lhe disse: «dá-me agua senão morro!» Como não havia agua alli, a menina morreu tambem. Foi andando outra vez mas já muito triste, e encontrou um chafariz, com uma grande arvore de sombra. O principe sentou-se um bocado a descansar, e depois abriu a caixa mesmo ao pé da agua. Appareceu-lhe outra menina, que lhe disse: «dá-me agua, senão morro!» O principe deu-lhe de beber e sahiu da caixa uma princeza muito formosa e muito bem vestida. O principe disse-lhe, que se sentasse numa escada de pedra, que havia debaixo da arvore, enquanto elle ia buscar o rei para a vêr. Neste entretanto veio uma preta buscar agua ao chafariz. (D'este ponto em diante o conto segue como nos numeros anteriores).

(Lisboa).

XXIV

AS POSTAS DO PEIXE

Havia numa terra um homem, que era pescador, e um dia indo á pesca agarrou um peixe muito bonito. O peixe, quando se viu apanhado e na terra, disse ao pescador que o tornasse a deitar para a agua, que elle lhe promettia uma grande pescaria, e que se outra vez o tornasse a apanhar então o levaria. O pescador assim fez e nesse dia foi tão grande a pesca, que elle já não sabia o que havia de fazer de tanto peixe. Passados alguns dias tornou a pescar no mesmo sitio e agarrou outra vez o tal peixe bonito. Então o peixe disse ao pescador: «leva-me para tua casa e faz de mim doze postas, e darás tres á tua mulher, tres á tua egua, tres á tua cadella e tres enterra-as no teu quintal». O pescador assim fez e passado um anno a mulher tinha tido tres meninos, a egua tres cavallos, a cadella tres leões e no quintal tinham nascido tres lanças.

Quando os filhos chegaram a ser homens pediram ao pae que dêsse a cada um, um cavallo, um leão e uma lança e licença para irem viajar. O pae e a mãe com muito custo lhe deram licença e elles foram por uma estrada fóra e chegaram a um sitio em que a estrada se dividia em tres. Então cada um tomou pela sua, o mais velho pela da esquerda, o do meio pela direita, e o mais novo pelo meio. Mas antes de se separarem combinaram de se juntar naquelle mesmo sitio

d'ahi a um anno. Despediram-se depois e cada um partiu para o seu destino. O mais velho, depois de ter andado muitos dias sem encontrar uma terra, chegou a uma onde havia uma torre muito grande. Foi ficar numa casa e ao fim de uma semana casou com a dona d'ella e depois de casado perguntou á mulher que torre era aquella e a mulher lhe disse, que era a «torre da morte» que quem lá vae não volta. O rapaz disse: «pois eu hei-de ir e voltar!» A' noite quando se deitou pôz a lança entre elle e a mulher, e no outro dia foi direito á torre com o seu leão. Bateu á porta e veio uma velha, que lhe perguntou o que elle queria, e elle lhe respondeu que queria vêr a torre. A velha lhe disse então, que se elle queria, que fossem antes a uma lucta, ao que o rapaz disse que sim, e a velha lhe pediu que prendesse o seu leão com um cabello d'ella, porque tinha muito medo d'aquelles animaes. O rapaz disse que sim e a velha lhe deu um cabello com que elle prendeu o leão. Depois começaram a luctar e o rapaz, quando se viu muito afflicto com a velha, disse: «avança, meu leão!» e a velha respondeu: — engrossa, meu cabellão! — e então o cabello que prendia o leão se tornou numa corrente muito forte. A velha venceu o rapaz e depois de o deitar ao chão cortou-lhe a cabeça e deitou-o para uma casa que tinha debaixo do chão e tornou para dentro da torre.

Passado o anno chegaram os dois irmãos mais novos ao sitio em que tinham combinado encontrar-se e como o irmão mais velho não chegava esperaram por elle alguns dias e não o vendo chegar foram para casa imaginando que elle lá estivesse. Quando lá chegaram e o não viram, o do meio pediu licença ao pae para ir em busca do seu irmão mais velho. O pae disse-lhe que sim e elle foi pelo mesmo caminho que o irmão tinha tomado. Passados alguns dias foi ter á mesma terra e foi ficar á mesma casa e tambem casou com a mesma mulher que tinha sido do irmão. Depois perguntou-lhe se ella tinha dado fé de, haveria um anno, ter ido por alli um homem com um cavallo igual ao seu e um leão e uma lança. A mulher disse-lhe que tinha alli chegado um homem, havia um anno, e que tinha casado com ella e que no outro dia tinha ido á «torre da morte», que quem lá vae não volta, e que foi e não voltou mais, como já tinha acontecido a muitos homens. Então o rapaz disse para a mulher: «pois eu hei-de ir, e hei-de voltar!» A' noite tambem pôz a lança entre elle e a mulher, e no outro dia pela manhã foi mais o leão até á «torre da morte». Quando bateu appareceu-lhe a velha que tinha matado o irmão, e tambem jogou uma lucta com ella, depois de ter prendido o leão com um cabello da velha. Quando se viu afflicto chamou pelo leão, dizendo: «avança, meu leão!» mas a velha disse: — engrossa, meu cabellão! — e, deitando o rapaz a terra, cortou-lhe a cabeça e deitou-o para a mesma casa debaixo do chão aonde estava o irmão mais velho, e foi para a torre. Tinha já passado um anno e vendo o irmão mais novo, que seus irmãos não vinham, elle pediu licença ao pae para os ir procurar. O pae disse-lhe: «então tu, meu filho, queres-me

deixar e ficar por lá morto ou vivo, como ficaram teus irmãos?» O rapaz respondeu-lhe:—deixe-me ir, meu pae, que eu lhe prometto, que d'aqui a um anno aqui hei-de estar com meus irmãos e com muita riqueza!—O pae sempre o deixou ir e elle foi pelo mesmo caminho que já tinham levado seus irmãos e foi ter á tal terra. Casou tambem com a mulher, que tinha casado com os irmãos, e perguntando-lhe elle se ella sabia dar informações de dois homens, que por alli deviam ter passado, um ha dois annos e outro ha um anno, a mulher lhe respondeu que sim, que tinham casado com ella e que no outro dia pela manhã tinham ido á «torre da morte» que quem lá vae não volta, e que lá tinham ficado. Então o rapaz disse: «pois eu hei-de ir, e hei-de voltar!» E no outro dia, depois de ter dormido e ter deitado a lança entre elle e a mulher, foi-se até á «torre da morte» com o seu leão. Chegou, baten á porta e veiu a velha abrir-lhe. O rapaz disse-lhe que queria ir vêr a torre, ao que a velha lhe respondeu que sim, mas que haviam primeiro de jogar a uma lucta. O rapaz disse-lhe que sim e a velha tambem lhe pediu como aos outros, que prendesse o leão com um cabello d'ella, porque tinha muito medo d'aquelles bichos. O rapaz disse-lhe que sim, mas em lugar de prender o leão deitou o cabello para cima de um muro, e quando andava a luctar e viu que não podia vencer a velha disse: «avança, meu leão!» A velha disse tambem:—engrossa, meu cabellão!» mas como o leão não estava preso deitou-se á velha e malhou ¹ com ella no chão. O rapaz ia para lhe cortar o pescoço, quando ella lhe pediu que não a matasse, que ella lhe daria seus irmãos e lhe deixaria vêr a torre. O rapaz então não a matou, mas deixou-a sempre segura pelo leão e foi vêr a torre, e encontrou lá tres princezas que estavam encantadas. Trouxe-as para baixo e depois disse á velha que lhe fosse mostrar onde estavam os irmãos. A velha levantou o alcapão e disse-lhe que decesse ² lá ao fundo, que os encontraria, mas o rapaz não quiz ir só e fez com que ella fosse adiante. Quando chegou ao fundo, viu muitos homens mortos em monte e para outro lado as cabeças. Elle então disse á velha: «como me has-de tu dar meus irmãos se elles teem a cabeça cortada?» Ella lhe respondeu:—vae áquelle armario e traz de lá uma panela, que está cheia de gordura e unta com ella o pescoço a teus irmãos, depois ajunta-lhe as cabeças, que elles ficam logo curados, mas com a condição, que hão-de ser só os teus irmãos. — O rapaz disse, que haviam de ser todos os homens que alli estavam, e, como a velha não quiz, elle matou-a. Depois foi buscar a gordura, untou os pescoços a todos e elles se levantaram e sabiram para as suas terras. O rapaz e mais os dois irmãos casaram então cada um com sua princeza e foram para os seus reinos, depois de levarem ao pae muitas riquezas.

(Meãs, c. de Montemor-o-Novo).

¹ Malhar, do lat. *malleare* = bater com um martello ou malho. Cahir no chão como o malho ou martello cahe na bigorna, i. é, com muita força.

² Por «descesse».

XXV

O PRINCEPE DE CABEÇA DE CAVALLO

Havia um rei, que tinha casado havia uns poucos de annos, mas não tinha filhos. Tinha por isso muita pena, mas maior pena tinha ainda a rainha. Um dia que ella estava muito triste pediu muito que Deus lhe dêsse um filho, ainda mesmo que tivesse uma cabeça de cavallo. Quando depois foi ao jardim encontrou uma velha, que lhe disse: «já sei que estaes muito triste por não terdes filhos, pois digovos que dentro em nove mezes haveis de ter um filho. Mas quanto melhor seria que o não tivesseis!! Porque em lugar de cabeça de homem ha-de trazer cabeça de cavallo». A rainha affligiu-se muito, mas ao mesmo tempo ficou contente porque tinha um filho. Effectivamente d'ahi a pouco a rainha encontrou-se pejada e passado o tempo competente deu à luz um principe com cabeça de cavallo. Houve muitas festas na côrte, mas todos se affligiam de olhar para o principe e de o vêr com cabeça de cavallo. O principe foi crescendo, foi crescendo, e todos se foram acostumando a olhar para elle e já lhe não encontravam cabeça de cavallo. Chegou à idade em que os paes determinaram a casa-lo. Mandaram o retrato d'elle para todas as cidades, a vêr se haveria uma princeza, que com elle quizesse casar. Mas nenhuma o queria e todas diziam: «eu caso lá com um principe que tem uma cabeça de cavallo! d'aqui a dois dias temos filhos, cavallos completos!» O principe estava muito triste por não encontrar noiva e todos lhe diziam para o consolar, que havia de a encontrar. Procurou-se em toda a côrte, mas nenhuma princeza quiz. Resolveu então o rei publicar um bando, dizendo que toda aquella rapariga, fosse pobre, fosse rica, teria um bom dote, um lindo enxoval e todas as regalias de princeza, querendo casar com o principe. Nenhuma quiz. Apenas houve uma rapariga muito pobre e mal vestida, que disse que acceitava. Esta rapariga tinha tres irmãs e mal ellas lhe ouviram dizer que acceitava, começaram a descompô-la e a bater-lhe, dizendo: «não tem vergonha! pobres tambem nós somos e mais velhas, mas não quizemos casar com um principe de cabeça de cavallo!» A menina não se importou com o que as irmãs diziam e teimou que havia de casar com o principe. Immediatamente lhe appareceu tudo quanto ella necessitava para se vestir e ao mesmo tempo appareceu um bando na cidade em que o principe ia casar dentro de tres dias e que antes do casamento havia de haver grandes festas, sendo a principal as cavalhadas. O principe ia todos os dias fallar com a menina. No ultimo dia, quando iam a passar as cavalhadas por casa da menina, atraz de todos ia um cavalleiro muito bonito e que montava muito bem, e quando a comitiva acabou de passar, disseram as irmãs: «se ao menos a nossa irmã quizesse casar com aquelle cavalleiro tão lindo, que tanto olhava para cá!» e começaram outra vez a descompô-la e a

bater-lhe, dizendo-lhe: «não tens vergonha, vaes casar com um homem que tem cabeça de cavallo, só para seres princeza!» A menina tão apouquetada se viu pelas irmãs, que disse: — não me descomponham nem me batam mais, porque aquelle cavalleiro que ia atraz da comitiva a olhar muito para cá, é o principe. — No mesmo instante entrou um corvo pela janella e começou a dar muito com as azas na menina e a picar-lhe, dizendo: «ingrata! ingrata! que quebrastes o meu encanto! se me quizeres tornar a encontrar, has-de gastar umas botas de ferro para ires á «Torre do Corvo». Has-de entrar, has-de esperar a occasião de me deitares as mãos ás azas, pois só assim tornarei a ser teu e tu minha. E se não tiveres a coragem para tanto não me tornarás mais a vêr!» Ditas estas palavras, o corvo sahiu pela janella fôra e tomou o mesmo caminho por onde tinha vindo. A menina ficou muito triste e principiou a chorar, dizendo: «p'ramor de minhas irmãs é que estou desgraçada!» Depois mandou fazer umas botas de ferro, e assim que ellas vieram, calçou-as e pôz-se a caminho sem se despedir de ninguem. Andou, andou, andou todo o dia e ao anoitecer viu uma cabana e encaminhou-se para ella. Estava a porta fechada e não viu ninguem, mas encheu-se de animo e bateu. Ouviu responder-lhe uma voz de velha: «quem 'stá ahí?» A menina disse: — uma pobre desgraçada, que pede agasalho! — A velha abriu a porta e deu com a menina, que lhe contou que andava perdida e que pedia para ficar alli aquella noite. A velha disse-lhe então: «eu dava agasalho, mas o meu filho é o vento sul e não sei o que lhe fará se a vir!» A menina respondeu: — não importa. Paciencia! se me matar, matou!... — A velha teve muita pena da menina e disse-lhe: «metta-se dentro d'esta arca. A menina mettu-se e a velha tapou a arca, depois a menina contou-lhe a sua historia e pediu-lhe que contasse ao filho se sabia onde era a Torre do Corvo. A velha prometteu de indagar. Apenas a arca se tapou sentiu-se um grande barulho e uns grandes empurrões á porta. A velha foi abrir e entrou o vento sul fazendo vuuuu..... vuuuu..... vuuuu..... e dizendo: «oh! minha mãe, aqui cheira-me a carne humana». A mãe disse: — oh! filho, socega, não é nada. E quando o vento serenou, contou-lhe o que se tinha passado, pedindo que lhe dissesse se sabia onde era a Torre do Corvo. O filho disse: «eu não sei, mas quem ha-de saber é o vento norte». Depois ensinou á menina onde era e disse-lhe que uma vez que ella tinha botas de ferro, que só as estragava ourinando-lhe em cima, porque de outra maneira podia andar annos e annos, que as não rompia. O vento depois foi-se deitar. De madrugada abriu a porta e foi-se. Apenas elle sahiu a velha foi á arca e contou á menina tudo quanto o filho lhe tinha dito para ella e mandou-a embora. A menina agradeceu muito e pôz-se a caminho e foi sempre ourinando nas botas. Andou, andou, andou, e ao anoitecer viu outra choupana. Resolveu-se a bater. Veiu uma velha que lhe disse, que o seu filho era o vento norte. A menina pediu-lhe para alli ficar aquella noite e para indagar do filho onde era a Torre do Corvo, porque lhe tinham dito

que o vento norte é que devia saber. D'alí a pouco entrou o vento norte pela porta dentro fazendo: «vuuu.... vuuu....» e gritando: «oh! mãe, aqui cheira a carne humana!» A mãe disse: — socega, meu filho, socega, não é nada — e quando o vento norte socegou, contou-lhe tudo e perguntou-lhe se sabia onde era a Torre do Corvo. Elle disse-lhe, que dissesse á menina que não sabia nada, mas que quem devia saber era o vento nordeste. O vento sahiu e a velha depois foi abrir á menina, contou-lhe tudo e recommendou-lhe que ourinasse nas botas. A menina pôz-se a caminhar e foi ouirinando nas botas e olhando sempre para ellas, para vêr se estavam rotas. Ao principio estava muito triste porque as botas estavam sem se romperem, mas depois começaram a estar mais contente porque as viu fazerem-se encarnadas. Andou todo o dia e só á noitinha é que viu outra choupana. Bateu, appareceu-lhe uma velha e disse-lhe a mesma coisa. A menina pedin-lhe muito, que lhe dêsse agasalho e que perguntasse ao filho onde era a Torre do Corvo, porque lhe tinham dito, que elle é que sabia. A velha fechou-a na arca e d'alí a pouco veio o vento nordeste fazendo: «vuuu.... vuuu.... vuuu.... oh! mãe, aqui, cheira-me a carne humana!» A mãe disse-lhe: — socega, meu filho, não é nada». E quando o vento socegou, disse-lhe que estava alli uma menina, que queria saber onde era a Torre do Corvo. O vento nordeste disse-lhe que sabia, mas que ainda faltava muito caminho e que só lá chegava no fim de tres noites e havia de andar sem descanso. Depois disse mais á mãe, que a menina não podia lá entrar, porque estavam lá muitos corvos que não deixavam entrar ninguém, porque estava lá um principe encantado, e que elle já sabia que a menina andava á procura d'elle. Que se o queria apanhar, que esperasse que os corvos todos estivessem dentro do torre, porque não lhe faziam mal, e que o corvo maior é que era o principe. Que se chegasse o mais perto possivel d'elle e que lhe deitasse as mãos ás azas e que o não largasse, porque se d'esta vez fugisse, não o tornava mais a vêr. Depois o vento nordeste foi-se embora. A menina pôz-se a caminhar, e tres dias e tres noites não descansou. Já tinha as botas todas rôtas e ao terceiro dia já não podia quasi que andar, porque os bicos de ferro mettiam-se-lhe pelos pés. Chegou afinal á Torre do Corvo e esperou a occasião de poder entrar. Foi-se chegando o mais perto possivel do corvo maior e quando elle estava entertido a cantar, deitou-lhe as mãos ás azas, dizendo: «estás seguro, já és meu!» O corvo quiz fugir, mas reparou e viu que era a sua menina e fez-se logo num principe e todos os corvos em fidalgos e a torre numa côrte. O principe depois casou com a menina, e as irmãs em castigo foram mettidas numa prisão.

(Lisboa).

MISCELLANEA

I

Vocabulos esclavónicos em portuguez

MOSCOU OU MOSCÓVIA?

Ninguem ha que não conheça na primeira destas fórmās, o nome da segunda cidade do grande imperio russo, e que antes foi a sua capital. Os nossos chamaram-lhe «Moscovia», como a *Warszawa*, chamaram «Varsovia», e a *Krakau* «Cracovia». Ha talvez uns cincoenta annos que a fôrma franceza *Moscou*, isto é, *moskú* entrou nos nossos compendios de geografia, pronunciada porém como *muzkô*, lendo-se a fôrma franceza como se fosse portuguesa.

Qual foi a origem daquela?

Em russo escreve-se o nome desta cidade *Moskva*, recaindo o accentto tónico na última sílaba *moskvá*. O accusativo deste nominativo é *Moskvú*, que sempre ouvi pronunciar ali como *maskuí*. E como o accusativo é fôrma frequentissima em nomes de logares, por ser o caso empregado para designar o logar para onde se vai, ou se manda, os francezes adoptaram o nome russo com a fôrma que mais ouviam usar. A fôrma portuguesa verdadeira é todavia *Moscovia*, como se vê da denominação de certo couro lavrado, a que chamámos «couro de Moscovia», e do derivado «moscovita», e esta fôrma deveria ser adoptada nos compendios de geografia portuguesa em vez da afrancesada *Moscou*.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

II

CONSULTA A UM SALUDADOR NO SEC. XVIII

A serie de phenomenos conhecida com o nome de hypnotismo não é decerto moderna, a observação, porém, fleumatica exercida sobre as manifestações nervosas é-o certamente. A leitura dos processos inquisitoriaes revela a existencia dos mesmos phenomenos que hoje se attribuem a um exaggerado requinte de civilisação, e que naquelle tempo ora se attribuião a deus ora ao diabo. Se nos voltamos para os povos naturaes ainda encontramos, e então com a maior expontaneidade, a suggestão e outros nervosismos cultivados com paixão.

O documento que agora apresentamos — uma simples denuncia, sem procedimento ulterior — resume-se num certo individuo atacado duma doença que os medicos não conseguirão debellar, acudir a um saluador para este fim.

O saluador informou-o que a doença provinha de feitiços e que o unico remedio consistia em dirigir-se á causadora do mal e pedir-lhe que lhe tirasse a molestia. Assim succedeu e o doente curou-se. Mas — e isto prova a pouca força de resistencia do denunciante — sobreviêrão-lhe escrúpulos de consciencia que elle curou com a confissão perante o representante do Santo Officio em Abrantes. Esta denuncia podia ser grave ao accusado se elle não tivesse já morrido. Na denuncia tambem foram comprehendidos o *curandeiro* e alguns *exorcistas* (clerigos habéis na expulsão dos espiritos ou epilepsia).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Termo de denuncia que dá Domingos Lourenço, da Freguezia de S. Pedro de Alvega, termo da Villa de Abrantes, de Luis, o Saluador, da Villa de Niza, e de Jozé Marques Cazadinho, do Casal da Ribeira de Fernando, da mesma Freguezia de S. Pedro de Alvega.

Aos dés dias do mez de Março de mil setecentos noventa e nove annos, nesta villa de Abrantes, e caza da minha residencia, pareceo perante mim Domingos Lourenço, cazado com Quiteria de Mattos, natural e morador na freguezia de S. Pedro de Alvega, termo desta villa, e por elle me foi dito que, achando-se elle enfermo com huma enfermidade dilatada sem experimentar allivio algum com os remedios da medicina, fora consultar a dita enfermidade com hum hum (*sic*) saluador da Villa de Niza chamado Luis Saluador, o qual lhe dice que com Maria Dias digo lhe dice que Maria Dias, filha de João Francisco, ia defunto, e de outra Maria Dias, do lugar da Concavada, da dita freguezia de S. Pedro de Alvega, lhe havia feito mal, que fosse ter com elle e lhe dicece por bom modo, que lhe tirace aquella molestia que padecia por que lha podia tirar, o que elle assim executou: e que suposto ella se sorrio quando lho dice, logo depois se foi achando melhor, ainda que alguns exorcistas o benzerão e derão azeite bento para beber e se untar o que tudo succedeo no verão proximo preterito do anno paçado. E que tambem Jozé Marques Cazadinho, do Casal da Ribeiro de Fernando, digo da Ribeira de Fernando (*sic*), que costuma dar mezinhas ainda que não he Cirurgião, nem Medico lhe dicera que a sua molestia erão feitiços, e que lhos havia dado hũa cazada que seria de idade de dezoitos annos e lhe dava a entender para que parte rizidia, suposto lhe não declarou o nome; e que este he da mesma freguezia de Alvega que quando fora fallar ao dito Luis, Saluador de Niza, hia tambem com elle denunciante hum João Ferrador, da villa do Sardoal, e ovio tudo quanto o dito Saluador lhe dice, e tambem dice ao mesmo João Ferrador que a dita Maria Dias, may da Delata, lhe havia feito mal a elle João Ferrador, porem,

que tem ouvido dizer que o dito Luis de Niza he falecido, que tudo o que tem deposto he verdade, foi notorio perante elle sobredito João Fernandes que fas esta denunciada perante mim como comisario do Santo Officio por descargar sua consciencia e não por dolo ou inimizade que tenha aos ditos Delatos, o que tudo se poem debaixo do juramento dos Santos Evangelhos que lhe foi dado de que fiz este termo que comigo assignou. Abrantes, Dia, mes e era retro. — O comisario Jozê Antonio Cardozo. — Domingos Lourenço. (Inquisição de Lisboa, n.º 17:092).

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS

Os Portuguezes e o gentio por Sousa Viterbo, Coimbra 1896 (extr. do *Instituto*, vol. XLIII).

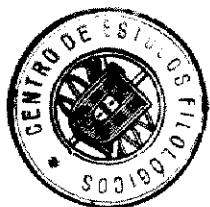
O sr. dr. Sousa Viterbo, com o louvavel empenho de tornar conhecidos muitos pontos obscuros da nossa historia, tem colligido na Torre do Tombo numerosos documentos que successivamente vae publicando em opusculos ou artigos. No opusculo cujo titulo me serve de epigraphe publica tres documentos que se referem ás relações de Portugal com a Serra Leoa; e precede as de umas interessantes observações a respeito dos portuguezes, que, deixando a vida civilizada, se misturavam com os gentios, adoptando-lhes os costumes, andando mesmo nus e tatuando-se. Numa Relação do Padre Fernando Guerreiro, publicada em 1605, chama-se *Tangos maos* a estes portuguezes «lançados com os Negros», isto é, passados á vida selvagem; o sr. dr. Sousa Viterbo aproxima, e creio que com razão, essa palavra de *Tangro-Mango* que apparece nas superstições populares portuguezas; em apoio d'isso, lembrarei que tambem no nosso povo se diz, se bem me lembro, *Tango-Mao* a par de *Tangro-Mangro*.

Na *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, Berlim 1895, fasc. 2.ª, pag. 212-213, vem um artigo de Ludwig Fränkel com algumas superstições populares portuguezas, resumidas da *Kölnische Volkszeitung*, onde tinham sido transcritas de uma carta de Lisboa. Estas superstições são: a de lavar as crianças na agna do S. Antonio, S. João e S. Pedro, a de queimar a alcachofra, e a de saber com quem se casará (moeda lançada na fogueira, etc.). — O auctor do artigo junta notas comparativas.

J. L. DE V.

CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Colhidos na tradição oral



XXVI

A ARANHA

Era uma vez um rapaz, e o pae e a mãe queriam que elle aprendesse um officio. Elle não teve outro remedio, e aprendeu o officio de çapateiro. Assim que o pae morreu não quis trabalhar mais e a mãe zangou-se muito com elle e pô-lo fóra de casa. O rapaz disse á mãe que havia de voltar d'alli a um anno muito rico, e que a primeira fêmea que encontrasse que havia de casar com ella. Depois levou uma alcôfa com as suas ferramentas de çapateiro e foi-se embora. Caminhou muitas leguas por dentro de mattos e vendo uma lage sentou-se em cima d'ella, e tirou um pão da alcôfa, começando a comer. Debaixo da lage sahü uma grande aranha e o rapaz mal a viu disse-lhe logo: «anda cá, que has de ser minha mulher». A aranha metten-se dentro da alcôfa, mas elle fez um buraco no pão que levava e fez com que a aranha se mettesse dentro. Foi andando, andando, e avistou ao longe uma casa velha. Entron, pôs a alcôfa no chão e a aranha sahü e foi trepando pela parede acima. Foi ter ao tecto da casa e principiou a fazer uma teia. O rapaz voltou-se para ella e disse-lhe: «assim é que eu gósto de vêr as molheres trabalhadeiras. A aranha não lhe respondeu nada. O rapaz foi procurar trabalho a uma aldeia proxima. Como lá não havia çapateiro, estimaram muito e deram-lhe que fazer. O rapaz como viu que ia tendo fortuna, arranjou uma criada para servir a sua senhora ¹, e trouxe-a para a casa velha onde estava a aranha. Trouxe um fogareiro e trouxe alguma louça para fazer o jantar. Depois deixou ficar a criada só com a aranha e elle sahü. A criada estava muito admirada e a aranha disse-lhe que abrisse uma porta que alli estava e que fosse á capoeira matar uma gallinha, e que fosse abrir o armario que lá encontrava tudo. Quando o rapaz veiu de fóra viu a casa barrida ², e um jantar com tudo que era bom. Voltou-se para a aranha e disse-lhe: «boa escolha tive eu na minha molher!». A aranha começou a fazer bordados e a deita-los para baixo. No fim de viverem assim um anno, o rapaz já estava muito rico e não pre-

¹ A aranha.

² Varrida.

cisava trabalhar pelo officio, porque lhe apparecia sempre tudo quanto era preciso. Disse então que queria ir á sua terra, que tinha ficado de visitar a mãe ao fim de um anno. Mandou apparelhar dois cavallos e disse para a criada: «tu vaes fazer as vezes de minha mulher, que eu vou dizer a minha mãe, que sou casado». A criada ficou muito satisfeita, montou a cavallo e foi com elle. A aranha desceu do tecto e foi á capocira e viu só um gallo. Depois montou-se nelle e foi andando atraz dos dois cavalleiros. Chegando ao matto, adonde estava a lage, pararam os cavalleiros e começaram a olhar para o chão. O gallo então principiou a dizer:

qui, quiri, qui,
qui, quiri, quinha;
elle é rei,
eu sou rainha!

Nisto abriu-se a lage e tornou-se num rico palacio. A aranha tornou-se numa formosa princeza, e casou com o rapaz que ficou sendo rei e ella rainha. Depois mandaram vir a mãe, e a criada ficou sendo aia.

(Lisboa).

XVII

A CARRAPATINHA

Era uma vez dois irmãos e uma irmã, e um dia disseram, que como tinham pouca fortuna, que iam correr terras. A irmã pediu que voltassem d'ahi a um anno para ella os vêr. Chegando a um caminho muito longe viram duas azinhagas ¹. Despediram-se e disseram que d'alli a um anno haviam de voltar áquelle mesmo sitio e que se haviam de ajuntar ambos. O mais velho foi ter a uma quinta onde ficou por caseiro. O mais novo foi andando e avistou um palacio muito velho, e como não tinha aonde dormir foi entrando e viu que era muito bonito por dentro, mas não tinha ninguém. Appeteceu-lhe cear e logo lhe appareceu uma boa mesa, com uma boa ceia. Depois appareceu-lhe uma boa cama para dormir. Quando estava dormindo sentiu entrar uma coisa muito fria na cama. Ao principio assustou-se, mas depois foi-se acostumando e todas as noites a tal coisa fria lhe entrava na cama e conversava muito com elle, e elle com ella. Chegando o fim do anno disse-lhe elle que tinha de ir esperar o irmão, para irem ambos á sua terra. Ella disse-lhe que sim e mandou-lhe apresentar no dia seguinte um feto completo, dinheiro e um cavallo. O rapaz caminhou até ao tal sitio e foi encontrar-se com o irmão. O irmão estava com as mãos muito negras de trabalhar e elle estava com ellas muito brancas porque em todo o anno não tinha feito nada. Chegaram a casa

¹ Caminhos estreitos e tortuosos.

e a irmã ficou muito contente. Quando elles se foram embora ella deu a cada um meio arratel de linho, dizendo que haviam de voltar d'alli a um anno e trazê-lo fiado. Os irmãos despediram-se e cada um foi para o seu lado. O mais novo mal chegou ao palacio disse á tal coisa, que se mettia com elle na cama e que era uma carrapatinha, que a irmã lhe tinha ordenado de levar aquelle linho fiado d'alli a um anno. A carrapatinha não fez caso e tomou aquillo por desprezo, e quando chegou ao fim do anno o rapaz perguntou-lhe por o linho para o levar á irmã fiado. Appareceu-lhe logo o linho muito bem arranjado e ella deu-lhe outro fato, dinheiro e um cavallo e elle foi-se encontrar outra vez com o irmão. O irmão trazia o linho d'elle na mão muito mal arranjado e muito amarello e perguntou ao mais novo: «que é do teu linho?» Quando soube que elle levava o linho dentro de um cestinho ficou muito admirado. Chegando os dois a casa da irmã ella ficou tambem muito admirada de vêr o linho de um muito mal arranjado, e o do outro muito bem. Quando elles se foram embora disse ella, que tinha alli dois cachorrinhos e cada um havia de levar o seu. Despediram-se até d'alli a um anno e foi cada um para seu lado. Quando o irmão mais novo chegou ao palacio, a carrapatinha ficou muito admirada de elle trazer um cachorrinho para se criar, depois sumiu-o e elle nunca mais o tornou a vêr. No fim do anno ella tornou-lh'o a dar dentro de um cestinho muito bem arranjado. Chegou ao sitio do costume e o irmão apresentou-se com um cão muito grande de fila atrás de si. Quando entraram em casa da irmã ella ficou muito contente por os vêr com os cães e disse que d'alli a um anno haviam de voltar cada um com sua mulher, que queria vêr as suas cunhadas. Disse o mais velho, que tinha o casamento justo com a filha do patrão; mas o mais novo não sabia o que havia de dizer porque elle conhecia só a carrapatinha. Despediram-se e cada um foi para o seu lado. O mais novo mal chegou ao palacio contou á carrapatinha o que lhe tinha dito a irmã. Disse-lhe a carrapatinha se elle queria casar com ella. Elle disse-lhe: «mas tu és tão pequenina!» A carrapatinha respondeu-lhe que não lhe desse cuidado. Chegado o fim do anno o rapaz estava muito envergonhado por ter de casar com a carrapatinha. Quando foi o dia do noivado, appareceu o palacio muito rico, com muitos criados e muitas aias, e a carrapatinha feita numa princeza muito linda, vestida de noiva. As carruagens estavam prontas, metteram-se dentro e foram para a terra da irmã, onde ia tambem uma carruagem de estado para o irmão e para a mulher. Chegados ao sitio appareceu o irmão com uma çaloia, com os fatos muito curtos. Metteram-se na carruagem e chegaram á casa da irmã com toda aquella riqueza. Depois casaram-se e vieram todos para o palacio da carrapatinha, que era uma princeza encantada, e ficaram vivendo muito felizes.

(Lisboa).

XXVIII

AS TRES PEDRINHAS AZUES

Era uma vez um rei que era casado e dava muito má estimação á rainha por não ter filhos. A rainha muito triste não fazia senão pedir a Deus para ter ao menos um filho. Uma vez achou-se pejada e chegando ao dia de dar a sua hora teve uma menina. Na occasião em que a rainha estava para ter a menina chegou um pobre á porta; pedindo esmola. A aia deu-lhe o perdão ¹, e o pobre disse-lhe que ella lhe dava o perdão porque estava a rainha para ter uma menina, mas que na idade de quinze annos avéra ² de um pardal ³ leva-la no bico. A aia foi para dentro e não disse nada. Todos no palacio faziam muita festa á princeza pequenina e beijavam-na muito e só aquella aia, quando a beijava, punha-se a chorar. Todos se admiravam muito d'aquillo e pediram-lhe para que ella dissesse porque era. A aia ao principio não queria, mas por fim contou o que lhe disse o pobre, que a princeza em tendo quinze annos, havia de vir um pardal e leva-la no bico. Ficaram todos muito tristes e a princeza foi-se criando e o seu divertimento era uma mesa no meio do jardim. Vindo um principe uma vez visitar o rei, gostou muito da princeza e deu-lhe tres pedrinhas azues de lembrança. Foi-se passando o tempo até que chegou a idade propria de a princeza cumprir a sua sina. Ella não sahia nunca e não fazia senão brincar com as pedrinhas azues em cima da mesa.

Um dia foi o rei vizjar mais a rainha, e ficou a princeza só com a aia. Estava a brincar no jardim, e chegou um pardal e perguntou-lhe, se ella queria passar a sua sina em velha ou em moça. A aia disse-lhe que respondesse, que antes queria passa-la em moça do que em velha. O pardal então agarrou a princeza no bico e levou-a. Levando-a pelos ares, deixou-a ficar num grande bosque. Estando a princeza alli já um dia e uma noite, não fazia senão chorar com fome e frio que tinha. Havia perto d'aquelle bosque nma cidade, onde um principe costumava alli ir á caça uma vez cada mez. E aconteceu naquelle dia ser occasião de ir ao bosque, e estando lá sentiu aquelle choro muito sumido. Pediu aos camaristas, que o acompanhassem e foi dar com a princeza. Ficou muito contente e levou-a no seu cavallo para o palacio e fechou-a no quarto sem ninguem saber. A princeza esteve algum tempo lá escondida, mas a rainha que desconfiava por

¹ Locução popular muito commum, equivalente a — não dar esmola.

² Fôrma popular de — *houvera* —, com a significação de — *havia*. Muito usada entre o nosso povo do Sul.

³ «Pardal» é aqui empregado como synonymo de uma ave qualquer. E' curioso que um facto identico se reproduza na Suíça. Conforme nos contou o nosso amigo J. Cornu, no Valais a palavra *püdzen* fôrma dialectal de *poussin* = pinto, é pelo povo empregada sempre como synonymo de *oiseau* = ave.

o principe estar lá sempre mettido, um dia que elle sahio, abriu a porta para vér o que era e deu lá com a princeza. Ralhou muito com o principe quando veiu, mas elle pediu-lhe que lh'a não tratasse mal. A rainha nem a irmã do principe não gostavam nada da princeza. Ella foi alli vivendo e um dia achou-se pejada. Chegando á occasião de ter a sua hora o principe teve de ir fazer uma viagem. A princeza teve um menino, mas a rainha foi se a elle e cortou-lhe o dedo maminho ¹ e depois untou com o sangue os beiços da princeza, e agarrou no menino, mettem-o dentro de uma ceira e mandou-o deitar ao mar. Quando o principe veiu, a rainha disse-lhe que a princeza tinha comido o filho. O principe chegou-se ao pé d'ella e perguntou-lhe: «então tu, ingrata, diz que tivestes um menino e que o comestes?» Ella a resposta que lhe deu, foi que Deus lhe descobrisse a verdade. O principe disse-lhe então, que se lhe acontecesse isso outra vez, que a mandava matar. Passado tempo a princeza tornou a achar-se pejada e quando estava para ter a sua hora, o principe teve de ir fazer uma viagem. A rainha mal ella teve o menino, cortou-lhe o dedo maminho e untou com o sangue os beiços á princeza. Depois agarrou no menino, mettem-o dentro de uma ceira e atirou com elle ao mar. Quando o principe veiu disse-lhe que a princeza tinha comido o filho. O principe chegou-se ao pé d'ella e disse-lhe: «então tu, ingrata, diz que tivestes um menino e que o comestes?» Ella a resposta que lhe deu foi, que Deus lhe descobrisse a verdade. O principe disse-lhe que por esta vez ainda lhe perdoava, mas que se isso lhe tornasse a acontecer, que a mandava matar. Passou-se outra vez um tempo e a princeza ficou pejada. Quando chegou a occasião de ter a sua hora, o principe foi fazer uma viagem, e a princeza teve outro menino. A rainha mal elle nasceu, foi-se a elle, cortou-lhe o dedo maminho e untou os beiços da princeza com o sangue, depois mettem-o dentro de uma ceira e deitou-o ao mar. Quando o principe veiu disse-lhe que a princeza tinha comido o filho. O principe muito zangado, mandou enterrar a princeza no patim de uma escada até á cintura, e todas as pessoas que passavam, lhe haviam de bater. Já a princeza alli estava havia muito tempo, e um dia ouviram dizer que o principe ia a uma feira longe, aonde passava pelo palacio do pae. Ella chamou-o e pediu-lhe muito que lhe trouvesse ² d'aquella feira um cutello, e já que passava pelo palacio do rei sen pae, que entrasse e que pedisse a sua mastade ³, que no seu jardim tinha uma mesa e dentro da mesa que tinha tres pedrinhas azues, e que lh'as trouvesse. Pediu-lhe muito que se não esquecesse, que era a ultima coisa que lhe pedia. O principe assim fez. Chegando ao palacio pediu para fallar ao rei e disse-lhe que tinha encontrado uma voz no caminho adonde esta voz lhe tinha dito, que fosse lá e que trouvesse as tres pedrinhas azues, que estavam

¹ O dedo minimo.

² Por «trouvesse».

³ Magestade.

dentro da mesa que estava no jardim. O rei lembrando-se que só a filha é que sabia d'ellas, ficou muito contente e perguntando ao príncipe por ella, disse-lhe: «o meu jardim, desde a hora em que o pardal levou a princeza no bico, ficou feito num bosque, e tem muitas serpentes e fêrias¹. Ninguém lá pôde ir». Veiu um creado e offereceu-se para ir buscar as tres pedrinhas azues, mas o rei que lhe dêsse umas botas bem grandes, uma espada e uma foice roçadoira, que elle lá iria. Assim foi. Elle ia roçando as silvas, iam-lhe apparecendo grandes serpentes e elle com a espada matava-as. A ponto que chegou á mesa e trouxe as tres pedrinhas azues, que eram os tres meninos que a princeza tivera. O rei então entregou-lhe as pedrinhas e disse-lhe que se no fim de um mez não apresentasse alli a sua filha, que o mandava matar. O rei queria ir com elle para vêr a filha, mas o príncipe disse que tinha uma grande viagem a fazer, porque não queria que o rei visse a desgraça em que a princeza estava. Despediu-se e com toda a pressa foi para o palacio, e mal chegou entregou á princeza o cutello e as tres pedrinhas azues. Depois escondeu-se para vêr o que ella fazia. A princeza pôs as tres pedrinhas diante de si e perguntou para a primeira: «alembra-te, pedrinha azul, quando eu tive um menino, e a rainha lhe cortou o dedo maminho, e me untou os beiços com o sangue e disse ao príncipe que eu o tinha comido, e o metteu dentro de uma ceira e o mandou deitar ao mar?» E as pedrinhas azues começaram a bater umas nas outras, fazendo *tin, tin, tin*, e dizendo que sim. Depois a princeza perguntou para a segunda: «alembra-te, pedrinha azul, quando eu tive um menino, e a rainha lhe cortou o dedo maminho, e me untou os beiços com o sangue e disse ao príncipe que eu o tinha comido, e o metteu dentro de uma ceira, e o mandou deitar ao mar?» E as pedrinhas azues começaram a bater umas nas outras, fazendo *tin, tin, tin*, e dizendo que sim. Depois a princeza perguntou para a terceira pedra: «alembra-te, pedrinha azul, quando eu tive um menino, e a rainha lhe cortou o dedo maminho, e me untou os beiços com o sangue e disse ao príncipe que eu o tinha comido, e o metteu dentro de uma ceira, e o mandou deitar ao mar?» E as pedrinhas azues começaram a bater umas nas outras, fazendo *tin, tin, tin*, e dizendo que sim. Quando acabou de perguntar as tres vezes disse a princeza: «agora quero acabar com o meu padecer e von deitar o cutello ao pescoco!» O príncipe quando ouviu isto, correu sobre ella e não a deixou matar. Logo no mesmo instante a desenterrou e a levou para o seu quarto. Mandou chamar o criado, que tinha ido atirar com os tres meninos ao mar, e perguntou-lhe se era verdade o que a princeza tinha dito. O criado disse que sim, e o príncipe mandou-o logo metter numa prisão, e a rainha e a irmã foram tambem para uma torre. No fim de a princeza estar já boa, o príncipe montou num cavallo e ella noutro e foram para casa do pae. Chegando ao palacio o rei e a rainha eram duas coisas loucas por tornarem a vêr a

¹ Por «fêras».

filha. Houve grandes festas e no fim de quinze dias o príncipe casou com a princeza. E como o rei não tinha mais filhos, pediu ao príncipe para ficar em palácio, onde ficaram vivendo muito felizes.

(Caldas da Rainha).

XXVIN

A CORÇA DA MAÇÃ DE OIRO

Era uma vez uma mulher que tinha um filho e era muito pobre, de modo que o rapaz ia apanhar lenha aos pinhaes todos os dias para queimar. Uma vez, quando elle estava no mato, veio direita a elle uma corça pequenina com uma maçã de ouro ao pescoço. A corça começou a fallar com o rapaz e a perguntar-lhe o que elle fazia. Depois disse-lhe: «tu queres ir vêr a minha côva? dou-te lá muito dinheiro e muita riqueza». O rapaz ouviu então uma voz dizer: — não accites nada! — e respondeu que não queria nada. A corça tornou-lhe a dizer: «vem á minha côva, que te dou muito dinheiro e posso-te fazer feliz!» A voz tornou a dizer: — não accites nada; dize-lhe que queres que ella te dê aquella maçã de ouro que traz ao pescoço. — O rapaz assim fez e respondeu: «só se tu me dêres essa maçã de ouro, não quero mais nada». A corça disse-lhe: — pois então toma lá — e deu-lhe a maçã de ouro. O rapaz pegou-lhe, abriu-a e no mesmo instante lhe appareceram quatro gigantes que disseram: «tu que queres?» O rapaz respondeu: — Que hei-de eu querer? quero esta lenha toda em casa de minha mãe. — Os gigantes logo no mesmo instante acarretaram a lenha toda para casa da mãe, que nem ella já queria tanta. O rapaz tornou a abrir a maçã e appareceram-lhe outra vez os quatro gigantes e perguntaram: «tu, que queres?» O rapaz disse: — eu quero um palácio e que tenha uma princeza e tudo quanto é preciso. — Os gigantes formaram logo um palácio muito rico e uma princeza muito linda, e o rapaz foi viver para lá.

Havia um homem que tinha muita inveja do rapaz, e um dia falou com uma bruxa, para vêr se ella lhe podia tirar a maçã. A bruxa tanto fez que lh'a tirou. Immediatamente tudo desapareceu, o palácio fez-se numa praia, e o rapaz e mais a princeza appareceram nús no meio d'essa praia. Ao depois ficaram alli chorando a sua vida. O rapaz disse para a princeza: «tu vae para casa do teu pae, que eu fico por aqui». A princeza foi. Elle depois caminhou pela praia abaixo e encontrou uma velhinha, que era Nossa Senhora, mas elle não sabia. A velhinha perguntou-lhe: «tu, para onde vaes?» O rapaz respondeu: — eu ando por aqui. — Ella disse-lhe: «olha, d'aqui por um becado has-de achar muitos gatos gordos, mas não agarres senão no que fôr bem lazarento ¹ e leva-o contigo». O rapaz foi andando e viu muitos

¹ Adjectivo muito commum entre o povo, e que significa — como um Lazareto, cheio de feridas e magro.

gatos gordos, mas não lhe pegou; achou depois um muito esfomeado e magro, agarrou-lhe ao collo e levou-o. Depois mais adeante encontrou um barco e metten-se dentro d'elle. O homem, que tinha roubado a maçã, viu andar o rapaz dentro do barco e mandou-o prender, e depois metten-o fechado numa torre. Elle foi mas levou o gato comsigo. O homem o que lhe dava a comer cada dia era só uma fava. O rapaz comia metade e dava a outra metade ao gato. O gato caçava muitos ratos e trazia-lh'os; comia metade e dava a outra metade ao rapaz. Um dia o gato espreitou por uma gretinha e viu um papelinho. Começou a miar muito a chamar pelo rapaz, e elle veio vêr a achou uma carta que lhe mandava o rei dos ratos, perguntando-lhe o que queria que elle lhe fizesse para o gato não apanhar mais ratos. O rapaz mandou-lhe dizer, que não queria senão que elle visse se podia apanhar a maçã, que lhe tinham roubado. O rei dos ratos formou os ratos todos e foi aonde estava a maçã de ouro. O homem tinha-a ao pescoço e os ratos lá foram com muito geito, quando elle estava a dormir, uns de um lado, outros de outro. Depois um dos ratos começou a mexer-lhe com o rabo no nariz. O homem espirrou e, quando levantou a cabeça, os ratos tiraram-lhe o cordão com a maçã para fóra do pescoço. Depois vieram-na entregar ao rei dos ratos, que a foi levar ao rapaz á torre. O gato mal viu a maçã, começou a miar muito e o rapaz veio e deu com ella. Abrin-a logo muito contente e no mesmo instante appareceram-lhe os quatro gigantes, que disseram: «tu, que queres?» O rapaz respondeu: — eu quero aqui um palacio e a minha princeza! — Immediatamente appareceu tudo como d'antes. O rapaz chegou a ser rei, mandou matar o homem que lhe tinha roubado a maçã e viveu muito feliz com a princeza.

(Aveiro).

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

VOCABULARIO TRASMONTANO

(MOGADOURO E LAGOAÇA)

(Continuado do vol. 5.º, fasc. 1.º)

F

Faceiro (subst.). — Quasi o mesmo que veiga; em geral, campos fundaveis e planos cêrca das povoações.

Fagote (ir-lhe ao, a alguém). — Ir-lhe ao costado, bater-lhe. — Usado noutras localidades.

Falgnoseiro. — Meigo, risonho, dado a querer. — As creanças é que, principalmente, são *falgnoseiras*, trazendo sempre esta palavra a ideia de uma *funquinha* (ou *velhinha*) adoravel nos *bébés*.

Falustrias. — Negaças, *fósquinhas*, momices; e por fim, arranços fanfarrões de pimponice.

Fancáia (trazer ou pôr qualquer coisa á). — Assim como um chapeo *de tres pancadas*; em geral, trazê-la ou pô-la mal, torta, etc.

Fantarello. — Aquelle a quem se atigura tudo facil, o que se julga fadado para grandes coisas. — (*Fantarello*, e muito, foi o nosso D. Sebastião, e algo o foi tambem D. Fernando...).

Faramalha. — *Farófia*, *françado*, muita *espuma*... «C'était la diligence, et... personne dedans». — D'aqui derivam: *faramallice* e *faramalheiro*.

Farçolices. — As fanfarronadas de *farçola*.

Farél (bicho). — Especie de mosquito, que morde muito, no verão, e que, principalmente quando dormimos no campo, nos enche as mãos e a cara de *bolardas*. — *Bichos faréis* se chamam até as proprias empolas da mordedella.

Farfalheiras. — Não só mulheres empavonadas, espalhafatosas; tambem: as fitas, a laçada, os *tufos*, e sobretudo as *dragonas* descommunes dos *arceiros* d'essas mulheres.

Favaceira. — A vendedeira de azeite por miudo.

Fedigueira. — *Cornalheira*, planta das arribas.

Fenasco. — Restolho alto do pão, com herva de permeio, que os lavradores recolhem para alimento da cria no inverno.

Ferra. — *Badil*, como ficou dito.

Ferruncho. — Anel de frança de giesta, vergontea de olmo, etc., para apertar a vassoura ou *escovallho*.

Fieitos e figueitos. — Nomes que nós damos aos *fetos*.

Figueital. — Campo de *figueitos*, sendo extenso.

Figueiteira. — Tambem campo de *figueitos*, mas pequeno; e tambem a planta dos *fetos*.

Filêtes. — No plural, significam: *fósquinhas*, pantomimas, feitos. — *Filêtes* são tambem as ameaças de coices que as mulas promettem ao serem montadas, com a advertencia d'aquelle *him!* que ellas fazem.

Fingir. — Tambem quer dizer: dispôr a massa em pães, *tendê-la*. — Pronunciamos *fengir*.

Fistôr. — Quasi o mesmo que *farçola*, se bem que *fistôr* nos dê mais a ideia da *petimètre* que vem com *doutorices* a respeito de tudo.

Fistorices. — Os ditos e feitos do *fistôr*.

Fiunco. — Qualquer coisa como um pé extreme de herva. Mas ella tambem se usa no diminutivo: «Nem *funquinho* de herva que tem na mangedoura!»

Fiunça (ir de *fiunça* a qualquer parte). — Ir lá direitinho, de proposito, rapido, num intento resolutivo e exclusivo.

Fóia. — Buraco na terra; quasi *fósqa*. Tambem pocinha circular, onde se atira a castanha no jogo do *fóio*.

Fóio. — Jogo de castanhas, ganhando-se se se mette a castanha na *fóia*, e perdendo-se no caso contrario.

Folheira. — Não remoida (a farinha).

Folheiro. — O mesmo que *espido* (o pão).

Fonjo e fonjinho. — Diz-se o panno muito debil, o tecido muito pouco consistente. — O contrario é *encorpado* e *fortalheirão*.

Forfalha. — Migalha de pão.

Fornaço. — Rosca de pão que as mães fazem aos filhos, em vez da *bôta*, quando cozem.

Fôsga. — Cova, buraco para debaixo da terra; e, ainda, nas camas de bancos, o vão entre o exergão e a parede.

Franjósca. — Uma *typa*, no sentido pouco airoso que dá feminino á palavra.

Fulecra. — Passarinho pequeno e *alvorario*, como a *chasca*; e por extensão, tambem: rapariga miudinha e de pouco juizo.

G

Gagosa (comer á). — Comer dissimuladamente, á socapa. — (Creio que já vi empregado: comer á *gangosa*).

Gaimenho. — Despreoccupado, bem senhor da sua pessoa, mettido á confiança, etc. — Applica-se principalmente a aves domesticas, o que não tira que se diga tambem das pessoas. — (Os dictionarios trazem *gaimenho*).

Gainha (falla). — Falla muito fina, muito em falsete; falla de mulher em homem.

Gájaras. — Propriamente, quando se justa uma ceifa de empreada, são alguns comestiveis — uns tantos arrateis de toucinho, uns tantos quartilhos de azeite, uns tantos alqueires de batatas, etc., — que se dão como accessorio á paga em dinheiro. — (*Gajes* é que dizem os dictionarios). — Tambem se diz: «E *gajaras!*» na acceção de: «E *pico!*», «fôra o molho!»

Gajata. — Dizemos em vez de *cajado*.

Gajato. — O mesmo que *gajata*, mas com significação mais extensa, pois se applica a qualquer coisa torta, inclusivamente aos riscos que os rapazes fazem quando começam a escrever. — A par de *gajato* dizemos igualmente *gajavato*, e das duas palavras derivam, respectivamente, os adjectivos: *engajatado* e *engajavatado*.

Galapos. — Os *ganhos*, os dedos na acção de apresar.

Galdrapa. — Porca de criação ou ainda *machorra*, mas muito magra, a barriga pendida em *peldracas*, muito estreita e passada como uma foice. — *Galdrapa* tambem a mulher magricella e alta, com feitio e cara de harpia. — *Gualdrapa* não usamos.

Galdróchas. — Tecido tendinoso alastrado em *aponevroses*; *peldracas* em geral.

Galeotes (vir, cair em cima de qualquer coisa, como os). — Vir,

cair sobre ella como *galfarros*, como revoada de corvos sobre besta morta. — (Seria que os *galeotes*, alguma vez a corso, se lançassem assim, como um raio, sobre a presa?)

Galga. — Pedra grande a rebolar por uma ladeira abaixo. — Tambem se usa noutras localidades.

Galgueira. — Vae a agua, quando corre por sulco declivoso. — *Galgueira* — fica ou está a *agueira tangueira* dizemos nós), se, um pouco inclinada, deixa que a agua corra facil e rapidamente por ella.

Gallelo. — O gomme da laranja.

Gallinhó. — Exactamente o mesmo que *gallelo*.

Gallula (coisa de). — Coisa boa, de mimo, para comer.

Galócha. — Só usamos d'esta palavra para significarmos o primeiro sulco que se faz para abrir uma valla.

Gambiar (qualquer coisa). — Comê-la com avidez, *zampá-la*.

Gamêtas. — Lentilhas. (Chamam-lhes assim em Paredes de Bemposta).

Gâmia. — Diz-se a mulher que *caia como os galeotes* sobre qualquer coisa que vá a furtar ou que lhe appetega.

Gancha. — O mesmo que *gadanha* do feno. — Tambem se chama *gancha* á *gâmia*.

Gândaras. — Não *charnecas* entre nós, mas uns galhitos de esteva sêcca que o gado vae tombando pelo monte, ou que ficam nas bonças, restos de mato que não arden.

Gângaras (fazer qualquer coisa de). — Fazê-la numa grande indolencia, com um grande desapêgo, como quem não tem vontade nenhuma de que ella se faça. — Tambem se diz: *estar de gângaras*; e a respeito de qualquer serviço: *pegar-lhe de gângaras*.

Ganhó. — No masculino, é contracção de *gallinhó*; no feminino é — a *gorja*. — Tambem os garotos ameaçam: «Tiro te os *ganhós!*», pondo o punho fechado debaixo da barba dos adversarios.

Ganhóto. — Seixo redondo e liso, pela acção das aguas que o rolaram. — *Ganhóto* — igualmente qualquer inchado redondo e rijo que appareça na cara ou no corpo.

Ganirra. — Ou mulher muito reles, ou coisa que não preste mesmo para nada.

Garabanho. — Especie de balde aberto, de lata ou mesmo de cortiça, encabado em um pau, e que serve para despejar os poços cujas aguas fiquem muito baixas e não possam correr naturalmente.

Garfejar (o pão, a herva, etc.). — E' d'um só grão de semente nascerem muitos colmos, multiplicarem-se muito. — Os colmos então chamam-se *garfos*.

Gargalicho. — Bica de pedra, a céu aberto, por onde a agua corre para a fonte ou para o tanque.

Garganteira (metter alguém em). — Animá-lo, incitá-lo a um emprehendimento, *acizentá-lo*. — Tambem se diz reflexamente: «metter-se em *garganteira*».

Garnacho. — Casação quasi como o *gabinardo*; e tambem, no

Monaci - Cantos di Ledin

L 40.382 P

alto do peito, o angulo que a camisa deixa á mostra, desapertado o botão cimeiro.

Garra (adject.). — Porca, *espessa*, *cochina*. — Na mesma accepção se diz tambem — *garrenta*.

Garriça. — Galho, ordinariamente de lodão, que foi chapotado, e cuja seiva foi depois engrossando irregularmente, por fim fórma uma *cachamorra* no alto, d'onde saem uns gallitos curtos e emmaranhados, a que chamamos *guinchetros*, e que propriamente caracterizam a *garriça*.

Garriço. — O *desenguico*, o pente de alisar.

Garunha. — Somítica, *agarrada*, *unhas de fome*.

Gaspóia. — Especie de agua-pé. — Faz-se muito boa em Bem-posta.

Gatimónias. — Ponco mais ou menos o mesmo que *banderías*. — Nellas entram caretas, momices, e muito principalmente trejeitos e teimas de *perrice*. — Parecendo coisas de *gatos*, são-no sobretudo de crianças.

Gemélgo. — Dizemos em vez de *geneo*.

Gerigóto (andar muito). — Andar muito *esperdigotado*, muito lesto, muito *guimelho*.

Gisnado e Gisnadinho. — Bem apertado, bem unido nas juntas. Deixar táboas bem *gisnadas*, diz-se muito.

Gócho. — O que, sem ser cego, não vê bem as coisas, por trazer as palpebras um pouco carregadas, como quando queremos evitar uma luz muito intensa nos olhos. Isto a *gócho* naturalmente. Em geral, chama-se *gócho* ao que passa pelas coisas sem as ver.

Godalha. — Cabra nova e estouvada; por semelhança, tambem: rapariga novata e doudivanas.

Gódia. — Bulha, questões.

Gógáda. — Pedrada com um *gôgo*; em geral, pedrada.

Gôgo. — Além da molestia das gallinhas, seixo liso e arredondado, sobre que os çapateiros batem a sola; *gandôto*.

Gómmas (na vinha). — São os espaços comprehendidos entre valleira e valleira, enquanto se conservam em lombos. — Depois de rasos, deixam de ter nome especial.

Gorgolo (ter qualquer coisa em). — Tê-la em grande cuidado, em perpetua lembrança, *atracada na garganta*, como se diz.

Gorgôtô ou guergôtô (ir-se-lhe tudo de). — Ir-se-lhe tudo guela abaixo, em comer e beber.

Graéllo. — Granizo, saraiva.

Graëllar. — Saraivar.

Graëllada. — Saraivada.

Grêscas. — Barulho sério entre individuos, mas barulho em que elles se peguem, em que haja pancada.

Gricha. — Fenda numa fraga, principalmente se d'ella sair agua.

Grima. — Entre nós, significa: terror fundo, que faça levantar os cabellos, medo supersticioso.

Grôma. — Pandega, folgança ruidosa. — E' a *blôma* dos hespanhoes.

Guicho (adject.). — Vivo, risonho, e, para certos vegetaes acabados de repôr, bem presos, tesinhos.

Guinaldo (andar de). — Andar de brincado, andar de pandega, sem se importar do trabalho.

Guinaldeiro e guinaldeira. — Os que gostam de andar de *guinaldo*.

Guinaldice. — Propensão para o *guinaldo*, e o retouçar dos *guinaldeiros*.

Guinchelro. — Qualquer galhito em gancho, no tronco ou nos ramos de alguma arvore.

Gulherite. — *Gaspacho*, acepipe, qualquer guloseira feita á pressa.

Gulheriteira. — A mulher que anda sempre com *gulherites*.

Gulheritices. — Os proprios *gulherites*, as repetidas guloseiras da gulheriteira. — *Gulheritice*, no singular, inclinação natural, queda para as *gulherites*.

Gulosa (subst.). — Uma vara comprida, como a aguilhada, com uma rachadella no topo, e que serve para alcançar de longe qualquer fructo cujo pé se entrasgue facilmente nella.

I

Immundo (estar). — Além de se empregar na accepção vulgar, usa-se tambem muito d'estas palavras para significar: estar *alheado*, *absorto*, *FÓRA DO MUNDO*.

I'mpado. — Aquella especie de soluço muito forte, em que as creanças ficam depois de um grande chôro. — Noutros sitios, como no Algarve, diz-se *impo*.

Imporém (um). — Um estorvo, um obstaculo; e igualmente, uma pessoa fraquinha, um *enzaugo*.

Injectiva (dar-lhe na). — Dar com o modo de resolver uma coisa, de a fazer, de a usar, etc.

Intesteferrar (numa coisa). — Teimar nella com grande contumacia, com força de casmurro. No termo preluz a ideia de *testa de ferro*.

Invicção. — Enthusiasmo caloroso; gosto natural, paixão por alguma coisa.

Invicionado. — Aquelle que tem *invicção em, com, ou por* alguma coisa.

Inzoável (uma). — E' assim uma sujeita a fazer-se mais senhora que as outras, a fallar mais «ao grave», com uma *pose* desnatural e enfatiada. — Tambem se diz *um inzoável*.

J

Jangué. — Pessoas réles, um enzarel. — Só se diz no masculino.

Janguista. — Significa: janotinha, toda preparada. E' adjectivo uniforme. — Talvez deva antes ser: *jinguista*.

Jarundo. — Cacete grande, fueiro.

Jarundar. — Bater com o *jarundo*.

Jarundadellas. — As pancadas com o *jarundo*.

Jazente (subst.). — Caibro forte.

Jínglarão ou jingolarão. — Bamboleio numa especie de trapessio, só de corda, que os rapazes arranjam para brincar; tambem só a corda assim disposta para o bamboleio. — (Deverão antes as palavras escrever-se com *j* inicial?)

Jóga (subst.). — Pedra redonda e lisa como o *gôgo*; e em geral, qualquer pedra para atirar.

Jógada. — Pedrada com uma *jóga*.

Jôlda (andar de). — Andar de sucia, em folguedos.

Jóldeiro e jôleira. — Rapaz e rapariga amigos de andarem de *jôlda*.

L

Labaga. — Lábia, *cantiga* para se obter o que se quer.

Labaceira. — A mulher que tem *labaga*.

Lacanhãl. — O mesmo que *chapaçal*, atoladeiro.

Lagãhas. — As remellas e humidades que se accumulam nas palpebras. — Tambem se ouve no singular: *lagãha*.

Laganhoso e laganhosa. — Os que criam muitas *lagãhas*.

Lambéfe. — O mesmo que *tabife*, quasi lambada.

Lambitana. — A rapariga lépida, fina da orelha, cara de bisbilhoteira.

Lampaças. — Hervas alaistradas dos lameiros e cortinhas, e cujas folhas se parecem mais ou menos com as da *acelga*, só que o verde não é tão claro nem tão mimoso como a d'esta planta. — Alguem lhes chama até *acelgas bravas*.

Lancha. — Pedra schistosa grosseira. — Muito fragmentada, fórma o fundo d'uma especie de terra — a terra de *lanchinha*; e as grandes lagens, para divisão de terras e para varandas e *balcões*, em que ella se emprega, tomam particularmente o nome de *lanchões*.

Landáinas. — Lérias, historias da *caróchinha*.

Landainices. — Ditos, balelas, em que tudo são *landáinas*.

Landaineiro e landaineira. — Os que andam sempre com *landáinas*.

Landraia. — Mulher a que se queira mal, má lingua, fraca rés.

Langará. — Embrulhada, questões, barulhos, em que a gente se metta.

Langueiras (um). — Um sujeito grande e mal azado, genio pouco afflicto, e todo elle muito *descomprehendido* ao andar.

Langueirão. — Augmentativo de *langueiras*.

Lanhaço. — Grande cortadella; pedaço respeitavel de qualquer coisa.

Lapada. — Pedrada.

Laraita. — Porca *galdrapa*.

Laréga e larégo. — Porcos, acima de leitões, mas abaixo de cevados. — *Laréga* — também a mulher *garra*, cochina.

Lareiras (um). — Quasi o mesmo que um *langueiras* ou *langueirão*.

Lareiro. — O mesmo que *jarundo*.

Larêo (trazer qualquer coisa ao). — Trazê-la núa.

Lares ou **lárias** (as). — Aquella cadeia de ferro, que pende do tecto da cozinha sobre a pedra do lar.

Laróta. — Grande fome; o mesmo que *larica*.

Laruto. — *Cherutão*, matulão, *langueirão*.

Lascarim. — Fedelho doidellas, amigo de andar descalço ainda que tenha çapatos, e sempre d'aqui p'r'alli, como uma *lerandisca*: cavallo que faça *filêtes* ao montar. — Também se diz *lascarina* no feminino.

Lastra. — Pedra larga, lagem, *lanhão*.

Latania. — Cantarôla, arenga sempre a mesma; também regra de vida. — Decerto corrupção de *ladainha* ou *litanía*.

Lavadentes (um). — Uma sarabanha, uma *raspança*.

Lavarejar (qualquer coisa de comida). — Fossá-la, metter-lhe as mãos e indojá-la, comer d'ella, e deixar o resto muito batido e magado, etc.

Lèbrechinha. — Rapariga magrita, de pouco assento na cabeça, *cigorelha*.

Leitão (na terra). — Pedaço d'ella que os cavadores deixam em crú, com umas sachadas de leiva por cima, a encobrir.

Lella. — *Alvoreada*, doidinha, feita no ar. — Diz-se muito: andar *lella*.

Lenço-de-fivellas. — Nome que se dá por graça ao cabresto das bestas.

Liláilas. — O mesmo que tretas.

Liláileiro e liláileira. — Os que andam sempre com *liláilas*.

Límbia (estar ou bater, uma pella). — Bater ou estar na risca da parede, onde se não perde nem se ganha.

Limbo. — A tal risca neutra da parede (no jogo da pella).

Listrana. — Quasi o mesmo que *lambitana*: a mesma cara deslavada, sem vergonha.

Lôgara. — Assim como *burzigada*, coisa muito desfeita, paparrotada.

Logareira. — Vulgar, popular. — Diz-se das musicas.

Longórvia. — Mulher alta e magra, pescoço de cegonha, focinhos de gulosa e *biqueira*.

Lórfo (pão). — *Folheiro* e muito lerandinho.

M

Maçacuca. — Especie de maçã produzida pela carvalha mansa, e que se distingue da *boilhaca* em ser muito esponjosa, quando verde, e completamente redonda.

Malabruto. — Labrego, estoira-vergas, *estabanado*.

Malato. — Carneiro nem muito novo, nem tampouco velho.

Malhão. — Algumas estevas ou giestas, etc., reunidas nas pontas, e atadas por um *vincelho*, a indicarem que uma terra está vedada. — Atirar o pião de *malhão*: atirá-lo por cima do hombro, com toda a força, a plena baraca. O contrario é atirá-lo de *baracinha furtada*.

Málveiro. — Sarampo benigno.

Mamola. — Sinecura, malgueira, aquillo de que um sujeito tire pingue resultado.

Manaio. — Vesgo, pisco.

Mancupir. — Comer alarvemente, zampar.

Manhóco. — Feixe de vides, de fórma especial, dando longes d'uma grande sardinha escorchada; *capão*.

Manhuça. — O conjunto de coisas que possam abarcar-se na mão, sem as esconder á vista; feixe de doze estrigas de linho acabadas de espadellar.

Manhuço. — O mesmo que *manhuça* na primeira accepção. — Ha tambem o verbo *amanhuçar*: fazer *manhuços* ou *manhuças*.

Manir. — Ir, por ex., o pús de uma *maçadara*, comendo, comendo, até chegar ao osso; ir-se a agua introduzindo, introduzindo qualquer coisa abaixo, ou ir resumando lentamente atravez de um vaso poroso; ir o fogo alastrando, alastrando pouco e pouco, etc.

Manos (andarem ou estarem muito). — Andarem ou estarem, dois ou mais individuos, muito juntos, muito de bem, em perfeita intelligencia.

Mapa (como substantivo feminino). — Significa: o sitio d'onde uma coisa é originaria, o logar onde se dá em maior abundancia. — As margens do Douro, por ex., eram a *mapa* do vinho do Porto. — Noutros pontos dizem, no mesmo sentido, o *mapa*.

Marangoleiro. — Calaceiro, o que anda sempre de vadiice e na pauria.

Marangolice. — A vida do *marangoleiro*. — Ha tambem o verbo *marangolar*: andar de *marangolice*.

Marmoto (castanheiro). — Especie de castanheiro rebordão, ou, mais exactamente, a especie média entre o rebordão e o *enxerto* (manso).

Marrada (na terra). — Pedaco d'ella em crú, mas coberto de leiva, que o lavrador deixa na arada.

Marrancho. — O mesmo que *larégo*. — Significação mais lata.

Matarotilho. — Um vadio, um lambão já grande, e por ahí sempre de *marangolice*.

Maturrangas (dar-lhe, a qualquer, ou a qualquer coisa, nas). — Descobrir-lhes as manhas, dar-lhes no sítio vulneravel, encontrar o modo de lhes vencer as difficuldades.

Mélgo. — Abreviação de *gemêlgo*, e tendo a mesma significação de *gémeo*.

Mêlgotão. — Nome vulgar do pessego.

Mêlgotoeiro. — Pessegueiro.

Mella. — Falha, sobretudo no gume dos instrumentos de corte.

Mêlmosa e mêlmosinha. — Rapariga de carinha angustiada, humida do nariz, olhos meio fechados por effeito de constipação, e assim com uns gestinhos de *lesma*.

Mêra. — Rezina das arvores.

Merufo. — O cabelo levantado dos rapazellos novos, ao começarem a fazer-se asnos.

Merujar. — Chuviscar.

Merujas. — Herva dos regatos, que nasce na primavera, e serve para salada. — Decerto corrupção de *morugens*.

Merujinha. — Chuvita miudinha, especie de poeira liquida. — (Talvez deva antes ser: *morujinha* e *morujar*, tudo derivado de *morujem*).

Metóita. — Nome chulo da cabeça.

Milhenta. — Numero indefinido, mas muitissimo superior a *mil*, que as crianças estão sempre a empregar, e acima do qual só conhecem — *remilhenta*.

Mirgã. — Nome vulgar da romã. — Tambem dizem *margã*, e, posto que menos frequentemente, *miligrã* (mil grãos? Mas *meligrã* é que se pronuncia).

Mirgãdeira. — E', pois, a romanzeira. — Os que dizem *miligrã* chamam-lhe *miligraneira* (Pronúncia: *meligraneira*).

Miscandilhas. — Ninharias, coisas reles, que não luzam.

Miscaro. — Especie de tortulho, que nasce debaixo dos pinheiros e por entre as estevas.

Mó (um). — O mesmo que um montão. — Temos até o adagio: «Semeia em pó, colherás *mó*».

Mócoto. — Sujeito já avelhado e poltrão, mas tão gordo e pesado, que seja uma morte para se bolir.

Mochinête. — Murro, lambada.

Mócho (adject.). — Sem grão.

Mófo (fazer-lhe). — Fazer má cara a qualquer coisa, sobretudo de comer, torcer-lhe o nariz com desdem.

Móico. — Com um galho ou os dois partidos (o boi). — E' a raiz do verbo *esmoicar-se*.

Mólha. — Montãozito de grãos de cevada, debulhados, em verde, que os rapazes fazem na copa de um chapéu, etc., para depois comerem juntos.

Monso. — Descansadão, pouco agoniado, e songa.

Morangar. — Enredar, no sentido de trabalhar pouco e sem vontade.

Morangueiro. — O que passa a vida a *morangar*.

Morar. — Verbo muito empregado em vez de *brincar*.

Mornal. — *Mêda* de pão.

Mosca-morta. — O rapaz ou rapariga *moncos*, que venham rua acima, de bocca aberta, muito a passo de boi.

Moteneteiro. — O individuo que ande com *monêtas*, e a quem sejam precisos cincoenta rogos para o fazer acceitar qualquer coisa de comer que lhe ofereçam.

Mugigangas. — Gatices, momices, acenos. — Pelo sentido, não parece que seja corrupção de — *bugigangas*.

Munifrencias. — Tambem *macaquices*, principalmente feitas com as mãos.

Murganagem. — Mindagem, sobretudo em fructos.

Murilhos. — Pedra talhada em duplo angulo recto, usada nas cozinhas, e cuja parte horisontal serve como de *travesseiro* á lenha que se põe no lume. — Tambem ha *murilhos* de ferro.

Murquir. — Comer, principalmente sem abrir a boca: só com os dentes.

N

Náfrico. — Derreado de algum quarto (fallando de burro ou cavallo, etc.) — (Certamente corrupção de *náfego*).

Nagalho. — Lenço do pescoço, gravata.

Navalhão (na terra). — Pedaco, muito molhado, que nas searas se deixa por semear, só para herva.

Nêngara. — Boneca, menina pequenina. — *Nêngaro* tambem se diz, por menino acabado de nascer.

Nêsc-nêsc (um, de qualquer coisa). — Um *cibinho*, tanto como o negro d'uma unha d'ella. — Será melhor — *nêscue-nêscue*.

Nevresia (uma, de qualquer coisa). — Uma grande abundancia d'ella, essa coisa em grandissimo numero.

Ninâinar. — *Morangar*, *enredar*.

Ninheiro. — Logar habitual onde as gallinhas põem.

Nôninha (um). — Um sujeito sem energia, pasmadinho e reles.

Nuvrejão. — Uma grande nuvem de gafanhotos, mosquitos, etc.

O

Oigár. — Dispôr a lenha em feixes; vencer qualquer individuo na luta braço a braço, mettê-lo debaixo dos joelhos, deitá-lo a terra. — No mesmo sentido, ha tambem quem diga — *ougar*.

Ola. — Redemoinho na agua, especie de funil que esta faz, e que os nadadores desfazem ordinariamente a murros em cruz.

Orelheiras (do arado). — Dois paus concorrentes a convergi-rem na *reilha*, sustentados atrás pelo *pespeneiro*, e servindo de *arveca*: para alargar o rêgo e voltar a leiva.

Ósga. — Raiva damnada, odio figadal a qualquer pessoa.

Ougár. — O mesmo que *angar* ou *enangar*, como ficou dito; e ainda o mesmo que *ôigar*.

P

Padamarro. — Certa especie de carvalho alastrado, e que nunca chega a fazer-se arvore.

Nalguns sitios, em Miranda, por ex., tambem quer dizer: pesado no somno, dorminhoco.

Pagastinas. — Dividas pequenas — aqui um tostão, além doze vintens, um pinto noutra parte, etc.

Palanco. — Graminea comparada á arveia.

Os dicionarios, algures, chamam — *balanco á arveia doila*.

Pancão. — Maniaco, telhudo, casmurro.

Pangelíngua (lêr, a alguém, a). — Cantar-lh'as; fazê-lo ouvir o bom e o bonito.

Paniêgo. — Muito amigo de pão, que come muito pão.

Paparóta. — *Descomprendada*, bocca-aberta, mansarrona.

Popolino (odio). — Odio figadal, odio de lobo.

Paquêta. — Rapariga de recados.

Paquêto. — Mocinho de recados. — Usado nontras terras.

Paracismeiro. — *Moteneteiro*, pantomineiro; que tem *scismas* pueris.

Paracismicoes. — Pantomineices, *molenetices* do *paracismeiro*; maluquicezinhas.

Parafitas (um). — Um janotinha, um *engarilho*, um pisaverdes.

Pardas (subst.). — Lentilhas, *gamêtas*.

Parrado. — De orelhas cahidas. Diz-se principalmente dos bois. Mas tambem é *parrado* o individuo orelhudo, gebo e atolambado.

Pasmarota. — *Paparota*, descansadona, bocca-aberta.

Pátachim. — Passarinho que repete o nome cantando.

Patacoada. — Brutidade, asneira, necedade. — *Dar a patucoada* — é *dar a chamancada*, cahir na asneira.

Pátasol. — Pequeno insecto vermelho e com pintinhas negras, redondas, por cima. (Pronuncia-se: *pá-tá-sól*). — A femca chama-se *pà-tàsola*.

Pâteiro. — Muito vagaroso, passo de boi, ao andar. — Das bes-tas é que se diz que são — *pâteiras* ou *andarégas*, conforme. Tambem se diz: — *vir a agua pâteira*, em contraposição a: — *vir galgueira*.

Pécora. — Rapariga que dê *trella*, *cicisbeia*, *cigorelha*.

Pedoiro. — Ultimo resto do mealheiro; farrapinho com que se vae limpando e apertando o fio ao dobar. — Na primeira accepção é a raiz do verbo *apedoair*.

Pegalhoso. — O que não tem uma palavra de recusa para aceitar qualquer coisa de comer que lhe roguem. — Também dizemos por *pegajoso*.

Pegulho. — Creança já a sahir-se com ditos de gente grande, a vir já com leis e doutorices.

Peina. — Pente pequeno de pau.

Peinaços (d'uma roda). — Dentes perpendiculares ao plano d'essa roda. — Vêem-se nas rodas das noras, de azenhas, etc.

Peinar-se. — Pentear-se, principalmente com a *peina*.

Peleira. — Piéla, bebedeira medonha.

Pelém (am). — Um *enxaugo*, um *enjêgado*.

Penção. — O pedunculo dos fructos.

Peneira. — *Larôta*, fome.

Peniposte. — Um adventicio, um que se nos apresente por ex., á hora de comer, e que veja o que temos e o que não temos, em riscos de ainda termos de repartir o jantar com elle.

Perneira. — Um pé de certos vegetaes, como de salsa, de craveiro para dispôr, etc.

Pernóstico. — Presumpçoso, vaidoso; e ainda, todo apurado no fallar. — Também se diz: *pernóstico*. — Será *prognóstico*? (Camillo escreven *pronostico*).

Persina. — Enfadonhamento, perseguição, como a de uma chusma de pobres que nos importunem e *acanaveem*.

Pêsa (de linho). — *Manhuça* d'elle, isto é, o feixe de doze estriegas espadelladas.

Pespeneiro (do arado). — Peça de ferro que atravessa a *rabella*, e serve de segurar, aos lados, as *orelheiras*.

Pêto (ir a qualquer parte, de). — Ir lá de proposito.

Pêto. — Pequena machadinha na *côta* do podão ou do *calagoiço*; a parte posterior da picarêta.

Piada (de azeitona). — Uma *pisa* d'ella, isto é, a que *se faz* de cada vez no lagar.

Picão. — Ponto mais alto, e mais ou menos em bico, dos fragedos nas arribas.

Picolinas (metter-lhe). — Metter-lhe intrigas, metter-lhe *agulhinhas*, a respeito de alguém. — De *picuinhas*?

Piçós. — Fios de urdidura, que ficam sem trama, acabada a teia de tecer, e que depois se empregam para torcidas de candeia, etc.

Piléo. — Bigorrilha, safardana, typo desprezível, cara até de larrapio.

Pilrêta. — Pequena muito buliçosa e tagarella; *pegulho*.

Pinganeis. — Especie de estalactites de gelo que se formam nos beirões dos nossos telhados, depois d'uma nevada.

Pinganellos. — O mesmo que *pinganeis*.

Pinha. — *Bêdalha*, presente que as raparigas dão ás suas amigas acabadas de casar.

Pinóco. — O ponto mais alto do monte ou da serra; e também

cada uma d'essas pyramedezinhas brancas, deixadas por ali nos altos, em trabalhos geodesicos. — O diminutivo — *pinòquinho* — não é menos usado.

Pinóia. — O mesmo que *franjosca*.

Pinólo. — Tuno, o que anda sempre na vida airada.

Pipiréte. — Acepipe, petisquinho, *gaspacho*.

Piréza (pôr-se na). — Pôr-se na perna, safar-se.

Pisgar-se. — Pôr-se na *pivêza*, despedir-se em latim.

Pispirréta. — *Pivêta*, pegulho, *pivête*.

Pitiga. — Vergontea nova, medrança das arvores.

Pitigo. — A parte do malho que bate sobre o pão e que o *debaga*. — A outra peça, por onde o malhador o empunha, é que é propriamente o *mangual*.

Pitósco (dos olhos). — O que os traz naturalmente semi-cerrados, piscando-os de maneira que as pestanas de cima se embaracem com as de baixo. — *Pitosga* diz algures o dictionario.

Pivête. — O mesmo que *pegulho*.

Plameira. — Pedra por cima da lareira, um pouco saliente, e que serve de base á buraca em triangulo, aberta na parede, para guardar pevides, *cantelras*, pregos velhos, etc.

Pócho (estar). — Estar muito gordo, de gordura balofa, mas lá por dentro a desorganizar-se, a esfacellar-se, apodrecido em vida, sobretado por bebedeiras medonhas.

Póia. — O pão que se deixa á forneira, em paga do se cozer em forno publico; mulher molle, muito amiga de estar sentada; um *montão*.

Poillosa. — Nédia, fresca, luzidia. — Diz-se mórmente da cara das pessoas. — *Poilloso* diz-se igualmente do pello dos animaes.

Póio. — Plano maior ou menor, em fragaredos empinados das arribas. — E' a raiz do verbo *despoiar-se*, usado em algumas terras trasmontanas, e que significa: calir d'um *póio*, *desfaiar-se*.

Poisada. — Cada quatro mólhos de pão, e de que se espera ordinariamente um alqueire, em o trilhando.

Poisâmoira (ou *poisa-a-moira*?) — Nome popular das borboletas.

Poisinha (um) — Um que se fica em qualquer parte, um *arrastado*, um vagaroso.

Pôjos. — Herva dos lameiros, de cheiro extremamente forte, e que ás vezes se deita na sopa. — Outros dizem *poêjos*.

Poliâtes (tirar qualquer coisa a alguem dos). — Tirar-lh'a do sitio mais recondito onde a tenha, tirar-lh'a seja d'onde fôr.

Pontão (fazer *pontão* numa pessoa). — Desconsiderá-la, passá-la em claro, fazer uma excepção odiosa n'ella.

Porpianho. — Parede muito estreita, só de cantarias singelas sobrepostas, como as das casas das cidades.

Pórquinha. — Nó de raiz de giesta, com que os rapazes jogam um jogo tambem chamado a — *pórquinha lollêta*.

Prelada. — Doutora no fallar, sentenciosa, linguinha de prata, *pernostica*.

Prósma. — Tretas, labia, arenga aborrecida de algumas pessoas, mórmente molheres.

Prôsmeiro. — Quem anda com *prósma*.

Prôsmices. — *Prosmas*, feitos dos *prôsmeiros*.

Puia. — Pé de craveiro, etc., para dispôr; medrança das arvores.

Q

Queima. — Curvas, no jogo da *raiola*, onde, se lá parar a moeda, se não perde nem ganha, sendo preciso tornar a jogar; circumferencia em volta da pôça do *batoque*, onde acontece o mesino com este instrumento que além com a moeda.

Queira. — Matilha. — A raiz, vê-se, é *cão*.

Querróbla (andar de). — Andar de sucia, em folguedo ruidoso.

Querrucho! — Interjeição que, repetida, serve para chamar leitões e *marranchos*.

Quesculheira. — Mexeriqueira, diteira, leva e-traz. — Como alguns dizem *cosculheira*, será corrupção de *cosculheira*?

Quetrunha. — Cabeça da gente, *catrofa*. — Talvez deva antes ser *catrunha*.

R

Rabeiras. — Ultimos restos do pão çujo, nas ciras; grão, misturado com çujidade, que se aparta ao crivar o pão.

Rabeiro. — A redea das bestas. D'aquí, *rabeirada*, a pancada com o *rabeiro*.

Rabéla (do arado). — Toda a parte posterior d'elle, desde a *rellia* á *rabiga*. — Será melhor *rabelha*?

Rabona. — Nome que por cá damos tambem á enxada de cabo curto.

Raça (de sol). — Restea d'elle, o feixe de luz que entra pelos buracos dos telhados.

Raçada (de sol). — *Raça*, golpe bastante quente de sol, nas abertas em que elle sáe de entre nuvens.

Raiola. — Certo jogo, em que se atira a moeda; o conjuncto dos riscos, no chão é d'este feitiço:)—————(, a que a moeda se atira. (As curvas *a* e *á* são a *queima* da *raiola*).

Raivél (haver qualquer coisa a). — Havê-la já em abundancia. — Diz-se sobretudo da fructa. Assim, depois do dia de S. Lourenço, por ex., já ha uvas a *raivél*.

Raivós. — Certa especie de cogumellos, pequenos e de livrilho avinhado, que se dão nas lameiras, ao vir do outono, com as aguas novas. — São comestiveis. — Tambem lhes chamam *reivós*.

- Rancatrilha.** — O que coxeia, arrastando uma perna.
- Rangalheira** (ã). — A' farta, a rego cheio, á vontade.
- Rebesgados** (nomes). — Nomes arrevezados.
- Rebiassácos.** — *Filêtes*, feitiços, *gatinhonias*, macaquices, etc.
- Rebólo** (castanheiro). — Castanheiro bravo, rebordão.
- Rebôquinho.** — Redondo, atarracado.
- Rebria** (ter qualquer coisa ã). — Tel-a á fartura, em demasiada abundancia.
- Rebulhar.** — Rebuscar (os bolsos, por ex., uma casa, etc.).
- Recûla** (gallinha). — Gallinha sem rabo.
- Refeito.** — Remordido de raiva, dentes fortemente cerrados em phrenesi.
- Refustão.** — Repellão das bestas para o lado, espantando-se.
- Regaixinhas.** — Rodélas de limão ou de laranja para salada.
- Régra.** — A segunda cava das vinhas. — Corrupção de *rédi*, talvez.
- Regrar.** — Dar a segunda cava ás vinhas. — Ha de ser *redrar*.
- Reixello.** — Carneiro novo.
- Relheiro.** — Cordão de molhos de pão, com as espigas todas para o mesmo lado, e que se junta na terra acabada de ceifar.
- Remilhenta.** — Numero indefinido, de que as creanças fillam, e que é para ellas o limite superior de todos os numeros.
- Remisga.** — Só um restinho, um *resquicio* de qualquer coisa.
- Remudas** (levar duas ou mais coisas ás). — Levá-las pousando uma aqui para ir atrás buscar outra, tornando a pousar esta para voltar por aquella, e assim por diante, até chegar com todas a casa.
- Rencatrilha.** — O mesmo que *rancatrilha*.
- Rengo** (adject.). — *Rencatrilha*, o que manqueja.
- Renhões** (de gallo). — Dilatação comestivel na baste de uma leituga muito vulgar nos lameiros. *Renhões* emprega-se tambem como euphemismo do nome indecente dos testiculos.
- Repilgado.** — Bem cheio, bem atestado. — Diz-se principalmente dos saccos e dos bolsos.
- Repoisentado.** — Choco, muito tempo á espera na panella. — Diz-se sobretudo do caldo.
- Requejiteira.** — Mexeriqueira, a mulher de segredinhos ao ouvido.
- Requejitos.** — Os taes mexericos ciciados ao ouvido.
- Resquiado.** — Escasso, mal medido. — Usa-se munito: «um alqueire *resquiado*; dois palmos *resquiados*», etc. — O contrario de *resquiado* é *abonado*.
- Restrello.** — *Engaço* pequeno de arrebanhar palha nos restos. — Será melhor *restello*?
- Restrilho.** — O mesmo que *restrello*. — (Em Mogadouro).
- Resura.** — A quentura que se irradia do lume.
- Retrama.** — Mato boiçado e secco qe se põe no tecto dos palheiros, e sobre que se assenta depois o *colmaço*.

Retrincado. — Remordido e odiento, dentes fortemente cerrados a mostrarem a raiva.

Reverbério. — *Lavadentes*, raspança, reprimenda aspera. — Usado noutras terras do norte.

Revida. — Presumpçosa, tola, desvaneçada de si mesma. — Também se emprega o masculino, ainda que menos.

Revido. — Sem nenhum chorume, *eschamiçado*, myrrhado, requemado. — A palavra é variavel em genero e numero. — Diz-se especialmente de um assado, de um guisado, etc., postos assim, pela brusca ou demorada acção do lume.

Rexérta. — *Destarada*, muito falladeira e respondendo sempre ao pé da letra; velhaqueta sempre.

Rexio. — Ar cortante da noite ou da madrugada, a que noutros pontos da provincia, Chaves, por ex., chamam *chiasco*.

Rexôxô. — *Reverbério*, *lavadentes*, reprehensão aspera.

Rezentat. — Cordeiro novo, anho.

Rezentaleiras. — As ovelhas que andam com os *rezentaes*, em melhor pasto, separadas do resto do gado.

Ringleira. — Enfiada de coisas, série, fileira.

Rôço. — Dinheiro, *arame*, *bilhestres* grossos.

Rodaixinha. — *Regaixinha*, fatia de limão ou laranja, mas fatia a toda a roda. — Em Mogadouro.

Rodruga. — Estacas para a vinha ou para os feijões.

Rôjo (de silvas). — Rodilhão d'ellas para a *borda* de alguma parede, etc.

Rompão (ir, entrar, etc., de). — Ir, entrar, etc., bruscamente, violentamente, num *rompante*.

Ronchas. — As empolas produzidas pela mordedella do piolho e do percevejo; refegos de gordura nas perninhas e bracinhos das creanças robustas e nutridas.

Rôquelinho. — Especie comestivel de cogumello. E' das mais innocentes, se não a mais innocente. O *rôquelinho* é branco por baixo e com manchas acafetadas por cima.

Rutar. — Voar das aves e borboletas.

Ruto. — Vôo. — também se diz *ruto* por *róta*, rumo, caminho.

Rutejar-se (uma coisa). — Propalar-se, dizer-se, constar.

S

Saborreiro. — Grande calor abafado, em dia núveo e de trovoadas, no verão.

Saçamello. — Aquelle que naturalmente diz os *cc* muito com a lingua entre os dentes.

Saço. — O mesmo que *saçamello*.

Sacrafineiro. — Typo pouco sério, todo afadigado em diligencias pouco sérias também; *chanfeniteiro*, maricas. — Usa-se muito o diminutivo.

Safarda. — (Palavra do Mogadouro, de que me não lembra, a rigor, a significação. Mas creio que se applica á terra).

Saforil. — Animal ou pessoa réles, pequenos, mas espletados. — Referido a pessoas, *saforil* toma-se tambem quasi na mesma acceção que *sanfona*.

Salagre. — Quebradiço, que estala facilmente. — Diz-se propriamente dos paus, e o typo do pau *salagre* é o *algrege*. — Em sentido figurado, é *salagre* a pessoa que chora facilmente, que tem logo as lagrimas promptas, por qualquer coisa.

Salamurdo. — O que falla pouco, mas que é *turrão* e *songamonga*; o que morde pela calada, o que ha de levar a sua ávante, em se lhe *figando* lá na idéa.

Sancas. — Pernas, *gambias*, até só os pés, como sejam grandes. — *Sancos*, como o dictionario traz, é que não dizemos. — Compare-se *chancas*.

Sancadilha (acontecer qualquer coisa por uma). — Acontecer por um bamburrio, por uma *desnevada*.

Sapa. — Alluvião, *bólhara*.

Sapeira. — Odio figadal, *osga*, *sêde*.

Sarças. — Lá certas mézinhas mysteriosas, que dizem que as mulheres dão aos homens, e com que lhes fazem feitiços, para os obri-garem a amá-las, chegando mesmo a pô-los doidos ás vezes.

Sarcita (vir da). — Vir esfomeado, com fome canina.

Sarôto. — Com a ponta do rabo cortada. Diz-se dos burros, cavallos, etc. E tambem se ouve: «dedo *sarôto*; *sarôto* d'um dedo».

Sêmelé. — *Lêsma*, *mêlnozinha*, *enjêgada*, mas cheinha de ronha.

Sencenada. — Gêlo depositado nos ramos das arvores, e produzido pela congelação da poeira liquida dos nevociros.

Sencêno. — O mesmo que *sencenada*.

Silha. — Sitio, parada certa, lugar proprio de qualquer coisa.

Silho. — O mesmo que *azado* (subst.), isto é, o vaso antigo com duas asas symetricas, partindo rentes da bocca a descancarem no bojo.

Sínfanos. — Mosquitos muito zunidores, e que ficam muito de noite, pelo calor do verão.

Siria. — Consistencia, força, tesura nas pernas.

A cada passo se recommenda ás mães que não deixem fazer *têres* grandes ás creanças, enquanto não tenham *siria* nas pernas.

Só (subst.). — O fundo das vasilhas, e tambem o das agulhas.

Sopilão. — Solavanco; aquelle movimento que os soldados fazem para chegarem a mochila a cima.

Sôpo (burro, cavallo, etc.). — Com o casco de algum pé recurvado, de maneira que assente a dianteira em vez da planta.

Soprão. — Papalão, gulontrão d'aquillo que é dos outros, tanto em sentido proprio como figurado.

Sotaina. — Empregamos esta palavra em vez de póla, sova.

Soveio. — Correia grossa de couro, que serve para prender o carro, ou o arado, ao jugo.

Sovessa (tomar uma pessoa á). — Tomá-la de birra, tomá-la *de ponta*.

Sovêu. — O mesmo que *soveio*.

Sovinhas. — Dois pregos do pau que servem para segurar os atafaes á albarda, quando esta não tem fivellas para o mesmo effeito. — *Sovina*, significando pua, aguilhão, etc., trá-lo o dicionario.

Suchia (fazer qualquer coisa á). — Fazê-la muito em segredo, muito pela calada.

Sucho. — Medo.

Sudão (comer, fumar, etc., de). — Fazer tudo isso á conta dos outros. — Será abreviatura da condicional — *se o dão?*

Surça (estar, deitar, etc., carne de). — Estar, deitá-la, etc., em molho de vinho, alhos, sal e pimenta, para depois ensaccar em fumeiro. — D'onde se vê que é sobretnido a carne de porco que se deita — *de surça*. — Tambem, noutros pontos, ha quem diga — *de sórça*.

Surrenta. — Porca, espessa, *garra*, atola-la em çujidade.

Surro. — Porcaria, cisco, çujidade. — Termo vulgar.

Susque-dono! — Interjeição valendo o mesmo que *ala!* gira! toca a rodar!

Susquir-se. — Safar-se, pisgar-se, esgueirar-se.

T

Tacar. — Tomarem os trabalhadores uma pequena refeição, pelas dez horas — uma côdea, umas azeitonas, uma pinga, etc.

Taco. — Essa pequena refeição, especie de *lunch*, ás dez horas.

Talinheira. — Azinhaga, quella.

Tarambéco. — Traste caseiro, tareco.

Telitões. — Vestidos espaventosos, muita fita, muita laçarada. — Sobretudo, diz-se no plural.

Teres (fazê-los, uma creança). — Ir já tendo *síria* nas pernas, ir-se já sustentando de pé por algum tempo.

Téro-léro. — Pessoa feita no ar, sem termos nem seriedade, a quem falte uma aduella.

Terpóla. — Excrecencia nodosa no tronco ou ramos das arvores.

Terrincar (os dentes). — Tirar d'elles um som aspero, arripiante, cerrando-os fortemente com raiva, ou trincando uma areia ou um carvãozinho.

Tocaio (adject.). — Do mesmo nome. — Diz-se de pessoas.

Toeira. — Bordão da viola.

Tófes. — Laços, fitas nos vestidos.

Tóldeira. — A molher amiga de *telitões*, os quaes tambem se chamam *toldes*.

Tomba-ladeiras (um). — Um tragalhadanças, um desastrado.

Tombarinho. — Pequeno plano no cimo d'um altinho.

Tórça (d'uma porta ou janella). — A pedra que fecha o rectângulo no alto, a pedra opposta á soleira. — Immediatamente por trás da *torça*, fica a *contra-torça*.

Torrinheira. — Montãozito de pedras soltas, de *bernaz*, no campo, por entre as quaes chegam a esconder-se coelhos.

Touças. — Leiras e moitas alteadas, de feno grosseiro, que a cria não come, e a que chamam *sedas de cão*. — Ao pé do castanheiro, não chamamos.

Trâdinha. — Verruma pequena.

Tralhão (ir alguma pessoa mettida a). — Ir-se *desengurriando*, ir mettida á confiança, ir perdendo o acanhamento e tornando-se corrente.

Tralhar (qualquer liquido). — Congelar, solidificar-se.

Tralhêta. — Rapariga tagarella, fallando pelos cotovelos, sem tom nem som. — A *tralhêta* é sempre um *têro-lêro*.

Tranqueiros. — Ombreiras da porta ou janella.

Trapisonda. — Cardina, *pelleira*.

Trasga. — Objecto de pau, mais ou menos em fôrma de ferradura portugueza, pendente do meio do jugo, e por cujo anel enfia o temão do arado, etc. — Tambem, quando se passam rios á corda, a *trasga*, correndo ao longo da *maroma*, serve de transportar os individuos de uma para outra margem.

Travella. — Especie de aldrava de madeira para portas interiores.

Travinca. — Só chamamos a uma pequena peça de pau, em fôrma de angulo obtuso, com refegos nas extremidades dos lados, e servindo de argola grosseira nas cilhas e sobre-cargas.

Trella (tomar alguém á). — Tomá-lo á *sovessa*, tomá-lo *de ponta*.

Tremoicella. — Peça de madeira com um buraco circular na extremidade posterior, para enfiar no *canamão* do trilho, e servindo como de temão para puxar este instrumento.

Trintasca. — *Godalha*, rapariga de pouco juizo. — Tambem se usa no masculino, se bem que menos.

Trogaího. — Só usamos na accepção de pessoa mal azada.

Tróles-bóles (um). — Homem com pouco assento no que diz, agora uma coisa, logo outra, e sem saber no que ha de ficar.

Trompicão. — Tropeção das bestas.

Trompicar. — Dar *trompicões*.

Trongas. — *Pinoias*, femeação.

Tropecina. — *Trapisonda*, bebedeira.

Tróques. — Estalos especiaes que se dão com o dedo pollegar e o grande, quando se bailam *jotas* ou quando se afagam cães. — *Troques* são tambem as flôres da *digitalis*, assim chamadas pelo estoiro que os rapazes fazem dar á corolla, fechando-lhe a abertura, e batendo-a na testa ou na costa da mão esquerda.

Trote (trazer qualquer coisa a). — Trazê-la a cotío, deitá-la a todos os dias.

U e V

Ucha (ficar á). — Ficar sem nada, ficar a *chuchar no dedo*.

Urca. — Mulher gorda, de grandes ancas. — Também egua de marca grande, e muito redonda.

Usmar. — Orçar, calcular, medir bem, distribuir, tanto p'ra este lado, tanto para aquelle, afim de que chegue para tudo. — *Esmar* diz o dicionario.

Usmeira. — Useira. Da mulher que, pelo vezo, faz qualquer coisa, dizemos — que é *usmeira* e *vezeira*.

Varanga (do lagar). — Aquelle pau que vem das rodas, horizontalmente, e ao qual o boi puxa.

Varangada. — Pancada pelo desandar da *varanga*; movimento convulsivo com o corpo, para os lados, e de que dá perfeita ideia o que se observa na canda da lagartixa acabada de cortar.

Vareiro. — Fneiro, *jarundo*.

Vazios. — Flancos, a parte logo acima dos ossos *iliacos*. *Vazios*, provavelmente, porque são muito afundidos, sobretudo nos animaes, quando estão magros.

Venteada. — Diz-se a pedra que tem fendas, embora quasi imperceptiveis; rapariga *alvoreada*.

Ventolôirinho (andar com a cabeça ao). — Andar com ella *alvoreada*, á razão de *juros*.

Ventos. — Fendas na pedra.

Verduguilho. — *Seitoura* de folha muito estreita, e ordinariamente de muito bom resto.

Vergueiro. — Diz-se do animal com mau corpo para o trabalho, que todo se torce em no carregando. — O augmentativo *vergueirão* é muito usado, e em qualquer fôrma, ambos os adjectivos se applicam também ao homem.

Vidrosa. — Diz-se da pessoa que por nada se melindra, impertinente, delicada como o vidro.

Vima. — A segunda cava ou lavra aos terrenos.

Vimar. — Fazer a *vima*. — Como ficou dito, ha quem chame *regra* á *vima*, dizendo, portanto, *regrar* em vez de *vimar*.

X e Z

Xaimél. — Poste a pino, nos tabiques, entre o sobrado e a trave do tecto, e que serve para pregar a ripa.

Xéo. — Pessoa reles, *enzavel*.

Xêbre. — Enxabido, sem graça, sem essencia, inosso de todo.

Xô! e **xô'qui!** — Interjeições para enxotar gallinhas, etc.

Xocar (gallinhas e outras aves). — Dizer-lhes *xô!* ou *xô'qui!*

Xóldra. — Caldo com muito pouca *cozedura*, só agua; berundanga sem alimento.

Xórdo. — Mouco e surdo. — Decerto corrupção d'esta ultima palavra.

Xurdir. — Sahir a fazer pela vida, marinhar, lidar.

Zaguchô. — Muito vivo. — Diz-se das creanças. Olhos *zaguchos*: olhos a saltar, vivos, espertos.

Zamborrada (d'agua). — Batega forte e pouco demorada.

Zangarrão. — Homem vestido de diabo a tirar esmola para os santos (!). Noutros sitios, chamam-lhe *chocalheiro*, *carêto* e *velho*.

Zorcão. — *Urca*, mulher anafada, mostrengo.

Zavada (cara). — Cara estanhada, sem vergonha.

Zavaneira. — Mulher incansavel no amanho da casa e em qualquer serviço; que traz tudo feito pelo ar, que não tem paragem um momento.

Zavar. — Morder esgoldrejando, fozando co'a raiva. — Os cães é que costumam *zavar* uns nos outros.

Zenir (agua). — Resumar, estillar das pedras, da cal, do proprio chão. — Deverá antes ser *zinir*?

Zimbrar (o tambor). — Pôr-lhe dois bordões em cima da pelle em guisa de diametro, para tocar melhor, bordões que se vão esticando mais e mais com um arrocho, como que para *requintar* o instrumento.

Zinguerrear. — Dar qualquer coisa, que se mova num eixo muito frouxo, um som particular. Ex.: o que se produz no fulcro da alavanca d'uma bomba ordinaria, depois de muito uso; o que se ouve nas *armellas* d'uma caldeira, quando esta oscilla fortemente, etc. — Tambem se diz *zanguerrear*.

Zinideira. — E' propriamente um bocado de *vergancha* (a verga (?) de que se fazem as gigas), aguçado em ponteiro e atado na outra extremidade á extremidade d'uma vara, e que os rapazes sacodem depois no ar, fazendo-a *zinir*. — Figuradamente, é a mulher que anda sempre numa roda viva, a *zavaneira*.

Zirrar. — E' dizer *zirra! zirra!* interjectivamente. Fazem-no as mondadeiras, em grita, sobretudo quando algum rapaz novo lhes passa perto do campo de trigo.

Zoipeira. — Só usamos na accepção de *cochina*, *boldregueira*.

Zornão (burro). — O burro que zurra muito, e que é levado dos

diabos com o cio. D'ahi, a chamar-se tambem *burro zornão* ao homem atiradiço, amigo do femeação.

Zornar. — Zurrar. E d'aqui vem *zornão*.

Zuáte. — O anus, o nalgatorio. — Comquanto euphemismo, está ainda longe de ser palavra decente.

Zuído. — Sussurro no ouvido. Não é nem *zunido* nem *zumbido*. — Experimenta-se por doença, ou quando nos demoramos até altas horas da noite ao candieiro, ou ainda quando mettemos os dedos nos ouvidos.

Zuídoiro ou **zuidouro.** — O *zuído* prolongado.

Zumbar (em alguem). — Bater nelle, *almargar-lhe* o corpo.

Zupar. — Bater tambem como em centeio verde.

Zorêta. — O *pipi* das mulheres. — Tambem lhe chamam *cinisga*, e ambas as palavras são indecentes.

Zurpa. — Mixtella, mixórdia, borra. — Talvez contracção de *zur-rapa*.

Zurvada (de agua). — Bâtega forte de chuva. — Já vi algures escrito *zurbadas*.

Zurvanada. — O mesmo que *zurvada*, só talvez mais forte.

LOCUÇÕES

A nome de palhas (fazer qualquer coisa). — Fazê-la de graça, sem ter em mira o interesse. — Noutras partes, diz-se: «ao lume da palha».

Andar com vistas sinistras. — Andar com intenções reservadas a qualquer respeito, com fins inconfessaveis.

Ah, meu ser! — A'gora é; não é.

Ah, meu não! — E', sim; pois quem o duvida?

Botar-se aos mares. — Arrojar-se, decidir-se, atirar-se de olhos fechados a qualquer empresa difficil.

Capar a agua. — Fazer que uma pedrinha lhe vá passando, *de raspe*, tocando a superficie uma ou mais vezes, até sahir para fóra quasi sempre.

Capar o sol. — Ser *torto* d'algum olho; *olhar contra o governo*.

Chover no molhado. — Malhar em ferro frio, prégar inutilmente.

Contar mócas. — Alanzoar, metter petas.

Dar jura com entréga (qualquer coisa). — Acabar; estar mesmo no fim.

Dar vasão á pena. — Esperar; dar tempo que chegue.

Dar-lhe nas eivas. — Dar-lhe nas manhas; descobrir-lhe o ponto vulneravel.

Dar-lhe nas maturrangas. — *Dar-lhe nas eivas*; descobrir-lhe o segredo do mecanismo.

Dera a Deus que. — Prouvera que; e em tão boa hora que.

De sorte... — Parece-me que não; só se por acaso...

Dar o's machinos na agua. — Dar co'a casa em *pantana*; fallir. — Tambem se diz: — *Dar c'os borrhinhos na agua.*

Dar em droga. — Entrar em decadencia; declinar um negociante que começasse com muita rópia; começar tudo a *correr ao trás*.

Defender-lhe a cara a pousada. — Ser antipathico; bastar olhar-lhe para a cara para vêr que ha de ser fraca rês.

Estar co'a fina. — Estar co'a *pedra no çapato*, co'a *pulga no ouvido*; estar precavido, á espera d'isso mesmo.

Estar com olhos. — Estar de olhos esbugalhados p'ra qualquer coisa.

Estar a terra de areal. — Estar de *alqueire*, de *adil*.

Estar uma panella a ferver mentiras. — Estar a ferver muito, sem nada que se coza dentro: — só a agua.

Estar entre amba'-las-aguas. — Estar perplexo, sem saber p'ra onde virar-se.

Fallar por algarismo. — Fallar por rodeios, por parabolâs.

Fazer versos da gata parida. — Fazer *bandorias* de mil demonios; armar os infernos.

Fazer chique-çapato de alguém. — Faltar-lhe ao respeito, achincalhá-lo, tratá-lo como a um garoto. — Deverá antes escrever-se *chic-çapato*?

Fazer-lhe as bordas. — Andar-lhe á roda, a ir-lhe muito por casa, a tratá-lo com muito geito, para obter o que se pretende.

Fazer-lhe as caridades. — Tirar-lhe o que se puder; afundar-lhe a mão para tirar bom *rachigo*.

Fazer pontão em alguém. — Passar-lhe em claro a porta, na distribuição de qualquer obsequio; fazer nelle excepção odiosa.

Ficar na rua dos ratos. — Ficar ás escuras; ficar em mau campo, com cara de asno.

Ficar á ucha; ficar á divina; ficar a tocar o beato; ficar a olhar p'r'ó signal; ficar a paz de pillulas ¹. — Tudo isto quer dizer: ficar a *chuchar no dedo*; ficar a *vêr navios*, etc.

Fazer qualquer coisa sem caso de má ventura. — Fazê-la na melhor e mais simples fê; nem mal fazendo, nem mal cuidand'o.

Fazer uma coisa de orates pró Deó. — Fazê-la a nome de *palhas*; sem exigir paga por ella.

Fazer tocar os pausinhos a alguém. — Fazê-lo mexer-se; mettê-lo nalguma alhada, — demanda ou coisa assim; fazê-lo *danzar na corda bamba*.

Levantar-lhe a cesta. — Suspender-lhe a *riñadeira*; parar-lhe co'a pitaça.

Levantar-lhe a mamóla. — O mesmo que *levantar-lhe a cesta*.

Pélos com sincélos. — Alhos com bugalhos, embrulhada.

¹ *Ficar á paz de pírola*, diz o diccionario de J. de Deus.

Pintar de dedo. — Encontrar tudo facil cá de fóra; parecer-lhe, mas encontrar-se *ao engano*, se fôr a experimentar.

Pedir por moda. — Pedir *por linhas travessas*, por rodeios, falando *por algarismo*.

Pagar em oigas e migas e carvões. — Pagar em *miscandilhas*, em coisa que se não veja, que não luza.

Pôr-se de grande. — Empertigar se, não dar confiança.

Por finca-rabunha. — De proposito, de mau, p'ra arreliar. — Será *por finca e arrebuta*?

Sahir-lhe aos amens. — Sahir-lhe aos impedimentos; pôr-lhe embargos; fazer-lhe objecções.

Sahir-lhe a porca mal capada. — Achar-se ao engano; cuidar de se *benzer e quebrar os narizes*.

Saltar da quarta p'r'o carrapito. — Não levar as coisas com methodo, a seguir; ir-se do principio para o fim, do fim para o meio, etc.

Seitoura. — Foicinha de segar o pão.

Ser mesmo ao pintar. — Calhar mesmo; vir a proposito e na altura propria; *ser mesmo tal te quero*.

Ser um salta na criva. — Ser um doidellas, hoje aqui, amanhã além, sem assento nem paragem em parte nenhuma.

Ser topa que acerta. — A ésmo, á tóa, á sorte.

Ter entradas de leão e sahidas de cavallo cansado. — Começar com muita valentia, e acabar a morrer-se.

Ter o coração a dar latidos. — Tê-lo em pulsações desordenadas, principalmente com o susto ou com o alvoroço.

Vêr as estrellas do céu. — Ferir-se muito, principalmente nos olhos, de maneira que nos pareça formarem-se cá dentro uns relampagos.

Vê-la ahi! ou vê-la ahi bem branca! — *Ah! meu ser!* Ágora é! ágora faço!

Vir co'as bestas á vara. — Trazê-las descarregadas, adiante da gente.

Vir co'as mãos spanadas. — Não trazer nada nellas, nenhum presente, nenhuma lembrança.

Lá vem que tal queres. — Lá vem pessoa a quem se não pôde dizer que não, a quem se não pôde faltar.

Não ter atilho nem vincelho. — Não ter ponta por onde se lhe pegue; não se entender; ser intrincado. — *Vencelho* é que se diz.

Andar com cães mortos á caça. — Não ir logo a *fonte limpa*; andar a gente a recorrer a quem nada pôde; ter fracas *cunhas*.

Andar a fazer que façamos. — Andar a *envedar*, a *engalhar* tempo. — Seria mais coherente — *Andar a fazer que fazemos*.

Andar-lhe Sant'Antoninho, onde te porei? — E' andar-lhe *com uma mão por baixo e outra por cima*, com o maximo geitinho, a fazer-lhe todas as vontades.

Arrancar a farinha e aproveitar a cinza. — Fazei os individuos que esbanjam as coisas de valor, e querem fazer dinheiro de ninharias, vendendo as alfaces e os feijões da horta, os ovos das galinhas, etc., etc.

Chover a raios d'agua. — Chover muito, chover a cantaros.

Chover, se Deus a dá. — *Chover a raios d'agua.*

Custar-nos os olhos da cara (qualquer coisa). — Ser-nos muito difficil consegui-la; vêmo-nos *gugos* para a alcançar.

Dar-lhe uma descalçadeira. — Dar-lhe uma reprimenda aspera; dar-lhe um *lavadentes* que o zurza.

Dar-lhe uma no cravo outra na ferradura. — Dar-lhe assim uma resposta que lhe tape logo a bôca; fazer-lhe uma allusão hervada que o embace.

Dar-nos qualquer coisa no gôto. — Chamar-nos a attenção; estranhar-mo-la; fazer-nos messa cá dentro.

Estar a pilar por qualquer coisa. — Desejá-la ardentemente; estar mesmo mortinho por ella.

Estar o anno bicudo. — Estar mau de passar, haver fome.

Estar por conquistar (uma pessoa). — *Estar com os beicinhos com que mamou*; ser inexperiente, ser ingenua em demasia.

Fazer-lhe uma cruz á porta. — Jurar não lhe tornar a casa.

Fazer-lhe tudo de costa acima. — Ser um arrastado em tudo; ser muito preguiçoso.

Ferrar, ou tirar do banco! — Pegar ou largar! decidir-se!

Ficar a fazer cruces (na bôca). — Ficar sem ter que comer.

Ir por seus justos cabedaes (qualquer coisa). — Ir ao seu correr natural, sem coacção nem sollicitações.

Ir á serra (uma pessoa). — *Dar a casca; ir á parede*; não supportar uma graça; ser *pelado*.

Levar a cruz ao calvario. — Aguentar até o fim.

Metter-se alguem a redemptor. — Metter-se de permcio a dar leis; querer tambem figurar; ingerir-se; metter a colherada.

Pagar a patente. — Pagar um certo tributo por se estrear em qualquer coisa, por fazer a barba a primeira vez, por exemplo.

Pagar o patau. — Ficar-lhe cara a brincadeira; soffrer-lhe as consequencias; pagar bem o gostinho.

Saiu-se-me co'uma estrangeirinha. — Saiu-se me com uma *achadilha*, com uma artimanha, com um subterfugio; ou então: com uma *desneçada*.

Ser de rebimba o malho. — Ser de *chupêta*; ser á valentona.

Ser de uma morte p'ra fazer qualquer coisa (alguem). — Ser de difficuldade extrema levá-lo a fazê-la.

Ter quem lhe mexa os paus. — Ter quem se interesse por elle; ter quem lhe trate do negocio.

Varrer alguém (para nós). — Não querermos mais contas com elle; cortarmos relações para sempre; desprezarmos-lo (e até odiarmos-lo) por completo.

Ver-se e desejar-se (uma pessoa). — Ver-se nas ultimas, em grande difficuldade, em grande risco; não lhe sobrar nada.

Ver-se nas de atacar. — Ver-se n'um perigo extremo; ver-se nas ultimas.

Mogadouro — 1885.

AUGUSTO C. MORENO.

O TROVADOR MARTIM SOÁREZ

E SEU FILHO

JOÃO MARTINZ

As populações da região comprehendida entre o Douro, o Mondego e as montanhas do interior (Beira do Mar), tinham como ponto de attracção espirital mais importante o mosteiro de Lorvão, fundado talvez em epocha anterior á conquista arabe da peninsula, e quasi inquebrantavel perante as invasões muçulmanas e as dos seus proprios correligionarios, os gallegos, os asturianos e os portuealenses, o qual não chegou, contudo, nunca á altura do santuario de Compostella, onde se reunião os hispanos igualmente com intuitos religiosos. Da mesma forma que os guerreiros e os diversos profissionaes, precisavão tambem os monges, ao recolherem os individuos que lhes tinham de succeder um dia na posse do mosteiro, de lhes dar certa educação, para que a execução dos ritos, a lembrança dos factos e a força de certos objectos que tinham feito a grandeza do convento, não percessem motivadas pela estagnação e pela concorrência d'outros rivaes, como por fim aconteceu. Por um momento esteve hesitante, devido a novas conquistas e á criação da Universidade de Lisboa, o lugar e o espirito da supremacia intellectual de Portugal. Com D. João III obteve esse papel o semi-monachismo com assistencia na parte media da nação, entre o norte conservador e aferrado ás suas crenças e o sul volúvel e victima dos seus habitos, que não defende, mas que não póde abandonar.

Debaixo do commando do semi-franco D. Affonso Henriquez começou de novo e definitivamente a conquista do baixo Tejo, e com ella a expulsão dos grandes proprietarios e funcionarios muçulmanos mais ou menos arabizados, ficando a parte christã da população, cuja existencia em Santarem é indubitavel no dominio oriental, e uma pequena fracção mourisca, gozando ou soffrendo talvez os mesmos privilegios, que tinham obtido desta os que ora erão senhores. A posição de Santarem naquelle tempo era magnifica, pois, além de estar a pouca distancia do mar, o rio que banhava a base da montanha onde fôra edificada, tinha então profundidade bastante para que os modestos navios d'alto mar pudessem chegar até lá, como o prova a invasão dos normandos. Como fôra um centro de civilização, tinha adquirido grande numero de commodidades que os christãos do norte aproveitáram; e logo que o perigo immediato da luta com os inimigos d'outra religião e as desordens interiores se deixaram de sentir, principiou um periodo de gozo augmentado pelos novos elementos trazidos de França pelos emigrados politicos. O novo rei D. Affonso III não tinha talvez outra força intellectual para contrapor á grande massa ecclesiastica, que procurava obter o maior numero de vantagens como premio do seu proceder em frente do anterior rei, senão alguns nobres e plebeus cultivadores da poesia. Sabendo que a politica do conde de Bolonha foi anti-ecclesiastica e que os seus funcionarios e os seus conselheiros eram trovadores, ou pelo menos aparentados com elles, fica provavel esta hypothese. Não quer isto, porém, dizer que a poesia trovadoresca deixasse de ser religiosa — o contrario é a verdade — o que ella dispensou foi a vigilancia do clero intransigente. Seu filho e successor, criado nesta atmospheria especial, ainda tornou mais patente a differença, tornando-se o mais fecundo de todos os trovadores, fundando estudos com rendimentos ecclesiasticos, por meio dos quaes não corria perigo a monarchia de lhe faltarem leaes servidores no momento em que tivesse de se defender ou de subjugar aquelles que tinham feito da sua classe um gremio, fôra de cujos interesses não havia verdade possivel. Dos trabalhos d'esse tempo resta-nos muito pouco. D'uma carta de Thomé Lopes a D. João III, datada de 2 de maio de 1526 (*Bibl. Nacional de Lisboa*, Cod. 454 de Alcobaça, pag. 59 v. e seqq.) sobre a antiga Torre do Tombo, tiro o seguinte excerpto: «... concerto de todos os livros das chronicas dos reis passados até el-rei D. João II que Deus haja e liuros das menagens e linhagens, regimentos, outros de cantoria...». Não é facil hoje averiguar, visto não existirem naquelle deposito os livros mencionados de cantorias, qual o assumpto e quaes os auctores d'estas composições. No tempo de Duarte Nuncz do Leão havia ainda um cancioneiro de D. Dinis na Torre do Tombo; provavelmente era este um dos livros de cantorias de que falava Thomé Lopes. Tudo leva a crer que Santarem foi o foco principal em que se elaborou a reacção contra o predominio da classe anti-segral. Resta, porém, saber quem erão os individuos de todos os pontos do pais que offerceião o seu saber, a sua intelligencia e a sua cri-

tica ao principio hereditario e centralizador para os seus fins egoistas, o tempo em que exercêrão influencia, a sua estirpe, e a provincia d'onde provinhão. Como diz o sr. Lang (*Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, pag. xxvii) no prologo da sua obra: «Die feststellung der zeit, in der die einzelnen portugiesischen kunstlyriker lebten und dichteten, ist bei dem mangel an biographischen notizen und sonstigen nachrichten für die meisten derselben schwierig und unsicher, für viele wohl gar nicht möglich». Uma investigação methodica de todos os documentos de 1250 a 1350 na região da Extremadura pôde dar material bastante para o estudo dos auctores da mais antiga poesia portugueza; pois estes, tendo na sua maioria desempenhado papeis politicos, deixarão amplos vestigios da sua passagem em diplomas de diversa especie.

Basta por agora tratar de Martim Soárez, *unicamente* segundo os documentos. Tendo-se encontrado fortuitamente um documento sobre a viuva de Martim Soárez, Trovador, e noticiando o seu apparecimento ao sr. dr. Sousa Viterbo, este meu amigo teve a bondade de me communicar dois passos da *Monarchia Lusitana*, tomo v, em que se tratava d'um certo João Martinz Trovador. Um d'estes passos remettia o leitor para o Livro v dos registos dos documentos d'Alcobaça, vulgarmente conhecidos pelo nome de *Dourados*, escriptos por ordem regia, que felizmente se conservavão no Archivo Nacional, escapos ao temporal revolucionario de 1834, que tantos cartorios conventuaes dispersou. Da consulta do v tomo dos *Dourados* sahirão a maior parte dos documentos que são agora impressos e que lanção uma tenue luz sobre dois individuos, um dos quaes tem valor litterario incontestavel e o outro exerceu alguma influencia na politica local de Santarem. Martim Soárez era pae de João Martinz e este recebeu talvez por herança paterna o titulo de trovador, pois nada temos a confirma-lo senão o nome. De Martim Soárez, além das suas poesias, temos a seguinte preciosa noticia do Colloci-Brancuti: «Este Martim Soárez foy de Riba de Limha em Portugal e trobou melhor ca todolos que trobaram et assy foy julgado antr'os outros trobadores». Lang (*Das Liederb.*, etc. pag. xxx). A sua residencia em Santarem, ou pelo pelo menos Rio-Maior, provão-na com alguma probabilidade os documentos sobre sua mulher e filho. Este nome apparece ainda na lista dos individuos que formavão a casa do successor de D. Affonso III antes da sua subida ao throno; mas não se pôde identificar com o trovador ¹. Se a sua mulher D. Maria Soárez era natural do termo de Santarem ou mesmo de Santarem e elle Martim Soárez, como já sabemos, de Riba de Lima, é isto mais um exemplo dos casamentos entre os nobres e as plebeias ricas de Santarem (*Nota A*); com a unica excepção de elle não ser nobre, pois neste caso o seu nome viria nalgum dos livros de linhagens, o que só aconteceu a seu filho João Martinz.

¹ Tambem no doc. vi o Martim Soárez que lá se menciona, não é o trovador.

De João Martinz são mais copiosas as noticias e abrangem um periodo de 34 annos, de 1269 a 1303. Em 1269 apparece-nos testemunha num documento de compra feita por D. João Pirez d'Aboim, grande trovador e partidario acerrimo de D. Affonso III; era então João Martinz Trovador um modesto *vicinus* de Santarem. Quasi 20 annos depois assistia elle em Leiria como testemunha á repartição dos bens de D. João d'Aboim. Logo no anno seguinte, revestido da dignidade de alvazil, era testemunha num documento que interessava a D. Marinha, viuva de D. João d'Aboim. Esta insistencia de ser testemunha em diplomas referentes á casa do grande chanceller faz suppor estreitas relações politicas ou melhor dependencia do agora alvazil e D. João, pouco escrupuloso segundo os contemporaneos. Martin Dade (*Nota B*) estava ao que parece ligado intimamente, tambem, com D. João d'Aboim, e as suas funções de alcaide de Santarem permitião-lhe larga ingerencia nos negocios municipaes desta villa, não consentindo elle por certo que nas eleições dos alvazils que se davão todos os annos fossem eleitos pelos homens bons da villa e seu termo individuos com vontade propria, pugnando pelos interesses particulares do concelho contra os do rei e da sua camarilha. Em 1294, 6 annos depois da sua primeira eleição que saibamos, apparece João Martinz Trovador, alvazil outra vez numa resolução municipal em que se offerencia a el-rei o paul de Magos em troca de beneficios d'elle recebidos, que ignoramos quaes fossem. A ultima menção que se faz de João Martinz é datada de 1303, sendo então já cavalleiro.

E' agora a occasião mais propria de tratar de D. Maria Soárez, mulher do trovador Martin Soárez e mãe do cavalleiro ou *miles* João Martinz. Os documentos enconrados não dão materiaes para se indagar da sua familia. Parece ter casado muito nova, e muito nova ter ficado viuva com um unico filho, pois, se mais houvesse, elles terião apparecido ou pretendendo annular a doação de sua mãe ou a defende-la. Cason segunda vez com João Affonso a quem sobreviveu; não parece ter sido muito feliz então na administração dos seus bens, como ella propria conta. Em paga de beneficios recebidos do mosteiro d'Alcobaca, de quem ella era familiar, deixou-lhe a terça dos seus bens. Que especie de protecção dispensou o mosteiro á sua familiar é difficil averigua-lo. Seria por occasião das luctas da enthronisação de D. Affonso III? Ou perseguida pelo filho, chegado á maioridade, teve de chamar em seu auxilio o Dom Abbade? O que é certo, foi João Martinz ter levado a mal as disposições maternas, julgando que o pagamento da divida moral ao mosteiro era em muito superior ao favor recebido. D. Maria Soárez falleceu entre 1301 a 1303. O litigio foi resolvido pelos arbitros contra João Martinz, e este acatou a sentença que é o ultimo documento que possuimos sobre o filho do trovador Martin Soárez até que novos descobrimentos fação jorrar a luz sobre elle.

As unicas noticias conhecidas até agora sobre João Martinz encontram-se nos Nobiliarios, publicados nos *P M H. Script.*, pag. 170,

178, 207 e 301. Em todos estes pontos se junta ao nome João Martinz a designação de Trovador; como já disse, creio ser um simples appellido e não indicio de exercer a arte de trovar. Sabemos pelos documentos ser elle casado com Constança Lourenço, o que concorda com o Livro Velho, escripto em 1343, segundo a rubrica final e com o Nobiliario II; pelo contrario o Nobiliario III e D. Pedro fazem-no dar como casado com Theresa Lourenço. O caso explica-se por uma má interpretação: *c.* que significa *Constança* (ou *Catharina*, nome raro nesta epocha) em virtude de simillhança perfeita do *c* e *t* que ás vezes nos embaraça na leitura de palavras de pouco uso, foi tomado já em tempos remotos como *t.* e desenvolvido em *Theresa*. É notavel serem tão laconicos os livros de linhagens sobre João Martinz, que, além de ser filho de um verdadeiro trovador, conseguiu chegar a cavalleiro. Parece não ter tido filhos, ou então não foram julgados dignos de fazerem parte dos Livros da nobreza; mesmo no primeiro caso, porém, falta a menção: não teve *semel*. Mas como os linhagistas d'aquelles tempos não tinham o escrupulo e os meios dos coordenadores do Almanach de Gotha e do Taschenbuch der Gräflichen Häuser deixavão muitas vezes para trás certas linhas collocadas fóra do alcance das suas relações. O fim a que se propunhão estas linhagens que era o da fixação da posse das propriedades nos ramos a que de direito hereditario pertencião está muito longe de ser alcançado.

Uma tentativa deveras arriscada é a de procurar determinar o tempo em que viveu Martin Soarez, pae de João Martinz, segundo os dados obtidos. Suppondo que João Martinz tinha em 1269 vinte e cinco annos, nascera em 1244, quando se preparava a revolução contra D. Sancho II. Suppondo ainda que sua mãe contava então 20 annos e tendo ella morrido em 1302 approximadamente, teria vivido 72 annos. Partindo d'estes numeros incertos e acreditando que Martin Soarez tinha mais 10 annos que sua mulher D. Maria Soarez temo-lo como nascido em 1210, o que concorda com a ideia do sr. Lang de elle pertencer á camada mais antiga de trovadores de que possuímos poesias. Em resumo: Martin Soarez nasceu nos principios do seculo XIII, senão nos fins do anterior, e falleceu pelo tempo da revolução ou pouco depois (?) e seu filho nasceu entre 1245 e 1250; e á data do ultimo documento que d'este possuímos teria uma idade de 50 a 60 annos.

De caracteristica para o viver intimo dos trovadores serve o documento n.º 12. É uma carta de legitimação de D. Dinis a Joanne Annes, filho de João Velho de Pedregães ou Pedrogães que é o mesmo individuo conhecido com a graphia errada de Pedro Gaes ou Pedrógães e que foi trovador, e de Maria Peres, filha de Gonçalo Martins dicto *Trovador*, de Santarem. A base para a concessão do diploma foi o instrumento publico feito em Caminha, por ordem de seu pae. Ao contrario talvez de Martin Soarez, pertencia João Velho á nobreza, não apparecendo contudo o seu nome nos Nobiliarios. Sobre a genealogia dos Velhos e dos individuos usando d'este appellido prepara um trabalho o meu amigo o sr. Ayres de Sá. João Pedro Ribei-

ro, *Dissert. Chronol.*, tom. v, pag. 391, dá em summario noticia d'este documento, tendo sido o sr. dr. Sousa Viterbo quem me communicou a existencia d'esta citação.

Um nome completamente novo na serie dos trovadores é o do judeu Samuel, de Leiria; ou será a designação de trovador que se lhe junta em maneira de profissão uma palavra de que se não pôde tirar consequencia nenhuma? O hebraismo não ficou, é certo, indifferente ao movimento que se deu na Provença, conservando se ainda hoje algumas produções escriptas na lingua d'oc nos caracteres hebraicos. Em Castella tambem se derão factos identicos, não sendo para admirar que a judaria (e não *judaria*) de Leiria, que tão notavel se tornou no sec. xv pelas suas impressões, talvez as primeiras em Portugal ¹, tivesse tambem cultivado o campo poetico.

A classe mais inferior dos que cultivavão a poesia era formada pelos jograes; e o numero d'aquelles de que nos restão os nomes é tambem muito reduzido. Num documento de 24 de outubro de 1276 (iv dos Dourados d'Alcobaça, fl. 154 v.), apparece como testemunha um Petrus iograr que residia em Alemquer ou Camarnal. No Livro 2, fl. 85 v. da Chancellaria de D. Dinis está uma doação, datada de 18 de agosto de 1294, do casal de Nesperedo, termo de Viseu, a *Johã iohanes*, filho de *Johã Jograr*. E numa Caixa da *Collecção Especial* em uma «carta de uendição e de perduravel ffermido» de 26 de janeiro de 1324 está o nome de Ruy Fernandez Jograr, como testemunha. A venda foi da metade dos moinhos de Albarrel.

A

Individuos naturaes de Santarem, ou ahi casados, e que tem menção nos nobiliarios

[Os numeros representam as paginas do P M H. *Scriptores*].

147. — «Affonso Martins Froyam, morador em Santarem... casou com a filha de Martim Dade de Santarem...». Houve um trovador de nome Estevão Froyão.

156. — «João Martins (*filho de Martin Gomez*), casou com Sanches Gomes, filha de Gomes Martins e de Maria Annes de Santarem...». Vid. 377.

159. — «... Suer Coelho, irmão de Esteuam Coelho, foi casado em Santarem com a filha de Affonso Dias e de sua mulher de Santa-que houue hi mui bons moinhos na ribeira d'Alucela.»

163. — «... Gomes Pires d'Alvarenga, cazou com Sancha Gon-

¹ No Archivo Nacional de Lisboa conserva se o *signal publico* d'um tabellião judeu, impresso em tinta d'oleo.

calves, filha de Gonçalo Correa de Santarem e de Eluira Baralha». Baralha é uma aldeia no termo de Santarem. O Livro v dos *Dourados* d'Alcobaça, fl. 65 v., dá uma rua de Santarem com o nome de Dona Sancha d'Alvarenga; e a fl. 67 v. fala em casas que fôrao de D. Sancha Gonçalves d'Alvarenga».

167. — «... D. João Gomes Barreto foi casado com D. Sancha Paes de Vasconcellos, e fora ja ella casada com D. Mendo Affonso de Santarem».

168. — «... Orraca Fernandes casou em Santarem com Dominiqueannes, mui rico, e casou hi D. João Gomes Barreto, seu primo...». Vid. 333 e 227.

170. — «... Soeiro Mendes, ouve hum filho de huma moura de Santarem, que ouve nome D. Gonçalo Soares Mouro...».

202. — «Esteuam Paacz foy casado com dona Guyomar Garcia, filha de Garcia Martins do Casal e d'uma booa dona de Santarem...». No v dos *Dourados*, fl. 90 v. anno 1266 vem *Martinus Petri de Casali et uxar Sancia Garcia*, paes provavelmente de Garcia Martins do Casal. Houve um trovador chamado Ruy Martins do Casal.

204. — «... esteuam fernandez foy casado em Santarem com iobana stevez, filha de steuam bartolomen de Santarem e de sancha e nom casou como deuera...».

206. — «Este Martin stevez de molles foi casado com dona moor fernandez, filha de fernam rodriguiz bogalho e de dona Maria Affonso Guilherme de Santarem». Houve em Santarem, conforme um documento agora publicado, Philippe Guilhelme. Steuam Guilhelme e Affonso Guilherme, este ultimo talvez pae de D. Maria Affonso Guilherme. Vid. 346.

227. — «Este dom Rodrigo Anes Redondo foi casado com dona moor fernandez, filha de fernam martins curutelo e de dona Oraca dominguez de Santarem...». Vid. 168 e 333.

307. — «E a sobredita dona Tareyia Pirez de Uides... casou... com Fernam Baueca, e fez em ella Fernam Fernandez Baueca e Affonso Fernandez Baueca». Houve o trovador João Baueca. Ha vestigios da passagem de individuos d'esta familia por Santarem.

319. — «Este Estenam d'Anoyrn foy casado com dona Eixamea Esteues, filha de Estenam Soarez d'Alfanxe... casou elle depois com dona Maria Annes, filha de Joam Pirez Bocardo e de dona Maria Dade...».

333. — «Esta dona Orraca Fernandez foi casada em Santarem com humm cidadãao que avia nome Domingos Johanes Fura-eouas, que era villão rico e poderoso e fez em ella dona Orraca Dominguez, que foi casada com dom Fernam Martins Curutello...». Vid. 168 e 227.

341. — «Este Esteuam Reymondo foi casado com huuma boa dona de Santarem, que auia nome dona e esta dona ouuera elrey de Portugal por barregãa...».

346. — E Fernam Martijns... foy casado com dona Maria Gui-

lhelme de Santarem, e fez em ella... humra filha que ouue nome dona Enês Fernandez, que foi casada em Santarem». Vid. 206.

Id. — «... este Gonçalo Gomez foy casado com Maria Martins de Santarem e fez em ella filhos e filhas».

375. — «Este Pero Nonaacs, que ouue nome como o padre, foy casado com dona Maria a Patarinha de Santarem». Esta familia de alcunha *Patarinho* ou *Patario*, era de Santarem. A etymologia não é facil; certamente que não tem nada com *Patureni*, seita religiosa dos valdenses. Creio, porém, sem poder citar documentos por motivo de extravio, ser adjectivo derivado de *pato* (anser patarino).

377 — «Este Gomez Martiins foi casado em Santarem com humra dona que chamaram Maria Anes Solteira e ouuerom semel de cavalleiros». Vid. 156. Gomez Martinz e sua mulher Maria Annes Solteira, apparecem num documento do anno de 1286, v dos *Dourados*, fl. 100. No mesmo livro, fl. 72 v., anno 1271, apparece *Petrus Joannes dictus Solteirus*, provavelmente irmão da sobredita.

B

Martim Dade

- Martim Martinz Dade, ou simplesmente Martim Dade, alcaide de Santarem, era filho, como o patronymico indica, de Martim Dade, o Velho. Este Martim, progenitor da familia Dade, mais celebrada nos Nobiliarios pelos seus enlacs com familias pertencentes á antiga nobreza do que talvez pela sua propria extracção, era muito provavelmente originario da pequena povoação chamada *Dade*, hoje existente na freguesia do Conto-de-Cima, concelho de Viseu¹. Pela conquista definitiva de Santarem aos mouros em 1147, devião ter vindo estabelecer-se em Santarem, junto á antiga população christã e muçulmana, numerosas familias do norte de Portugal, e é de crer que entre ellas se encontrasse a de que proveiu Martim Dade, o Velho. Se o pae do pretor foi o primeiro da familia domiciliado na velha Scallabis, e possuidor de fortuna importante, que talvez lhe não coubesse por serviços guerreiros, estranha-se o ter vindo estabelecer-se tão longe da sua patria. E' provavel que a fortuna, indubitavelmente por elle adquirida, o fosse pelos meios commerciaes. Em todo o caso, o filho dedicou se á carreira militar, que era annexa ao estado agricola, e opposta quasi a mercantil, no que poderia ter sido influenciado pelos parentes de sua mãe. Uma coincidência curiosa é o facto da freguesia do Conto-de-Cima ter por orago São Martinho, por cujo motivo poderia ter sido imposto ao fundador da familia Dade de Santarem o nome d'aquelle popular santo. Esta razão, porém, não é apreciavel, pois o numero dos nomes usados entre nós no periodo que vae da extincção

¹ [Propriamente D'ADE; cfr. Rio D'ADE; *ade* < lánatein. — J. L. DE V.]

do emprêgo da maior parte dos nomes germanicos (visigóticos e suevos) até o apparecimento dos nomes de cavallaria e da antiguidade classica, é muito pequeno, e offerecendo pouco para escolher. Martim, o Velho, casou na nobreza ¹, provando com isso que, se não juntava a uma modesta *honra*, no sentido material antigo a qualidade de nobre, tinha pelo menos riqueza bastante para hombraear com os fidalgos que já então começavão a querer pela mercê regia o que bem poderião obter pelas suas mãos. Devido a este enlace e aos da sua familia, temos nos Nobiliarios a genealogia da familia Dade (P M H. *Scrip.*, 149, 330). Casou, pois, Martim, o Velho, com Maria Reimondo, da qual, entre outros filhos, teve o alcaide, que recebeu o mesmo nome do pae e que se tornou o mais notavel da familia, chegando a usar o titulo de *dom*, que então, porém, não possuia o valor que começou a ter talvez do sec. xv em diante ². Por causa dos seus merecimentos, que não sabemos ainda quaes fossem, encontramos Martim Dade, que podemos chamar Junior, pretor ou alcaide de Santarem, de 1252 a 1283; as datas extremas representam simplesmente as que dão os documentos que conheço. Em 1271 a 1282 fazia as suas vezes em Santarem um vice-pretor ou alcaide-menor. Parece, pois, que elle no fim do reinado de D. Affonso III, e começo do de D. Dinis, exercia outras funcções: e effectivamente um documento de 1277, publicado na *Mon. Lusitana*, iv, 246, mostra que elle era, conjunctamente com Martim Annes do Vinhal, conselheiro do rei. A sua influencia e, portanto, riqueza, era tanta que chegou a aparentar-se a sua familia com a casa real, pois, tendo o illustre conde de Barcellos casado com uma neta do célebre D. João Pirez d'Aboim, e por seu turno Fernão Dade, filho do alcaide, com uma sobrinha do chanceller real e trovador, ficirão o filho de Martim Dade (junior) e o conde D. Pedro, primos. O infante D. Affonso Dinis casou tambem com uma irmã da mulher do conde, e d'este consorcio houve varios filhos, entre os quaes um que foi prior da Alcaçova de Santarem (P M H., *Scrip.*, 291). Casou tres vezes D. Martim Dade. A primeira vez com D. Sancha de Santarem, de quem teve, além d'outros filhos, Fernão Dade. Segunda vez (*l. c.*, 330) com D. Orraca Lourenço da Cuinha, de quem não teve *semel.* Em 1253, segundo o v dos *Dourados* d'Alcobaça, 3 v., estava casado com *D. Orracha Laurencij*. E terecira e ultima com D. Tarcija Fernandez de Seaura ³, de quem teve dois filhos. O mesmo livro v, fl. 92 v., menciona como *uxor* de D. Martinus Dade em 1283 D. Tarasia Fernandi; mas, a fl. 5 v., em 1303, menciona-a já como viuva. Dos seus filhos, o unico que teve alguma importancia foi Fernão Dade, que parece ter morrido novo, sem deixar descendencia de D. Mayor, filha de Estevão de Aboim.

¹ O sogro, porém, não era de linhagem muito illustre.

² Creio que as viúvas, exceptuadas as das classes pobres ou servas, tinham o direito tacito de serem chamadas *donas*.

³ Filha do trovador Fernam Gonçalves de Seavra? Seabra provém de *Sinabria*.

Se, como está provado, os trabalhos genealogicos devem ser utilizados, por diversos motivos, uns independentes, outros não de certos interesses, com o maximo cuidado, afim de não induzirem em erro, a cautela ainda deve ser maior nos velhos Nobiliarios. Só a confrontação das afirmações d'elles com as menções espalhadas nos documentos nos podem dar a certeza absoluta da sua veracidade. Assim, na Chanc. de D. Affonso III, liv. I, 127 v., num documento datado de 1274, vem o seguinte trecho: «hereditatem que fuit Martini Dade Pretoris Sanctarene quam dedit Johannem Petri suo genero (*cunhado*) et suo filio fernão dade». Effectivamente, os Nobiliarios dão como casada Maria Dade, irmã do alcaide, com D. João Pires Brochado. Outras mais citações se podião fazer para illustrar a chronologia da familia Dade.

Houve ainda um terceiro Martim Dade, conego em Lisboa, que não é mencionado nas genealogias ¹.

C

Lista (incompleta) das auctoridades de Santarem na segunda metade do sec. XIII

ALCAIDES OU PRETORES

- 1249. — Johannes Dominici (*V dos Dourados*, 2 v.).
- 1250. — Petrus Petri (*Portel*, 53 v.).
- 1252. — Martinus Dade (*V dos Dourados*, 3 v.).
- 1253. — Id. (*Portel*, 28 v.).
- 1254. — Id. (*Id.*, 54 v.).
- 1266. — Id. (*P M H. Leges*, 708).
- 1270. — Id. (*Portel*, 77 v.).
- 1271. — Michael Menendi. Vice-Pretor (*V dos Dourados*, 21 v.).
- 1272. — Martinus Dade (*P M H. Leges*, 725).
- 1273. — Id. (*Ibid.*, 229).
- 1277. — Rodericus Petri, Vice-Pretor (*V dos Dourados*, 152).
- 1280. — Martim Dade (*Mon. Lusit.*, v, 308 v.).
- 1282. — Martinus Menendi (?)
- » — Martinus Iohannis (*Gav. 3. Mag. 9. Num. 13*).
- 1283. — Martim Dade (*V dos Dourados*, 92 v.).
- » — Roy Perez, teente as vezes (*P M H. Leges*, II, 35).
- 1286. — Paay Alvariz (*P M H. Leges*, II, 35).
- 1289. — Sociro Mendiz (*Chanc. de D. Dinis*, I, 265 v. e *Mon. Lusit.*, v, 317).

¹ Segundo um documento da chanc. de D. Affonso V, xxix, 9 v., os Paços de Martim Dade em Santarem ficavão juntos da Rua publica da Mouraria. O documento é passado a Adella Barzano, capellão dos mouros da communa de Santarem.

1294. — Stenam Pirez Lobato (*Chanc. de D. Dinis*, II, 75).
 1306. — Pero Rodriguiz (*Chanc. de D. Dinis*, III, 57).
 1319. — Pero Giraldo (*Id.*, 125 v.).

ALVAZIS

1187. — Saluador Suariz (*V dos Dourados*, 42 v.).
 1243. — Dominicus Petri da Maia (*Id.*, 86).
 1246. — Martinus Petri.
 Gunsaluus Roderici (*Id.*, 97).
 1251. — Martinus Petri.
 Johannes Petri (*Portel*, 30 v.).
 1252, junho. — Johannes de Sella.
 Rodericus Giraldis (*V dos Dourados*, 3 v.).
 1252, dezembro. — Johannes de Sella.
 Martinus Petri (*Id.*, 44 v.).
 1253. — Martinus Petri.
 Johannes Petri (*Portel*, 28 v.).
 1254. — Martinus Petri.
 Johannes Petri (*Id.*, 54 v.).
 1270. — Rodericus Menendi (*Id.*, 77 v.).
 1271. — Munio Menendi.
 Petrus Menendi, dictus Lupus (*V dos Dourados*, 58).
 1273. — Valaseus Velho.
 Silvester Petri (*Id.*, 58).
 1276. — Valaseus Petri.
 Philipus Vilelmi (*Portel*, 89 v.).
 1277. — Valaseus Alfonsi, dictus Velho.
 Petrus Johannis (*Id.*, 96).
 1282. — Silvester Petri.
 Stephanus Gomecij (*Gav. 3, Maç. 9, Num. 13*).
 • — Gunsaluus Roderici.
 Rodericus Petri (?)
 1283. — Joham Martins Botelho (*P M H.*, Leges, II, 35).
 1285. — Dominus Silvester Petri, miles.
 Johannes Fernandi (*V dos Dourados*, 24).
 1286. — Affonso Pirez Patario.
 Joam Gomez (*Id.*, 100).
 • — Vaasco Perez.
 Joham Domingues (*P M H.*, Leges, II, 35).
 1288. — Johannes Martini Trobadór.
 1289. — Philippe Guilhelme.
 Roy Paez (*Chanc. de D. Dinis*, I, 265 v.).
 1294. — Joam Martinz Trobadór.
 Giral Marquiz (*Id.*, II, 75).
 1298. — Esteveannes de Paiva (*Mon. Lusit.*, V, 152 v.).
 1305. — Pedro Paez de Montargil.

Domingos Dominguez (*Disser. Chron.*, 1, 295).

1306. — Ruy Martinz.

Affonso Guilherme (*Chan. de D. Dinis*, III, 57).

1314. — Roy Paez Veegas.

Martim Giraldez (*Id.*, *ibid.* 86).

1319. — Giral Martiiz, cavalleiro (?)

1341. — Joam Pirez.

Domingos Salvadoriz (*V dos Dourados*, 24).

A nomeação dos alcaides ou pretores estava a cargo do soberano, mas só nas povoações que dependião directamente d'elle. Parece que o alcaide era o chefe dos cavalleiros (força militar) da respectiva localidade, não podendo nenhum cavalleiro responder em juizo senão em presença do alcaide. Segundo os *Costumes de Santarem communicados a Oriolla*, (1294) *P M H.*, Leges, II, 36 os alvazis ou juizes erão annuaes e tomavão posse do seu lugar no primeiro dia de abril.

I. — (1269). — *Esta é a carta per que Martin Perez crello del rei nendeu una casa que avia en San Nicolau a dñ Johan.*

In Christi nomine Amen. Hec est carta conditionis et perpetue firmitudinis quam iussi facere ego Martinus Petri Canonicus vlixbonensis et clericus domini regis Portugalensis vobis domino Johanni Petri de Auyno et Maiordomo domini regis Portugalensis et uxori uestre domine Marine Alfonsi de una mea domo quam habeo in Sanctaren in Collatione Sancti Nicholai cuius isti sunt termini. ad orientē domus domine Hyme (?). ad occidentem et Affricum uie publice. ad aquilonem Domma Marie Suerij filie Suerij rodericij vendo vobis et concedo ipsam domum cum ingressibus et regressibus et cum omnibus iuribus et pertinentijs suis pro precio quod a vobis recepi s. Centum et triginta libras mōete (monete) Port. quare tantum mihi et vobis placuerit et de precio apud uos nichil remansit in debito pro dare. Igitur habeatis etc. facta carta in vlixbon. xj.^o die Julij. E.^a M.^a CCC.^a vij.^a Ego uero supranominatus qui hanc cartam iussi fieri eam coram subscriptis testibus roboro et concedo. Et ego Dominicus Suerij. publicus Tabellio vlixbonensis rogatus ab eis notavi istam cartam et meum signum ibi apposui in testimonium quod tale est. et in registro eam scripsi. Testes: Magister fernandus zamorensis. Petrus Alfonsi naturalis zamorensis. Johannes Martinj vicinus Sanctarenensis trovador. Stephanus cipriani panis et aqua mercator. Nicholaus Dominicj presbyter. Testes.

(Livro do Registo das cartas dos bēes e crāças que dñ Joam. de Portel teue nestes reinos, fl. 58 v.).

II. — (1287). — *A dom pedreanes e sua molher composisā que fez com dona Maria Annes sua Irmaa sobre ho castello de Portel e sobre todos os outros herdamentos que tinham nestes Regnos nos logares nomeados que foram de Dom Johane e mais, etc.*

In nomine domini Amen. Sabbam quantos este estromento virem e lecr ouirem que sobre contenda que era antre nos dom Pedre anes e Dona Costança de hũa parte e dona Marianes irmãa do dicto dom pedro anes da outra parte sobrelo Castelo de Portel e sobre todos os outros herdamentos que sô em portugall e fora de portugal que forô de dom Oane e som de dona Maria. E sobre todo o outro auer mouil de nossa livre voontade vcemos aa tal amigavel composiçam e partiçom Conuen a saber que deuissamos e possemos per hũa partiçom o castello de Portell com seu senhorio e com todos seus termhos e com todos os herdamentos denora. E com Vila Uoyn e com aquello que dom Oane auia em Môforte. E todo o herdamento de leyrcia E com todo o almagê das armas que see em Porteel e com seu mouro desse almagem cõ sa molher e com seus filhos. Item deuissamos e possemos por outra partiçom todos os outros herdamentos de Monsaraz e de Stremoz e de Euoramonte E de Monte Mayor o nono e de Sanctarem e de Sintra e de Lixboa e de Obidos. E da Alendoyro E de todos os outros logares que som em Portugal e de Camora e de todos os outros logares que dom Oane e dona Maria aniam em senhorio del Rey de Castella. E com todo o outro mouil que aniam e dona Maria agora ha. Cõuen a saber gaados, bestas, Mouros Mouras Ouro prata Dõas pam vyo e todo o outro mouil. E a parte de nos que ficar na meyadade de Sanctarem e nos outros herdamentos que com esta partiçom som e no mouil a de pagar as diuidas E a manda ¹ de dom Oane e de dona Maria. E a parte que ficar de nos em Portel e nos outros herdamentos que som com essa partiçom non scer tenda a pagar a denida nen a mãda de dom Oane nem de dona Maria nem a dauar dos bẽes de dona Maria em sa vida nem em sa morte nem seer hi herel el nem sa geeraçom. E outro si a parte que ficar na partiçom de Sanctarem com todos os outros herdamentos e cousas que cõ el uã nõ deue seer herel nẽ el nem sa geeraçã em Portel, nẽ enos outros logares que nã com a partiçõ de Portel nẽ en vida de dona Maria nem pos sa morte saluo se nos herdamentos com mengna de semel. E de todas estas cousas de suso dictas dõa Maria dene auer liuremente toda sa meyadade tambem dhũa partiçom come da outra saluo daquelas cousas que nos deu en casamento. E eu sobredito dom Pedreanes e dõa Costança outorgamos estas todas cousas de suso dictas e cada hũa dellas e prometemos a booa fe aa guardalas E quitamos todas as demandas que auiamos e entendiamos a auer contra a dicta Marianes irmãa de nym sobredito dom Pedre Anes. E eu sobredita dona Marianes outorsi outorgo todas as dictas cousas e cada hũa dellas e prometo a boea fe a aguardalas e Renũço todas as demandas que auia e entendia a auer contra mha madre e contra ho dicto meu Irmão dom Pedreanes e dona Costança. E eu sobredita dõa Costança outorgo aho dicto dom pedreanes meu marido que filhe e escolha pera mja e pera sy hũa das ditas partições qual quiser e qualquer escolha que el nas dictas par-

¹ Testamento.

tições filhar e qual cousa quer que hi faça eu a outorgo e ey firme pera sempre que quer que el hi fezer o o dicto dom pedre anes por si e por dona Costança da húa parte e a dicta dona Marianes da outra possoram tal pã que qual delles quer que contra as dietas coussas neesse ou se afastasse afora que desse de pã a outra parte dez mill libras e fícar o feicto firme pera sempre per sa fortaleza. E o dicto dom pedreanes por si e por ha dicta dona Costança sa molher escolheu e filhon pera si e pera ella em partiçom todo ho de Santarem com todos herdamentos e consas e monis que com el som deuisadas. E a dicta dona Marianes filhon pera si a partiçom do castello de Portel com todos herdamentos e com todas cousas que com el som deuisadas. Em testemunho da qual cousa Eu Miguel Eanes publico tabelliõ de Leirea rogado e per outorgamento das dietas partes a este feicto presente fui e dons estromentos semelhantes partidos per A. b. c. ende feictos escrepui e em cada hũn delles men signal que tal he pussi em testemõio de verdade. Feicto em leirea. xv. dias de Jũyo E. M.^a CCC.^a xx. v. Presentes Sociro Meendiz Martim Affonso de Reesendi. Amrique Soariz. frey Andren de Sancta Marta. Vaasco Pirez. Joham Martinz trovador. Roy Nuniz. Stenão Roiz dicto Feio. Fernam Lourenço tabellion. testemunhas.

(Livro 6 de Misticos, fl. 26 v. ¹).

III. — (1288). — *Doaça que Marinha Affonso fez ao dito Mosteiro de duas casas que sam em Sanctarem na azinhaga que se chama de Caruõ.*

In nomine domini. Amen. Hec est carta donationis et perpetue firmitudinis quam ego Marina Alfonsi olim uxor domini Johannis de Auoino iussi fieri nobis Abbati et conuentui Monasterij Alcobatie de duabus domibus quas habeo Sanctaren iuxta Aziagam que vocatur de Caruon. Ex. nunc igitur sponte et libere et in mea salute do dono et concedo dictis Abbati et conuentui predictas duas domos iure hereditario perpetuo possidenda pro animabus mei et dicti viri mei in remissionem peccatorum nostrorum et ut participe sumus operum pietatis que in dicto Monasterio dictos Abbatem et conuentum operari dignabitur gratia Saluatoris. Habeant igitur prefati Abbas et conuentus ab hodierno die dictos domos firmiter et in perpetuum et de eis faciant ordinem et disponant quicquid sue placuerit voluntati. Si quis autem hanc donationem infringere temptauerit non sit ei licitum sed pro solo temptatione pectet dictos Abbati et conuentui mille libras nomine pene et insuper maledictionem omnipotentis dei et meam habeat in eternum. Donationem istam nichilominus in suo robore perpetuo duratura. Mando etiam fratri Andree maiordomo meo quod ponat fratrem Dominicum de Prado Monacum in corporalem possessionem dictarum domorum nomine monasterij supradicti. Et ut hoc non uer-

¹ Citada na *Mon. Lusit.*, v. 125.

tatur in dubium et presens donatio maius robur optineat firmitatis presentem cartam fieri feci per manum Stephani iuliani publici Tabellionis Sanctaren. Acta Sanctaren. xj. die Augusti. E. M.^a CCC.^a xxvj.^a Presentibus Johanne Martini trobador. Johanne Eannes aluazilibus. Johanne Michaelis canonico Pacencis. Stephano Martini. Vincentio Martini et Magistro Dominico. Et ego Stephanus iuliani Tabellio supradictus rogatus a dicta domina Marine diete donationi interfui et prenomatum fratrem ponere prefatum fratrem Dominicum de Prado in corporalem possessionem dictarum domorum de expresso mandato diete Domine Marine uidi et hanc cartam ex inde propria manu conscripsi et hoc signum meum apposui in eadem.

(Livro Quinto dos Dourados d'Alcobaça, fl. 48).

IV. — (1292). — ABC

ABC

ABC

Dom Denis pela graça de Deus, Rey de Portugal e do Algarue a todos aqueles que esta Carta virê faço a saber Que en a petiçõ e a rogo do Concelho de Santaren que mho pedirõ por mercee querendolhes fazer graça e mercee e por chegamento dos preytos e por comprimento de dereyto Tiuj por bẽ doutorgamento e de consentimento do dito Concelho que quando elegerẽ Aluazijs que os Aluazijs uelhos e o Concelho elegã logo outros dous homẽes bões por Aluazijs. e seia huu Caualeyro e outro Cidadão e seerem iurados sobrelos santos anangelhos que dem a cada hũu sen dereyto. E esses que y meterẽ iulgarẽ os Judens e o moordomo eos meus Queençacs eos Monros e dar o Alcayde hũu homem que seia cõ eles en seu logo por Alcayde. E daquelo que eles iulgarẽ se algũu quiser apelar en aqueles casos onde pode apelar segundo como foy usado apele pera mjn. E esta graça faço eu ao dito Concelho en quanto a mjn apronguer e aeles se nirmos que seera melhor desse tolherẽ ou deo corregermos en outra maneyra qual tenermos por bẽ. E estes Aluazijs que y meteren nõ tenderen mão a ouuir outros feytos senõ cstes de suso ditos. E ainda tiuj por ben se algũu homẽ for chamado perdante cada hũu dos Aluazijs sobre sas demãdas uaa responder per ante cada hũu e este per seu corpo en qual dos preytos quiser eno outro faça procurador. e nõ se escuse que nõ responda per dante cada hũu deles assi como (= como é) deuisado. E sse en amboles preytos quiser fazer procuradores possa os fazer. E os porteyros eos Tabeliões partãsse per meio per cada hũu dos Concelhos que cada hũus (*sic*) seia ¹ certos en qual Concelho am de seer. E destas cousas fezemos duas cartas partidas per A. B. C. secladas do meu seelo e do seelo ² do dito Concelho dos quacs eu deuo a tẽer a hũa eo dito Concelho a outra. Dada em San-

¹ Hũu sceiã.

² Só se conserva o sello do concelho em cera vermelha; a legenda desapareceu completamente.

tarē vijnti e noue dias de Nouembro. El Rey o mādou. francisque aues a flez. Era de mil e Trezentos e Trijnta anos.

(Gaueta 3.^a Maço 8, Num. 13).

V. — (1293). — *Estormento de Renunçiaçam per que isac rabi dos Judeus de leirca e sua molher e mousen e sua molher renunçiarã hũas casas que estão em a Juderia que foy em leirca.*

Conheçam quantos este estormento virem e leer ouujrem que nos ysaac arrabi dos Judeus de Leyrea e Eu ãna sa molher e Eu Moysem sobrinho de dona Sol e Eu Sol sua molher renunciámos todo dereyto e toda obrigaçam ou compossissam ou compra que nos fizessemos ou ounessemos fecta e que nos aviamos ou de dereyto deuíamos a auer. sobre as casas que foram de filhas de fernando afonso as quaes som na Judaria de leirena a quall obrigaçã ou compossçam ou compra de sas cassas nos fizessemos ou ounessemos fectas con os relegiosos varoes abbade e conuento ou celerairo dalcobaça ou com ontrim quē quer per elles e mandamos e ontorgamos que se pela ventura carta ou estormento ou algũ scripto per esa razã parecer que nō valha nen tenha. Em testemunho da quall cousa fizemos ende dar a frey martineanes celareyro mayor dalcobaça em logo e em nome do abbade e do conuento desse moesteyro este estormento feyto per mǎo de miguel canes publico taballiam de leirca. E ou dauandito taballiam rogado e per ontorgamento dos dictos Judeus este estormento com minha mão propia scripui e meu signall que tal he li pusi em testemunho de verdade. Feito em Leyrea desesete dias de abril. Era de mil e trezentos e trinta e hũ annos. Presentes Domingos Perez terrom alcayde de leyrea. Joham Martinz Vytoira. Joham Dominguez carpenteiro. Domingos Paaez peliteiro. Samuel trovador e Samuel ferreiro. Judeus, testemunhas.

(Livro 3.^o dos Dourados de Alcobaça, fl. 63 v.).

VI. — (Junho 1294). — Dō Denis pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarue Aquãtos esta carta nirem faço a ssaber que sobre cõtenda que era per ante mha corte. Antre mjm per meu procurador da hũa parte e Martin Soariz por ssy e por sa molher e por Affonso Dominguez e por sa molher e Johane Anes por ssy e por sa molher e Vieçte Uidal por sy e por Johane Acção seu sobriõ cuio Tuctor era dado per mha corte especialmēte pera esto cuios procuradores anõdosos erã per procurações que ende mostrarõ per ante mha corte da outra per razã que diziã esses de suso ditos que pelos herdamentos que aujã nas ademhas que son cõtra Santarē que entestã no Pooul de Magos o qual deu a mjm o Concelho de Sātaren segũdo como he cõtendo nas cartas de doaço que ende eu tenho e diziam que poy os herdamentos dessas ademhas atestauã éessa (=em essa) Pooul¹ que

¹ Assim está no original.

aujam hy derecho eno Pooul. e o meu procurador dizia que nã aujã derecho êesse (= *em esse*) Pooul ca era do Concelho de Sâtarê que o a mjm dera e que fora senpre chamado e hussado e deffesso por desse Concelho. Muytas razoes razoadas da hũa parte e da outra per ante mha corte. O meu procurador de meu prazimento e dos de suso ditos aa tal auença neerõ cõnen assaber que eu ficasse con o dito Pooul liure e quite e que eu faça hũa aberta cõtra essas ademhas segũdo entẽder que he mha prol e a que ficar aalẽ da aberta cõtra as ademhas de cõtra Sâtarê ficar por sen dos de suso ditos. E quãto e hũu esquinto (?) que se mete come farilhõ que tẽe arroto a par da Ademha que uyn o Dayã de Euora Paay Dominguez e Stenã Anes Arcediago de Sâtarê. e Pedro Steueejz, Almoxarife de Sâtarê ficar daquelles cuio he. E esses de suso ditos. denẽ a dar carreyras certas e sabudas cõnenhauis pera os que laurarẽ esse (= *em esse*) meu logar per que possa auer entradas e saydas pera esso (*sic*) Pooul pera sy e pera seus gãados e pera sas bestas e mha corte per outorgamento e per cõsentimento meu e dos de suso ditos assy a deu ẽ Juyzo e que fosse firme e stanil pera todo senpre. Eu testemũyo desta cousa mãdou a mjm dar esta carta. Dãt ẽ Lixboa a dezenone (*sic*) dias de Júyo. El Rey o mãdou cõ ssa corte. Durã Perez affez Era de Mil e trezentos e Trinta e dous anos.

(Gaveta 11, Maço 4.º, n.º 31 ¹).

VII. — (Março 1294). — *Carta de doaçõ que o Cõcelho d'Santarem fez a El Rey do Apaul de Magos.*

Eno nome de deus, amen. Sabhã quantos esta carta uirẽ e léer ouuyrẽ que nos Steuom percz lobato Alcaide de Santarem e Johã Martinz trovador e Giral Marquiz Aluaziis e Roy paez e Johã ffernãdiz procuradores do Concelho de Santaren con outorgamẽto de todo o Concelho a esto specialmente chamados e apregõados de nossa bõa e liure nõotade Damos e outorgamos ao muy Nobre seõhor don denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarne e a todos seus successores todo o paul de Magos assi como o nos melhor auemos e de dereyto deuemos a auer e per todos os lugares per hu o nos melhor deuemos a auer cõ sas entradas e sas saydas e sas pertẽeças Damos ao dito nosso seõhor e a todos seus successores e outorgamos o dito paul pera todo sempre por herdamento perdurauel que nunca a al nẽ a seus successores scia demãdado nẽ enbargado per nos nẽ per outra nehũa maneyra e que nosso seõhor el Rey faça do dito herdamento que quer que a ele aprouguer assi como de sseu herdamento proprio pera todo sempre. E por esta cousa nunca uijnr poys em dunida e que aia mayor firimidũe (*sic*) esta carta fazemos seelar do seelo do Concelho de Santaren. E esta dõaçõ lhi fazemos por muyto ben e por muyta mercee que nos sempre fez e faz cada que lha demãdamos. Os que pre-

¹ Registrado no Livro 2 de Doações de D. Dinis, fl. 85.

sentes forõ a esta dõaçom o alcayde e os alnazes e os procuradores de ssusso ditos. ffernan dade. Lourenceanes bochardo. Gonçalo Martinz do Casal e Roy Martinz seu hymão. Johã Simhõez meyrinho moor de nosso Senhor el Rey. Pay Soariz moordomo do Ifãte don Affonso. Roy canes redondo. Steucanes de pauha. Gonçalo Estenãez dauoyn. Martin Uasquiz ceehorinho. Gil Nanalha. Steuom Fernandez barreto ¹. Johã Ayras. Gil Ordõhiz seu genrro. Roy Paez bugalho. Affonso Payz seu hymão. Fernã rodriguiç filho de Roy paez. Siluestre perez. Gomez Paez da Silua. Philippe guilhelme. Pedro Mëediz mercador. Johã canes do fferragçal. Pedro Estenãez Almoxarife. Johan canes de Máruã. Roy dominguiz. Diego Perez Maça. Pedreanes caramos. Johã paez mercador. Johã Giraldiv. Martin Giraldiv. Steuon Guilherme e Affonso Guilherme. Affonso Perez lobo. Roy canes mercador. Pedro Estenãez pelegrin. Martin Martinz beledinho. Johã Martinz. Domingos Martinz Beledinhos. Martin Perez. Johã Perez ramiriz (*sic*). Johã Perez e outros muytos homões bõos. Feita a carta em Santarem vijnte eynqui dias andados de Março. Era de Mil trezêtos e trijnta e dous anos. Eu iohã dominguiz publico Tabelliõ de Santaren de mādado dos ditos Alcaydes e alnazijes e procuradores esta carta de dõaçom sereni e en ela este meu sinal pugi en testemoho de uerdade. E eu Domingos iohanes publico tabelliõ de Santaren que a esta dõaçõ e a estas cousas de ssusso ditas presente fuy e este meu sinal hy pugi en aquesta carta. que tal e. En testemũho de uerdade.

(Chancellaria de D. Dinis, Liv. 2, fl. 75 ²).

VIII. — (1301). — *Doaçom que dona Maria fez ao dito Mosteiro da terça de todos seus bens que avia em Rio Mayor.*

In dei nomine, Amen. Notum sit omnibus presentibus et futuris quod ego dona Maria. mulier quondam Martini Suerij trobador. familiaria monasterij Alcobatie. attendens multa bona que recepi a religiosis viris dõno Abbate et conuentu Alcobatie tempore necessitatis. et spero recipere ab eisdem. Considerans etiam orationes multiplices que pro Christi fidelibus et specialiter pro benefactoribus ordinis cotidie in dicto monasterio domino offeruntur. ut sim particeps dictarum orationum et in remissionem peccatorum meorum in mea salute et in meo pleno sensu nõ compulsa ab aliquo nec seducta. sed de mea spontenea (*sic*) et libera voluntate. Do et irrenocabiliter concedo predictis Abbati et conuentui Alcobatie totam tertiam omnium bonorum meorum mobilium et immobilium que nunc habeo in presenti uel sum deinceps habitura tam in Riuo Maiori quam alibi ubicunque ad obitum meum potuerint inueniri. Ita videlicet quod non possim dictam tertiam in parte nec in toto vendere nec donare. nec aliquo modo alienare. sed ad mortem meam dicto monasterio remaneat integre libere et in pace

¹ Vid. Lang. *Dos Lied.*, pag. xvi, nota 4.

² Monarchia Lusitana, v, 229.

in cuius rei testimonium iussi inde fieri hoc publicum instrumentum per manum Dominici Iohannis publici Tabelionis Sanctaren. Et ego Dominicus iohannis publicus tabellio Sanctaren rogatus a dita Donna Maria huic donationi interfui et hoc instrumentum conscripsi. et eo signum meum posui. Facto instrumento. xj. die Aprilis. E.^a M. CCC.^a xxx.^a ix.^a Testes Martinus Petri capellanus de Riua Maiori. Michael Martini dictus Mouro. Petrus Martini aliazor. Petrus Mendi.

(Livro v dos *Dourados* de Alcobaca, fl. 4).

IX. — (1301). — *Entrega que dona Maria fez ao dito Moesteiro da metade dos casaes e doutros beens que avia em Rio Mayor.*

In nomine domini. amen. Saibam quantos este estromento virem e ler ouvirem que na era de M.^a CCC.^a xxx ix. ãnos oytos dias andados de nouembro em Rio Maior termo de Sanctarem em presença de mim Domingos iohannes tabelliõ de Sanctarem e das testemunhas adiante scriptas, Dona Maria em outro tempo molher de Martim Suariz trobador conheceo e confessou a dom Pedro abbade dalcobaça presente o dito dom abbade que ella e Joam Affonso em outro tempo seu marido receberõ e trouxerõ a ssa mão e a ssa posse meyadade duum casal do Moesteiro dalcobaça no dito lugar de Rio Mayor. A qual meyadade de casal onne o dito Moesteiro da parte do dõna Susãna. e que ella e o dito seu marido iohan affonso auiam de ter essa meyadade do casal em sa vida dambos tamsolamente e despos morte delles essa meyadade desse casal deuia a ficar a esse Moesteiro dalcobaça cõ meyadade doutro casal dessa dona Maria e do dito seu marido Joham Affonso no dito loge de Rio Mayor. E porque o dito abbade por si e por seu cõnento disse a dita dõna Maria que lhi fizesse mostra da meyadade do dito casal da ordem e da outra meyadade que delles deniam a receber queixandosse que o Moesteiro recebia gram perda e grã mazcabo per emalheamento que elles fezerõ dos ditos herdamentos. A dita dõna Maria confessou e disse que verdade era que parte desses herdamentos tambem da ordem como de seus proprios que forõ emalhados assy em tempo do dito Joam Affonso seu marido como despos sa morte per ella. E disse que temendo perigo de ssa alma e do dito seu marido por tal que o Moesteiro dalcobaça non perdesse seu direyto mandou e outorgou que de dous casaes que ella tragia a ssa mão dos quaes a meyadade era do Moesteiro e a outra meyadade lhi auia de ficar despos sa morte que o dito dom abbade por sy e pollo seu Moesteiro filhasse logo enteyramente a meyadade dambos os casaes assi em casas come em terras come em vinhas come em sama, come em muynhos come em oliuaes come em figueyredos como em resios como em montes como em fontes come em todallas outras cousas que ellania e de dereyto denia auer em Rio Mayor, e em seu termo por nom poder depouys vir sobresto dunida e dezia que per esto nõ embargana nem tolhia a terça que ia auia dada a Alcobaca assi como era contendo em huum stromento feyto per mão de mim taballiõ sobredi-

to. E essa dona Maria disse que fazia esta entrega logo ao dito abba-de por liuramento dessa alma e logo per dante mim Tabelliõ e essa dõna Maria den seus procuradores e partidores por si Affonso Pirez e Miguel Martinz mouro, moradores de Rio Mayor. E por entregadores dos ditos herdamentos ao dito dom abbade ou a seu procurador ou procuradores. E o dito dom abbade por si e por seu Moesteiro den por partidores e por recebedores dos ditos herdamentos e possiões frey francisco mestre da ferraria de Alcobaça e dõ Lourenço morador de Rio Maior. A qual partiçõ e entrega feyta pellos ditos procuradores e partidores da dita dona Maria ella de cabo disse que outorgava a partiçõ e entrega que os ditos seus procuradores fezerem ao dito frey francisco e a dõ Lourenço em nome do abbade e do Moesteiro de Alcobaça e ella per si entregava de todallas cousas sobreditas o dito abbade e que o metia logo em corporal possiõ em seu nome e do seu Moesteiro. E que tollia de si todo direyto e propiedade que avia e de direyto devia auer e poyria nos ditos abbade e conuento dalcobaça que fezessem e ordinassem de todallas cousas de suso ditas e de cada huma dellas todallas cousas que a elles proungesse come de seu auer proprio. Eu dona Maria de suso dita don e outorgo a ma beençõ e a de deus a todos aquelles que este meu feyto lomarem e outorgarẽ e goardarem. e todos aquelles que contra elle vierem ajam a mal-diçom de deus e a minha e de mays quanto demandarem tanto em dobro componham ao dito Moesteiro e ao senhor da terra duzentas libras. E por este meu feyto ser stanil e valioso pera sempre e nõ vir pois em duvida mandey fazer estestormento per mão do dito Domingos iohannis tabelliõ de Sanctarem. E eu Domingos Iohanes publico tabelliõ de Sanctarem que a estas cousas de suso ditas presente fui a rrogo da dita dona Maria e do dito abbade este stromento cõ ma mão propria screvi e em elle este meu sinal pugi que tal he feyto ostromento no dia e na era e no mes suso ditos. Que presentes foram Miguel Martinz mouro Lourenço Gonçalves. Affonso Pirez de Mouri. Martim Pirez capellão de Rio Mayor. Giral Dominguez. Pero Migneiz mordomo de Garcia do Casal. Martim Dominguez meyrinho dalcobaça.

(Livro Quinto dos *Douros* d'Alcobaça, fl. 4 v.).

X. — (Fevereiro 1303). — Sabham quantos este estrumento virẽ. que en presença mya Domĩgos iohanes publico Tabelliõ de Santarẽ. e dastemuyas adeantes escriptas. Pero Pirez. porteiro do Concelho de Santarẽ disse. que el de mādado do Alcaide e dos Aluazijs de Santarẽ. meteo frey Pero selareyro de Santarẽ. en logo e en nome (*aliás* nome) do Abade e do conuento de Alcobaça. en possiõ. de terço de duas casas. que forõ de dõna Maria molher en outro tenpo de Martin Soariz trovador. o qual terço das ditas casas dizya o dito porteyro. que a dita dõna Maria dera ao abade e ao Conuento de Alcobaça por sa alma. e outro sy disse o dito porteyro que el meteo o dito frey Pero en possiõ per mādado dos ditos Alcaide e Aluazijs. do terço

de todas as cousas que a dita dōna Maria auya en Ryo Mayor e no seu termo. e disse o dito porteyro que o terço das ditas casas que son en Santarē na fregizya de san Nicolao. da qual coussa o dito ffrey Pero rogou mjm dito Tabelliō que lhy desse hūu publico estrumēto e e en Domīgos iohanes publico Tabelliō de Santarē. a rrogo do dito ffrey Pero este estrumēto escreuy e este instrumento escreuy e meu sin + al y pugi. ffreyto o instrumento. xxliij. dias de feuereyro. E.^a M.^a CCC.^a xxxxi.^a ts. Joam domīgos. Pero fernandiz. Martin piriz.

No verso: Est.^o de posse que o porteiro de Santarem meteo ho m.^o (mosteiro) de terço de duas cassas que foram de Maria molher de Martim ssoarez trobador. Santarem.

(Arch. Nacional — Collecção especial; caixa 89; 1303, fevereiro 24 ¹).

XI. — (Novembro 1303). — En nome de deus amē. Sabhā quantos este stromento de compromisso nire que como fosse contenda ātre os Religiosos don Pedro Abade dalcobaça e o Conuento dese logar per mjm ffrey Martjn Anes muge seu procurador auōdoso da hūa parte per hūa procuraçom que en dito ffrey Martjn Anes Receby dos ditos don Abade e Conuento. E nos Johā Martjnz trobador canaleyro e sa molher Costança lourenço da outra sobre bēes e heranças as quaes acaçerō a esses abade e Conuento e ao Moesteyro dalcobaça e de de-reyto denē acaçer de parte de dōa Maria soariz madre de mjm dito Johā Martjnz em Santarē e en seus termhos e per outros quaesquer logares aa cima nos sobreditos ffrey Martjy Anes e Johā Martjnz e sa molher Costança lourenço de nossa uōntade e de nosso plazer por ben e paz e por bōos deuydos guardar elegemos e conpormetemos nos hōrrados barōes don Martjn dade e don Maestre Steuā Maestrescola de Lixbōa come en Juyzes aruydros e amygaues conpoedores e demos lhy e outorgamos lhy cōprido poder que eles ou cada hūu deles bē e chaamente e sen outra uogaria e perlonga ueiā e conhoscām o de-reyto de cadahūa das partes e todas as cousas que eles ou cadahūu deles Julgarē e aruidrarē mandarē ou sentençarē nos as pormetemos aguardar e estar a seu Julgo aruydro mandado ou sentença so pēa de Duzentas libras e cabermos. E a parte que nō quizer caber ou estar ao Julgo aruidro mandado e sentença dos ditos Juyzes aruydros amygaues e conpoedores ou de cadahūu deles que pague aa outra parte que o caber quizer Duzentas libras de pēa e o Julgo mandado aruydro e sentença scritta ualiosos e firmes e stauis pera todo senpre. E nos sobreditas partes renuçamos que nos nō possamus (*sic*) apelar nē soplicar a El Rey nē a ssa Corte nē a outro Juiz ou Juyzes ecclesiasticos nē segraes de sentença, aruydramento mandado ou Julgo dos ditos Jui-zes ou de cadahūu deles. as quaes cousas todas e cadahūa delas nos ditas partes pormetemos āā bōa fe conprir e aguardar por nos e por nossos sucessores auedoyras e firmes pera todo senpre. E eu sobredito

¹ Registrado no Livro Quinto dos Dourados d'Alcobaça, fl. 58 v.

Martim Dade seendo presente a rrogo das ditas partes consenty e receby en mñ o compromysso e o aruydro. En testemõyo da qual cousa Nos sobreditos fñey Martin Anes procurador dos dñtos don Abade e Conuento e Johã Martiz e sa molhier mandamos ãde fazer hũu stromento per maaõ de Domingos Martinz Tabelliõ de Santarẽ. fñeyto foy este en Santarẽ. Oyto dias de Nouenbro. Era de Mil trezentos e quaraenta e hũu ano. Que presentes forõ Rodrigue anes Tabelliõ de Santarẽ. fñey Domingos uicente. fñey Pedro Martinz da ordñn dalcobaça Capelaes del Rey. fñey Pedro dessa Ordñn calareyro en Santarẽ. Viçente Stõez Cõõnygo de Santa Maria da Alcaçõna. frãcisque anes ragoeyro de san Nicolao. Johã Migueez e Johã uicente criados do dito don Martin Dade. E eu Domingos Martinz plobico Tabelliõ de Santarẽ a rrogo das partes de suso ditas das cousas sobreditas a que presente fuy aquẽste stromento scriuy e presente si + nal meu ãde pugi en testemõyo de uerdade.

En nome de deus, amen. Sabhã todos que en presença de mñn Domingos Martinz. publico Tabelliõ de Santaren e das testemõyas que adeante son scritas ocnrrado baron e saies Don Martin dade Cõõnygo de Lixboa mostrou e per mñn dieto Tabelliõ leer fez hũa çedula da qual o tẽor tal e:

E eu Martin dade Cõõnygo de Lixbõa Juiz aruydro e amyganel compõedor sobre contenda que era ãtre os Religiosos don Abade e o Conuento de Moesteyro dalcobaça per fñey Martin Anes monge desse Moesteyro e seu procurador auõdoso da hũa parte e Johã Martinz trovador caualeyro e dõa Costança sa molhier da outra sobre bẽes e heranças que esses Abade e Conuento de suso dñtos deziã que deuyã aaucr da parte da dõa Maria Soariz madre do dito Johã Martinz assi per razõ demplazamento que cõ ela auyã e cõ seu marido Johã affonso ounerũ come per razõ que deziã que llyz dera terça de seu auer a ssa morte. assi como e contẽdo en hũu compromisso feyto per maaõ de Domingos Martinz publico Tabelliõ de Santarem. vistos os estromentos que polo dito Martin Anes forõ mostrados per Alcobaca e ouuydas e conhecudas as razões dãbas as partes. e aũdo conselho cõ homẽes bõos Julgãdo aruidrãdo e sentençando mãdo e Julgo. que o Moesteyro dalcobaça aia compridamente liuremente e se cõtenda o Casal que e en Rio Mayor partido e deuyzado per razõ do emplazamento con a sobredita dona Maria Soariz como o Moesteyro trage a ssa maaõ e a ssa posse e assi como e contẽdo en hũu stromento feyto ende per maaõ de Domingos iohães publico Tabelliõ de Santarẽ. It. iulgãdo mando que os sobreditos Abade e Conuento e o Moesteyro dalcobaça aiam e recebã a terça parte de todos os outros bẽes mouis e de raiz lu quer que possam sêer achados da parte da sobredita dõa Maria Soariz. E os sobreditos Martjn Anes procurador e Johã Martinz e dõa Costança sa molhier outorgarũ e louuarũ a dita sentença e o Juyzo de mi dito Martjn dade por sy e por seus sucessores.

A qual cedula leuda. o dito don Martim dade mãdon a mñn dito

Tabelliõ que a tornasse en publica forma e fezesse ende hũu stromento. E os sobreditos Johã Martinz e dõa Costança sa molher e Martim anes louuarõ e ontorgarõ e receberõ a dita sentença dada pelo dito don Martim dade e pormeterõa aa guardar en todolas cousas assy como eela e contendo. fleyto foy esto en Santarẽ. Oyto dias de Nouẽbro. Era de mil e trezentos e quarenta e hũu ano. Que presentes forõ Rodrigue Anes Tabelliõ de Santarẽ. ffrey Domingos uicente. ffrey Pedro Martinz da Ordim dalcobaça. Capelães dEl Rey. ffrey Pedro desa ordim celareyro en Santaren. Uicente Steez. Coonygos de Santa Maria dalcagõna. ffrancisque Anes. raçoeyro de san Nicolao Johã Migueez. e Johã uicente criados do dito don Martim dade. E eu Domingos Martinz publico Tabelliõ de Santaren de mandado do dito don Martim Dade a dita cedula en publica forma torney e aqeste stromento ende screuy e presente si + nal meu eele pugi.

No verso: Estromento de cõpromysso que foi antre o moesteyro e Johã Martinz trovador e sua molher sobellos bẽes de sua madre E neerõ a tal auença que onuessẽ Juizes aluidros e aqui nay a sentença que Julgarõ que o Moesteiro que onnesse o cassall de Rio Mayor e a terza parte de todollos bẽes mouees e de Raiz lu quer que os podesẽ achar. Termo de Santaren.

(Archivo Nacional — Collecção especial; caixa 100 ¹).

XII. — (1310). — *Legitimação de Johan velho de Pedregaes.*

Don Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue. A quantos esta carta virẽ faço saber que eu querendo fazer graça e mercee a Johane Anes filho de Johan velho de Pedregaes e de Maria Perez filha que foy de Gonçalo Martinz dicto trovador de Sanctaren que me por ele ennuio Rogar e dizer que o Recebeu por seu filho en todolos seus contos e onrras e naturas assi come (= como é) cõtendo em hũu stromento feito per mão de Martim Affonso Tabaliõ de Caminha que ende eu ui despenso cõ el e façoo lijdimo que aia onrras testamentos naturas e todalas outras cousas que an aqueles que son lijdimos per mjn e tenho por bẽ e mado que aquel direito que e feito contra aquelles que nõ sã lijdimos e que os priua das ditas cousas que nõ aia logo ẽ esto nẽ lhy epecsca nas sobreditas cousas. En testemuyo desto deilhy esta mha carta. Dante en lixbõa primeiro dia de julho el Rey o mādou. Johan Dominguis a fez. Era M.^a CCC.^a xr.^a viij. anos (1348).

(Chancellaria de D. Dinis; Livro III, fl. 72 v.).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

¹ Estes dois documentos, escriptos no mesmo pergaminho, estão registados no Livro Quinto dos Dourados de Alcobaça, fls. 89 e 89 v.

DIALECTOS EXTREMENHOS

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

«—E que cousa é o dialecto da provincia da Extremadura?

—É a pronúncia, palavras, e modo de fallar a lingua portugueza usada nas terras da provincia da Extremadura».

D. JERONIMO CONTADOR DE ARBOTE. — *Regras da lingua portugueza*, Lisboa, 1725, pag. 293.

Comquanto na classificação que fiz dos nossos dialectos, e que mais de uma vez tenho tornado conhecida pela imprensa, eu inclua a linguagem popular da Extremadura num grupo glottologico que denominei «dialecto meridional», emprêgo aqui a expressão *dialectos extremenhos* no sentido de *fallas locais* da Extremadura: cfr. o que a respeito dos *dialectos alentejanos* escrevi na *Rev. Lusit.*, II, 15.

*

A's particularidades dialectaes da Extremadura tem-se já referido, com maior ou menor individualização, varios auctores; além de que nella, sobretudo na chamada *linguagem galega*, ou do povo dos arredores da capital, alguns textos tem sido escritos e publicados. Aqui vou dar conta de tudo o que a este respeito agora me occorre.

Fallando o nosso grammatico quinhentista Fernão de Oliveira das diferenças que experimenta em geral a linguagem, segundo as condições e as terras, porque os cavalleiros se expressão de um modo, e os religiosos, os mecanicos e os mercadores se expressão de modo diverso, e «porque os da Beira tem ãas falas, e os d'Alemtejo outras», acrescenta: «e os homens da Extremadura são diferentes dos d'antrè Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras crião diversas condições e conceitos» ¹. Apesar de esta observação do nosso antigo grammatico ser mais ethnologica do que propriamente dialectologica, julguei dever dar-lhe cabimento aqui.

No seculo XVII o orthógrapho João Franco Barreto refere-se mais

¹ *Gram. de ling. portug.*, 2.^a ed., p. 85. A 1.^a ed. é de 1536.

de uma vez aos modismos do povo extremenho. A respeito da conjugação nota: «os verbos da primeyra conjugação todos fazem o preterito *ẽ ey*, como *amey*, ainda que este Ribatejo todos o mudam *ẽ i* aguada, dizendo: *amí, fallí, jantí*, etc., que he uma notavel barbaria, e mayor por ser aqui tã vizinho da cõrte» ¹. Noutro lugar falla dos pluraes dos nomes: «*calções, tostões*, como o vulgo circumvizinho de Lisboa costuma, e o que haõde acabar *ẽ aões*, acabam *ẽ oões*, como *capitoões, Alemoões*» ². O mesmo philologo observa que os «rusticos» pronunciam já no tempo d'elle o *ch* como *x*, dizendo: *xapen, xare, fexadura*, em vez de *chapeu, chave, fechadura* (com *ch* explosivo); como Barreto era de Lisboa, e este facto phonetico só se dá no Sul, deve inferirse que com a palavra «rusticos» elle tinha em mira os da Extremadura, o que se confirma com as palavras de Madureira Feijó, que, ao tratar do *ch*, diz: «cuja pronunciação não tem similhaça com outras letras, e só os oriundos de Lisbõa a equívocão tanto com o *x*, que a cada palavra trocã huma por outra» ³, — em apoio do quẽ tambem vem Verney ⁴ e Monte Carmelo ⁵, ambos os quaes, a respeito do mesmo phenomeno, especificam a Extremadura. E' ainda pelo facto de a naturalidade de Barreto ser Lisboa, que podemos considerar como collidos por elle no Sul, e principalmente na Extremadura, muitos dos vocabulos que condemna como plebeus na *Orthografia Portuguesa*, numa longa lista publicada a pag. 265 sqq., por ex.: *di noite, entõces, mēza, milão, paricola, pinsamento, pindir, piccado, rindeiro, rossio, vindeira, vinder, vistir*.

Do seculo XVIII ha várias referencias, além das brevissimas, que ficam mencionadas, de Madureira e Verney.

Na epigraphie d'este artigo citei umas curiosas palavras do Contador de Argote. Este philologo foi o primeiro que, embora de modo imperfeito, tentou fazer a classificação dos nossos dialectos, na 2.^a edição das suas *Regras da ling. portug.*, impressas em Lisboa em 1725. Depois da definição de «dialecto estremenho», que fica transcrita na epigraphie, elle procura caracterizar os outros dialectos do pais, contrapondo-os ao da Extremadura.

Para os antigos grammaticos, e ainda para o geral das pessoas, ha provincias, regiões e mesmo simples localidades, onde *se falla melhor* do que noutras: como se uma these, assim enunciada, tivesse fundamento! Por isso se lê no *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, a proposito da Extremadura: nesta região, «atẽ o idioma se pronuncia com mayor pureza, e cadencia, do que nas outras provincias, pois nella reside a cõrte de Lisboa, que como princeza de todas as do mundo, como lhe chama o nosso poeta, infunde qualidades, para me-

¹ *Orthografia da ling. portug.*, Lisboa, 1671, p. 51.

² *Ibidem*, p. 105.

³ *Orthographia*, 2.^a ed., Lisboa, 1739, p. 43.

⁴ *Verdadeiro methodo de estudar*, t. 1, Valenza, 1746, p. 30.

⁵ *Orthografia da ling. portug.*, Lisboa, 1767, p. 305.

lhor cultura e perfeição» ¹, — asserção a que pôde contrapôr-se a de outros auctores, por exemplo a de D. Francisco Manoel de Mello, que nos *Apologos dialogaes*, p. 262, dá, em elegancias de lingoagem, a primazia a Coimbra.

Não obstante os louvores tecidos por Baptista de Castro á falla extremenba, Monte Carmelo, seguindo as pisadas do Contador de Argote, caracteriza-a d'este modo, no que ella tem de vulgar, e em common com o Alentejo: «A plebe da Extremadura . . . deve corrigir os seguintes defeitos. . . nam troque a syllaba *car-* em *cra-*, porque diz, v. g., *crapanteiro*, *cravalho*, *cravâm*, etc., em lugar de *carpinteiro*, *carvalho*, *carvâm*; nunca mude as syllabas *-onio* em *-oio*, dizendo, v. g., *Antoio*, *Theotoio* ², em lugar de *Antonio*, *Theotonio*; nunca troque as syllabas ou letras *-orio* em *-oio*, porque diz, v. g., *oratoiro*, *purgatoiro*, em lugar de *oratorio*, *purgatorio*, — . . . vicios . . . de tal sorte transcendentos, que já ouvi dizer a hum sacerdote na missa *per omnia secula seculorum*, em lugar de *per omnia secula seculorum*; não accrescente hum i á letra *e*, quando esta tiver accento agudo, dizendo, v. g., *péi*, *péis*, *séi*, *séite*, etc., em lugar de *pé*, *pés*, *sé*, *séte*; nunca troque a letra *e* por *i*, e a letra *i* por *e*, pronunciando, v. g., *canevete*, *venagre*, *discortez*, *ellis*, *selencio*, *lirege*, *impenho*, *istampa* ³, *mílhör*, *mílmoria*, etc., em lugar de *canivete*, *vinagre*, *descortez*, *elles*, *silencio*, *he-rege*, *empenho*, *estampa*, *melhor*, *memoria*; acabe em *-aõs* o que devia terminar em *-oõs*, e por isso não pronuncie *foijaõs*, *tostaõs*, etc., mas *foijoõs*, *testoõs*; . . . nam deve proferir tam brandamente a letra *a* antes de *m* e *n*, que pareça dizer, v. g., *vomos*, *estenho*, *menha*, em lugar de *vdmos*, *estânho*, *mânha*; em lugar de *começar* e *começo*, deva usar do verbo *começar* ou *principiar*, e do nome *principio*; alguns maritimos chamam *almas* aos rapazes para differença dos adultos, porque, se a companhia he um barco, consta, v. gr., de oito homens, e de quatro *almas*; esta expressâm deve totalmente expellir-se» ⁴. — Noutros muitos lugares da sua *Orthografia* menciona especificadamente Carmelo phenomenos dialectaes da Extremadura, por exemplo a pag. 84 (pronúncia de *mêda* por *mêda*), 86 *fraléo*, «pam pequeno que dam aos pobres os religiosos bernardos de Alcobaça», 141 (condensação do ditongo *ou* em *ô*, *ou* redução a *ôü*), 447 (*todô* *homem* = todo o homem).

Passemos agora ao seculo actual. Tanto os textos, que eu saiba, publicados em linguagem extremenba, como os estudos scientificos sobre ella datão dos tempos modernos.

Nos *Versos* de J. C. Lara de Carvalho, «escriptos na Torre de S. Julião da Barra em 1831 e 1832», e publicados em Lisboa em

¹ *Ob. cit.*, t. 1 (Lisboa 1870), p. 42.

² No texto lê-se por êrro typographico *Theotioio*.

³ Como é que Carmelo pronunciaría esta palavra?

⁴ *Compendio de Orthografia*, Lisboa, 1767, p. 501-502. D'este trecho se vê que Carmelo era bom observador.

1840, vem a pag. 83-84, uma poesia em linguagem de Bemfica. Não só ella tem esta epigraphé,

Na terrola em que eu morava,
Que é pegada com Lisboa,
Falla-se em lingua tão brava,
Que umas trovas, nella armadas,
Me farão rir, sem vontade:
Por tanto vamos ás trovas!

mas ha nella um verso em que se lê *Cá en Benfica*. Adeante a publicarei e analysarei glottologicamente ¹.

Em 1883 publicou em Paris o sr. Gonçalves Vianna, no vol. xii da *Romania*, um trabalho intitulado *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, de que se fez edição á parte num volume de 70 pag. in-8.º gr. Não só este é o primeiro estudo scientifico em que se trata de modo especial a linguagem da Extremadura, mas é o mais importante que se tem publicado sobre a nossa phonetica actual. Com quanto o auctor não encare o seu assumpto debaixo do aspecto exclusivamente dialectologico, isto é, da linguagem popular, como aqui é o meu fim, mas haja escolhido a linguagem de Lisboa como norma de pronúncia, por Lisboa ser a capital do reino, e elle ter de seguir um padrão: no entanto, a pronúncia propriamente popular ou plebeia merece-lhe muitas notas, e tanto a lisbonense, como a de outras localidades. Trabalho primoroso, escrito com clareza e methodo, e cheio de observações finas, tornadas ainda mais valiosas pelas comparações frequentes que o seu auctor estabelece entre os sons da nossa lingua e os de outras, o *Essai de phonétique*, mal sahio a lume, deu ao sr. Gonçalves Vianna lugar conspicio na phalange dos phoneticistas contemporaneos.

Com o titulo que encabeça este artigo, isto é, de *Dialectos extremeños*, publiquei em 1885 no Porto um opusculo em que me occupo da linguagem vulgar do Peral, opusculo a que deviam em breve seguir-se outros subordinados ao mesmo titulo.

Acima referi-me á linguagem dos *çaloios*: «ces populations ont en général un dialecte très archaïque, et leur prononciation ne l'est pas moins» ². Para o puro lisboeta, ou *alfacinha*, o çaloio, que vive nos arredores da capital, e a provê diariamente dos alimentos que não podem vir de longe, como hortaliças, legumes verdes, certas fructas, leite, e ainda ás vezes pão, doces, manteiga e ágoa, tornou-se o typo da rusticidade e da boçalidade: por isso fallar linguagem çaloia é fa-

¹ Foi o fallecido bibliographo Tito de Noronha quem por 1885 ou 1886 me deu noticia d'esta poesia. Já desde essa epocha eu tenciono publicá-la.

² Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique*, p. 32, nota, onde se indicão alguns caracteres phoneticos çaloios.

zer rir. Succedem factos analogos em todos os paises. Num jornal lisbonense que teve o titulo de *Maleriado* e *Mal amanhado*¹ sahiram varias correspondencias humoristicas, escritas em lingoa çaloia.

A redacção do referido jornal chegou mesmo a publicar um *Almanach* do MAL AMANHADO, para 1890, escrito em *lingoagem çaloia*. Lisboa 1890, p. 48. Não direi que a lingoagem popular esteja sempre nestes escritos bem observada, e principalmente bem representada; todavia as tentativas são curiosas no campo da dialectologia (abstração, já se vê, da natureza dos assumptos; só me preoccupa a lingoagem): e o *Almanach*, redigido todo elle, á parte o calendario, em çaloio, offerece certa novidade.

*

Depois d'esta resenha bibliographica, que despertará por ventura algum interesse no leitor, irei occupar-me do dialecto em si, o que farei em fórma de notas avulsas, á maneira do que fiz noutros estudos semelhantes, poisque, como o sub-titulo d'esta série de artigos indica, o meu escopo consiste em reunir elementos para a elaboração da nossa Dialectologia, e não, por ora, em tratá-la ordenadamente.

I

Segundo fica dito, publiquei em 1885 um opusculo intitulado *Dialectos extremenhos*, que era o n.º 1 («Lingoagem popular do Peral») de uma série que não continuou a publicar-se na occasião, e que só continúa agora. Não sendo necessario reproduzir aqui o opusculo, que foi primeiro publicado, em fórma de artigo, na *Revista de estudos livres*, t. II e III, mas tambem não desejando, para evitar difficuldades nas citações, recommear a numeração, considero os artigos que adeante publicar como continuação do n.º 1, e numera-los-hei a seguir a elle.

II

LINGOAGEM POPULAR DE BEMFICA

Como texto da lingoagem de Bemfica (arredores de Lisboa), publico aqui a poesia de Lara de Carvalho, a que alludi acima. Intitula-se «Zanguizarra», e está comprehendida, como disse, nos *Versos* d'aquelle auctor, a p. 83-84. Não altero a orthographia, reproduzo a poesia tal qual, excepto com relação a uma palavra, que supponho errada, conforme direi em nota.

¹ Possuo numeros dos annos de 1890 e 1891.

Zanguizarra

1. O' tio, mecê veio agora
De Lisbom-a n'esse burro?
Vi ¹ por lá, mê primo Antoino,
Ma-lo cabrêro das Medcas?
5. Elles fôro lá buscari
Garrafinhas de liquori,
Q'amanhen temos ea festa
Nas Garride ² e en Nodéli ³.
Mecê conhece o Livrêro?
10. Tomou inàgora ⁴ os odres,
Q'u maltez da Porcalhota
Vinha paraquí venderi,
Sin ter pagado os derêtos.
Eu fui c'u mêmão ós linhos,
15. Achê dois de pitacirgo:
N'um achê cinco ferrêros ⁵.
Outro tinha so tres xêxos ⁶.
O' Manel, ó nino, ó nino,
Vamos ós figos do oitêro?
20. Vais acavallo no carro
C'u mê Zei, ma-lo Cabeça:
Vamos c'u Mestre Porfilio,
Q'elle mand'ó Gravieli
Luvar a marend'ós homis.
25. Sim? cand'a gente abalari,
Luvamos o pão de casa,
Q'us outros, que honte la fôro,
Tiráro d'uma fignêra
Cage ametade das trancas:
30. Agent'hoje ten la pouco:
Trouvero figos en barda!
Que é do burro burmelho, que tu tinhas?
Mê pai torcou c'a burra do Thimoti,
Com dinhêro purriba: o burr'ê podre,
35. Ja nan presta pra nada, é um estipori:

¹ Isto é: *vi' por lá* (= viu por lá).

² Garridas.

³ Nodél.

⁴ No texto está *iràgora*, êrro evidente por *inàgora*, ou melhor, *inàgora* (=inda agora), expressão corrente na Extremadura.

^{5.6} Os rapazes, para as formigas não irem aos ninhos, quando estes tem passaros ou ovos, dizem que ha lá respectivamente *ferreiros* ou *seixos* (Beira-Alta): cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §§ 270-b, e pag. 195-196. E' sem dúvida ao mesmo costume que alludem os versos.

- Ca en Benfica agora o Boticaio
 Vae rentar de maiori, tu nan vistes
 Que log'elle ¹ foi pori. Quen é quelle
 Sabastião Pinhêro, ó Padre Cura?
40. Aquell'ê o Zé Livrêro, vai c'u Alonço ².
 Já hoje vinh'ô filho da Capada
 C'u Thiatoino, a mai-lo Bacorinho,
 Ca ³ pediri cadêras impostadas;
 E o mê mestre nan queri, diz que as comprin,
45. Qu ⁴ dinhêro, que ten, custa a ganhari.
 Cando o Pancadaria era casado
 C'Anna Martela, o tio da Cabazada
 Impestou-l'umas, e ellas la ficâro.
 Quen fas ha-de impostari? nanj'ô Capa,
50. Nin Pernagudo, nin o Pencerêro:
 Balancia, ó malão, cantos quizeren,
 Q'u mê pae, pramor disso, já nan vênde:
 Poz-se atraz dos urmêros da surrada ⁵,
 C'u caxado nas unhas a brincari:
55. Diz q'agora que venha quen quizeri.

A poesia não tem valor litterario ⁶, tem-no apenas linguístico para o estudo do dialecto da Extremadura, postoque o A. aqui e além seja trahido pela orthographia official, pois escreve *outro, outros, poucos, trouvéro, turcou* em vez de *ôtro, ôtros, pôco, trovero, forcô*, que deve ser a pronúncia local; escreve também, *honte, podre, mestre*, etc., devendo escrever *hontí, podrí, mestrí*, já que escreve *Thimoti, homis* (pl. de *homi*), *liqtori, abalari* (= *abalare*, como se diz no Norte); assim como escreve *comprin* (= *compre*), também devia escrever *quizerin*, e não *quizeren*, como escreve, — ou vice-versa; nas fórmulas *caxado* (= *cajado*), e *burmelho* (= *vermelho, vermelho*), o auctor parece que quis imitar a pronúncia gallega ($x < > j$) e a do Norte de Portugal. Era inútil escrever *u, us*, em vez de *o, os*, poisque o artigo, escrito d'este último modo, não pôde lêr-se senão como *u, us*; também não vejo necessidade de escrever *comprin*, com *-n*, em vez de *comprim*, com *-m*, pois *-in* não tem na pronúncia valor differente de *-im*.

São estas as principaes observações criticas; passarei agora á analyse glottologica.

¹ «Que loja (ou *loge*) elle foi pori».

² Isto é, *Alonso*, nome hesp. (*Affonso*).

³ Cá. O A. tem o costume de não accentuar os monosyllabos; assim escreve *la e so* em vez de *lá e só*. Esta orthographia foi seguida também por outros A.A.

⁴ *Qu'o* (que o).

⁵ Supponho que deve escrever-se *Surrada* (nome proprio).

⁶ Ha nella allusões a muitos individuos, segundo parece; não vale a pena esmiuçar o caso.

A) Phonologia

1. DITONGOS.

a) *Ditongos decrecentes*. O ditongo *ei*, quando coberto ou descoberto, e os ditongos *êu*, *iu*, *ái*, quando cobertos, isto é, proclíticos, condensam-se respectivamente em *ê*, *é*, *i* e *á*, como se vê em: *cabrêro*, *livrêro*, *dirêtos*, *ferrêros*, *xêro*, *oitêro*, *figuêra*, *dinhêro*, *Pinhêro*, *cadêras*, *Penerêro*, *urmêro*, *achê*; *mê pai*; *vê por lá*; *má-lo* (= mais lo, mais o). O ditongo *ou* está representado por *oi* em *oitêro*. O ditongo *ão* de *não* está representado por *ã* em *nan* (= *nã*). — Cfr. *Dial. extremenhos*, I, p. 8 e 15.

b) *Ditongos crescentes*. Os ditongos crescentes *uá*, *uá*, *ué* reduzem-se respectivamente a *â*, *á*, *é* nestas palavras: *c'a burra* (= *cuâ burra* = *co'a burra*), *canto* (= *quanto*), *cando* (= *quando*), *cáje* (= *quaje* = *quaise* = *quasi*), *Manêl* (= *Manoel*).

2. VOGAES NANAES.

a) A nasal final atona *-om* desnasaliza-se, como se vê em: *fôro* (= *forom*, *fôrão*), *tiráro*, *trouvêro*, *ficáro*. — Cfr. *Dial. extremenhos*, I, p. 14; nota 3.

b) A nasal final atona *-em* da lingua litteraria está desnasalada em *honte* (ou *onte*, segundo a etymologia), e representada por *in* em *cômprim*. Cfr. *Dial. extrem.*, I, p. 11.

c) A nasal atona *-em* está representada por *in* em *nin* (= *nim* = *nem*) e *sin* (= *sim* = *sem*), quando proclítica. Inicialmente temos *imprestar* (= *emprestar*). Cfr. *Dial. extremenhos*, I, p. 11.

d) A nasal tónica *em* representa a o auctor da poesia por *en* em *ten*, querendo talvez dar a entender que se pronuncia *têm* ou *têz̃m*⁴, e não *tãz̃*, que é a pronúncia de Lisboa e de outros pontos do país. Todavia também escreve *en barda*, *quen é*, *quen quizeri*, podendo esperar-se *in*, *quín*, segundo o que se disse no § 2-c. Escreve *amanhen*, que corresponde á pronúncia de Lisboa *amanhêm*, que creio ser a unica palavra lisbonense em que *-em* final vale *-êm*, e não *ã*.

3. VOGAES ATONAS FINAES.

a) O *e* atono final está representado por *-i* em *homis* (= *homes* = *homens*, com desnasalamento. cfr. § 2-b), e em *Timoti* (= **Timoto* = *Timotheo*). Cfr. *infra*, § 4-b; e os *Dial. extremenhos*, I, p. 12.

b) A syllaba atona *-as* está representada por *-es* em *garrides* (= *garridas*), embora devesse sê-lo por *-is*; cfr. o § 3-a.

4. PHENOMENOS DIVERSOS.

a) *Paragoge*. Dá-se paragoge de *i* em *Zêi*, phenomeno muito vulgar no Sul; em *Zê Livrêro* não apparece o *i*, por *Zê* ser proclítico.

⁴ Em Mafra, que pertence á região dos Çaloios, como Bemfica, ouvi pronunciar *wim* (= *bem*).

Nas palavras que acabam em *r* e *l* deu-se paragoge de *e*, que, pela lei do § 3-a, se mudou em *i*: *buscári*, *liquôri* (licor), *vendêri*, *abalari*, *estipóri*, *póri*, *pediri*, *quêri*, *ganhári*, *imprestári*, *brincári*, *quisêri*, *Nodêli*, *Graviêli*, — palavras que no Norte, por exemplo, se pronunciação *buscá-re*, *licô-re*, *vendê-re*, etc.

b) *Syncope*. Dá-se syncope de *i* em *Medcas* (= Médicas). Podemos considerar também como syncope os phenomenos que se dão em *mê 'rmão* (= mea irmão), e *quen é 'quelle* (= quem é aquelle); são exemplos de phonetica syntactica.

c) *Metathese*. Dá-se metathese de *i* nas syllabas finais *-ário* e *-onio*, como se vê em *Boticaíro*, *Antoíno* e *Thiatoíno*: cfr. as observações do Monte Carmelo citadas na introdução d'este artigo. Outras metatheses: *Graviêli* (Gabriel), *turcon* (= trocon).

d) *Dissimilação*. Observa-se dissimilação de *r* — *r* em *Porfílio* (= Porficio); e de *n* — *nh* em *linho* (= linho).

e) *Assimilação*. Dá-se em *xêxo* (= seixo = seixo), o que também se observa no Alemtejo, e dá-se em *impestar* (= imperstar = emprestar).

f) *Influencia de consoantes vizinhas*. Por influencia das labiaes vizinhas, o *e* atono mudou-se em *u* nas palavras *lugar*, *burmelho*; por influencia do *r*, o *e* mudou-se em *a* em *mavenda*, e por influencia do *l* em *balancia* e *malão*. Todos estes phenomenos são vulgares no país.

5. O *b* de *Gabriel* está representado por *v* em *Graviêli*.

6. ESDRUXULOS.

A linguagem do Sul tem tendencia para destruir todos os esdruxulos, o que consegue por vários meios: syncopes, metatheses, etc. Vid. exemplos nos §§ 4-b e 4-c: *Antoíno*, *Boticaíro*, *Medcas*, etc.

B) Morphologia

7. ARTIGO.

O artigo *o* está representado pela forma antiga *lo* em *má-lo* (vid. 1-a), o que se dá noutros pontos do país.

8. VERBOS.

a) Em virtude do phenomeno phonetico notado no § 2-a, os verbos que na 3.^a pess. do pl. acabão em *-ão* na lingua litteraria, acabão em *-o* no nosso dialecto, como se vê em *fôro*, *tiráro*. Este *-o* corresponde á antiga nasal *-om*: *forom* < lat. * *fūrunt* <> *fuerunt*.

b) Em virtude do phenomeno phonetico estudado no § 1-a, os verbos que na lingua litteraria acabão em *-ei*, acabão no nosso dialecto em *ê*, como se vê em *achê*.

c) Na 2.^a pessoa do sing. do preter. perf. do indic. os verbos aca-

bão em *s*, por analogia com todas as outras pessoas do singular, por ex., em *tu vistes*: phenomeno que existe em todo o país.

d) O verbo *trazer* tem na 3.^a pessoa do pl. do preterito perf. do indic. a fôrma *trouvero*, que suppõe tambem a fôrma *trouve*, *trouvera*, *trouver* e *trouvesse*, todas ellas vulgares no país.

9. PARTICULAS.

Diz-se *nanja* (= não já), *p'ra* (= para), *purriba* (= por riba, por cima), *p'ramor de* (= por amor de), *a mai lo*, *cando*, *caje*, *nã*. Todos estes phenomenos ficão estudados na secção da Phonologia.

C) Vocabulario

Antóino, Antonio. Vid. § 4-c. — Esta palavra não é de origem antiga, senão o -onius de Antonius teria dado -ônho (no Norte diz-se *Antônho*); é certamente de origem ecclesiastica.

Balancia, melancia. A fôrma intermédia é *belancia* (que se usa em muitas partes): vid. § 4-f. — A etym. d'esta palavra é obscura; tem-se proposto o lat. melo, mas não se sabe em virtude de que leis!

Boticairo, boticario. Vid. § 4-c.

Caje, quasi. Vid. § 1-b. — Esta palavra tem, segundo as localidades, muitas variantes: *quaise* (Lisboa), *caije* (Norte), *caijo* (id.), etc.

Cando, quando. Vid. § 1-b.

Canto, quanto. Vid. § 1-b.

Caxado, cajado. Não conheço noutra parte esta fôrma; talvez o auctor quisesse dar ao *j* a pronúncia gallega de *x*.

Derêto, direito. Do lat. *derectus*; cfr. hesp. *derecho*. Quanto ao *ê* por *ei*, vid. § 1-a.

Estipóri, estupor. A fôrma intermédia foi *estepôr*, que se usa no Norte, etc. — Palavra de origem litteraria, passada para o povo por intermédio da medicina.

Impestar, emprestar. Vid. § 4-e.

Inâgora, ainda agora. De *inda agora*, por assimilação progressiva do *d*, como em *tanaajinha*, de *tandajinha* (= tam d'ajinha).

Linho, ninho. Vid. § 4-d. Palavra usada noutras localidades. Do lat. *nidus*, por intermedio de **não*, **nio*. O *n* inicial nasalou o *i*, como em *nonjo* (nojo), *noute* (noute), *nem* (nec); depois em -*ão* desenvolveu-se a nasal palatal, como em *minha* de *mãa*, *vinho* de *vão*, *linho* de *lão*: cfr. tambem D. Carolina Michaëlis, *Studien zur hispan. Wortdent.*, § 6 e nota, e J. Cornu, in *Romania*, xi, 90.

Lisbõa (no texto *Lisbom-a*), Lisboa. Fôrma archaica. Do lat. *Olisipona* > **Lisbona*; cfr. *bõa* de *bona*.

Lugar, levar. Vid. § 4-f.

Malão, melão. Vid. § 4-f. Do lat. *melonem*. Se esta fôrma é, sem duvida alguma, popular, porque é que se conserva o *l* intervocalico, que, segundo as leis da nossa lingua, devia cabir? Supponho que houve influencia da palavra *mel* (com a ideia de doçura).

Manel, Manuel. Vid. § 1-b. Do lat. Emmanuele(m). O *n* medial conservou-se, porque o *u* seguinte não é propriamente vogal, mas semi-vogal; cfr. *janella* de **januella*, *Janeiro* de *Ianuarius* > **Ianuerius*, *maneira* de *mannaria* > **maneira*; se o *u* fosse vogal, o *n* deixaria de existir como consoante dental.

Manhêm, manhã. Também se usa esta fôrma em Lisboa. Deve explicar-se por assimilação do *ã* á palatal precedente; facto phonetico absolutamente parallelo a este é *Lourinhêm* por *Lourinhã*. O sr. F. Adolpho Coelho, no seu infeliz *Diccionario Etymologico*, dá a *manhã* como etymo o lat. *mane*, mas não explica a nasal final: ora a verdade é que *manhã*, antigamente *manhãa*, em hesp. *mañana*, não vem directamente de *mane*, mas suppõe o derivado lat. **maniana*, que está para *mane*, como **antianus*, d'onde *ancião*, para *ante*.

Marenda, merenda. Vid. § 4-f.

Mecê, vossemê. Uma das expressões que tem na nossa lingua experimentado mais transformações é *vossa-mercê*, d'onde veio *vossemecê*. Quanto a *mecê*, pôde explicar-se, ou (como fiz no *Dialecto brasileiro*, p. 18) porque em *vossemê* essa parte se tornou independente do pronome, ou meramente, por uma razão phonetica: *vo-mecê* (que se usa muito) > **v'mecê* > **mcê*, com assimilação do *v* ao *m*. Quando se compara o hesp. *usted* com o lat. *vostram mercedem*, e o portug. *s'* com o lat. *seniorem*, não ha motivo para extranhar que *mecê* se produzisse pela segunda maneira apontada.

Médca, médica. Vid. § 4-b.

Nanja, não já.

Nino, menino. Fôrma usada noutras partês.

Pitasirgo (no texto *pitacirgo*), pintasilgo. — Sobre a etymologia d'esta palavra vid. D. Carolina Michaëlis, *Stud. z. span. Wortident.*, § 31.

Sebastião, Sebastião. Fôrma muito usada no país.

Tiatoino, Theotonio. Vid. § 4-c.

Timóti, Timotheo. Vid. § 3-a.

Tranca, pernada, ramo de arvore. Palavra muito usada na Extremadura; corresponde-lhe o verbo *destrancar*: «destrancar uma arvore».

Urméro, olmeiro. Quanta ao *é* vid. § 1-a. Esta fôrma, bem como *urmo*, é muito usada na Extremadura. Ao pé do Cacem, no casal de Colaride, ha uma fazenda chamada mesmo «cerrado dos Urmos».

Xexo, seixo. Vid. § 4-c.

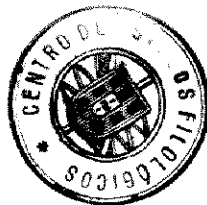
Zé, José. Fôrma usada em todo o país.

*

Do estudo que fica feito vê-se que Lara de Carvalho, á parte certas incongruências que notei no principio d'este artigo, observou com exactidão os phenomenos da lingoagem de Bemfica.

FASTOS RELIGIOSOS

(FESTAS E PROCISSÕES)



Escrever a historia do sentimento religioso em Portugal é o mesmo que traçar a sinuosa curva esphygmographica da agitada e irrequieta vida portuguesa. As monarchias da península são o producto effervescente d'uma lucta secular entre duas crenças irreconciliaveis — o christianismo e o islam. Apesar da nossa nacionalidade se constituir a longa distancia da resistencia iniciada por Pelayo, ainda assim ella não é senão o prolongamento d'essa reacção inabalavel que só termina quando solta o grito de exterminio sobre as hostes adversas nas montanhas das Alpujarras. O sentimento religioso e o sentimento politico vivem tão profundamente entrelaçados durante toda a nossa longa vida historica, que é difficil destrinchá-los um do outro sem arrancar a carne palpitante do esqueleto a que está intimamente ligada. Por um lado a nossa independencia fórma-se á custa dos golpes da espada, em luta com os leoneses e com os mahometanos; por outro lado consolida-se á sombra da protecção moral de Roma. A benção do papa legaliza e santifica a emancipação do condado portugallense transformado em reino.

O poder ecclesiastico é ao mesmo tempo a força e a fraqueza do poder real. Os bispos acompanham continuamente a côrte, onde exercem a mais prodigiosa influencia e disfrutam os mais elevados cargos. A harmonia nem sempre preexiste, e por vezes desencadeiam-se os mais ferozes e prejudiciaes desaccôrdos, sobretudo quando os monarchas não attendem os interesses do clero e lhes cerceiam os privilegios. Alexandre Herculano descreven-nos magistralmente alguns episodios d'esse antagonismo, que ora se assignala pelas mais cruéis violencias contra o episcopado, ora termina pela humilhação do rei, principalmente quando se aproxima, com a velhice e com a doença, a hora tremenda do ajuste de contas entre a consciencia e Deus. D. Sancho II foi uma das victimas da intriga clerical, alliada d'esta feita aos manejos d'alguns fidalgos.

As ordens de cavallaria contribuíram poderosamente para o alargamento e para a população de Portugal, não só ajudando a conquista das terras que estavam sob o dominio mauritano, mas fundando castellos, a cuja sombra se desenvolviam os burgos. As ordens monasticas concorreram pela sua parte para se difundir a cultura intellectual.

Santa Cruz e Alcobaça foram dois centros, onde as artes e as letras encontraram agasalho e ambiente propícios.

O sentimento religioso não é porém superior á indole geral da época, nem o seu predomínio é de tal modo eficaz que vença o influxo das mais grosseiras paixões. A sua influencia evangelica não só se annulla completamente, mas elle mesmo se deixa contaminar por todos os vícios e intemperanças reinantes. A' similhaça da mulher, que ora se remonta á mais alta esphera da dedicação humana e do heroismo materno, e nos dá a imagem sublime da *mater dolorosa*, ora desce na escaleira da torpeza e nos offerece o typo asqueroso da Messalina, assim a egreja, nos tempos revoltos da idade média, nos apresenta simultaneamente estes dois aspectos. Não é só entre a realza e a cleresia que vemos o jogo ferrenho e sangrento dos interesses e das rivalidades mesquinhas, é entre as proprias dignidades e corporações religiosas que se armam as mais vis e deploraveis contendas. Não são as puras questões de hyssope, que despertam a musa comica do Dinis e se matam pelo ridiculo: o antagonismo clerical da idade média não usa cabelleira, põe um capacete; não asperge agua benta, derrama o sangue com um furor selvagem. O arcebispo de Braga commette na sé de Coimbra os mais atrozes vandalismos, sem o menor respeito pelas coisas mais sagradas, profanando os altares, despedaçando as vestes, partindo os vasos, calcando aos pés com uma furia de inconoclasta, com um phrenesi de doido, o que ha de mais respeitavel na religião do christianismo. Entre a sé de Coimbra e o priorado de Santa Cruz as rixas não são menos porfiosas, e tanto nas margens do Mondego como nas margens do Liz, tanto em Coimbra como em Leiria, em toda a parte onde as duas corporações exercem a sua auctoridade, é o odio que encontra o odio, e a força que repelle a força, sendo necessaria a intervenção do elemento civil para apazignar os desordeiros. O archivo do cabido coimbricense contém muitos pergaminhos, que ainda rescendem ao acre cheiro d'essas carnificinas, e nos quaes se respira ainda a atmospheria das batalhas.

Com o decorrer dos seculos o sentimento religioso foi-se modificando e tomando novas feições, adequadas ás circumstancias, mas a sua influencia nem por isso diminuiu. O espirito bellicoso foi declinando, e a armadura substituiu a sotaina. O bispo que na batalha de Hastings, ou na batalha de Aljubarrota, sustentava numa das mãos a cruz e na outra a espada, matando e abençoando simultaneamente, deixou de ser o cavalleiro andante para se transformar na figura insinuante do diplomata. O fanatismo não brandia uma lança, brandia um archote, deixando ao braço civil a responsabilidade de acender a fogueira.

A cruz, ou no punho da espada ou no velame das nossas caravelas, symbolizava a crença nacional, e foi connosco, na esteira dos nossos navegadores, nessa onda d'aventuras, a toda a parte do mundo. A egreja e a fortaleza eram os padrões que testemunhavam d'um modo inequivoco as duas faces do nosso caracter. Portugal era um vasto

convento e um vasto arsenal, e, quando o nosso poderio militar declinou, ficou de pé o mosteiro, até que a onda revolucionaria, batendo como um ariete as suas paredes seculares, o derrubou finalmente. Mas as ruínas espalhadas no solo são de tal ordem, que denunciam a grandeza do colosso. Por mais desconjunctos que sejam os seus membros, reflecte-se nelles a pujança do seu viver d'outr'ora. O que ficou de pé, além da sua importancia artistica, tem tamanha significação moral, que se imporá ainda por muito tempo ás gerações que passam e ás gerações vindouras. Por maior que seja o cataclismo social, não se apagam facilmente os signaes d'uma existencia millenaria. Podem petrificar os costumes e as tradições, mas os fosseis da historia são como os fosseis da natureza, que nos indicam as successivas evoluções do globo.

Seguir por conseguinte as variantes da ideia religiosa no nosso país, ou em qualquer outro, é o mesmo que estudar a sua biologia social, os factores predominantes da sua historia, o que imprime caracter na sua marcha progressiva. Crêmos que ainda ninguem fez semelhante estudo debaixo de tal ponto de vista, subordinando as leis da historia a este pensamento, nem tão pouco existe um livro, onde estejam compendiados as fases do sentimento religioso português desde o inicio da monarchia. A *Historia da egreja lusitana*, sob o aspecto unicamente canonico, não nos satisfaz nem pôde satisfazer, porque não desejaríamos vêr apenas estabelecidos e fundamentados os privilegios e regalias d'uma classe, mas estudadas sobretudo as suas relações com a sociedade. Essas relações foram tão profundas e tão intimas, que se diria haver entre ellas a mesma dependencia que existe entre o sangue e os vasos que o contém. Comprehende-se, portanto, o alcance e a latitude d'um trabalho de similhante natureza e quanto seria difficil synthetizá-lo num só quadro. O monumento que sobre estas bases a erudição produzisse seria por ventura similhante a um d'estes edificios gigantes, em que mais de uma geração se esforçou por collocar a ultima pedra, conseguindo apenas deixar assignalada a sua passagem nas diversas feições do estylo.

Os fastos religiosos de Portugal seriam como a Biblia, não uma obra unica, mas um conjuncto de livros, ligados todavia entre si pela mesma ideia predominante, que assim estabelecesse a indispensavel harmonia. Não se tem caminhado sob esta orientação e porisso a estrada parecerá longa e fastidiosa. Para amenizar a viagem, para a tornar mais segura e menos incerta, é de toda a conveniencia ir balisando o caminho, trazendo cada um o seu marco miliario. E' o que fazemos agora apresentando o nosso modestissimo contingente. A vida religiosa portuguesa é tão abundante de factos, offerece uma série tão variada de perspectivas, que a difficuldade está apenas na escolha e na distribuição dos assumptos. Os elementos que fornecemos nesta pequena monographia servem principalmente para elucidar alguns pontos dos nossos costumes, revelando-nos qual era a preocupação dominante das gerações passadas. Dispersos pelas chancellarias, os subsidios que

trazemos a lume pouca importancia teriam se continuassem a permanecer no seu isolamento, mas concatenados e reunidos por especialidades, o seu conjunto offerece um innegavel attractivo e um valor historico que não deixarão de ser apreciados por todos aquelles que tomam a peito o mais intimo conhecimento da existencia, para assim dizer familiar, das gerações extinctas. Muitos dos documentos, se esclarecem a vida geral da nação, são todavia um auxiliar poderoso para a historia da vida local, e poderão servir de margem e de incentivo e novas lucubrações. Por muito satisfeito nos dariamos se aos investigadores que consagram as suas vigillas a esta especialidade, pudésse esta modesta contribuição servir de ponto de apoio para mais fructuosa colheita.

Não pareça immodesto o titulo de *Fastos religiosos*, que applicamos a estes estudos. Se elle significa uma promessa que vae além do que se dá na realidade, não se segue que os subsidios deixem de se accumular, e que a somma vá augmentando com successivas adhesões. O plano fundamental, o arcabouço, fica e é susceptivel de todo o desenvolvimento. A ideia que apresentamos não é absolutamente nova e na litteratura portugueza existem duas obras de conjunto, que satisfariam completamente, se o seu ponto de vista não fosse tao restricto, obedecendo quasi exclusivamente aos preconceitos do ascetismo, da credice, e da devoção exaggerada. Essas duas obras são o *Agiologio Lusitano* e o *Sanctuario Mariano*, e tanto numa como noutra ha elementos preciosos para o estudo moral da sociedade portugueza. O que é preciso é fazer passar esses elementos pelo crivo d'uma critica mais judiciosa e mais em harmonia com os modernos principios da historia e com os conhecimentos ethnographicos. Feita esta selecção indispensavel, restam ainda d'aquellas duas obras materiaes preciosos, que o novo architecto deve aproveitar com todo o escrupulo e com todo o carinho.

O inventario da civilização portugueza não se levará a cabo, d'um modo util e tanto quanto possivel plenario, senão investigando o legado de cada seculo e examinando as pégadas que deixaram sobre o nosso solo as diversas raças que o atravessaram. E isto ainda não será tudo, porque muitas ideias não vieram directamente trazidas e implantadas por esses povos, foram transmittidas por assim dizer a distancia, por intermedio das viagens e das relações commerciaes. O estudo comparativo do sentimento religioso, das modalidades que elle experimentou, durante muitos seculos, na alma portugueza, será uma das paginas mais instructivas e deleitosas da epopeia humana.

Se da nossa parte contribuírmos d'algun modo para esse estudo, julgamos ter cumprido um dever e satisfeito uma aspiração.

*

Não se pôde dizer que seja pobre a nossa litteratura no tocante a descripções de procissões e festas religiosas. Além das chronicas monasticas, ha muitos livros que se dedicam mais particularmente ao as-

sumpto, como se pôde vêr na parte 3.^a, tit. 4.^o, da *Bibliographia historica* de Figanière. A leitura d'essas obras é sobremodo instructiva e interessante pela riqueza de noções que nos apresentam não só no tocante aos costumes, mas com respeito ao estado em que se achavam certas industrias, de que a igreja lançava mão para o apparato das suas festas luxuosas. No livro que publicamos sob o titulo de *Artes e artistas em Portugal*, nos capitulos consagrados á dança e á tapeçaria, tivemos occasião de demonstrar a riqueza de apontamentos que se podem colher nas descripções d'essas solemnidades, onde tantas vezes o profano se mistura irreverentemente com o religioso. As procissões ora tinham o character d'uma festa mythologica, ora pareciam a representação dos autos de Gil Vicente, quando não reproduziam o que quer que fôsse das orgias pagãs. O proprio Sileno lá ia enramado de pampanos, como no célebre quadro dos *Borrachos*, acompanhando o *Corpus Christi*. Uma profanação que a ingenuidade medieval e o sensualismo da renascença toleravam e acceitavam com prazer!

As procissões chegavam a desempenhar papel social de primeira ordem, e pela resenha d'essas solemnidades se pôde traçar o quadro das alegrias e das tristezas publicas. Se uma grande victoria alumiaava com a sua chamma gloriosa o horizonte da patria, a procissão era o reconhecimento mais solenne que se prestava ao Deus dos exercitos. Pelo contrario, se a peste ou a fome, se qualquer outro grande cataclismo feria cruelmente a nação, o cortejo ao divino era o supremo recurso, e todos vinham para a rua penitenciar-se, imaginando que assim acalmavam as iras do Eterno. Para se avaliar o papel importante que as procissões desempenhavam na vida sentimental portugueza, quanto estes espectaculos fascinavam a imaginação popular, bastará dizer que algumas associações democraticas tentaram ultimamente substituir essas festas por outras identicas, de character secular. A procissão converteu-se no cortejo civico e o cirio religioso transformou-se num cirio profano. A evolução pôde parecer ridicula, mas é possível que tenha um lado pratico. O processo não é novo: foi assim, por este systema, que o christianismo se apropriou de muitas ceremonias gentilicas.

As procissões historicas, como a que commemorava a batalha de Aljubarrota, perpetuaram-se na tradição, mas hoje estão completamente obliteradas, o que mostra o esmorecimento da crença religiosa e da crença patriotica. O indifferentismo vae fazendo tábua rasa de todas estas sandosas manifestações do passado. Reservamos para outra occasião o compendiar os documentos que se referem a esta especialidade: agora dedicaremos particularmente a nossa attenção ás procissões e ás festas que se prendem mais intimamente com os costumes. Por os documentos que damos a lume, e nos quaes supponmos haver algumas circumstancias ineditas, se verá quanto o sentimento religioso se ligava ao interesse profano, e como até se invocava a piedade popular para abrandar os vexames do fisco e os rigores das leis sumptuarias.

I — Cavalgada em dia de S. João em Obidos

A festa de S. João é geralmente considerada como uma festa da natureza, uma representação mythica do solstício do verão. As cerimoniaes que ainda hoje se praticam entre nós e que pouco a pouco se vão extinguindo, são vestígios d'um culto sideral. A festa do santo precursor é o triumpho alcançado pelo verão contra o inverno, e por isso ainda ha bem poucos annos conservava entre nós certo character bellicoso. Em muitas terras de Portugal celebrava-se a alvorada do S. João com cavalcadas que simulavam torneios.

Temos presente um documento muito interessante, que nos remonta ao meado do seculo xvi, e que, além de nos fornecer uma ingenua miniaturazinha da festa, nos dá ainda outros pormenores do alcance e da significação, que n'aquella época se ligava a semelhante cerimonia.

O assumpto tinha tal importancia que foi apresentado nas côrtes que se reuniram em Almeirim no anno de 1544. Entre os capitulos que a villa d'Obidos *entrou dizer* a D. João III, um d'elles referia-se a uma postura antiga, que ordenava que em dia de S. João se effectuasse uma cavalgada em honra do santo. Ante-manhã os que tivessem cavallo iriam á porta do juiz, levando triumphalmente a bandeira da villa. Depois, andariam pelas ruas da terra, escaramuçando festivamente, em ruidosos jogos de cannas. Em seguida iam ouvir missa a S. João Baptista.

Se este era o character pittoresco da festa, não lhe faltava o character pantagruelico, e esta seria por certo, para muitos, a parte mais importante da funcanata. O conselho dava aos que cavalgavam, como premio das suas fadigas, um almoço, que devia ser succulento, a ajunizar pela verba votada para esta despesa — quatro mil reaes por anno.

Foi de certo esta circumstancia que deu na vista dos argus judiciaes e que levou o corregedor a pôr embargos e a suspender a festa por dispendiosa. A titulo d'uma economia de quatro mil réis annuaes dava-se cabo d'uma tradição, que, além da sua ancianidade e da sua feição popular, imprimia movimento á terra e concorria para um fim vantajoso. Porque é de advertir que o concelho d'Obidos se baseava n'uma razão economica e de incontestavel utilidade publica. A festa de S. João tinha indubitavelmente uma accentuada feição cultural, mas não contribuia menos para o desenvolvimento da raça cavallar. Era um incentivo para haver na terra quem criasse cavallo. Este facto merece especializar-se, porque é deveras significativo.

Francisco Raphael da Silveira Malhão, o eminente e evangelico orador sagrado, um dos filhos que mais ennobreceram a villa de Obidos, e de que ella mais justamente se deve orgulhar, publicou no *Almanach de Lembranças* para 1859 (pags. 266, 267), uma descripção da festa dos

cavalleiros em Obidos, que faz alguma differença da que se realizava no seculo XVI. Malhão reproduz esta narrativa decerto por a ter ouvido tradicionalmente, porque não declara que a tivesse presenciado, embora pudesse ter assistido a ella, em criança. Diz elle que o costume se praticára até á invasão dos francezes, sem indicar termo fixo. Ora, tendo nascido Malhão em 1794, ainda pudera ser testemunha infantil do facto. Como quer que seja, julgamos interessante e indispensavel aproximar a narrativa do bondoso e illustrado ecclesiastico da do documento official, e por isso as publicamos uma após outra.

«Dom J.^o &c. faço saber a quantos esta minha carta vyrem que átre os cap^{as} partycolares que nos a villa dObidos per seus procuradores êvyon aas cortes que fiz na villa dAlmeyrim este ano preséte de mill b^e Riijj vem huū cap^o, de que ho teor tall he: «Dizem que ha hy na dita villa huūa postura amtigua, que se fez em louuor de saō Joaō Bantista e tambem pera aver azoo de aver na terra quem crye caualllos e os tenham e no dia de saō Joam todos amtes de ser manhaā cauallgem e se vaō a porta do juiz e com ha bamdeira da villa ādaō por ella e de redor com toda festa descaramuça e canas com muyto alluoroço e vaō ouuir missa a casa de saō Joam Bantista, fazse sempre per este dia huū almoço, que se daa aos que cauallgaō a custa do concelho e per quanto os c^{as} (corregedores) foraō cōtra iso se secoreirão a V. A. que mādou per seu alluara se faça por tres anos e que posam gastar atee quatro mill rs. por ano: p. a V. A. lho cōfirme pera sempre e se faça do mōote mor, no que recebera merce. E vistas as cousas que alegam, por allguūs justos respeytos que me a isso movem, me praz e ey por bem que posam gastar no dito allmoço os quatro mill rs. que atee gora se gastaraō, os quais se tyraraō de toda a remda do concelho ātes de ser tirada della minha terça, e esto ēquanto o eu ouuer por bem e nā mādard ho cōtrayro. Notifico asy ao juiz da dita villa, que hora he e ao diante foor, e a quais quer outras justicas, officiais e pessoas, a que ho conhecimento desto pertemcer, e lhes mādō que asy ho cumprāō e façaō inteiramente cōprir e guardar como aqy ho contendo sem duuida nem embargo allguū que a ello seja posto, por qquanto asy he minha merce, e por firmeza dello lhe mādēy dar esta carta per mim asynada e asellada do meu sello, a qual mādō que se registre no liuro da camara da dita villa. Gaspar Pymentel a fez em Euora quatro dias dagosto de jb^e Riijj — Bastião da Costa a fez scprever ¹.»

«A camara d'esta villa, padroeira do convento de S. Mignel das Gaciras, situado a um quarto de legua d'ella e pertencente aos religiosos arrabidos, costumava ir collocar todos os annos o estandarte municipal na igreja do referido convento, em comprovação da sua regalia, pratica que durou até á invasão dos francezes. Fazia-o da fór-

¹ D. João III, *Doações*, L.^o 43, fl. 58).

ma seguinte: na vespera do dia de S. João, os camaristas vinhão á praça da villa, acompanhados do seu presidente, vestidos todos de capa e volta, com chapens enfeitados de plumas brancas, e montados em cavallos bem ajaezados. O estandarte tremulava na frente, desfraldado aos ares. Achando já alli reunidos e montados da mesma sorte em cavallos enfeitados, segundo o gosto de cada hum, todos os cavalleiros da villa e concelho, começava a cavalgata, indo o alcaide á frente, seguindo-se os cavalleiros em duas alas, e depois o corpo municipal, com todos os empregados publicos. Chegados ao convento, collocado o estandarte na igreja, feita uma curta oração, e cumprimentados os religiosos, regressavão á villa. Entrando nella, davão tres voltas pelas ruas principaes, uns correndo a toda a brida, outros caracolando, outros conservando o passo aconselhado pela sua idade. No dia de S. João, pela manhã, nova cavalgata ao convento, na mesma ordem da vespera. Ao chegar lá, depois de entrarem na egreja e de tornarem a orar, passavão a divertir-se pelas sombras da mata, a colherem flores no jardim e a desalterarem-se com a preciosa agua da mina, sempre acompanhados pelos religiosos, que então ainda erão respeitdos e amados como *frades* ou irmãos. A' hora competente, tomavão um refresco preparado por estes e ajudado com uma propina da camara. A' tarde, tornando a ir á egreja, orando, tomando o estandarte que alli ficara na vespera e despedindo-se dos religiosos, marchavão para a villa, trazendo capellas de flores enfiadas nos braços, nas mãos ocourutos de cannas verdes e ramos dos freixos seculares que alli existem ainda como monumentos da antiguidade d'aquellas fundação religiosa, e davão, transpondo a sua porta mourisca, as mesmas voltas da vespera. A cavalgada terminava, despedindo-se os cavalleiros na praça do corpo municipal, e indo cada um para sua casa (que achava cheia de gente que não cabia nas janellas) a entregar as capellas ás pessoas da sua maior affeição, contar anedoctas da festa, e celebrar a vespera e o dia de S. João» ¹.

Que o costume de correr cannas por dia de S. João era muito antigo e que estava generalizado por todo o pais, vê-se ainda de mais dous documentos anteriores ao que acabamos de reproduzir e que nos transportam aos meados do seculo xv. São duas cartas de perdão, uma das quaes se refere a Alvaro, filho de João Affonso, morador em Santiago de Cacem, o qual, andando com outros correndo as cannas no rocio da villa, atropellou casualmente uma velha por nome Aldonça Pascoal, que veio a fallecer d'este desastre. Provado que a morte fôra causada involuntariamente e que a familia da fallecida não queria ser parte, D. Affonso v lhe perdoou em carta dada em Lisboa a 26 de julho de 1451. O outro documento diz respeito a um João, filho de Alvaro Vasquez, de Numão. Andando saltando as fogueiras em vespera do dia do Percursor, elle e outro companheiro, Alvaro, filho de Lopo

¹ *Almanach de Lembranças* para 1859, pags. 266, 267.

Gil, de Villa Nova de Fozcôa, acertaram de galgar uma ao mesmo tempo, mas em sentido opposto, de modo que foram d'encontro um contra o outro, e d'esse embate ficou muito mal tratado o filho de Lopo Gil, de que veio a finir-se da vida d'este mundo. O filho d'Alvaro Vasquez, para evitar a acção da justiça, homiziou-se, até que lhe foi passada carta de perdão.

«Dom Afonso &c. A todollos juizes e justiçaes &c. Sabede que Alvaro, filho de Joham Afonso, morador em Santiago de Cacem, nos enuion dizer que por dia de sam Joham Bautista do ano passado que ora fora de iiij^a 1^a elle caualguara em huũ rocim e fora com certos homees folguar a colher lampaas, segundo se pollo dicto (?) e que cheguara ao Resio do dito logo, honde se os cauallos corem e jogam as canas, que elle e outros muitos começaram de correr e que ã corêdo que huua boa molher ja velha, per nome chamada Aldonça Pascoali, vynha pello dicto Resyo e que em se querendo guardar dos canallos que quahira em tera e lhe cabrara hũu braço ou lhe saira de seu lugar e que se viera a finir e lhe fora dito que algunas pesoas, que lhe bem nom queriã o culpauã em a dita morte e que como quer que dello fosse sem culpa os filhos e netos da dita morta per ser sem culpa ho ouuesem e o nom queriã por ello acusar nem demãdar e que se temia per bem da dita fama ser presso; que porem nos pidia por merce que a honrra da morte e paxã de nosso Senhor Jhu xpõ lhe perdoassemos a nossa justiça, se nos a ella per a dita razã em algua guisa hera teudo, e nos ueendo o que nos asy dizer e pidir emuiou, ante que lhe sobreello dessemos outro alguũ liuramêto, por sabermos quãto era em culpa da dita morte, fizemos primeiramente uiir a êquiriçã deuassa que per razã della fora filhada, a quall vista per nos, como se per ella mostrara o dito Aluaro ser sem culpa da dita morte, como as partes a que esto pertence ho nom querem acusar e ho ã por sem culpa, e querendo lhe fazer graça e mercee, a honra da dita morte e paxã, temos por bem e mãdamos que nom seja preso por a dita morte e se o allguem por ello quiser acusar e que ho demãde perante nos. E porem nos mãdamos que daqui em diãte ho nom prendaaes nem mãdees prender, nem lhe façaces nem consentaes fazer mall nem outro allguũ desaguisado quãto he per razam da dita morte, sem outro allguũ êbargo que a ello ponhaaees, unde al nom façades. Dada em a cidade de Lisboa aos xx bj dias do mes de julho — ElRey ho mãdou per ho doutor Ruy Gomez d'Aluarêga, do seu consselho, e por ho doutor Lopo Uaaz de Serpa, seus vasallos e do seu desenbargo e pitiçoes — Fillipe Afonso o moço o fez — ano do nascimento de nosso Sr Jhu x^o de mill e iiij^a 1^a j anos» ¹.

«Dom Afonso &c. A todollos juizes e justiçaes &c. que Johane, filho d'Alluro Vaasquez, morador em Nomom, nos emuiou dizer que po-

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Afonso v, l.^o 11, fl. 118.

deria ora aner tres anos pouco mays ou menos que andando elle com outros hũa vespera de sam Joham saltando as fugueiras que se fazem per ho dicto dia se acontecera elle saltar per hũa fugueira e Alaro, filho de Lopo Gil, morador em Villa Nona de Foscoa, saltara tam bem per a dita fugueira da outra parte, nom se veemdo huñ ao outro per bem do grande fumo que fazia e que em asy saltando topara huñ no outro e da paancada que se derã o dito Alnaro se sentira mall e se viera a finir da vida deste mundo, e que elle se amorara com themor das nossas justiaças de o por a dicta razom prenderem, e andana ainda ora por ello amoorado, e que porem nos pedia por mercee que a onrra da morte e paixom de nosso Senhor Jhu xpõ que lhe perdoasemos a nossa justiaça que se nos por a razom da morte do dicto Aluro era theudo. E nos veemdo o que nos asy dizer e pedir enuiou, ante que sobre ello desemos outro alguñ liuramento fizemos perante (falta nós) vir a emquiriçom denassa, que por razom da dita morte foy fihada, e reque-
rer aas partes, a que a acusaçom pertencia, se o queriam acussar ou demãdar, vista per nos a dita emquiriçom, como se per ella nom mostra o dito Johane teer tall culpa na dita morte per que dena ser dada pena, antes se mostra feita per causso, e visto como as partes o nom querem acussar, querendolhe fazer graça e mercee aa honrra da morte e paixom de nosso Senhor Jhũ xpõ, teemos por bem e mandamos que nom seja preso por a dita morte. . . Dada em Santarem xxbj dias do mes de mayo 1451» ¹.

Do reinado de D. Affonso v ainda nos apparece outro documento interessantissimo: é uma carta de 11 de janeiro de 1465, pela qual se vê que a festa do S. João era organizada á maneira da do Espirito Santo, creando-se tambem imperadores, juizes e officiaes, que, durante a festa, tinham attribuições authoritarias, podendo mandar prender e recolher á cadeia os que desobedecessem aos seus mandados. Era a gente moça quem organisava a festança. A carta que em seguida publicamos, era dirigida á *mancebia* ², isto é, aos moços solteiros da Amieira. D. João II e D. Manuel, em cuja chancellaria se acha registada, a confirmaram, mas este ultimo monarcha fez algumas modificações no tocante ao direito de prisão.

A proposito dos *emperadores* é muito para consultar o excellent estudo documental, publicado n'esta *Revista* pelo nosso particular amigo Pedro d'Azevedo, que tanto nos tem auxiliado nas nossas investigações na Torre do Tombo. Eis agora o documento:

«Dom Mannell &c. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte dos mãebos solteyro da villa d'Ameyra nos foy apresentada hũa carta delRey Dom J^o, que D^s aja, de que o teor tal

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Afonso v, L.^o 11, fl. 51.

² Aqui a palavra *mancebia* não tem a significação menos honesta, em que vulgarmente se toma e era tomada.

he: «Dom J^o per graça de D^s Rey de Purtugall e dos Algarves da- quem e dalem maar em Africa, senhor de Guinee, a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte dos mancebos solteiros da villa dAmyeyra nos foy apresentada hũa carta delRey meu senhor e padre, que D^s aja, de que o teor tall he: «Dom A^o per graça de D^s Rey de Purtugall e do Allgarue, senhor de Cepta e dAllcacere em Africa, a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee aos mãcebos solteiros dAmyeyra per homra e louvor da festa do bem avêturado apostollo sam J^o Bautista que costumam fazer na dita villa, temos por bem e queremos que daquy em diamte nos dias em que a dita festa se fazer, emquamto durar, os emperadores e officiaes que pera ello forem ordenados segumdo seu custume posam comstramger qual quer mãcebo solteiro da dita villa e termo que nã qyserem aceytar os officios e êcareguos da dita festa compridoyro fazerem as outras cousas que lhes per os ditos emperadores e officiaes forem mãdados pera ello, e os que asy nam fezerem seus mãdados e forem desobydiêtes posam poer pena a todos ou cada hum delles que o contrario fezerem atee comtya de cem r.^s brancos e os posam por eles demãdar e penhorar e vender seus penhores atee a dita comtya, a quall pena sera apropyada ha despesa da dita festa e nã pera outra allgũa cousa, e queremos que acerqua desto nem de seus jogos a dita festa pertêcêtes que os ditos êperadores e officiaes amtre sy per homra della ordenarem o nosso corregedor da comarqua, juizes e officiaes e homês boos da dita villa nã madê o contrario nem lhes façã allgũa torvação, antes os leixem liuremente usar de seus jogos e fazer sua festa como sempre fezerem, nã fazendo elles outros eycesos ou malles per que sejam obrigados a nosa justiça. Outro sy queremos que o meirinho dos ditos êperadores e seus homês que forem ordenados pera com elle amdar na dita festa posã trazer suas armas quaees e quantas lhe aprouver, emquamto ella durar, e que o allcayde da dita villa nã tenha com elles de ver e lhas leixem trazer sem êbargno de quallquer nosa defesa e ordenaçã em contrario feyta, comtanto que nã façam com ellas o que nã devã, e se o fizerem, que as nosas justiças provejã sobre ello como for justiça, e tãbem mãdamos que se os ditos êperadores ou seu juiz mãdarem a cadeia sem outra pena de dinheiro allgũs dos ditos homeês solteiros ou casados que com elles êtrarem na dita festa per nã cõprirem seus madados a elle pertêcêtes que o allcayde do castello da dita villa os mãde em ella receber e os nã solte nem mãde soltar sem especiall mãdado dos ditos emperadores ou seu juiz que este ano forem e lhes não leuem nem mandem leuar carcerajem allgũa sómente aquello que lhe pertencer de mall êtrada, e isso mesmo queremos que se allgũu homem casado de quallquer cõdiçã que seja que se meter nos ditos jogos e festa com os ditos mancebos solteiros e não forem obydiêtes e bem mãdados aaquello que per os ditos êperadores e seus officyaes for mãdado per homra da dita festa que posã asy ser apenados como os ditos solteiros. E porem mãdamos a todollos nossos corregedores, juizes e justi-

ças e a outros quaes quer, a que ho conhecimento desto pertemcer, que a cumpram e guardem daquy em diâte e em todo asy per gysa que em ella he contendo, sem outro nenhũu êbargo que a ello lhe seja posto em allgũa maneira, por que asy he nosa merce. Dada em Sousell a xj dias de janeiro — A.º Garces a fez — de j e quatro cêtos e sesêta e cinco anos». Seguem-se as confirmações de D. João II, a 8 de maio de 1486, e de D. Manuel, que termina com a seguinte aclaração, que confirma tudo, «salvo na parte homde diz que mādando os emperadores ou juiz da mâcebia a cada hum dos que com eles andarem a cadea que não sera sollto sem especiaall mandado dos ditos emperadores ou do dito juiz, decraramos que elles o poderã mādar premdr, e porer nã estarã na cadea mais que hũa noute e ao outro dia seja sollto, sendo presos por causa dos ditos jogos e festas que amtre sy fezerem. Porem mādamos. . . . Dada em a nosa cidade de Lixboa a ix dias do mes doutubro — Ant.º Paez a fez — ano do noso senhor Jhũ Xpõ de jhº xiiij anos» ¹.

Com relação ainda ao santo percursor, mencionaremos um documento do começo do seculo xvii, de indole differente dos transcriptos. Não se tracta agora d'uma usança popular, como as cannas e fogueiras, mas sim d'uma festa que os habitantes de Vianna celebravão na ermida da Abelheira, commemorando o facto de D. João III, por privilegios e foral, ter isentado aquella villa (hoje cidade) do pagamento da dizima das mercadorias. Em 25 de outubro de 1610, Philippe II de Portugal auctorizava o concelho a despende dez mil réis por anno com aquella solemnidade.

A proposito d'esta festa escreve-nos o nosso illustrado amigo e distincto investigador viannense, dr. Luis de Figueiredo da Guerra, o seguinte:

«A capella d'Abelheira, arrabalde d'esta cidade, ainda existe, e era cabeça de vinculo instituido nos fins do seculo xvi, e de que é ultimo administrador o meu amigo João Coelho de Castro Villas Boas; como era penoso á camara fazer uma caminhada de 18 kilometros no dia de S. João Baptista á sua capella, ao alto da serra d'Arga, onde estava o velho cenobio, el-rei D. Philippe lhe permittiu fizesse a cavalgata á proxima ermida d'Abelheira, vencendo a mesma propina e concedendo-lhe 105000 réis para a festividade por carta regia de outubro de 1610».

O documento, que encontramos e que inserimos em seguida, é effectivamente de 25 de outubro de 1610, mas só auctoriza o gasto dos 10 mil reaes e não falla na transferencia da festa e cavalgada do cenobio da serra d'Arga para a Abelheira. E' de crêr que o sr. Figueiredo da Guerra encontrasse no archivo da camara outros documentos que o elucidassem d'esta sorte. Em todo o caso vê-se que em Vianna,

¹ D. Manuel, L.º 11, fol. 67.

como sem duvida nas demais terras do reino, havia o tradicional costume da festa das cannas pelo S. João.

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que por moẽuiarem pedir o juiz, vereadores e procurador da villa de Viana, foz do Lima, por sua carta, ey por bem que elles possão gastar e despẽder das rendas do concelho da dita villa ate cõthia de dez mil rs. na missa e festa que fazem em dia de saõ Joaõ Bautista de cada hum anno na ermida do dito santo, que chamãõ dabilheira, em maneira e reconhecimento da mercee, que elRey dom Joaõ o terceiro fez a dita villa por priuilegios e foral que os moradores della naõ pagasem dizima de suas mercadorias, e mando ao prouedor da comarca que cada anno leue em conta os ditos dez mil rs. ao thesoureiro ou procurador do concelho que os despẽder, constãdolhe como se gastaraõ na dita missa e festa, e cumpra e faça cumprir este aluara como se nelle cõtem, o qual me praz que valha, posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario. Sebastião Pereira o fez em Lixboa a xxv de outubro de mil bjº e dez. João da Costa o fez escrever» ¹.

(*Continúa*).

SOUSA VITERBO.

ERRATA

A pag. 121, nota, em vez de *lánatem* leia-se: «lat. *ánatem*».

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Filipe II, *Doações*, L.º 23, fl. 296.

LINGOAGEM POPULAR DE TRANCOSO

(Notas para o estudo dos dialectos beirões)

Trancoso é uma villa da provincia da Beira-Baixa, districto da Guarda, com uma população de 2:500 habitantes. O pequeno estudo que vou fazer sobre a lingoagem popular d'esta villa baseia-se em algumas informações que me foram ministradas por dous individuos naturaes d'ella. Accrescentarei tambem que um d'elles era quasi analphabeto, e o outro o era completamente.

A) Phonologia

1. Iotização. Este phenomeno consiste no desenvolvimento de um *i* entre *a* e finais tonicos ou atonos d'uma palavra, e *a* e tonicos iniciaes da palavra que se segue. Ex.: *a-i-arvore*; *a-i-eito*, etc. A iotização tem por fim evitar o hito. E' muito vulgar no norte do país.

2. Existe a fricativa palatal surda, equivalente ao *ch* hespanhol. Ex.: *cheiro*, *chiar*. Em *baxa*, *graxa*, etc., a letra *x* conserva, como é natural, a pronúncia vulgar.

3. O *s* e o *z* são sonoros no fim das palavras, com em *luzz*, *dézz*, *Deuzz*, *scézz*, sem *e* final, embora as palavras *azul*, *amen*, *cabedal*, *lençol* se pronunciem *azule*, *ámene*, *lançole*, *cab'dale*.

4. O ditongo *ei* reduz-se a *ê*. Ex.: *Janêro*, *oitêro* (*céa*, *chêa*). Em *dinheiro* (*denhêro*) o primeiro *i* tem o mesmo som que o primeiro da palavra *ministro* (*menistro*).

5. O dissyllabo *oi* em *moinho*, reduz-se a ditongo em *máinho* (*múi-nho*).

6. Substitue-se o *e* por *o* (= *u*) em *romendo*, *romir*, *do baxo*, etc., por influencia das consoantes labiaes. Este phenomeno phonetico já foi notado pelo sr. Leite de Vasconcellos e por outros. Eis o que aquelle diz da palavra *reportorio*, que está no mesmo caso que as supracitadas: «A razão por que tambem se diz *reportorio* com *o*, que porém hoje soa *u*, é porque é uma tendencia da nossa lingoa, na pronúncia vulgar, mudar em certas circumstancias em *o* ou *u* a vogal atona *e*, quando está proxima de uma consoante labial, que d'esse modo a assimila, pois *u* e *o* são tambem labiaes. Este phenomeno da lingoa vulgar tem a sua correspondencia na lingoa culta, onde ha por ex.: *vibora* do lat. *vipëra*, cujo *e* atono se muda na labial *o* (*u*) por

estar ao pé da labial *p*, exactamente como succedeu com *reportorio*, que provém de *repertorio* ¹.

7. Troca-se a consoante explosiva sonora labial *b* pela continua sonora labial *v*, e vice-versa. Ex.: *lovo* (lobo), *carbailho*, *bespra* (vespa). Sobre o *r* da última palavra vid. § 13.

8. Condensa-se o ditongo *ou* em *ô* em: *pôco*, *môco*, *vô*, *sô*. Todavia diz-se *coive*, *oitro*, *oitêro*, *ráxinol*, *oitubro*, *ciroilas*, *troixer*, etc.

→ 9. As vogaes atonas depois de labial e guttural experimentam certa labialização. Diz-se pouco mais ou menos: *müel*, *cãusa*, *lugñar*, *güallo*, *cãampo*, *Portugüal*, *ouüir*, *ouüelha*, *müesa*, etc. A palavra *espíngarda* pronuncia-se *espínguirda*.

10. A palavra *carmesim* pronuncia-se *cremesim*. Esta pronúncia póde ter a seguinte explicação: *carmesim*, **caramesim*, **cramesim*, **cremesim* ².

11. Casos ha em que o *e* representa o *i* da lingoagem culta, ou vice-versa. Ex.: *prevelejo* — *miniu* ³.

12. Syncopes

em *cathol'ca*, *d'reita*, *colher's*, *relojo* (*reloj'o*),

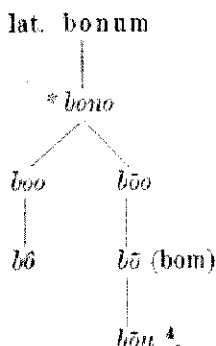
m'dir, *mer'cer*, *mer'cimento* (Nesta ultima palavra, além da syncope, dá-se tambem um dos phenomenos citados no § 11),

pr'aíso, *q'rer* (querer),

f'ado (figado) e *rapar'i'a* (rapariga).

A palavra *espírito* toma a forma *esp'rito*. O sr. Leite de Vasconcellos diz-me que *esp'rito* deve explicar-se sob a influencia de uma palavra ou locução em que o *i* de *espírito* seja atono, como *espiritual* > *esp'ritual*, ou *Espírito-Santo* > *Sp'rito-Santo*.

12-A. Em Trancoso, como em todo o norte, usão-se muito as formas *bô* (bom) e *bós* (bons). Eis a evolução d'esta palavra:



¹ Vide as *Lições de lingoagem do sr. Candido de Figueiredo* (Analyse critica) por J. L. de V., 2.^a ed., pag. 48-49, 1893.

² Vide *Dialectos beirões*, por J. Leite de Vasconcellos, I, pag. 14.

³ Em *milhore* dá-se assimilação á palatal.

⁴ *Dialectos interamnenes*, por J. Leite de Vasconcellos, viii, pag. 10.

13. Dá-se epenthese real ou apparente de *r* em alguns casos, taes como: *bespra*, *celestre*, *chefre*, *marafim*. No mesmo caso está a palavra *cambra*.

14. A palavra *melancia* tem a fôrma *belancia*.

15. O ditongo *ãi* reduz-se a *ã* em *mũto*, como noutros muitos pontos do país.

16. É muito usada a fôrma *rom'cê*. Eis o quadro da sua formação:

Voss(c)mecê

romecê

rom'cê ¹

17. É assaz vulgar em Trancoso a fôrma *óspois* por *ao depois*, como ainda se ouve nos arredores de Lisboa. Eis um pequeno quadro da formação:

ao de spois

ó depois

ó d' spois

ós pois

18. As palavras *elogio* e *exemplo* pronunciam-se *emlogio* e *emzemplo*. Eis o que ácerca d'estas palavras e d'outras diz o sr. Leite de Vasconcellos nos seus *Dialectos beirões*: «É uma lei geral da pronúncia popular portugueza não admittir *i* tónico inicial e substitui-lo quasi sempre por *in* (*im*) ou por outra vogal, ou supprimi-lo».

19. Há só uma especie de *s* e outra de *z*, que são o *s* e o *z* reversos ou sub-cacuminaes, segundo a expressão do sr. Gonçalves Viana. Ex.: *azête*, *Viseu*, *coser*, *azedo*, *rosado*, *sete*, *seis*, *sardinha*, *passo*, etc.

Por commodidade typographica represento estes sons por *s* e *z* sem diacritico nenhum; mas fique entendido que em todos os textos e fôrmas que aqui se dão, o *s* e o *z* tem os valores indicados. O *s* intervocalico tem o mesmo valor que *z*. Conformo-me com a orthographia usual.

¹ *Dialecto português do Brazil*, por J. Leite Vasconcellos, pag. 17.

20. A palavra *lua* conserva o *u* nasalado, isto é *lũa*. Do lat. *lunam* > **luna* > *lũa* > *lua*.

21. A palavra *adro* pronuncia-se *aidro*. Do lat. *atrium*, d'onde **adrio*.

22. As palavras *viagem*, *lingoagem* pronunciação-se *viage*, *lingoage*, com desnasalização da última vogal.

23. Nota-se dissimilação em: *alimal*, *almario*. No mesmo caso está a palavra *gacho* (*cacho*) em que a guttural explosiva surda *c* é substituída pela guttural explosiva sonora *g*.

24. Dá-se apherese real ou apparente em: *surreição*, *solutamente*, *vedores* (= devedores), *ljecto* (= objecto).

25. A palavra *phantasia* pronuncia-se *fantesia*. *Jesus* pronuncia-se *Jêsu*. Também se usa em Trancoso o termo *quêdo* do lat. **quetu-*.

26. Quando o adverbio *não* é seguido de outra palavra, pronuncia-se *num*, quando vem isolado pronuncia-se *nom*. Nos *Dialectos beirões* do sr. J. Leite de Vasconcellos, leio o seguinte: «E' termo vulgar do N. e centro do país, mas só se encontra ligado a outra palavra, por ex.: *num quero*. Do lat. *non*. O *on* fez-se *ũ* (*um*), porque *nũ* (fôrma archaica) ligado a outra palavra torna-se proclítico e por tanto atono; isto é, segundo a phonetica do Minho ã atono deu *ũ*, ex.: *cumbóio* (= comboio). Assim se pôde explicar também a fôrma *Dum E.* que Viterbo encontrou num doc. ant. da Beira».

27. As palavras *numero*, *serrar*, *encerrar*, *quasi*, *chaminé* pronunciação-se: *númaro*, *sarrar*, *insarrar*, *quaso*, *chumné* (*ch* explosivo).

28. Dá-se metathese apparente em *estrôvo*, tirado de *estovar*, *estrêco* tirado de *estrecar*. *Qualquer* pronuncia-se *calquér*; *estrupe* pronuncia-se *estrumo*. *Lanterna* e *arrancar* pronunciação-se *linterna* e *ar-rincar*.

B) Morphologia

VERBOS. a) Ouvi conjugar o preterito perfeito definido do verbo *trazer* do seguinte modo:

<i>Truxe</i>	<i>Truxemos</i>
<i>Truxestes</i>	<i>Truxésteis</i>
<i>Trôixe</i>	<i>Troixêrão</i>

b) O fut. imp. do ind. do mesmo:

Trazerei
Trazerás etc.

O fut. imp. do conj.: *trouzer* etc.

c) O ind. pres. do verbo *impedir* é:

Impido
Impides etc.

d) O verbo *rir-se* na 1.^a pess. do sing. do ind. pres. diz-se *ri'-me*.
O *n* medial quasi que não se ouve. A 3.^a pess. do plur. é *rim-se*.

e) O ind. pres. do verbo *construir* é:

<i>construo</i>	
<i>construes</i>	<i>construcis</i>
<i>construe</i>	<i>construêm</i>

f) O pret. perf. do verbo *caber* é:

<i>cabi</i>	ou <i>cube</i>
<i>cabestes</i>	ou <i>cubestes</i>
<i>cabeu</i>	ou <i>cube</i>
<i>cabimos</i>	ou <i>cubimos</i>
<i>cabesteis</i>	ou <i>cubesteis</i>
<i>cabêrão</i>	ou <i>cuberão</i>

Affirmarão-me a existencia das duas series de fôrmas, sendo todavia a 1.^a mais usual.

g) O verbo *estar* no pret. perf. é:

<i>estive</i>	<i>estivimos</i> (paroxytono)
<i>estívestes</i>	<i>estívesteis</i>
<i>estive</i>	<i>estiverão</i>

E na 1.^a pess. do plur. do ind. pres. é: *estemos*.

h) O verbo *beber* (*but'êr*), nos tempos em que a vogal é atona, muda o *e* em *o* (*u*).

i) Os verbos *pronunciar* (*pronu'ciar*) e *anunciar* (*annu'ciar*) têm a 3.^a pess. do sing. do ind. pres. sob a fôrma:

pronu'ceia e *annu'ceia*

por analogia com os verbos em *-ear*.

j) Em vez de *hão-de*, diz-se: *hudem*.

A 1.^a pess. do plur. do ind. pres. do verbo *ir* é: *fumos*.

O part. pass. do verbo *ouvir* é *ouvisto*, por analogia com *visto*.

A 2.^a pess. do plur. do ind. pres. do verbo *vêr* é: *vêndeis* (paroxytono).

O pert. perf. do verbo *dizer* é:

dixe
dixestes etc.

k) A 2.^a pess. do imp. do verbo *ir* é: *inde* em vez de *ide*, por analogia com *vinde*.

Obs. — A 3.^a pess. do sing. do verbo *ser* na phrase *é verdade* diz-se: *á vardade*.

C) Syntaxe

Da syntaxe pouco tenho que dizer. Apenas citarei as seguintes phrases:

a) *Vinte e um gurgião por vinte e um cirurgiões.*

b) *Quereis de ser por quereis ser.*

c) *Salto a chorar por desatou a chorar.*

d) *Quantas mais coisas truxer.*

e) *Vem a cear por vem cear.*

As tres primeiras colhi-as em cantigas populares, e as restantes ouvi-as em flagrante.

D) Textos

POESIAS POPULARES

Passê p'la tua porta
Vi-te, num te fallê
Por'môr da tua gente
Bem ao desfarço me dê.

Passê p'la tua porta,
Buli-te na fichadura,
Ouvistes, num me fallastes
Coração de pedra dura.

Passê p'la tua porta,
P'la cantada do guallo:
Sinti-te dar um suspiro...
Cantos terias tu dado!

Raparia tôla, tôla,
O piccado te atentô,
Estavas comô pexe n'açua,
O mimo te darrancô ¹.

Todá flor q'ha no cãmpo,
Resmaninho é rê;
Dá-m'as tuas libardades,
Qu'as minhas já t'as dê.

Cypreste dos valles,
Retiro dos passarinhos,
A quem le deste os abraços ²,
Dá-le também os teus bêjinhos.

Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina:
Num ha cousa que mais prenda
Qu'ê o amor d'uma menina.

En amê uma estrella
Com tod' âmezidade,
E a meia noite seria
Que l'eu pedi pé d'intrada;
E se m'ella diz que não,
Por minhas mãos me matava.

¹ Ou *derramô*.

² A forma *le* corresponde á litteraria *lle*. O seu etymo é o latim *illi*, d'onde a forma **li* e d'esta *le*. A forma *lle* resulta de palatização, por influencia de vogal subsequente, como em *dá-li-o*. (*Rev. Lusit.*, vol. iv, pag. 36, nota).

Quero vos agora proguntar,
Já que vós num perguntaes,
A respeito de saude,
Eu bem; e vós como estais?

Eu quando vô p'á Igreja,
No aidro faço reparo:
Olho p'ra tod'a gente,
Só tu é qu'ês do meu agrado.

Um'amorêra no aidro
Bóta-me um'amora,
Que me quero ansantar
Dêsta terra p'ra fóra.

Alto pinhêro da serra
Co'as pinhas abangô:
Assim foi uma menina,
Quando amor te tomô.

Alto pinhêro da serra,
Já te tirarão cavacas,
Já descobrirão o teu pñeto,
Já te sabem nas tuas faltas.

Quand' ouvires tocar à missa
Inde e dêxai tudo
A alma que vae ouv'ir missa
Num entra mal nenhum.

Quand'ouvires tocar à missa,
Inde e dêxai tudo;
Quando dizem: santos e santas,
Deceu nosso senhor do céu ao mundo.

Era noite sarrada,
Dizia a filha p'rá mãe:
— Debaxo d'aquella arcada
Passava uma noite bem. —

— Minha mãe num posso andar,
Qu'as pernas estão m'atremer,
Ha tres dias sem comer
A vista vac m'a faltar ¹.

Que lindo botão de rosas
Aquella roseira tem!
Debaxo num se le chega,
Ao de cima num vae ninguém.

Graças a Deuzz p'ra sempre,
Já sêi armar à vida,
Deitar as moças abaxo,
E chegar a saia à riba.

Se o lórêro num tiver
P'lo meio tanta rama;
D'onde estava vem via
Os olhos da minha dama.

Carbalho do oitêro
Nem dá fruto, nem dá rama;
Por cãusa de ti menina
Nem durmo, nem faço cama.

Passê p'la oliveira,
Cinco ramos recolhi:
Erão nos cinco sentidos
Qu'en tinha posto em ti.

Oliveiras, oliveiras,
Quereis de ser olivães:
Tenho o meu peito mais negro
Do qu'azeitona que vós daes.

Debaxo da oliveira
E' um regalo amar:
Tem a folha miudinha
Num entra lá o luar.

Castanhêro sem onriços
Que castanhas pôde dar?
— Homê pobre sem denhêro
Que amor pôde tomar?

Atirei ao castanhêro,
Do castanhêro à rama,
Da rama foi ao ouriço,
Derrubô-lhe uma castanha.

¹ Esta quadra e a antecedente são de origem litteraria.

Castanhêro dá castanhas,
Castanhêro dá sô uma,
P'ra dar ao meu amor
Qu'inda não comeu nenhuma.

Quatro castanhas assadas
Comia eu algum dia:
Coitada de quem m'as dá,
Tão enganada vivia!

Quatro castanhas assadas
Quatro pingas d'a'gu'ardente,
Quatro bêjos d'uma moça
Trazem um rapaz contente.

Oliveira é pé d'oiro,
Deita ramada de prata,
Menina de os seus olhos
A quem por elles se mata.

Atirê e num matêi,
Oh mal empregado tiro!
Minha polv'ra queimada,
Meu chumbo derretido.

Atirê com balas d'oiro
Onde num pude chigar;
Atirê co'meu pensamento
Onde num podia matar.

Se eu sóbera quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Nunca t'eu chegar'a dar
Meu pêtô a conhecer.

Oh mulher! oh prostituta!
Rainha d'elle penar!
Só tu fostes a causadora
D'en á disgracia chigar.

A mulher é desgraçada
Até ao vestir da saia:
Num ha desgraça nenhuma
Qu'os pés da mulher num caia.

Subi ao alto cedro
Puzz o pé na verde aurora;
Sabendo que fostes minha,
Quem te ha de q'rer agora?

A vida do marinheiro
E' uma verdade pura:
Anda sempre trabalhando
Em cima da sepultura.

Lá vem o barco á vella,
Lá vem a sardinha boa,
Lá vem o meu amorzinho
Assantadinho na proa.

Môro ao longo do mar,
Logo ali á estação,
Ouvi contar a sardinha
A dêrcizz o quarteirão.

Môro ao longo do mar,
Logo alli á beirinha;
Lá junto á madrugada
Ouvia chiar a sardinha.

Rôxinól do bico preto,
Dêxa a baga ó lôrêro,
Dexa dormir a menina
Que está no somno promêro.

Rôxinól do bico preto,
Onde aprendestes a cantar?
Nos palacios da rainha
Onde o rêi vae passear.

O rê passêa em casa,
A rainha no quintal:
Eu vou vênder laranjinhas
Dobaxo do laranjal.

Rôxinól que tambem canta,
Onde fostes aprender?
Aos palacios da rainha
Onde o rê vae escrever.

O cantar do rôxinol
E' um cantar salutarío;
Quem agora ha de ter juízo
S'eu tod'a vida fui vario?

Noite escura, noite escura,
Nem sei quem te arrecêa,
Quem tem no homem pastos
Que l'ha de ir levar a cêa.

Oh que rua tão escura,
Não vêjo nada por ella!
Bem puderas tu menina
Ter candêas a jinella.

Dêtê o limão correndo,
A' tua porta parô:
Qual seria o atrevido
Que o limão alevantô?

Por esta rua corr'áigua,
Menina faça um rego,
Qu'eu ando amigaçado
De quem tenho pouco mêdo.

Pedras d'esta calçada,
Levantae-vos e dizê
Quem vos passêa de noite,
Qu'eu de dia bem no sê.

Quando me lembrava Pinhel,
Lembrava-me o meu regimento,
Minha espada, meu cavallo
E ao meu lindo fardamento.

Num sê que me quer Pinhel,
Que tanto chorava por mim,
Sem eu nunca vêr Pinhel
Sem Pinhel me vêr a mim.

Villa-Nova, Villa-Nova,
Villa-Nova de Fozcôa,
Se não forão os judeus,
Villa nova fora bôa.

Abaxa-te Villa-Nova
Eu quero vêr a estação,
Quero vêr o meu amor
Que anda no monte Meão.

*

Certo dia fui á caça,
Lindo canario caçei,
Fui leva-lo de presente
A' filha do nosso rei.

A filha do nosso rei,
Mais peralta brasileira,
Mandon-le fazer uma gaiola
Da mais fininha madeira.

Depois da gaiola fêta,
Metteu-se o canario dentro,
Quer de dia, quer de noite
Era o seu advertimento.

O canario era novo
Apanhou uma constipação,
Mandarão chamar uma junta
De vinte e um çurgião.

Os çurgiãoes que erão novos,
Num derão com a cura,
Coitadinho do canario,
Que foi p'a sepultura!

*

Dezoite annos d'idade,
Cando a amar começê,
Tive pôca e feliz sorte...
Tão pôco eu gozê!

Andimos quatorze meses
Sem nunca haver novidade,
Ao fim dos quatorze meses
Deu nos Deuzz uma enfermidade.

Ella saltou a chorar,
Gritando com grande dôr,
Que a num comia a terra
Sem se despedir do amor.

Sua mãe le precuro
 Como é que s'elle chamava:
 Ella tudo isso le dixe
 Até a casa onde elle morava.

Logo lá mandô a creada,
 Dizendo na primeira via:
 — Vac-te despedir do amor
 Está na ultima agonia. —

Eu como nada sabia,
 Sobresaltado fiquei,
 Toque p'la porta fóra
 A creada acompanhê.

Cheguê ao fundo da escada,
 Ouvui um grande gímido,
 Logo m'o coração dixe:
 A donzella está em prigo.

Antrê p'la port'a dentro
 Ao quarto d'ella cheguê:
 — Como estás, oh minh'amada,
 Mandaste-me chamar? — Mandê.

Dá-me de lá um abraço
 Antes que me coma a terra,
 Será o fructo que tirarás
 D'esta infeliz donzella. —

Ella me pediu um abraço,
 Um bejinho lhe dei en,
 Viron p'ra além a cara
 Fichou os olhos, morreu.

Um navio cathrineto
 Dêxou muto que contar:
 Sete annos e um dia
 Andô perdido no mar.
 Já não tinhamo que comer,
 Ainda menos que manjar;
 Tinhamo uma solla crúa,
 Num a podião tragar.
 Deitirão sortes a ventura
 A vér aquelle que havião de matar.
 Onde foi cair a sorte?
 No capitão general.
 A'riba! A'riba! gaieiro
 Já vejo terras de Hespanha
 E aréas de Portugual!
 Bem vejo tres meninas
 Dobaxo d'um laranjal.
 Todas tres são minhas filhas,
 Todas tres vo-las hei de dar.
 Uma é para te vestir
 Outra para te calçar,
 A mais linda d'ellas todas
 Será p'ra contigo casar ¹.

E) Vocabulario

Abangar, vergar?
Advertimento, divertimento.
Aidro, adro. Vide § 21.
Alembrar, lembrar. Dá-se prothese.
Algebêra, algibeira.
Alevantar, levantar. Dá-se prothese.
Alcangelo, Archânjo.
Alimal, animal. Vide § 23.
Aliphante, elephante.
Almario, armario. Vide § 23.
Amadurar, amadurecer.

¹ Fragmento de um conhecido romance popular

- Amezidade**, amizade. Do latim *amicitatem*.
Amene, amen. Vide § 3.
Amigaçado, amigado?
Antão, então.
Annu'ciar, anunciar.
Andimos, andámos.
Apetito, appetite.
Amostrar, mostrar. Dá-se prothese.
Arrincar, arrancar.
Atacas, atacadores.
Azeiteira, almotolia.
Baldo, balde.
Belancia, melancia. Vide § 14.
Barulhar, fazer barulho, bulha.
Baraça, cordel, correa.
Bespra, vespra. Vide § 7.
Bó, bom. Vide § 12-A.
'bjeto, objecto.
 → **Bubuer**, beber.
Brebrinho, berborinho.
Bucho, barriga.
Cabo, caibo. Verbo *caber*.
Cachopa, rapariga.
Cab'dale, cabedal. Vide § 3.
Calqér, qualquer.
Cambra, camara. Vide § 13.
Crapintêro, carpinteiro.
Cathol'ca, catholica,
Cacho, pedaço.
Caxa, caixa.
Celestre, celeste.
China, porco.
Chumné, chaminé.
Ciroidas, ceroulas. Vide § 8.
Chéa, cheia. Do lat. *plenus*, *a*, *um*. Vide § 4.
Chefre, chefe. Do frances *chef*. Vide § 13.
Cremezim, carmezim. Vide § 10.
Coive ou **coibe**, couve.
Collarinhos, punhos. Este nome tambem se dá ao que nós propriamente chamamos *collarinhos*.
Corchéte, colchete.
Coturnos, pingas.
'cupada, grávida (De *occupada*).
Desfarço, disfarce.
Diente, diante.
Desarrultado, mau resultado,
Disgracia, desgraça.

- Dreita, direita. Vide § 12.
Emlogio, elogio. Vide § 18.
Emzemplo, exemplo. Vide § 18.
Ensarrar, encerrar.
Enavoado, ennevoado.
Esp'rito, espirito. Vide § 12.
→ Espinguiarda, espingarda.
Estrovar, estorvar.
Estámago ¹, estomago.
Estreco, esterco.
- Estrumo, estrume.
Elastio, elastico.
Fanêca, medida de quatro alqueires.
Fremento, fermento.
Far'nhenta, farinhenta.
Fiado, fgado. Vide § 12.
Fleitos, fectos. Do lat. filictum.
Funil. No pl. faz *funiles funis*.
Gacho, cacho. Vide § 23.
Gadanha, collier de metal.
Galeiro, gajeiro.
Jêsu, Jesus.
Hable, habil.
Harmonico, harmonium.
Insavoar, ensaboar.
Jinella, janella.
Lûa, lua. Vide § 20.
Linterna, lanterna.
Libardade, liberdade.
Lingoage, linguagem. Vide § 22.
Lançole, lençol. Vide § 3.
→ Mûel, mel. Do lat. mel. Vid. § 9.
Mûto, muito.
Mercemento, merecimento.
Misaravel, miseravel.
Miel, Miguel.
Marcas, botões.
Maiotes, piugas.
Marafim, marfim. Cfr. cast. marfil.
→ Mûeias, meias. Vide § 9.
Numaro, numero.
Num, não. Vide § 26.
Nuvias, nuvens.
Oitro, outro.

¹ Esta forma foi adoptada por Francisco José Freire.

- Ouvũir, ouvir. Vide § 9.
- Oitêro, onteiro.
- Phantezia, phantasia.
- Prevelejo, privilegio.
- Presencia, presença.
- Prontos, phosphoros. Na Beira-Alta diz-se *lumes prontos*.
- Peralta, paralta.
- Proguntar, perguntar.
- Palrar, do lat. parabolare, *parolare, parolar, parlar, palrar.
- Piasca, pião pequeno.
- Pianho, piano.
- Pae da fome, sovina.
- Pisão, moinho de uma roda dentada que faz levantar e abaixar uns como martellos que apisoão o panno para o alizar. (Constancio).
- P'raiso, paraizo.
- Prantar, pôr.
- Pulseiras, punhos.
- Purgua, pulga.
- Percebelho, percevejo.
- Quédo, quieto.
- Quausa, causa. Vide § 9.
- Quampo, campo. Vide § 9.
- Raparia, rapariga.
- Resustou, resuscitou.
- Róxinol, rouxinol.
- Romir, remir. Vide § 6.
- Romendo, remendo. Vide § 6.
- Resmanos, rosmaninho.
- Rulhador, intriguista.
- Retreta, retrete. Do francês *retraite*.
- Remo'der, remorder.
- Surreição, resurreição.
- Sarrar, serrar.
- Solutamente, absolutamente.
- Saiudable, sandavel.
- Salutario, salutar.
- Surgião ou *gurgião*, cirurgião.
- Unhas, sovina ¹.
- Vedores, devedores.

NOMES DE FRUCTAS

- Pera moscatel.
- Pera marmella.

¹ Ser um *unhas*, ser sovina.

Pera de bagui (*baguim*).

Pera defunta.

Pera jalápo (*malapios*).

Maçã de fructa nova.

Maçã cabaçal.

Maçã costa.

Uva codia.

Uva tinta navoeira.

Uva tinta p'reira.

Uva bestardo.

Uva arinta.

Uva verdelha.

Uva mourisca.

Uva tinta carvalha.

Quando a occasião se me offerecer, continuarei os meus estudos neste sentido. O trabalho que hoje dou a lume é o primeiro que publico.

FELICIO DOS SANTOS.

O GUINÉENSE

CAPITULO I

Tradições e ethnologia

(AO SR. A. R. GONÇALVES VIANNA)

Comprehendeu-se finalmente em Portugal que a collecção e o estudo das tradições populares não era puerilidade de curiosos.

J. Leite de Vasconcellos — *Romanceiro Português*.

Do meu regresso de uma longa missão á Guiné portuguesa remetti o maior numero de cantigas, que por lá pude recolher, ao sr. dr. Hugo Schnuchardt, romanista emerito da Universidade de Graz, d'Austria, para quem foram colleccionadas. Ignoro o destino que tive-

ram. E da mesma illustre notabilidade não tive mais noticias, apesar de com suas cartas mais de uma vez intimamente me ter distinguido.

Só muitos annos depois li umas amaveis referencias que me faz no seu consciencioso trabalho que tem o sob o titulo *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch*. Muito penhorado agradeço a s. ex.^a

Algun tanto alliviado dos meus achaques e de obrigações absorventes, estava preparando para o prelo a mesma collecção com retóques de orthographia — esse terrível escolho de quem escreve sobre assumptos de litteratura exotica —, e ao mesmo tempo lhe revia as notas, quando, a pedido do sr. dr. Leite de Vasconcellos, me resolvi a cedê-la para ser publicada nesta sua *Revista*.

«Maiores difficuldades existem na representação das vogaes quando não se queira adoptar dogmaticamente o da pronuncia individual de quem escreve. Confesso que me achei extremamente hesitante a esse respeito quando comecei a minha tarefa». (Dr. Adolpho Coelho — *Prefação ao seu Dicionario*).

Comnosco essas difficuldades eram, quando escreviamos, muito mais serias — *proles sine matre creata* — e demais escreviamos sobre o joelho e desapaixonadamente: d'ahi as inconsequencias que não podiam deixar de ser notadas na nossa escripta ou nas nossas cópias, e de que agora procuramos fugir, consultando os mestres, afim de sermos melhor comprehendidos e evitarmos originalidades que, além de insustentaveis, nada adeantariam.

A seguir serão publicadas algumas composições em prosa, já feitas, em que as historias e fabulas terão capitulo á parte, e não menos interessante do que estes originalissimos e não menos geniaes improvisos poeticos da alma popular indigena, tão triste e *scientificamente* apodada de incapacidade, não obstante a enorme distancia que nos separa dos geographos gregos com a sua lenda dos «guinchos», despedaçadamente de encontro á luz ridente das observações conscienciosas perante os factos.

«Ainda hoje se conserva na tradição popular a ideia de que os pretos se exprimem simplesmente por meio de guinchos e gestos». (Ladislau Batalha — *Linguas d'Africa*).

No decurso do nosso trabalho, experimentei a necessidade de o completar, sem intuito de ir muito longe, com umas simples ideias sobre a phonetica do país e conjugação de alguns verbos. E sem nos podermos conter, as taes simples ideias foram tomando tal desenvolvimento, e feição tão complexa, que nos vimos obrigados a dividi-las em dois capitulos, sendo o primeiro — obedecendo á indicação do illustre glottologo, sr. Gonçalves Vianna — *Tradições e ethnologia*, que vem a ser este de que nos occupamos, e dando ao segundo o titulo mais modesto e justo de — *Apontados grammaticaes*.

Neste e nos outros trabalhos a que me referi, adoptamos os si-

gnaes orthographicos do alphabeto português tradicional, e só para as vozes que lhe são extranhas, ou oriundas de outras lingoas, nos soccorremos de alguns symbolos especiaes. Por falta de typos proprios não nos aproximamos tanto quanto quizeramos dos systemas de Lepsius e Gonçalves Vianna; a este ultimo pedimos licença para consignar neste logar o nosso preito de affectuosa gratidão pela offerta que com tanta gentileza nos fez do seu precioso livro — *Exposição da pronuncia normal portugueza*.

E os signaes das variantes phoneticas que julgamos necessario accrescentar a esse alphabeto, os valores symbolicos e os polygrammaticos, cuja pronunciação póde porventura offerecer duvidas, são:

â, é, ô, com accento grave, representam o valor medio entre o marcado com o grave e o circumflexo, como no castelhano: signal que preferimos, em regra, para a ultima vogal dos themas da 1.^a, 2.^a e 3.^a conjugação. O accento musical é a media; por isso não é tão forte nem tão claro como no bom português reinol. A pronúncia é branda, e a expressão fluente. Lembra-me que um director de *Collegio cosmopolita* notou que o *a* se obscurece á proporção que se vae descendo para as latitudes do sul. E' possível que esta lei comprehenda as outras sonantes.

b = *b*, bilabial fricativo.

oh = *ch*, inglês, e *ts* de Lepsius.

d = *d*, cacuminal, bem distincto no mandinga.

h, signal de aspiração. Junto a uma vogal final é alongamento d'esta. Preferimo-lo ao accento circumflexo, que reservamos só para quando ha o mesmo alongamento sem aspiração.

h, guttural = *χ*, de Lepsius, vulgar no bijagó e no jalofo.

y = *i*, semivogal = *y*, inglês.

r = *r*, carregado, esporadico em portuguez = *r* germanico; e francês em *théâtre*. Apparece tambem no balanta: ra.

r = *r*, cacuminal, porém, menos que no quimbundo, e não descamba para a sua homogenea a não ser na lingua dos tiliboncas, ou orientaes de Senegambia.

ç = *s*, inicial.

t, cacuminal, apparece raro no mandinga e frequente no fulupe e bijagó.

w = *u*, semivogal, como em *uomo*, italiano.

u = *ou* francês = *oo* inglês.

*

am, a-m; an, a-n; em, e-m, etc.; im, etc.; om, etc.; um, etc. = *ã*, *ê*, *î*, *ô*, *û*.

oe, oi: e = *s*, inicial.

em: e invertido e anteposto a uma nasal que em tempo representei por *h* e um *m* ou *til* sobreposto, onde não é facil distinguir

uma vogal definida, como succede com a interjeição africtiva portuguesa de afirmação: um *h* e um *m* com signal diacritico infrascripto.

dd: nesta ou noutra geminação a consoante prepositiva do grupo leva o signal de implosivo, exemplo no italiano, gaddo; em fula, *boddi*.

ga, gue, gui, go, gu: o *g* = a *g* de *gold*, inglês, e *gh*, italiano.

m', n', finaes = *me, ne*, como em *groun*, inglês: *brurumpen'*, fulupe: *h'abbm', sibbm', e b'h'am', b'sim'*, balanta. Estas figurações com '*m*', '*n*', confundem ordinariamente na leitura, em que '*m*', '*n*', se lê *m'*, *n'*. E ao contrario, *m', n'*, convertem-se em '*m*', '*n*', o que não é nada exacto.

n precede o *g*, e *c* = *k*, que são sempre seguido de *a*, *o*, *u*, e tambem de *e*, *i*: symbolo egual a *ng*, do allemão *sang*. E' o *n* de Lepsius nas suas transcripções das linguas africanas. O anctor da carta á Paschoela de Macau (*Boletim da Soc. Geograph. de Lisboa*, 2.^a serie), representa o mesmo som escrevendo *ung-a*. Eu tambem assim escrevia. O revd.^o Henrique Lopes Cardoso, sacerdote illustrado, escreve indifferentemente *ung-a* e *unfgia*, separando ou fechando o *g*. Na verdade esta articulacão é quasi inaudivel no guinéense: por isso, pôde-se concluir que junta ao symbolo (*n*) é uma palatina posterior sonora e explosiva *pelas fossas nasaes*. Som nada euphónico, que, sendo natural na glotte indigena, é defeito nos fanhosos. Pôde ser representado com um *g* sobre um ponto e no alto, á esquerda, uma aspa voltada á direita (G. Vianna).

nh = *gn*, francês em *signer* = *n* de Lepsius.

que, qui = *ke, ki*.

*

As consoantes africtivas *r, j*, a sibilante *z*, a palatal surda *x*, tão peculiar das linguas portuguesas e «bantu», bem como a palatal liquida *lh*, são, para o indigena d'entre o Senegal e o Gambia, tão difficéis de pronuncia, como o são estes phonemas, quasi na sua totalidade, para os ingleses e allemães: por isso foram eliminados do nosso projecto de alphabeto.

*

Não ha infecções, que eu saiba, isto é: a prothese de *nasaes* homorganicas, a não ser na lingua pepel, onde ainda assim esse phenomeno não é constante, destacando-se por vezes a labial nasal da consoante adjuncta: *b'aniga, l'ulà, t'at; m'tà, m'lique, m'possomà*: chegar, atirar, Tat (nome de tribu), leite, agoardente, sarna (?).

A lingua pepel supponho-la isolada no meio do Nigricio (Nigricio, de Niger): nós diriamos antes Sudanês. O seu vocabulario e feição grammatical, a historia quasi lendaria da poderosa tribu que a falla, seus usos e costumes, tentam-nos a relaciona-la na dos — imundos — conquistadores, Axantis e outros povos d'Africa centro-occidental, de-

signadamente os Iacas ou *djagas* (pepel), Mane (fulupe) ¹ ou Sunbas d'André Alvares d'Almada.

O *ba* (*ba-safintè*) (os Safins) como signal prefixativo do plural, é característico. E não é menos o pronome pessoal *indjih* = *'ingi* (quimbundo) — eu. No mandinga, o signal do plural é o suffixativo *l*: *al-tel*; *ilol* — elles; mercadores. E o pronome da primeira pessoa vem a ser: *am-te*, ou simplesmente *am*, *im*, ou *um*. — A particula designativa do substantivo é *no* — pepel, quando é expressa, anteposta ao nome, e *no* — mandinga é suffixativa: *car-ó*, *tíl-ó* = lua, sol; e *no* — pepel: *o-tò*, *o-nár*. (Cfr. Lingoa da Lunda).

*

O *z* «bantu» e português apparece no — pepel, porém já alterado; mas ainda com a pronuncia esporadica inglesa: panno, *cloz*; não sei, *méz*. No — fulupe, seu dialecto mixto: *mazà*? = porque? — *luizò* = vac-te. (Cf. Lingoa da Lunda: *uizò* = vac-te). — Sobre esta cerebral diremos com Lepsius: «To our ear these sounds are nearest to the dentals».

Quanto ás articulações finaes temos no — mandinga sómente o *l*; o *m* e *n* só se encontram nasalando as sonantes: no — pepel são frequentes, destacando-se a ancipite explosiva *r*, que induz naturalmente os — manjacos da Costa de Baixo a restaurarem, como costumam, o infinito dos verbos portuguezes, mutilado no crioulo.

Não nos parece descabida uma amostra curiosa do «crioulo-manjaco»:

biãç de *djon* de *bar*
calerom *ca-nhinhir*
oemat' *uncumba*
ca-lamprar,

Temos, do dialecto crioulo: *de*, *biãç*, *calerom*, *lamprà*:

Da lingoa — manding: *nhinhir*.

Do — manjaco: *ca* (= *ta*) *oemat'* *uncumba*.

Tradução:

(Nas) *viagens* (de cabotagem) de *João* (Marques) de *Barros* (o) *caldeirão* (recheado de arroz alvo) *sarri*: (e) *brilha* (de gordura) a *carne de porco*.

No capitulo *Apontados grammaticaes* daremos d'este dialecto mais uma pequena amostra; e, tomando então por base esta singular restauração do infinito dos verbos portuguezes, faremos umas considerações sobre as alterações dialectaes no guinéense, generalizando até onde as nossas minguidas forças nos permittirem chegar.

¹ Nomes com que os pepeis e fulupos designam os nobres de velha estirpe.

De posse de um instrumento mais aperfeiçoado para uso de suas faculdades (cf. Withney), os — mandingas, com o seu idioma «riquíssimo» e encantador, não podiam deixar de ser, como são, «os negros mais intelligentes de toda a Africa». D'ahi o serem por alguns africanistas ethnographos classificados de *negroides*, elles, e em geral os sudaneses, habitantes de uma extensa faixa do continente, que, passando por cima dos imbundo-cafes, vae de leste a oeste, e do Nilo ao Niger.

*

D'estes memorandos não será temeridade suppor ou concluir que os pepéis, isolados desde remotissimos tempos em latitudes tão afastadas do seu centro de irradiação e de um centro de progresso forte, tenham ainda hoje conservado muito das formas agglutinativas no seu primeiro periodo analytico e de prefixação, substituindo o vocabulario: e que os mandingas, relativamente mais modernos em contacto permanente com as civilizações semíticas ou arabizadas, offereçam para a sciencia o thema interessante da evolução d'essa mesma lingua no seu periodo de contracção «e de sufixação por excellencia» ¹.

*

Muito do que o general Fedherbe, essa gloria militar de França, escreve sobre este assumpto vasto e complexo, tem para nós excepcional valor, ainda assim não maior do que o que nos conta o nosso candido e impagavel Almada, e o que os indigenas nos contam de si mesmos.

Não tem os pobres, por certo, a sua historia escripta em rolos de papyrus, em pelles ou muralhas de tijollo e de granito; mas conservam na com traços fundamentaes na memoria, que é reconhecida-mente feliz ², e não menos em monumentos civis e religiosos, e bem singelos que são: uma arvore, que não adoram (A. F. Nogueira — *A raça negra*), uma pedra ou ara, e as cerimoniaes commemorativas da «entrega» do ferro e do fogo, que tambem não adoram. (Cf. *Addenda* a este capitulo).

Nem nos singularizamos seguindo este criterio. O sr. conde de Ficalho (*Plantes utiles d'Africa*), discreteando com scientifica segurança a respeito da semelhança entre os Gallas e os Niam-niam, aguarda para se pronunciar as informações dos Nubios e habitantes do Su-

¹ Temos dois exemplos notaveis de contracção, que podem desafiar as mais arrojadas do idioma francês:

s'a = si até).

a m'é = a(té) mam i té).

² «A litteratura hereditaria dos pretos, que póde rivalisar com a de qualquer raça, fornece mais uma prova de que o negro não é um ente fatalmente inferior, como ainda muitos pretendem, ou por preconceito ou por superficialidade». (Héli Chatelain — *Imbundu*, xviii).

dão, pondo de remissa as indicações nada menos que... de Schweinfurth.

Duarte Barboza diz na Prefacção ao seu livro (an. 1516):

«E além do que pessoalmente vi, sempre me delitei em procurar aos Mouros, Christãos e Gentios pelos usos e costumes em que crão praticos, cujas informações tomei o trabalho de combinar umas com outras, para ter huma noticia mais exacta dellas, que foi sempre o meu principal intento, como deve ser o de todos os que escrevem sobre semelhantes materias».

Não só Duarte Barboza e os nossos grandes navegadores, mas os marítimos de todos os tempos, são neste particular exemplaríssimos.

Hoje o systema é outro, graças ás nossas preoccupações e ao progresso para a frente do positivismo, com todo o immenso cortejo de suas sciencias.

*

O *x* tambem apparece quasi correcto, segundo a pronuncia normal portuguesa, no manjaco, dialecto pepel de Cacheu. Phonema interessante, que não podemos deixar de attribuir á influencia de linguas estranhas, e mais do que isso, á influencia atavica a que nos referimos. — Por serem migradores por necessidade, e talvez por instinto, fixaram os manjacos no seu dialecto os termos e todos os sons glotticos que puderam aprender de cór nas suas viagens de cabotagem e de longo curso, dando em resultado a formação de um conglomerado linguistico, verdadeiramente extranho e singular. Já vimos isso, e alguma coisa mais se dirá.

*

São dignas de nota no nosso dialecto as permutas oscillantes nas vogaes, sobretudo quando são nasaladas. Como iniciaes, as sonantes *e, i, o*, de Cacheu, declinam frequentemente: *e=i*; *e=u*; *i=u* em Bissau. O *a* do suffixo *ba* é tambem nasalado em Cacheu: *bam* (revd.^o Henrique), exemplo: *fala-m'-bam*. — Em Geba, e só ali o *d* é cacuminal.

Não penetrei ainda bem nas origens d'estas differenças. Comtudo, parece-me que resultam de influencias de meio em que ellas se elaboraram. Geba, que demora nas terras dos mandingas, tem o *d* cerebral dos seus habitantes. Em Bissau e Geba, o caboverdiano de pronuncia emphatica, e o mandinga euphónico, teriam substituído *e, o*, normal por *i, u*; *e*, por *u*, com todas as cambiantes nos ictus. O *bam* é como outras muitas vozes nasaladas (cf. *pom, pões* = pão, pães), vulgar nos fulupes e zigochos, cujos mercados, por serem muito importantes, atraheem annualmente grande número de caixeiros, commerciantes e mesmo familias inteiras da praça de Cacheu e do nosso ex-presidio de Ziguichon.

*

De tudo o que por economia de tempo e de espaço acabamos, a toda a pressa, de passar em revista, confrontando o pepel e o mandinga, podemos concluir, quando menos, provisoriamente, que — se é certo que as linguas extra-europeas podem, total ou parcialmente, mais ou menos concorrer para a constituição dos dialectos crioulos com as suas formas grammaticaes —, o pepel não influíu nada na formação do nosso dialecto. Nem é de suppor que influísse, por isso que a grande e fundamental gestação do guineense estava feita e terminada, ou tinha tempo de estar, antes que a colonia portugueza tivesse algum estabelecimento nas terras dos — pepéis. Os mandingas de Dandu colincás de Geba e de Fariam, e mesmo do Casamansa e alguns biafadas, seriam os primeiros — naquella idade em que ninguém aprende linguas, mas vocabularios — a conhecer a criolar a lingua do «branco».

Os fulas, que, com os mandingas e pepéis constituem as tres mais importantes raças do país em que se formou e falla o guineense, mal influíram neste tambem, porque vieram para esse país posteriormente ao estabelecimento dos portuguezes.

(Continúa).

M. MARQUES DE BARROS.

FASTOS RELIGIOSOS

(FESTAS E PROCISSÕES)

(Continuado da pag. 160)

II — Confraria de Jesus de Vianna

Os marcantes de Vianna do Lima tinham fundado uma confraria da invocação do nome de Jesus, á qual os que andavam sobre aguas do mar costumavam offerecer d'esmola, em occasiões de perigo, pan-nos e outras mercadorias, que levavam em suas embarcações. D'estes objectos a alfandega da villa obrigava-os a pagar dizima. Requerendo a el-rei que os aliviasse d'este imposto, que rendia regularmente 500

a 600 reaes por anno, D. João III lhes deferiu favoravelmente a petição, ordenando aos seus officiaes que não levassem sisa até á quantia de 1.000 reaes. A respectiva carta é de 1 de outubro de 1522 e está redigida nos seguintes termos:

«Dom Joam &c. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que os pescadores e mareantes da villa de Viana, da foz do Lima, nos emviaram dizer que eles ordenaram na dita villa por serviço de D^{us} huia confraria em nome de Jhuu, na quall se fazem continuamente muytas obras de misericordia e que as vezes alguus deles e asy mercadores, vendose no mar em fortuna, fazem esmolos pera a dita confraria de panos e doutras mercadorias, das quaes, quando se vendem, lhes leuam sisa na nosa alfamdega da dita villa, a quall poderia cada ano valer quinhentos ou seiscentos rs., pidimdonos que lhe fizemosos deles esmola pera a dita confraria, e visto per nos seu requerimento, a nos praz por seruiço de noso Senhor, avendo respeito aos beneficios que somos enformados que se fazem na dita confraria das esmolos que se pera ela dam, fazer esmola a dita confraria da dita sisa das cousas que se derem pera ela por esmola, nom pasando a dita sisa de mill rs. por ano, e ate a dita comtia mandamos ao dito almoxarife ou recebedor e officiaes da dita alfamdega que lhe nom leuem nem recadem a dita sisa, por quanto nos fazemos dela esmola pera sempre a dita confraria, e por certidam delo lhe mandamos dar esta carta per nos asynada e aselada do noso selo pendente. Dada em a nosa cidade de Lixboa ao primeiro dia do mes dontubro -- Marquos Roiz a fez — ano de mill b^o xxij anos» ¹.

III — Romaria de Jerumenha a Terena

Todas as festas religiosas tinham character mais ou menos pntagruelico, reminiscencia do culto pagão. Não havia romaria que não redundasse em comes e bebes. O costume ainda hoje se perpetúa em todo o sen rigor nas provincias do norte.

Os officiaes da camara da villa de Jerumenha costumavam todos os annos, de tempos muito antigos, ir de romaria a Nossa Senhora de Terena, tres leguas distante, e um dos mais afamados sanctuarios do Alemtejo.

O documento que temos presente não nos indica o motivo da romagem, nem qual a epoca em que se realizava. Só nos diz que a camara de Jerumenha era portadora d'um cirio que pesava seis arrobas, levando tambem consigo um sacerdote, que lhes havia de rezar a missa e ao qual pagavam 500 réis. Por a mesma occasião e pelo mesmo motivo dispendiam vinte alqueires de trigo, quatro carneiros e seis

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, L.^o 46, fl. 141.

almudes de vinho, que repartiam pelos funcionarios municipaes e pelo povo que os acompanhava. Para satisfação d'esta verba applicavam o rendimento do verde da villa. O dr. Luis d'Azevedo Coutinho, provedor da comarca e provedoria das cidades d'Elvas e Portalegre, não lhes queria, porém, auctorisar a despesa, pelo que intercederam perante el-rei, que em carta de 12 de março de 1585 lhes deu despacho favoravel.

«Eu elRey faço saber aos que este alluara virem que os officiaes da camara da villa de Jerumenha me enuiarão dizer per sua carta que elles e o pouo da mesma villa estanão em costume antigo de irem em cada hum anno em romarya á húa igreja de Nossa Senhora, que estaua no termo da villa de Terena, tres legoas de Jerumenha, onde leuauão hum sirio, que teria de peso seis arrobas, e dauão a hún sacerdote, que consigo leuauão pera lhes dizer myssa, quinhentos rs, e despendião no mesmo dia vinte allqueires de trigo, quatro carneiros e seis almudes de vinho, que se repartião pellos officiaes da camara e pouo, que hião a romarya, e com o êcargó destas pitanças costumauão arendar a renda do verde da dita villa, e ora o doutor Luis d'Azevedo Coutinho, prouedor da comarca e prouedoria das cidades d'Eluas e Portalegre, lhes não leuauão a dita despesa em cõta por não terem pera isso prouisã minha, pidindome lha mandasse passar e que daqui em diante podessem fazer a dita despesa, e visto seu requerimento e a informação que disse ouue pello dito doutor Luis d'Azevedo, ey por bem e lhe mando que leue em conta ao procurador do concelho da dita villa de Jerumenha os quinhentos rs, vinte alqueires de trigo, quatro carneiros e seis allmudes de vinho, ou sua justa vallia, que lhe constar que despenderão os annos atras na dita romaria, e asi ey por bem que os ditos officiaes da camara possão fazer a mesma despesa por tempo de cinco annos, que começarão da feytura deste em diante, e isto não êtrando nisso a minha terça, e a despesa que assi fizerem em cada hún dos ditos cinco annos lhes será outrosi leuada em cõta pello dito prouedor ou quem seu cargo seruir, ao qual mando que cumpra e guarde este meu alluara como se nelle contem, o qual quero que valha &c. Antonio Roiz o fez em Lixboa a xij de março de mil bº lxxxv. Simão Borrallho o fez escrever» ¹.

IV — Romaria de Santa Barbara em Faro

Nas côrtes celebradas em Evora por D. Affonso v, em 1444, o concelho de Faro, entre diversas cousas do seu interesse que apresentou a el-rei, pediu que lhe fosse concedido um auxilio pecuniario para conclusão das obras da ermida de Santa Barbara. Este sanctuario, pela

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Filipe I, *Doações*, L.º 11, fl. 157.

fama de seus milagres, chamava muita concorrência, e o rendimento do pé d'altar era tão abundante, que dava para se repartir pelo bispo, pelo cabido e por uma das ordens de cavallaria.

Para abrigar os devotos, tinham-se feito, em volta do templo, alpendres e outras edificações, mas a obra parára á falta de recursos. O infante D. João, enquanto vivo, favorecera-a muito, mas agora faltava esse apoio. Supplicavam, portanto, a el-rei que para tão justo fim lhes cedesse por tres annos a parte que tocava ao mestrado. El-rei annuiu, mas fazendo a cedencia apenas por um anno.

A certidão d'estes capitulos de côrtes tem a data de 14 de febreiro de 1444.

«Outrosi, senhor, em thermo desta vila esta huã hermda em Santa Barbora, em a qual o Senhor Deus por sna merce faz muitos milagres e uertades, em a quall teemos feita huã homrrada casa, e ora começamos de fazer darredor della alpenderes e outras boas cousas, que som a ella necessarias, por que he casa de grande romagem, a que neem muitas gentes de muitas partes, da qual hermda o bispo e cabido e o meestrado ham do pee do altar e entendemos que aa parte do meestrado montara o terço que som quinhentos reaes pouco mais ou menos, e por que pera esta obra o senhor Ifante dom Johã, uosso tio, cuja alma D' tem, sempre fez grande ajuda pola grande deuaçam que em ela ania, por seer em conhecimento dos muitos milagres que se em ela fazyã. E ora a dita obra esta cessada por li nom auer domde sse encaminbe he nos necessaria uossa ajuda. E porrem emfim pidimosuos por mercee que em esmola e em oferta dees pera a dita obra a dita parte da renda do pee do altar que perteece ao mestrado, que serã os ditos b' reaes em cada huũ ano e esto por tres anos ataa iiii que a dita obra com a graça de D's sera de todo acabada com ou- tras esmolas que se pera esto dã, e em isto farecs ser- niço a D' e a nos mercee».

«Nos praz de lhe fazermos merce daquela renda por este anno»¹.

V. — Romaria de Santa Maria da Ribeira

Em 24 de abril de 1514, D. Manuel exarou uma carta isentando do pagamento da sisa todos os generos alimenticios, que se consumissem nas tres festas do anno que se celebravam na egreja de Santa Maria da Ribeira, termo da villa do Outeiro. Estas festas eram a 25 de março (Anunciação de N. Senhora); dia da Trindade, e dia de N. Senhora de Setembro.

¹ Torre do Tombe, Chanc. de D. Afonso v, L.º 24, fol. 54.

«Dom Manuel &c. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que querendo nos fazer esmolla a irmydade igreja de Santa Marja da Ribeira, termo da villa dOuteiro, pera as pessoas que a ela forem em romarya poderem achar millhor gasalhado e repairo, temos por bem e nos praz que, acabado o arrendamêto, que ora he feyto das sysas do lugar ou lymyte, onde a dita irmyda esta, dy em diamte se nom leve hy nenhũa sysa de paõ cozido e carne cozida e asada, e de vinho atavernado, nem dazeyte pera comerem, nem de cera pera queymarem, nem de fruytas, nem de nenhñu outro mantymto pera comer, que se venda e gaste cadano per dia de Santa Maria de Março e por dia da Trindade e per Santa Maria de Setembro. E podem mandamos ao noso contador da comarca e a outros quaces quer, a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer que asy o façã comprir e guardar, e o dito contador o notificara asy pera os ditos remdeiros que ao diamte virem saberem como ysto temos asy outorgado a dita irmyda. Dada em Lixboa (?) aos xxiiij dias dabrill — Jorge Fernandez a fez — anno de mill e b^a xliij» ¹.

VI — Romagem de S. Bento, de Serpa

Nas proximidades de Serpa havia uma igreja de S. Bento, que era muito frequentada de romeiros, principalmente de Castella. Com a ordenação que prohibia o uso dos vestidos de seda, os devotos do reino vizinho deixavam de comparecer, o que por certo significava grande prejuizo. O capellão da igreja, bacharel João Tates, dirigiu-se a el-rei, representando-lhe os inconvenientes da lei e pedindo-lhe a revogação d'ella no tocante aos extranhos. D. João III accedeu, com a clausula, porém, de que o privilegio se applicasse unicamente aos que viessem expressamente com fim religioso.

«Dom Joham &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que o bacharel Joam Tates, capelam da igreja de Sam Bemto, do termo da villa de Serpa, me emvion dizer que a dita casa he de muita romagem, principalmente de gente de Castela, que a ela vem por estar tres legoas da araiá pouquo mais ou menos, e que depois de ser feita a ordenaçam per que sam defesos os vestidos de seda, deixam as pessoas de Castela de fazer sua romagem, como sohyam, por nom terem que trazer vestido senam seus saios e barras de seda e outras sedas que sam defesas, no que a dita casa recebia perda; pidindome que ouuesse por bem que ha dita ordenaçam se nom emtendese nas pessoas de Castela que viessem em romaria ha dita igreja de Sam Bemto, e visto seu requerimento e avendo respeito ao que diz, ey por bem e me praz que quaes quer pessoas de Castela que daquy em diamte

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Manuel, *Doações*, L.^a 15, fol. 37.

vierem em romaria ha dita igreja de Sam Bemto posam liuremente trazer quaes quer vestidos de seda que quiserem sem por elo emcorrerem em pena algũa, e esto em quãto somente vierem a dita romagem e se tornarem directamente pera suas casas sem embargo da dita hordenaçam. Noteficoo asy a todas minhas justiças, officiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertencer e lhes mando que cumpram, guardem e façam inteiramente cõprir e guardar esta minha carta como se nela contem sem duuida nem embargo alguũ que a elo seya posto, porque asy he minha merce. Dada em Lixboa a tres dias do mes dagosto — Joam de Seixas a fez — ano do nacimiento de noso Senhor Jhu xº de jbr. M^{ei} da Costa a fez escrever» ¹.

VII. — Procissão de S. Gualter

E' o santo padroeiro de Guimarães, santo da sua especial devoção, e uma das glorias da ordem franciscana. Os frades vimaranenses souberam explorar os milagres do thaumaturgo, havendo no mosteiro uma fonte do seu nome, onde os crentes se lavavam como numa piscina celeste. A devoção, porém, parece que tinha afrouxado muito, a ponto de já se não realizar a tradicional procissão commemorativa. Os religiosos e os mordomos da confraria invocaram então o auxilio da cõrte — a cõrte de Lisboa e não a celestial — e obtiveram de D. Filippe III que este ordenasse aos officiaes da camara que a dita procissão se renovasse todos os annos no dia proprio da festividade. O respectivo alvará é de 22 de janeiro de 1622 e reza assim:

«Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que hauendo respeito ao que os Religiosos do mosteiro de San Francisco da villa de Gimaraes e os officiaes e mordomos da confraria de San Gualter, situada no dito mosteiro, me enviarão dizer por sua pittição, que o dito Santo foi hum dos discipullos do grorioso São Francisco e por seu mandado veio a este Reino en companhia de Sam Zacharias e de outros por fundadores da Religião franciscana, e nũeo na dita villa com nida mui exemplar e depois de sua morte emanou muitos anos de seu sepulchro hum licor suauissimo, com que sararão muitos enfermos, cujas reliquias estão em muita veneração em hum sepulchro e altar que esta no dito mosteiro, por cujos merecimentos Nosso Senhor obraua muitos millagres en pessoas que visitão o sepulchro do dito santo e se lauão em hũa fonte chamada do seu nome, onde o santo fez sua abitação antes que se fizesse o dito mosteiro, em cuja memoria se fazia todos os annos hua procissão, assistindo nella os vereadores da dita villa e mais pouuo com muita festa e juntamente os pouuos vesinhos se ajuntauão nella, e pello descurso do tempo ficou em esquesimento so-

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, L.^o 34, fol. 15.

lemnisarse a festa do dito Santo e para que ficasse sua memoria perduravel, pois era padroeiro da dita villa e Nosso Senhor por sua intercessão fazia tantos milagres, me pedião mandase que a dita procissão se renouasse, assistindo pessoalmente nella os vereadores e officiaes da camara como nas mais da villa; e visto seu requerimento e a informação que mandei tomar pelo licenciado Christouão (?) Godinho, corregedor da comarca da dita villa de Guimarães, em que omniu os officiaes da camara della, e seu parecer, pella qual consta o que acima se relata, ei por bem e me praz que a dita procissão se renoue cada anno, no dia da festa do dito santo, e assistão pessoalmente nella os officiaes da camara da dita villa e se fação com a mesma solenidade e festas com que se fazem as procissões da obrigação della e ira pelas ruas que a camara ordenar com declaração que o guasto da dita pronisção (*sic*, por procissão) será o que se faz com as pronisões (*sic*) da obrigação da dita camara, não sendo a de Corpo de Deus, e mando ao dito corregedor e officiaes e mais justicas que ora são e ao diante forem na dita villa que fação ordenar cada anno a dita procissão na forma declarada neste alluara e assistão pessoalmente nella como nas mais da obrigação da camara, e cumprão e fação inteiramente conprir e guardar como se neste contem, o qual se registara no liaro da camara da dita vila de Guimarães e o proprio se porá no cartorio della em toda a boa guarda, e me pras que valha, tenha força e vigor como se fosse cartta em meu nome e por mim asi náda sen embargo da ordenação &c. Miguel de Asaucedo o fez em Lixboa a vinte de janeiro de mil e seis centos e vinte dous. João Pereira de Castello Branco o fes escrever» ¹.

VIII — Procissão de S. Sisenando

O que se dá em Guimarães com S. Gualter, dá-se em Beja com S. Sisenando. A *Pax Iulia* dos Romanos orgulha-se de ser a patria d'este ultimo santo, cujo martyrio pela fé de Christo se realizou em Cordova. A camara tinha votado doze mil reaes para as despesas da procissão commemorativa, mas o poder real deixou de auctorizar a verba, que por fim, cedendo a sollicitações da mesma camara, auctORIZOU de novo, mas reduzindo-a a oito mil. Isto passou-se no reinado de D. Filippe III, no anno de 1623.

«En ElRei faço saber aos que este aluara virem que os officiaes da camara da cidade de Beja me fizerão saber por sua carta que por muitas diligencias que se fizerão na cidade de Cordona, onde foi martirizado o glorioso santo Sissinando, se auerignou ser natural da dita cidade de Beja, e que eu lhe concedera pronisção pera se lhe fazer

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Filipe III, *Doações*, L.^o 38, fol. 296.

no seu dia porciissão solene com todas as festas das porciissões da obrigação da camara, e o ordinario concedera que fosse de guarda o dia do santo, o que tudo solecitara com pio zello o doutor Manuel Feo, sendo prior da igreja do Salvador da dita cidade, da qual se tem por tradição que o santo hera fregues, e que por a muita denação que os moradores da dita cidade tinham ao santo, se assentara em camara que pera se despender nas festas de sua porciissão se lançassem de ordinaria nas rendas da dita camara dose mil rs., os quaes se despendirão algús anos até eu mandar que se não lançassem ordinarias nellhas nas rendas da dita camara, e me pediam lhes fizesse merce de licença pera das ditas rendas poderem despender nas festas e porciissão do Santo os ditos xij rs., e do conteudo na dita carta mandei tomar enformação pelo prouedor da comarca da dita cidade, a qual vista por mim e seu parecer, ei por bem que os ditos officiaes da camara possão despender nas festas e porciissão do glorioso Santo Sissinando oito mil rs. cada ano das rendas da dita camara, salua a minha terça, com declaração que os ditos officiaes da camara não leuarão cousa algúa de propinas dos ditos bij rs. nem das rendas della por acompanharem a dita porciissão por ser de denação, e mando ao Prouedor da camara leue em conta aos ditos officiaes da camara dos ditos bij rs. cada ano constandolhe que todos se despendirão nas festas e porciissão do Santo, e que este se cumpra como nelle se contem, posto que o effeito delle aja de durar mais de huu ano, &c. João Feo o fez em Lixboa a xbij de feunereiro de jbe xxij. Duarte Correa de Sousa o fez escrever» ¹.

IX — Procissões em Langroiva

A camara de Langroiva, comarca de Lamego, costumava ir de romagem, em procissão, duas vezes no anno, a Nossa Senhora dos Carvalhais e a Nossa Senhora da Veiga. A primeira pela quaresma, a segunda pela paschoa. D. Filippe III authorisou, por alvará de 5 de dezembro de 1628, que a camara d'aquella localidade gastasse seis mil réis por anno na solemnisação d'estas festas.

«Eu elRei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito a mo enviarem pedir por sua carta os officiaes da camara da villa de Langroiva, e visto as causas que alegam e informação que se ouve pello providor da comarca da cidade de Lamego, e o que por ella constou, e seu parecer, ei por bem e me pras de lhes dar licença que posão gastar a custa das rendas do conselho da dita villa, não entrando nisso minha terça, seis mil rs. em cada hum anno nas romagens de Nossa Senhora dos Carvalhais e de Nossa Senhora da Veiga,

¹ Torre do Tombo, Chanc. de Filipe III, *Doações*, L.º 18, fol. 103.

que costumão fazer em procissão, hũa na coresma, e outra pellas oitannas da Paschoa, os quaes seis mil rs. leuará em conta o providor da comarca cada hum anno, sendo gastos nas duas ditas romagens por ordem dos ditos officiaes da camara pello treslado deste aluara, o qual mando que se cumpra e guarde inteiramente como nelle se comthem, que sera registado no liuro da camara da dita villa, que quero que valha como carta sem embargo da ordenação em contrario. Francisco Ferreira o fes em Lixboa a sinco de disembro de mil e seis centos e vinte oito. João Trausos da Costa o fes escreuer¹.

X. — Festa e procissão do Corpo de Deus

A festa do Corpo de Deus era sem duvida das mais generalizadas e das mais solennes que se realisavam em todo o paiz. Principalmente, nos grandes contros, nas cidades episcopaes, como Lisboa, Porto, Coimbra, o espectaculo era digno de vêr-se pelo seu pittoresco conjuncto, pela mistura do sagrado e do profano, que mais fazia lembrar a representação d'um grande auto medieval ou uma cerimonia pagã que uma festa do christianismo. Os mistéres eram obrigados a acompanhar e cada um apresentava a sua invenção ou symbolo especial. Se hoje se reproduzisse com todo o rigor historico um d'esses cortejos, assistiriamos ao mais curioso desfile de todos os elementos da vida nacional d'outrora.

Como é de suppôr, as danças e folias, que faziam parte d'este espectaculo, haviam de dar logar a escandalos, degenerando em saturnal. A ingenua creença primitiva ia-se apagando, e o que se considerava como acto de devoção sincera não passava depois d'uma comedia ridicula e indecorosa. A tradição era o unico esteio d'esses costumes medievaes. Não admira, portanto, que as pessoas mais sensatas e ilustradas procurassem regulamentar a procissão do *Corpus-Christi*, tornando-a mais em harmonia com a evolução do tempo e dos costumes.

Foi o que succeden, por exemplo, no Porto, no primeiro quartel do seculo xvii, em que os officiaes da camara propozeram um novo programma da festa, substituindo jogos e danças, que já não julgavam decentes. Um alvará regio de 20 de julho de 1621 approvou esta resolução.

Temos presente tambem uma carta, que damos em seguida a este documento, e que nos parece tambem referir-se á procissão do *Corpus-Christi*, embora o não declare terminantemente. E' do bispo do Porto, D. Gonçalo de Moraes, que governou aquella diocese desde 1602 a 1617, endereçada aos governadores do Reino, e n'ella advoga a vantagem do S. S. ir debaixo do palio e não em charolla, como se costumava em Coimbra.

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Filipe iii, *Doações*, L.^o 29, fol. 19.

Sobre o assumpto, damos ainda um documento anterior a estes dous. E' uma carta de D. Affonso v, ordenando aos juizes de Santarem que entregassem aos moradores de Rio Maior os penhores que d'elles tinham, por não comparecerem n'aquella villa á festa do Corpo de Deus e que os deixassem livremente solemnizar a mesma cerimonia na sua terra, como costumavam. A carta foi passada em Alemquer a 20 de julho de 1435 e confirmada em Santarem a 23 de maio de 1440.

«Eu ElRey faço saber aos que este alnara uirem que os officiaes da camara da cidade do Porto, que nella servirão os annos pagados, me enviarão dizer por sua carta que por algus inconuenientes lhe pareasse que conuinha ao seruiço de Nosso Senhor e men tratar de poer em milhor ordem a procição do Corpus Christe da dita cidade, por nella irem algus jogos e danças não decentes ao tempo por a muita antiguidade com que se ordenarão, e irem hoje os officios en tão grande cresimento que he necessario apricar as cousas ao modo para que se instituirão, como he festejarem o Santissimo Sacramento com a veneração denida, e que a festa e jantares que não aja nelles nota fizerão asento que me enviarão para eu aver de confirmar, o qual mandei comeniar com o doutor Antonio Cabral, do men conselho, que então servia de chanceler da Relação, e com o bispo da dita cidade, e que com seu parecer se fizesse acôrdo do que se deuia reformar, demenuir ou acrescentar na dita procição, como se fez, o qual assi me enviarão escrito nas tres meas folhas atras que vão asinadas ao pee de cada hũa por João Pereira de Castello Branco, meu escriuão da Camara, ei por bem e me praz de confirmar o dito acôrdo como se nelle contem e que na forma delle se cunpra e ordene a dita prossição, visto ser assi mais decente e conueniente ao seruiço de noso Senhor e men, e mando as justças. . . . Miguel d'Asauedo o fez em Lixboa a quinse de julho de mil e seis centos e vinte e hum. João Pereira o fez escreuer» ¹.

«Antehonte a noite recebi a carta de Vm.^{es} na nossa quinta de s.^{ta} Cruz estando de caminho para a visitação e pareceome que não podia responder senão neste lugar de S. João da Foz, como faço, e affirmo a Vm.^{es} cõ verdade que me pesa e sinto de lhes não poder dar gosto nas couzas sobre que me escreuẽ pellos escrupulos que tenho de hũa e outra couza. E ja que Vm.^{es} devẽ ter algũa experiencia de quando desejo no que he de minha parte ennobreecer essa cidade; e cnido que neste desejo me não lenão nẽtagẽ os naturaes della. E como eu a tenha, depois de Lix.^a, por a principal cidade do Reino, alem de comprar cõ minha obrigação, queria que nem Lix.^a lhe leuasse ventagẽ em cousa algũa. E aduirto a Vm.^{es} que de bom governo he e muita pru-

¹ Torre do Tombo, Chanc. de D. Filipe III, *Doações*, L.^o 38, fol. 179 verso.

dencia não ter tanta conta cõ o que diz o pono ignorante, como cõ o que entendê os sabios e prudentes. E as duas couzas de que se trata são maes populares que de bom gouerno e seruiço de D.^s. E senão vejamos como na cabeça da Christandade leua Sua Sanctidade o Papa nosso Senhor o S.^{mo} Sacramento e como se leua nas procissões da corte de S. Mg.^{de} ElRey nosso senhor, e em que elle vai em prezença, e como se leua na cidade de Lix.^a, cabeça deste Reino, pello senhor Arcebispo della, e em todas estas partes se leua em custodia debaixo de paleo e o mesmo deue ser nos maes Arcebispados e Bispados deste Reino, porque todos guardão o ceremonial de S. S.^{do}, e se o senhor Bispo de Coimbra pedio a S. S.^{do} que em Coimbra fosse em charola, teria algũa cauza para isso, e S. S.^{do} folga de lhe fazer graça e m.^{os} e com facilidade lhe concederia o que lhe pedisse: quanto maes que a charola de Coimbra he mui differente da do Porto, e leuãona quatro sacerdotes com muita decencia e bem sabem Vm.^{cos} a indecencia com que se leuana a do Porto, e por ventura que o costume fazia não se cair nisso. E o que digo he que hir nella o S.^{mo} Sacramento não se pode chamar costume louuauel, antes mui contrario a isso. E tambem não tenho por decente hir o S.^{mo} Sacramento pellas ruas da Ribeira, onde se vende o pescado e ha outras immundicias, principalmente pois com isso deixão de hir por hũa das principaes ruas do Porto, e muitos nobres ha nelle que entendem isto asy. E se com estas rezões que digo Vm.^{cos} senão satisfizerem escrenamos sobre isto a s. m.^{do} e farsea o que nos mandar, mas ha S. Mg.^{de} de ser informado de modo que entenda tudo o que passa e o que he demaes seruiço de D.^s e auct.^e para a mesma cidade, que deua de estimar e procurar que estas couzas se fação nella como se fazê em Roma, na Corte de S. Mag.^{do} e na cabeça deste Reino, e isto he o que entendo. E nosso Senhor guarde a V. M.^{es} S. João da Foz 23 de Abril de 608 — Fr. G.^o bispo do Porto » ¹.

« Dom Afonso &c. A quantos esta carta vyrem fazemos saber que os moradores de Rio Mayor nos enuiarom mostrar huũ aluara que tyndham delRey meu senhor e padre &c., do qual o theor tal he: « Nos elRey mandamos a nos juizes da nilla de Santarem e a outros quaes quer que esto ounerem de veer que entregues ou façaes logo entregar a todolos moradores de Rio Mayor os penhores que lhe teendes tomados por nom vyrem aa dita uilla em dia de corpo de D.^s, e que lhe leixees daqui em deante no dito logo de Rio Mayor fazer sua festa de corpo de D.^s como sempre fizeram sem outro êbargo que a ello ponhaaes, unde al nom façades. feito em Allanquer xx de julho — Afonso de Beja o fez — ano de iiij^o xxxb « e a confirmaçom foy dada em Santarem xxiiij de mayo per autoridade do S.^{or} Ifante dom P.^o &c. Joham de Lixboa a fez ano de iiij^oR. » ².

¹ Torre do Tombo — Collecção de S. Vicente, L.^o 12, fol. 31.

² Torre do Tombo, Chanc. de Afonso v, L. 23, fol. 86 verso.

XI.—Procissões de Santa Isabel e do Anjo Custodio

A procissão, vulgarmente conhecida pelo nome de Santa Isabel, foi instituída em louvor de Nossa Senhora, no dia em que ella fez a visitação a Santa Isabel, a 2 de julho. Foi D. Manuel que ordenou que ella se realizasse em todas as terras do reino, em carta regia de 17 de junho de 1516. O pensamento d'esta commemoração foi todo religioso: *asi como ella corporalmente a quiz visitar, asi espiritalmente nos visite* ¹.

A procissão fazia-se tão solemnemente como a de *Corpus-Christi*. No cartorio da Camara Municipal do Porto encontramos, porém, uma carta de D. Manuel, determinando que não houvesse jogos nem festas como na do Corpo de Deus. Esta carta é de 24 de junho de 1519.

Apesar do espirito religioso da época, não faltavam reluctancias, o que não admira, porque as festas traziam encargos para os povos e corporações, encargos que mais onerosos se tornavam pela sua multiplicidade.

Assim vemos que o commendatario do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, termo de Barcellos, da ordem de Santo Agostinho, se queixou a D. João III de que a procissão de Santa Isabel e a do Anjo Custodio se deixavam alli de fazer, como antigamente, porque os povos allegavam que o lugar não era villa. El-rei, em carta de 6 de julho de 1531, mandou ás suas justiças que dessem as competentes providencias para que as ditas procissões continuassem a celebrar-se no mosteiro.

Com mais um seculo, encontramos outro documento curioso, registado ainda na chancellaria de D. Filipe III, mas emanado já do punho de D. João IV. As tecedeiras do lugar de Frechas queixaram-se de que só ellas pagavam para as tres danças de *Corpus-Christi*, dia de Santa Isabel e do Anjo Custodio, o que era uma iniquidade. El-rei, por alvará de 4 de maio de 1642, mandou que contribuissem igualmente as tecedeiras de Trancoso e dos logares do termo d'esta villa, uma legua em circuito.

«Juiz e vereadores da nosa cidade do Porto, nos ElRey vos en-
viamos muyto saudar. Avemos por bem que daquy em diante na pro-
ciçam que em cada hum anno se faz nesa cidade per dia da visyta-
çam de sameta Isabel nom aja jogos nem festas asy como ho ha em
dia de Corpo de Deus e somente se fara prociçam solene asy como se
faz em a nosa cidade de Lixboa. Notificamosvolo asy e vos manda-
mos que daquy em diamte o façaes asy comprir, porquanto somos

¹ Veja-se *Annaes do Municipio de Lisboa*, por Freire d'Oliveira, t. 1.^o pag. 448.

emformado que o pouo recebe niso algũa opresam por bem das muytas precieções que vem juntas. Scripta em Evora a vinte e quatro dias de junho — Antonio Paacz a fez — de mil e quinhentos e dezenoue. Rey ¹.

«Dom Johan &c. A quantos esta carta virem faço saber que Systo da Cunha, comendatayro do mosteiro de Santa Maria d'Oliveira, do termo de Bracelos, me fez saber per sua emformação que o dito mosteiro era conventuall de conegos regramtes da ordem de Santo Agostinho, em que averya cincoenta m^{tes}, no qual por seruyço de noso Senhor se soyam solenemente fazer as precieções de Santa Isabel e do Anjo Custodio por os seus dias e festas, com os quaes hyam a Villa Nova, que sera acçrqua de hũa legoa do dito mosteiro, e os moradores foram desobrygados de fazer as ditas precieções por ho ouuidor do duque de Bragança &c, meu muito amado e preçado prymo, e estynera certo tempo sem as fazer e depoyos o dito ouuidor mandara que se fizesem a seu requerymento, pedindome por merce que porquanto os ditos moradores nã queryã ir as ditas precieções e alegauã a ordenaçã por nã dar lugar que se façam senã nas villas e cidades por ser muyto seruico de noso Senhor se fazerem, ouvese por bem e mandase que se fizesem. E visto por mym seu requerymento e como he seruico de noso Senhor se fazerem as ditas precysões, posto que a ordenação a iso nã de lugar, ey por bem e mando que daqy em diante por os ditos dias de Santa Isabel e do Anjo se façam as ditas precieções no dito mosteiro asy como se fora villa. E mando a todos corregedores, ouuidores, juizes e justias, officiaes e pesoas, a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer que façam fazer as ditas precysões e nã consentam que se leixem de fazer asy por bem da ordenaçã como por quall quer outra cousa que pera yso por os moradores do dito mosteiro for alegada, por que asy o ey por bem. Dada em Evora a bj dias de julho — Jorge Roiz a fez — anno de nosso Sõr Jhuũ de mill b^{ccc}xj ².

«Eu ElRei faço saber aos que este aluara virem que auendo respeito ao que na petiçã atras escrita dizem as molheres tecedeiras de pano de linho moradoras no lugnar de Frechas, e visto as causas que alegão e reposta dos officiaes da camara da villa de Trancoso, que por meu mandado forão ouuidos, e informação que se ouue pello corregedor da comarca da villa de Pinhel e seu parecer, ey por bem e me praz que as tecedeiras de pano de linho da dita villa de Trancoso e dos mais lugares do termo della de hũa legoa a dentro, de que na dita petição fazem menção, contrebuaõ e paguem com as supplicantes para as tres danças de Corpus-Christi, dia de Sancta Isabel e domingo do Anjo, visto constar pella dita informação nã hauer rezão para

¹ Arch. da Camara Municipal do Porto — L.º 1.º de Provisões, fol. 127.

² Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, L.º 50, fol. 92 verso.

as supplicantes so paguarem e as mais da dita villa de Trancoso e dos lugares do termo della ficarem escuzas de pagarem, e mando aos officiaes da camara da dita villa de Trancoso e mais justicas, officiaes e pessoas, a que o conhecimento disto pertencer, cumprão e fação cumprir e guardar este aluara inteiramente como nelle se contem, o qual ey por bem que valha, tenha forssa e uigor, posto que seu effeito aya de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação do 2.º livro titolo 40 em contrario. João Pimenta o fez em Lisboa a quatro de mayo de mil seis centos quarenta e hum. João da Costa Tranaços o fes escrever ¹.

XII. — Confraria de Nossa Senhora da Conceição e dos bemaventurados S. Sebastião e S. Roque

Esta confraria foi instituida na cõrte no reinado de D. João III. El-rei se inscreveu como confrade d'ella, assim como o principe herdeiro, o infante D. Filipe e a infanta D. Maria, seus filhos, e a infanta D. Maria, sua irmã. Em carta de 26 de março de 1534 declarou contribuir com a esmola annual de dezeseis mil réis, sendo metade por elle e o restante pelos filhos e irmã.

«Dom Joham &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que polla deuaçam que tenho na confrarya da imuocação de Nosa Senhora da Comceyção e dos bem aventurados Sam Sebastian e Sam Roque, que ora se fez novamente per minha ordenação e autorydade na corte pera comtynuadamente nella andar, me fiz comfrade da dita confrarya e asy o principe, meu sobre todos muyto amado e prezado filho, e o ifante dom Filipe e a ifante dona Maria, meus muito amados e prezados filhos, e a ifante dona Maria, mynha muito amada e prezada irmãa, por asy o semtyr por seruiço de D^s, e me praz dar em cada huñ anno como comfrade por mim e por meus filhos e irmãa pera as obras da miserycordia, sacreficios e outras justas despesas, que se em ella fazem, dezaseys myll rs desmola -s- oyto mill rs por mim e os outros oyto por meus filhos e irmãa, os quaes lhe será pagos no recebedor dos dinheiros das obras pias do prymeiro dia de janeiro que ora pasou deste anno presente de b^{xxxiiij} em diante em cada huñ anno, e portanto mando ao recebedor que hora he dos ditos dinheiros e a quall quer outro que ao diante do dito carego tyuer que do dito janeiro em diante em cada hum ano de e pague os ditos xbj rs ao thesoureiro da dita confrarya, per esta so carta sem mais outra prouisão da fazenda, e por o trellado della, que sera registado no lyuro de sua despesa pelo sepriram de seu careguo e conhecimento em for-

¹ Filipe III, *Doações*, L.º 28, fol. 404.

do dito thesoureiro da confraria, mando que lhe seyã leuados em comta. Domingos de Paina a fez em Evora a xxbj dias de março de myll bº trymta e quatro annos. E hũa carta que a dita confraria tynha dos ditos vinte cruzados que por mim dou se rompeo por se fazer esta de toda a comtya, e mando a dom Rodrigo Lobo, de meu conselho e vedor de minha fazenda, que lhos mande asentar no lynro das esmo-las que nella anda, e eu Dimião Diaz a fiz escrever ¹».

Sousa VITERBO.

NOTAS MIRANDESAS

1. Observações phoneticas

Quando comecei a estudar o dialecto mirandês, vi-me, por tres motivos, muito embaraçado, quanto à representação dos sons: porque alguns são em verdade difficeis de analysar, e de figurar graphicamente; porque era a primeira vez que se tentava estudar scientifi-camente e escrever aquella lingoagem, e não havia por isso modelos que imitar; e porque era tambem a primeira vez que eu me occupava de dialectologia. Por todos estes motivos, o opusculo que dei a lume em 1882 com o titulo de *O dialecto mirandês*, que constituia o primeiro trabalho philologico que eu publicava em volume, sahio com bastantes imperfeições, umas que eu mesmo na occasião reconhecia, embora não podendo remediá-las, outras que com o estudo subsequente fui desco-brindo.

Nos escritos que se seguiram a este, procurei aperfeiçoar-me, pois que nunca, em meio dos meus variados trabalhos litterarios, esqueci o mirandês. Ainda assim, apesar de hoje possuir nas minhas pastas copioso material, e de haver introduzido muitas correções nas minhas primeiras observações, não tenho pretensões de dizer a última palavra sobre o assumpto.

Alguns dos resultados que apurei posteriormente à publicação dos meus ultimos estudos mirandeses, tenciono offerecê-los ao público num livro que ha annos comecei, e que em breve sahirá dos prelos da Imprensa Nacional. Este livro encerra a traducção mirandêsa de várias poesias de Camões, e de uma sua carta em prosa, bem como um estudo historico e grammatical do dialecto, e um glossario etymologico dos termos empregados na traducção.

¹ D. João III, *Doações*, L.º 7, fol. 92.

Como o assumpto poderá interessar a um ou outro leitor, aqui vou deixar consignados numa nota os mais curiosos sons do mirandês, taes como os apresento no citado livro.

ou é um ditongo, que se pronuncia pouco mais ou menos como em pontos da Inglaterra o *o* das palavras inglesas *go*, *no*, ou como *oe* em *doe* e *toe*, ou como *ow* em *know*, *blow*. Este *ö* mir. differe do *ö* allemão de *können*, do *eu* francês de *neuf*, do *eu* francês de *feu* e do *ö* allemão de *König*. Sobre estes sons, vid. H. Sweet, *History of english sounds*, e W. Viëtor, *Elemente der Phonetik des deutschen, engl. u. franz.*, passim. O ditongo mirandês *ou* nota-se, por exemplo, em *yöu*, *tön*, *dön*; é muito frequente na raia trasmontana, e ouve-se em palavras que na lingua litteraria tem *ou*, como *dou*, *sou*, *andou* (pelo menos é claro em syllaba tónica). O som *ö* tem mais extensão em português do que se cuidará pois, ou igual, ou com pequena modificação, existe tambem na linguagem de territorios da Beira-Baixa e do Alto-Alentejo, e na linguagem dos Açores. Em mirandês-observei-o já ha muito tempo, e representei o tambem por *ö* na minha traducção mirandesa de um soneto de Camões publicada em 1886 com outras em Lisboa num volume com o titulo de *Alma minha gentil*; comtudo, não figura ainda nem nas *Flores mirandesas* (1884), nem no *Dialecto mirandês*. Ouve-se tanto em syllaba tónica, como em syllaba atona; ainda mesmo se ouve quando o ditongo em que elle recae é nasal, por exemplo, em *söum* = *sön*, mas aqui é mais difficil de distinguir.

iê é outro ditongo, mas crescente. Ouve-se, por exemplo, em *tierra*. O primeiro elemento é uma semi-vogal, que se ouve tambem no Porto na syllaba *iê* de *quiênte*, *piêra*, mas que não é tão distincta como no ditongo *ie* das palavras hespanholas *quiere*, *tiempo*; o segundo elemento é um som intermedio entre o *i* do português *riu* e o *e* fechado, muito semelhante ao *i* dialectal allemão de palavras como *ist*, *sind*, conforme as en ouço pronunciar a um individuo natural da Alsacia, e que não deve differir muito do *i* inglês da palavra *fill*. Este ditongo mirandês tem em geral a mesma origem que o hesp. *ie*. Póde ser oral e nasal, e nunca é atono ¹. — O som *ê* tambem se encontra sem ser precedido de *i*, por exemplo, em *deê*, *teê*, palavras que nos meus primeiros estudos figurei menos exactamente por *diê* e *tiê* e *diê* e *tiê*.

e é um som indeciso, entre o nosso *a* de *rosa* e o nosso *e* de *dorme*. Muito semelhante ao *e* allemão final de *eine*, *Tage*, menos aberto que o *e* do francês *le*. Alguns phoneticistas representam estes ultimos sons por *æ*. Ouve-se em mirandês no fim de certas palavras, por exemplo, em *deê* (onde não chega a ser elemento de ditongo decrescente) e *fussem* ². Nunca é tónico.

¹ Este ditongo é um dos mais difficeis de apreciar no mirandês. Ora se ouve *tierra*, ora parece que *terra* ou talvez *teerra* ou *tierra*. O primeiro modo de pronunciar é o normal.

² Nas ultimas syllabas dos verbos, como aqui, é ás vezes difficil distinguir entre a pronuncia de *-em*, *-am*, *-em*, *-em* (atonos).

o. intermedio aos nossos *ô* e *u*, analogo ao *u* do inglês *full*. Tem em geral a mesma origem que o hesp. *ue*. Ouve-se, por exemplo, em *força*, *grito*. Só se encontra em syllaba tónica e pôde ser oral ou nasal. Nos meus anteriores estudos attribui em certos casos a este som o valor de *ũ*; mas nos individuos que ultimamente tenho observado não acho o primeiro elemento *u*, d'onde creio que o som é simples, e não ditongo, devendo, pois, figurá-lo apenas por *o*.

Quanto aos ditongos e simples vogaes, são estes os factos mais notaveis. O *a* e o *e* e geralmente o *e*, quando tónicos, oraes e abertos, tem o mesmo valor que em hesp.; mas o mirandês possui maior riqueza de sons que este ultimo idioma. Ao passo que em hesp. só ha um *a*, um *e* e um *o*, em mirandês o *a* pôde ser aberto e fechado, exemplo *cása*, e além d'isso nasal (como as outras vogaes), *-ân-* na emphase, *-ân-* na lingoagem descuidada. Em mirandês, além dos sons que representei por *ç* e *ç*, que não existem em hesp., ha também *e* surdo em syllaba atona, que de mais a mais pôde ser nasal; e ouvi o *ê* português no verbo *gê*. O ditongo *in* de *mín*, *Díus*, sóa ao meu ouvido como em português nas palavras *fugiu*, *vín* (preter. de *vir*); o distincto phoneticista, e meu amigo, Gonçalvez Vianna, como quanto esteja de accôrdo comigo no que respeita aos outros sons mirandeses, aqui, porém, considera o primeiro elemento do ditongo como *ç*.

Quando se observa a phonetica mirandesa, é necessario ter presente que em palavras que só differem de palavras portuguezas em ser aberta ou fechada uma vogal, esta vogal, se é *ô* ou *é* nos pôde parecer *ô* ou *ê*, *ó* ou *é*, conforme o nosso ouvido está habituado a *ô é*, *ô é*, *ô é*, poisque *ô*, *é* mirandeses são menos abertos que os nossos. Assim, quando os mirandeses dizem *esta* e *obra*, um estranho pôde suppôr que elles dizem *êsta* e *ôbra*; e quando elles dizem *cera* e *roto*, um estranho pôde suppôr que elles dizem *cêra* e *rôto*.

Pelo que toca ás consoantes, não tenho de fazer modificações no que escrevi nas *Flôres mirandesas*, senão no seguinte: que o som que represento por *ç* (= *c* antes de *e* e *i*) não é igual ao *s* de Lisboa, mas ao do Porto ¹; a sonora correspondente, ou *z*, está pois no mesmo caso, isto é, sóa como no Porto, e não como em Lisboa. Podia ainda accrescentar que o *b*, *d* e *g* intervocalicos são fricativos, como em português.

2. Lugares em que se falla mirandês

A principal área geographica em que se falla mirandês é o concelho de Miranda do Doiro, d'onde provém o seu nome; mas também se falla em algumas localidades do concelho de Vimioso.

¹ Este som pronuncia-se ainda hoje lá também no fim de palavras como *Martinc* (= *Martinz*), *Diaç* (= *Diaz*), *Fernandç* (= *Fernandez*), e analogas, — onde é etymologico: *Martinici*, *Didaci*, *Fer(di)uandici*. Estas palavras em port. ant. escreviam-se com *z* final, como ainda em hespanhol actualmente.

Segundo informações que colhi na localidade, quando lá estive em 1883 e 1884, e outras que me enviou o meu illustrado amigo, Rev. José Bernardo de Moraes Calado, Conego-Prior da Sé de Miranda do Doiro, o idioma de que me occupo usa-se em: Agoas-Vivas, Aldeia-Nova, Angueira, Caçarelhos, Cércio, Cicouro, Constantim, Duas-Igrejas, Especiosa, Fonte d'Aldeia, Fonte-Ladrão, Freixiosa, Genizio, Granja, Ifánez, Malhadas, Palaçoulo, Palancar, Paradella, Pena-Branca, Picote, Póvoa, Prado-Gatão, S. Martinho d'Angueira, S. Pedro da Silva, Sendim, Val d'Aguia, Villa-Chã da Barçosa e Villar-Sêcco.

E' para mim ainda duvidoso se se falla em Mora, Uva, S. Joanico, Carapicos e Atenor. E' provavel, porém, que, a fallar-se ahi o portuguez, este offereça algumas particularidades grammaticaes. Em Teixeira consta-me que não se falla mirandês. Na cidade de Miranda não se falla presentemente.

Na minha «Carta dialectologica do Continente Portuguez», publicada pela primeira vez em 1893, indiquei já a área do mirandês, designando alguns dos principaes lugares em que elle se usa. No citado livro que tenho no prelo com traducções camonianas, irá appenso uma carta especial da área geographica do idioma mirandês.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SEC. XVI ¹

(Continuação da pag. 21)

c) Phenomenos naturaes

E' innegavel que todos os actos da vida, quer da ordem physiologica, quer da social, dependem em grande parte dos phenomenos naturaes. A antiguidade e ainda hoje as classes que não tem recebido informação exacta das cousas, reconhecem essa ligação, invertendo, porém, os papeis. Esta ultima ideia, assim invertida, seria justa e de grandes resultados, se, em logar de ser acompanhada de simples aspirações e do emprego de meios usados na sociedade humana, conseguisse auxiliar-se de materiaes e de conhecimentos que produzissem

¹ Por lapso considerei o doc. que vai a pag. 5 como sendo de 1674: na realidade pertence aos primeiros decennios do sec. XVII; mas foi aproveitado no periodo referido como mostra do mau fim que tinham os protectores dos christãos-novos.

resultado seguro. D'este desejo infantil de tudo subordinar á vontade humana e do reconhecimento prematuro de pouco ou nada poder alcançar, resultou uma convicção lastimavel de inferioridade perante a natureza. Num povo animoso e brutal não se chegaria a tal decadencia de espirito: primeiro, porque se não teria tentado alcançar senão o que estivesse proximo; segundo, porque, provada a inhumanidade d'uma ideia ou d'um instrumento, ninguém se recusaria a modificá-la ou a pô-la de parte. Mas num povo indolente e cortês, ou que o conseguiu chegar a ser, uma phantasia é em breve substituída por outra ainda mais absurda, parecendo ás vezes serem inventadas com a consciencia plena da sua falsidade, sem deixar, contudo, de haver crentes d'ellas. Os proprios crentes pareceo tambem não acreditarem muito nisso, mas fazem-no por o parecerem tambem, porque lhes aproveita e não sabem melhor. Em resumo, todos fazem por se enganar, á parte alguns credulos ou incredulos teimosos e outros, victimas pouco habéis de intrigas, que se deixão sacrificar nas magnificas festas dos autos inquisitoriaes, e outras expansões populares, para dar uma apparencia de rigor ás leis estabelecidas. Segue-se, portanto, que não é necessario dar á Inquisição aquelle ar grave e de cumprimento severo dos seus estatutos, numma palavra, de incorruptibilidade que lhes estamos costumados a achar nos escriptos a respeito d'ella. Um individuo accusado dos maiores crimes para com a fê, sempre se podia salvar, confessando-os *a tempo*, retratando-se e denunciando; não sendo nada d'isto muito proprio para elevar o character, tornando-o apto para luctar com a natureza.

As condições essenciaes para a formação d'uma superstição, são o desconhecimento das origens de dado facto e a indolencia de investigação; estabelecida ella, vem a crença, que a fixa na educação e a intolerancia que lhe ganha novos terrenos. A superstição tem a qualidade de ser conservadora; mas, em contacto com outros ideias, modifica se nos elementos materiaes e sobrevive. Tal aconteceu aos banquetes funerarios, hoje cada vez mais raros em Portugal, e ontr'ora conhecidos com o nome de vodes, bodas (*rotum*) ou jantares, cujos nomes ainda perdurão. E' grande a quantidade de documentos, e de toda a especie, sobre os banquetes nos actos principaes da vida, nascimento, casamento e morte, os dos dois primeiros, talvez desdobramento do terceiro, convertêrão-se em negocio e nada temos com elles no estudo presente, os do terceiro, porém, tiveram desenvolvimentos e modificações extraordinarias. Nas festas principaes do calendario catholico tambem havia *bodes* que tem relação com os banquetes funerarios dos anniversarios. E' sabido que na lucta de duas crenças ha o que se póde chamar penetração de certos symbolos: o que está adoptado numa d'ellas póde entrar na outra com as mesmas exterioridades, mas no final aquella que perden a noção da sua origem é sufocada por inteiro pelas vegetações que tinha em vista combater, tendo tido a fraqueza de supportar os primeiros symptomas. Os jesuitas pretendêrão empregar este processo na China, o que lhes foi impe-

dido pelas outras ordens religiosas; e modernamente vemos a mesma tentativa de *transformação nos civis civis*.

No doc. XXX lemos, pois, um facto que, apresentado tal como está, representa uma *coisa vã*, uma *vaidade* (fictum), como lhe chamavam os theologos incredulos, e que obrigados a admitir a verdade dos factos, decerto verião nisto uma manifestação diabolica; mas, a habil conversão que se lhe deu, evitou todo o mal e satisfêz o povo. Sabemos que na antiguidade, e hoje nos povos naturaes, é costume levar alimentos aos mortos, que certamente se não aproveitavão d'elles, mas que os animaes, sempre numerosos nos sitios das defuncções, saboreariam com prazer, e posteriormente, mudando as condições economicas, os sacerdotes e os pobres. As crengas transformárão-se; mas os factos subsistirão. Os animaes, especialmente os larviformes e os carnívoros, rondando na proximidade dos depositos mortuorios, dêrão corpo á ideia de que elles erão os antepassados que por esta fôrma vînham servir-se do que lhes era devido. Ainda hoje entre nós temos a crenga nos lobishomens e nas bruxas, que se reúnem ás vezes nos cemiterios. O causante d'aquelle uso que pôde parecer piedoso, era o medo. Qualquer resultado desagradavel era attribuido á intervenção dos finados, que se vingavão assim da falta dos alimentos e do pouco cuidado do sitio onde estavam enterrados. Os sonhos, confundindo as imagens de toda a especie, dêrão este resultado. Se no documento considerado vemos attribuida á supressão do bodo a calamidade do pulgão e da lagarta, quer isto dizer que aquillo que fôra instituido razoavelmente, tinha perdido a sua historia e se conservava automaticamente nas suas exterioridades. Mas o caso não ficou ainda por aqui: a reunião annual, destinada a celebrar um facto já catholicizado, foi convertida em confraria ou irmandade, tendo por fim tratar dos irmãos desde o seu fallecimento. Se nos povos naturaes é habitual apparecerem em sonhos as almas dos antepassados, exigindo o tributo que lhes é devido, no nosso, não é menos vulgar a petição das almas dos finados, em sonhos, de missas e cumprimentos de promessas, que em vida, por qualquer motivo, não poderão pagar. O auctor do *Elucidario*, no termo *bodivo*, descreve os vodos numa fôrma muito proxima da verdade, quanto á sua passagem para o christianismo. Estrabão, descrevendo os lusitanos no Liv. 3.^o da sua *geographia* ¹, referindo-se ao vinho, diz: «o pouco que se fabrica, é em breve consumido nos grandes banquetes de familia tão frequentes entre estes povos».

Fallando dos *bodos*, não podem deixar de mencionar-se as corridas de touros. Este exercicio, convertido hoje em espectaculo, tinha sua razão de ser. A abundancia das manadas de touros sem dono (como actualmente nas planicies sul-americanas), dava a materia principal para os banquetes, tornando necessaria para isso a captura d'um d'aquelles bois selvagens dentro do proprio rebanho: operação sempre difficil. As emoções nascidas d'aqui, prolongarão este exercicio mais do que era

¹ Pag. 31, da traducção do sr. Gabriel Pereira.

necessario. A fabula de Gerião, morto por Hercules, e dos seus bois, fabula localizada na Península iberica, alguma razão teve de existir. Modernamente, suppõe-se que os monstros tão abundantes na historia mythica dos gregos, erão os ultimos exemplares da antiga fauna que aquelles emigrantes exterminarão ao entrar na Hellade. Na India (Ceilão) encontramos tambem um monstro unico, morto por D. Lourenço da Cunha ¹.

XXX. — Dom Joam, etc. ffaço saber a quantos esta mynha carta virem que os Juizes vereadores e pouo da vyta d'Atalaya me fizeram hũa pitiçã de que o trelado he o seguynte:

Dizem os Jujzes vereadores e pouo da vyta d'Atalaya que por sua devação faziã por dia da Açemção cadano hũu vodo por que noso sñor lhe tirase o pulgão e lagarta das vynhas que era muyta e lhas destroya e pela ordenação defender o dito vodo cesarão de o fazer e este Ano he a lagarta e pulgão tamto nas vynhas que lhe tem feyta muyta perda e porque por experiencia se vio a lagarta e pulgão deyxaŕe as vynhas e andará pelos matos dando se este vodo pedem a v. A. por amor de noso sñor lhes faça esmola de lycemca pera darem o dito vodo sê êbargo da ordenação e Receberã merçe.

E visto seu Requerimento e avendo Respeito ao que dizê, ey por bem e me praz que eles posam daquy ã diante fazer o vodo de que na dita pitiçã faz memção e esto ã quanto o eu ouuer por bem e não mamdar o contrajro sê êbargo da ordenação que ã tal caso tenho feyta e porê de todalas esmolas que lhes derê pera o dito vodo o Juiz e mordomos dele peramte o esprinam apartarão a quarta parte das taes esmolas e a êtregarão a hũ confrade ou a outra pessoa abonada ã cujo poder este segura e se caregara sobre ele ã Receyta ã hũ lyuro que o esprinam pera yso somente fara e esta quarta parte se despendera ã ornamentos e fabryqua da casa qual o dito Jujz mordomos e confrades virê que he majs necessaria e quãdo de nhũa cousa destas tyverem neccidade se despendera ã mysas pelas almas das pe-soas que deram as taes esmolas e no dito liuro se fara declaração do que acordarão sobre a despesa da dita quarta parte e se escrenera nele a despesa que ã cada hũu ano se dela fizer e o Juiz tomara cada ano conta a tal pessoa da dita Receyta e despesa e não se despendera ã comer nê beber nê outra cousa algũa salvo no que dito he e as outras tres partes das ditas esmolas despenderão no dito vodo segundo seu costume. Notefiquo o asy as Justiças a que ho conhecimento desto pertemcer e lhes mamdo que cumpram e goardem esta carta Inteiramente como se nela cõtem. Baltesar da Costa a fez ã Lixboa a iij de Julho Ano do nacimiento de noso sñor Jhũu xpo de j bº Rix. Manuel da Costa a fez scprever. (Liv. 4 de Privilegios de D. João III, fl. 5 v.).

¹ Gaspar Correia, *Lendas da India*, 1, 655. O facto deu-se em 1506.

XXXI. — Dom João, etc. saude. Faço uos saber que Antonyo Fernandez, morador na villa do Landroal Me enujou dizer per sua pitição que per hũ ferimento que fizera em Reixa noua com hũa besta a hũ Manuel Rico, mourisquo, fora preso na cadeia da dita villa aonde ora estaua avia perto de hũ ano que hera muyto doente de hũa ferida que na dita volta lhe derã nos peitos de que todas as luas nouas estaua pera morrer por que a ferida fora çarrada por Riba e ficara lhe o mal dentro e a parte por ser saã e sem aleijão não o acensara, antes hera sen amiguo. . . Dada na cidade de Dixboa aos tres dias do mes de feureiro de mil bº liij anos e feita na mesma cidade aos oito dias do mes dabril da dita hera. . . (Liv. 20 de perdões e leg. de D. João III, fl. 313 v.).

XXXII. — Dom Sebastyam, etc. a todolos Corregedores. . . saude. Faço saber que Manuel de Barros, meu moço da camara, preso na cadeia da cidade de Braguança, me êujou dizer per sua petyção, que elle fora condemnado em dous anos de degredo pera Africa, cõ preguão em audiencia, pela sentença Junta, por se dizer que elle suplicante cõ outros moços a manbãa de são Joãoão do ano de mil bº lxx ante menhã, Junto da dita cidade, salltarão con çertas moças de çidadees e outras pessoas que hyão colher erva. *saber*, moças de serujr de fora e peguarão dellas pera as forçarem; e do preguão fora nelle feita êxecução. . . e por que elle suplicante hera orfãao e menor que ao tempo do delyto hera de .xv. anos, pouco mais ou menos. . . Dada em Lixboa aos tres dias do mes dagosto e feyta aos xxbj de novembro. . . de j bº lxx anos. . . (Liv. 15 de leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 393).

XXXIII. — Dom Sebastião etc. faço saber que Cristonão Fernandez, laurador, morador ê Momte Redondo, termo da vylla de Tores Vedras, me êviou dizer por sua pitição, que, estando a dita nylla êpedida dos ares maus, de que deus nos liure, ele sopricante, bspora de pascoa florjda do presente ano de bº lxx, nã sendo sabedor do preço a que se talhaua a carne de vaqua na villa, por ser como era Rustico e viuer fora da dita vylla hũa legoa, ele vêdera hũa vaqua, a qual se talhara por sua ã hũ talho pubryco do dito lugar a dez reis ho a Rattel, que era o preço a que se talhaua a carne na dita villa, pelo que o mejrjuho dela o mādara citar, e tinha vyndo cõ libelo contra ele suplicante, por estar defeso por mynha ley que se vêdesse fora da nylla a carne nemos (*alius* menos) hũ Real. . . Dada na vylla dAlmejym a ix dias de mayo. . . de i bº lxx anos. . . (Liv. 10 de leg. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 96).

d) Doenças nervosas

As doenças nervosas, as diferentes fôrmas da loucura, taes como a epilepsia, o hysterismo, a chorea, serão desde o principio considera-

das como resultado da invasão dum espírito ou alma no organismo. Posteriormente, o espírito ou espíritos, quando produzião maus effeitos, forão denominados diabos, e ainda com outros nomes derivados na maior parte da Biblia, onde significavão deuses proprios aos povos inimigos dos hebreus. A introdução num individuo da alma d'um finado, representava sempre uma vingança, a qual tambem se poderia verificar por um tempo desfavoravel ou mau estado das culturas. O individuo naquelle estado ficava sob um poder extranho, de que se não podia livrar voluntariamente. Só as palavras mysteriosas dos exorcistas, dos quaes o primeiro (dentro do christianismo) foi Jesus, tinham a força sufficiente para os expulsar. Contudo, pelo estudo e pela observação, certos individuos, principalmente mulheres, conseguirão obter meios para a cura da *doulice*. Quaes elles erão não o sabemos; mas devemos suppor que erão elvados de praticas supersticiosas, que só os processos inquisitoriaes nos poderão revelar.

O sr. dr. Sousa Viterbo, *Noticia sobre alguns medicos portuguezes, etc.*, III, 20, cita tres nomes d'estes curandeiros: Antonio de Morim, Isabel de Macedo, e Maria de Gouveia, todos do principio do sec. XVII. Em 1575 encontramos sobre Antonia da Mota, um doc. a ella relativo, o qual vae publicado adiante. Como as doenças nervosas representão em geral a preponderancia de dado ponto do systema nervoso sobre este mesmo, que se vê obrigado a seguir em todas as suas extravagancias a localidade indisciplinada, podemos comparar com ellas a preponderancia, mais concedida do que ganha, de certas classes ou certos individuos, representantes do sobrenatural, num povo qualquer. Quando o sentimento justo do sobrenatural é temperado pelo *sentimento historico*, a influencia da tradição não se oppõe ao desenvolvimento de certos ramos do conhecimento.

Foi no meado do seculo XVIII que começou a ser estudado o que então se chamava magnetismo, e que por muitos era considerado como charlatanismo. Hoje está provado que só os que se submettem voluntariamente á sua influencia e são pouco dotados de resistencia nervosa, podem cair no somno. Mas a exploração dos phenomenos nervosos não é moderna, nem se limita aos povos cultos. A exploração tinha um fim pratico, principalmente para o curativo das doenças o descobrimento dos ladrões. A nossa litteratura africana pôde dar muitos exemplos. O sr. Ladislau Batalha, um dos chefes socialistas portuguezes, publicou, nos *Costumes Angolenses*, 1890 ¹, o seguinte: «... a embriaguez causada pelo emprego dos cheiros activos, a excitação dos sentidos, pela bulha estrondosa, mudada com os gemidos do doente e grita do povolo que se apinha, tudo isto a faz perder a consciencia do eu. Agita-se, convulsiona-se esgazeia os olhos, interifica os membros, dá um salto mais prompto que o da panthera; e ei-la de pé, passeando e fallando ao povo, sem consciencia de si, privada de sensação,

¹ *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

mas percorrendo, percorrendo com acerto sobre factos certos, succedidos na vida do doente».

Em 1891, *Revista de Educação e Ensino*, vi, 543, num artigo intitulado *O Recolhimento de Mofreita*, diz o sr. Ferreira Deusdado, professor extremamente catholico, a respeito de D. Antonio da Veiga, bispo de Bragança: «Na vida d'este prelado teem os cultores da hypnose muito que recolher; é crença ainda que elle magnetizava das janellas do paço episcopal, quando queria, os individuos que passavam, conseguindo até magnetizar cavallos indomaveis». Mais diz o mesmo professor: «Parecia ter sido um espirito insubmisso aos principios regalistas, convicto d'uma missão sobrenatural, fez, segundo é ainda hoje crença no povo, muitos prodigios, que lhe mereceram o epitheto de santo». E conclue: «Actualmente no bispado de Bragança trata-se da sua beatificação». O sr. dr. Teixeira de Aragão, cirurgião em chefe do exercito portuguez, diz no seu livro *Diaburas, Santidades e Profecias*, 1894, pag. 130: «Diziam-se coisas maravilhosas que alli se passavam (*recolhimento de Mofreita, fundado por D. Ant. da Veiga*), como o apparecimento do Menino Jesus e de Nossa Senhora, de anjos e outros personagens celestes, estando as recolhidas em extasis, onde recebiam revelações, chagas nos pés, nas mãos e no lado, produzindo milagres, apesar das perseguições do demonio; e que nestes phenomenos sobrenaturaes andava envolvido o prelado. A accusação dizia ser tudo fingimento, e a embustice foi desmascarada». Mais se fallava na investigação inquisitorial, a que se procedeu em relações especiaes do bispo com as regentes do recolhimento. O bispo D. Antonio da Veiga falleceu em 1819.

A tolerancia para com os loucos é moderna. Assim, vemos num processo da Inquisição de Lisboa da avó do celebre dr. Antonio Homem, *praeceptor infelix*, queimado, depois de garrotado, em 1624, por suspeitas, aliás confirmadas, de judaismo, a informação do *alcaide* do carcarce aos inquisidores sobre evidentes signaes de loucura da ré, taes como brincar com bonecos de trapos e outros factos; e não obstante isto, e fundados no attestado de medico do Santo Officio, affirmando serem vulgares em individuos de idade avançada taes fraquezas, que não impedião a doente de ter responsabilidade dos seus actos, condemnaram-na á morte na fogueira.

Juntamente com a perseguição aos loucos, que se manifestavão por fórmias não auctorizadas, encontramos o respeito e a veneração, e o que é mais, a obediencia aos principios propheticos dos maniacos, dos cegos, dos ignorantes e dos individuos de idade extremamente avançada. Os conventos erão os asylos d'outra classe de gente desprovida na maior parte do conhecimento real das coisas, onde se cultivavão todas as nevropathias, e onde ião todas as camadas sociaes procurar o conselho e a revelação. Não menos importancia se dava ás creanças, como já notou o sr. dr. Leite de Vasconcellos, assim como nos factos anteriores, *Tradições populares*, pag. 209. Todos estes individuos, desrespeitadores das fórmias sociaes em uso, exprimindo, sem medo, as

suas ideias ou as suas phantasias, erão considerados como tendo perdido, ou ainda não tendo ganho, a sua personalidade, e por intermedio dos quaes a divindade, quando não o demonio, se manifestava. Na pratica, era assim que se passava, e quem reconhecia estes actos e os podia manejar, ainda que lhe faltassem outros requisitos necessarios, podia facilmente aspirar e cumprir grandes coisas em seu proveito. Tambem era um bom *réclame* a castidade.

XXXIV. — Dom Sebastiam, etc. a todoslos Corregedores... saud. Façouos saber que Isabel Gonçalvez, dona viuua, moradora (*sic*) em Mazaguão, molher de AmRique Allues, bombardeiro, me çejou dizer per sua pytição qun ella tynha preso hũ filho na cadeia da corte que avya nome Lamçarote AmRiquez. de Idade de xxij anos, o quall hera atentado do demonyo e como lhe vynha a tentaçam lhe duraua per espaço de tempo e fazia e dizia cousas como pesoa fora de seu syso e por tall ser andamdo cõ ha tentação se lhe metera na cabeça que achara hũ thesouro douro em Mazaguão fora dos muros em hũa horta de seu pay e que publicamente disera que achara o dito thesouro, pelo que o capytão da dita villa de Mazaguão ho premdera e fora cõ elle ao luguar homde elle dizia achar o thsouro e mãdara disfazer teras e bem feytorias sem se achar nada e dysto se me escreuera e mãdara a dita villa o desembarguador tyrar devasa e perante ho desembarguador tornara ha confesar que o avya achado e tornado a fazer cavar e deRibar chafajz na dita orta sem se achar nada nem synall de tall poder ser e em todo este tempo o dito seu filho andara fora de sy e como vyera a cobrar sobre sy e ter Juizo logno dysera a verdade... e asy o dito Lamçarote AmRiquez ser seguo dos olhos e não ser para gualles... Dada nesta cidade de Lixboa aos xxj dias do mes dabrill... de j blxj anos. (Liv. 8 de leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 270 v.).

XXXV. — Dom Sebastião, etc. Faço saber que Ines Gonçalves, molher d'Afonso Castanho, canaleiro, morador na vila de Mazagão, me çvion dizer por sua petição, que ele tinha hũ filho per nome Antonio Castanho, de Idade de xx. atee xxij annos, que ora esta preso nesta cadeia da corte, e estando o dito seu filho ã Castella com certo dinheiro e fazenda do dito seu pay, fora ter cõ elle hũ Lãçarote Anriquez, outrosy morador ã Mazagão, e metera ã cabeça ao dito Antonio Castanho, seu filho, que avia achado ã Mazagã ã hũa orta de seu pay hũ grãde tesouro, com as quaes palauras atrayo asy ao dito Antonio Castanho, seu filho, eque gastara cõ elle quãto tinha, e o fizera vir com elle ter a Tauilla, donde disera o mesmo a outras pesoas, e que fizera fretar hũ navio e vyr a Mazagão ã busca do tesouro, e sãlo diso sabedor o capitão prãdera a todos, e depois de presos o dito Lamçarote Anriquez afirmara sempre teer o dito tesouro, e por suas palauras afirmatorias fizera Ir o capitão ã busca do tesouro, Imdo cõ elle mostrarlhe o luguar sã se achar nada, e tornandose sempre afirmar

que o tinha, fizera cõ o dito Antonio Castanho por estar tão Induzido disera aalgwas pessoas que avia visto o tesouro de modo que eu mandara hũ desçbarguador a dita vila de Mazagão a saber do caso... Dada nesta cidade de Lixboa aos noue dias do mes de mayo... de j belxj anos. (Liv. 35 de leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 179 v.).

XXXVI. — Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Symão dAndrade me enujoy dizer per sua pityção que andando elle ã Leyrya fora de seu Juizo, como costumaua andar cõ as luas de muytos annos doente diso e desacizado e furioso como he notorio nesta cidade e asy no meu paço onde fora visto per vezes cõ a dita furya como ã outras partes, e estando cõ o dito furor e doença ã Leyrya disera hũas pallauras jullgadas de homẽ doudo ao Juiz de fora da dita cidade, estando elle no coro do moesteiro de são Francisco aos dyuinios offiços, por o qual lugar estaua mais certo o dito furor doudyce, e as pessoas que presentes forã e ouuirão e ãtenderão que estaua elle soplicante cõ sua doudyce e asy diserão, fizera o Juiz auto das ditas pallauras e o Corregedor sendo Informado de sua doença o solltara a elle soplicante... Dada na cidade de Lixboa a iij^o dias do mes de setembro... de j belxb anos .. (Liv. 41 de leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 276 v.).

XXXVII. — Dom Sebastiam, etc. A todos os Corregedores, ouuidores, Juizes, Justicas de meus Reinos e senhorios a que esta minha carta de licença for apresentada e o conhecimento della pertencer, saude. Faço nos saber que a mjm enuyon dizer Antonia da Mota, molher de Domingos Corea, morador nesta cidade de Lixboa, ao Moyinho do Vento, que ella curaua té o presente de doudiçe, no que fezera muyto proveyto, e por que ella nã podia curar sã minha licença, me pedia lha dese pera curar da dita jndespossição e Receberya merce... E ao que constou do exame que lhe fez o doutor Sebastião Roiz dAzenedo, meu fisico moor, lhe dou licença pera que ella possa curar da dita Infirmitade de doudiçe somente, e de outra algũa Infirmydade não... vos mando que por asy curar da dita Infirmitade de doudiçe a não premdaes nem anexeis por ello. Dada na cidade de Lixboa ao derradeiro dia do mes de agosto... de mill e belxxb. (Chancellaria de D. Seb. e D. Henrique, liv. 34 de Doações, fl. 173 v.).

XXXVIII. — Dom Sebastião, etc. faço saber que Bertolamen Camello, estudante, orfão de pay e mai, morador na cydade de Braga, preso no castello della me enuyon dizer per sua petição que amdando nas escollas do collegio da dita cidade por ser muito curioso no estudo e de bom ãgenho vyera a adoeçer de mallenconja e paixões com que veo a dar ã farnesyys e sajr de seu Juizo com que amdou alljenado por espaço de tempo e curandose da dita doença lhe foy mandado pelos medicos que buscasse modos pera perder a tal mallemonia asy no bom vestydo como nos mais tratos que causão allegria, pelo

que mandou fazer nono vestydo. ss. huũ chapeo, todo fornado de tafeta preto e huũ ferraguello (*sic*) cõ huãs bandas do mesmo tafeta pelas dianteiras de huũ palmo e meio de largura e por a banda de cyma de huũ conto, de vallia todas de huũ tostão e que forão postas e no capelo do ferraguello quatro dedos de velludo preto cõ pestana que foy aualliaa e dous vinteis e huãs calças vermelhas de juperiaes forradas de tafeta pardo cortadas cõ golpes com treforros dalgodão e estopa que fazia juchimento que forão todas aualliaadas e bj.^a reaes e huã espada que pasaua da marca a epunhadura e maçaã com sua baynha de velludo e tallabartes do mesmo pespomtados e huũ punho de Retroz que vallja çinquo reaes e a baynha e tallabartes liij reaes e huũ pellote preto cõ huã cerrilha a Redor a dous cordões (?) com suas diamteiras forradas de tafeta velho e collar de pellote o que todo por ser velho e Roto diserã os ofyciaes que o punhão em nada. E o dito vestydo lhe fora contado em fenereiro passado pelo allcayde da dita cydade a Requerymento de Gaspar Cerqueira, çapateiro, e foy preso per mandado do Juiz... Dada e Lixboa a xliij^a de mayo... de j^o lxxbij. (Liv. 46 de leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 208).

PEDRO A. D'AZEVEDO.



MATERIAES PARA O ESTUDO

DA

PAREMIOGRAPHIA PORTUGUESA E HESPAÑHOLA

I

Adagios de Lope de Vega Carpio

DOR. — *Todas sabemos adagios, Gerarda.*

LOPE DE VEGA CARPIO, *La D rroca*, SCENA VI DO IV ACTO.

Lope de Vega, além de lyrico eminente e de fecundissimo dramaturgo, foi tambem nm critico cheio de humorismo e de bom senso, e um erudito muito notavel. As suas obras estão dando frequentes mostras da sua variada leitura. Era necessario, effectivamente, apesar do

seu genio inventivo, que quem tanto escrevia, lêsse tambem muito, para que assim colhesse de flor em flor o mel que tão bem sabia preparar. O cerebro é um forno que, para arder, precisa de lenha. Indubitavelmente Lope de Vega se retrata a si proprio n'esta conceituosa quintilha, em que transparecem os seus processos litterarios:

Como compones? Leyendo,
Y lo que leo, imitando,
Y lo que imito, escribiendo,
Y lo que escrivo, borrando,
De lo borrado escogiendo.

Diz elle que foi esta a resposta que n'uma comedia deu um poeta a um principe. Bem respondido.

Sacamos esta quintilha da mesma obra d'onde sacamos a phrase que nos serve d'epigraphe, e que pronuncia uma das personagens que entram na *Dorotea*, *accion en prosa*, como lhe chama o auctor, mas que é uma composição dramatica em cinco actos, misturada de muitos versos, de carecter philosophico e critico, em que se põe a ridiculo, com muita graça e discrição, o culteranismo, sobretudo o que elle denomina *Cultidiableness*.

E' obra recheada de erudição, e n'ella apparecem com muita abundancia os adagios, de que fizemos a collecção que segue. E' possivel que estejam todos recolhidos nos livros da especialidade, e que Lope de Vega não fizesse senão copial-os de lá; mas é possivel tambem que elle os derivasse directamente da sua origem popular. Como quer que seja, não nos parece trabalho inteiramente desprezivel a formação d'este ramilhete, em que talvez appareça alguma flor desconhecida dos herborisadores do genero.

Lope de Vega estudou mathematicas com o celebrado cosmographo portuguez Lavanha, a quem dedicon um soneto, publicado nas suas *Rimas*. Na *Dorotea* tambem allude ao nosso illustre compatriota na seguinte passagem: «Esto estudié en mi tierna edad del doctissimo portugues Juan Bautista de Lauaña».

A mina que nos forneceu o veio que exploramos foi a *Dorotea*, edição de 1675, estampada em Madrid por Melchor Sanchez. E' de erér, todavia, que nas demais obras do illustre escriptor hespanhol, sobretudo nas dramaticas, se encontrem ainda mais elementos d'esta natureza.

Galana es mi comadre si no tuviera aquel Dios os salve.

La casa quemada, acudir con el agua.

La mula buena, como la viuda, gorda y andariega.

Quando estas sean canas, la Luna tiene manchas.

Quien tunde el paño, quita la cresta al gallo.
Robles, y pinos, todos son mis primos.
Libro cerrado no saca Letrado.
Quien al asno alaba, tal hijo le nasca (a).
Grita niños, que baxa el viño, oy a quatro, mañana a cinco.
Un asno entre muchas monas, cocanle todas.
Tose el padre prior? Bueno será el sermon.
Tal sea mi vida, qual es la perdiz con lima.
Comer a gusto, y hablar, y vestir al uso.
Viene de la huessa e pregunta por la muerta.
Vieja que bayla, mucho polvo levanta.
Temas ay de gautilan, que está cocido, y quiere bolar.
Tres cosas hazen al hombre medrar : ciencia y mar y casa real (b).
Quien no ay mesura toda la Villa es suya.
Riñeme mi madre, y yo tromposelas.
Quien se viste de verde, a su rostro se atreve (c).
Escarvò el gallo y descubrió el cuchillo.
En Toledo el abad á huevo, y en Salamanca á blanca.
Beba la Picota de lo puro, que el tabernero medirá seguro.

(a) Alguns d'estes proverbios sacados da obra de Lopo de Vega existem na lingua portugueza. Confrontando os com os que vem nos *Adagios* de Antonio Delicado (Lisboa, 1615), parecem traducção literal uns dos outros. Assim este :

Quem o asno gaba, tal filho lhe nasça.

(b) *Tres cousas fazem ao homem medrar : sciencia e o mar e casa real.*
Quem não tem mesura, toda a villa é sua.

Este segundo corresponde ao que na actualidade ainda é muito vulgar :

Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

(c) Este faz bastante differença do portuguez, mas correspondem-se quanto ao fundo :

Quem do verde se veste, por formosa se teve.

Contigo me entierren, que sabes de cuentas.
El moço puede morir, y el viejo no puede vivir.
Arador de palma no le saca toda barba.
Pide el goloso para el deseoso (d).
Mas fuerte era Sanson y le venció el amor.
Esto y nada llevaoslo en la halda.
Cara sin dientes haze á los muertos vivientes.
Esse niño me alaba que come y mama.
A los vellacos moxallos.
Quando dieres viño á tu señor, no le mires al sol (e).
Que quiera que no quiera, el asno ha de ir á la feria (f).
Pesa presto Maria, quarteron por media libra.
No cabe mas en la taça que no es saca de lana.
Vieneme el mal que me suele venir, que despues de harto me
suelo dormir.
Pues si sabe la falta, dexe la causa.
Un cuchillo mesmo me parte el pan y me corta el dedo.
Labrar y hazer albardas, todo es dar puntadas.
El pan con ojos, el queso sin ojos, el viño que salte a los ojos (g).
Este tu hijo don Lope, ni es miel, ni es hiel, ni vinagre, ni ar-
rope.
Quando dan por los aladares, canas son que no lunares.
Escenderos de Hernan Daza, nueve debaxo de una manta.

(d) *Pede o guloso para o desejoso.*

(e) *No português o vinho é substituído por água :*

Água que deres a teu senhor, não a olhes ao sol.

(f) *Quer queira quer não queira, o asno ha de ir á feira.*

(g) *Pão com olhos e queijo sem olhos e vinho que salte aos olhos.*

No tiene mas frio nadie, que la ropa que trae (h).

Quando el guardian juega a los naypes, que haran los frayles?

Si como tiene orejas, tuviera boca, a muchos llamara a la picota.

La puerta pesada, puesta en el quicio, no pesa nada.

Topaste en la silla, por acá tia.

Adonde ay voluntad, mejor es entrarse, que llamar.

Como no riñe tu amo? Porque no es casado.

Cochino fiado, buen invierno, y mal verano.

Campana cascada, nunca sana (i).

Casaron a Pedro con Marignela; si ruin es el, ruin es ella.

Un ojo a la sarten, y otro a la gata (ii).

Un quartillo presto es ido, una azumbre tambien se sume, el ar-roba es la que abunda.

De los amores y las canas las entradas.

No ay buena olla con agua sola.

No ay casa donde no aya su chiticalla.

No seais hornera, si teneis la cabeça de manteca (j).

No ay olla tan fea, que no tenga su cobertura.

Nuestro yerno si es bueno, harto es luengo.

Nadie diga de esta agua no beberé (k).

Mudança de tiempos, bordon de necios.

Assi es redonda, y assi es blanca la luna de Salamanca.

(h) Cada um sente o frio conforme anda vestido.

(i) Campa quebrada nunca sara.

(ii) Um olho no prato, outro no gato.

(j) Não sejas forneira, se tendes a cabeça de manteiga.

Não ha panella tão feia que não ache seu cobertouro.

(k) Ninguém diga : d'esta agua não beberei.

La muger y el huerto no quieren mas de un dueño.
La donzella y el azor las espaldas al sol (1).
Desde la desgracia primera, ya soy donzella.
Haga quien hiziere, calle quien lo viere, mal aya quien lo dixere.
El dicho apruebo y el proposito no entiendo.
El golpe de la sarten, aunque no duele, tizna (m).
Gota a gota la mar se apoca.
Gavilan de Alcaraz mugeres, no tiene cascaveles.
Si quieres que te siga el can, dale pan.
Quien te governó, esse te enriqueció.
Quien en un año quiere ser rico, al medio le ahorcan.
Hacer bien nunca se pierde.
La flaca bayla en la boda, que no la gorda (n).
El polvo de la obeja, alcohol es para el lobo.
La vida del puerco, corta y gorda.
Niña es Marina, quando la llevan por el diente a Missa.
No dês consejo a viejo, ni espulgues çamarro prieto (o).
Ni tam yus, ni tan sus, ni tu pan en tortas, ni tu vino en botas.
Ni pierro negro, ni moço gallego.
El rozin en mayo buelvese cavallo.
Quando los Pedros están à una, mal para Alvaro de Luna.
Por el cabo de la cuchar sube el gato a la olla.
Ida y venida, por en casa de mi tia.

(1) *A donzella e o açor com a espalda ao sol.*

(m) *O golpe da sarten não fere, mas suja.*

Gota a gota, o mar se esgota.

(n) *A magra balha na boda e não a gorda.*

(o) *Castigar velha e espulgar cão, duas doudices são.*

La coz de la yegua no haze mal al potro.
Aunque la lima muerde, alguna vez se le quiebra el diente.
A carne de lobo, diente de perro.
Berças y nabos para en uno son entrambos.
Uñas de gato y habito de beato (*p*).
Tocòse Marignela y dexòse el colodrillo de fuera.
Obispo por obispo sealo Don Domingo.
Las malas tixeras hizieron a mi padre tuerto.
Que tienen que hazer las bragas con el alcavala de las habas?
La muger del ciego para quien se afeyta?
Quien tiene hijo varon, no dé voces al ladron.
Salime al sol, dixe mal e oi peor.
Las truchas y las mentiras, quanto mayores tanto mejores.
Quitosele el suelo al cesto, y perdimos el parentesco.
Romeria de cerca, mucho vino y poca cera.
Costumbres y dineros hazen los hijos cavalleros.
Las llaves en la cinta, y el perro en la cozina.
Ponte buen nombre Isabel, y casarte has bien.
Fuime a Palacio, fuy bestia, y vine asno.
Donde no està elRey, no le hallan.
Essa don Vasco, raspaosla del casco.
Està el mono en la pared, dize de todos y todos dél.
En casa del ruin, la muger es alguazil.
Mucho os quiero, Pedro, no os digo lo medio.
Entre pupa y buruxon, Dios escoja lo mejor.

(*p*) *Unhas de gato e habito de beato.*

Eu año caro, harnero espero y cedazo claro.
De la baca flaca, la lengua y la pata.
Dixo mayo a abril, aunque te pese me he de reir.
A su tiempo nabos en adviento.
Esse es de la boda, que duerme con la novia.
El mozo y el gallo un año.
La muger ha de ser como la muleta, la boca sangrienta.
La casada y la ensalada, dos bocados, y dexarla.
El hurtar es cosa linda, si colgassen por la pretina.
Hombres tan mirados, no juegen a los dados.
Hazte boba, Seneca de Segovia.
Contra peon hecho dama, no pàra pieza en la tabla.
Coscorron de la hornere no tiene pena.
Colorada, mas no de suyo, que de la Costanilla lo truxo.
Coxo y no de espina, calvo y no de tiña, ciego y no de nube, no
ay maldad que no encubre.
Mas vale rostro bermejo que coraçon negro.
Mejor es dexar á los enemigos, que pedir á los amigos.
Que has de hazer mano sobre mano, como muger de escrivano?
Medellin, bueno Medellin, hele aqui viene Lazaro Martin.
Mas vale dar buen trueno, que dinero a Mase Pedro.
Paz de gallego, tenla por aguero.
Arréboles de la mañana, á la noche son de agua (q).
Bien aya pan que presta y moça que le come.

(q) *Manhã ruiva dá vento ou chuva.*

Por certo que um exame mais attento dos *Adagios* de Delicado e de outras collecções portuguezas nos levaria a achar mais paridades e a estabelecer maior numero de confrontos.

Mas vale hazeña parada, que amigo molinero.

Por el alabado dexé el conocido y vime arrependido.

Mi hija hermosa, el Lunes à Toro, y el martes à Zamora.

Medicos errados, papeles mal guardados, y mugeres atrevidas
quitan las vidas.

Con un lobo no se mata otro.

Está conforme. Pela transcripção

SOUSA VITERBO.

GLOSSARIO

DE

palavras, locuções e anexins, raro conhecidos ou usados, fóra da região
em que foram recolhidos

Para certos leitores, o glossario que segue não terá o valor da novidade em algumas ou muitas das suas parcellas; tem, porém, é certo, outro valor de não menos legitima importancia, o da authenticidade.

O que aqui offerecemos foi recolhido directamente da bocca da gente do povo, nos Açores e em Trás-os-Montes, afóra o que vae avulso d'outras regiões.

Quando qualquer expressão nos feria a attenção, por inaudita, procuravamos disfarçadamente, na sequencia da conversa ou narração, apurar-lhe o significado; seguros da genuidade popular do termo e sua expressão, tomavamos então nota.

E bem significativas e até eloquentes são muitas d'aquellas maneiras de dizer, e é de sentir que andem alheadas da litteratura.

E' doutrina assente, que todo o litterato ou homem de letras deve procurar constantemente enriquecer o seu vocabulario, o seu instrumento de transmissão, e assim faziam os mestres, e o ultimo d'elles

Camillo. E litterato, ou homem de letras, é todo aquelle que põe á venda a sua obra litteraria. Se recebe lucros por ella, tem, portanto, a obrigação profissional de no-la dar o mais perfeita possível, pelo menos na linguagem, visto que esse attributo se adquire pelo estudo. Do outro, se a natureza não o fadou com elles... outro officio.

Assim entendemos o homem de letras.

Dos demais escriptores, taes como nós, esses são... *curiosos*. E quem não concorre aos lucros, não deve ser pateado.

I

Região de S. Miguel (Açores)

A'cérca d'esta região escrevemos algures sobre este mesmo assumpto:

A colonização criou nas ilhas uma vida autonoma no sentido economico, e desde então começaram a viver da sua vida propria; esta circumstancia, o seu isolamento insular, o largo afastamento do continente, e as difficuldades de navegação conservaram-nas por seculos pouco menos do que incommunicaveis, incommunicabilidade que era excepcionalmente interrompida pelos navios do Estado mandados da metropole em serviço da nação e do rei. Esta é a razão preponderante, pela qual muitas expressões empregadas ainda hoje correntemente nos Açores pelo povo menos culto (e por isso mesmo mais puro transmissor) são já archaismos, ou nomes antiquados, na maior parte das provincias de Portugal.

Esta é a razão ainda do importantissimo valor linguistico, historico e ethnographico que teem estas collecções nos modernos processos d'investigação e estudo.

A

Aboar, voar.

Aboiar, atirar um objecto pelos ares.

Achada, plan'alto; chã, chapada do monte. «*Achada das Furnas*» precede o «*Valle das Furnas*». (De «*achanada*», diz o Dicc. Con-temp.).

Adanar, nadar.

Africanada, fanfarronada. (Os açorianos concorreram, relativamente em grande numero, ás guerras d'Africa (sec. xiv e xv). D'ahi, naturalmente, nas suas narrações, as *africanadas*. Em Portugal o equivalente é *hespanholada*, e em Hespanha *portuguesada*). Veja-se *Moy-risca*.

Agua-viva, alforreca.

Alhora! Ora vejam! «*Alhora o demo da rapariga onde foi dar consigo!*» (Particular das ilhas d'oeste: Faial, Pico, etc.).

Alma lavada, leal, puro, verdadeiro, cavalheiresco. «*E' uma alma lavada!*»

Almece, sôro do leite. (Particular do Alemtejo, diz o Dicc. Contemp. Não é assim, como se vê).

Appello eu! Interjeição de protesto contra qualquer asserção, que nos sôa como injuriosa.

Arregeitar, arremessar longe, e com desprezo, uma coisa que nos indigna.

Arregoar, gretar, fender, abrir regos. «Depois dos ultimos tremores, quasi todas as casas ficaram arregoadas».

Arrifes (locativo), povgado suburbano de Ponta Delgada, que primitivamente assentou em *arrifes*, ou caminhos estreitos abertos em pinhaes.

Arrifeiro, natural dos arrifes, o povo mais rude da ilha. Homem alabregado, grosseirão, tosco, boçal. (Neste sentido figurado, é particular de S. Miguel).

Atimar, concluir, encerrar, ultimar. (Lá está no, embora apocripho, poema da «Cava», e ha pouco o ouvimos no «Auto pastoril» de Gil Vicente, representado em D. Maria).

B

Balça, salgadeira. Vasilha de madeira, para conserva de carnes.

Barba-de-rato, injuria, entre os pescadores.

Bardo, a vedação ou tapume d'um cerrado. «Bardo de silvas», «bardo de cannas», etc. (Tem o mesmo sentido em Trás-os-Montes. Veja-se o que dizemos, nesta palavra, nesta região).

Barrela, homem d'animo frouxo e mole.

Berraceira, berreiro, berraria, vozeria.

Bilha, o que em Lisboa tem o nome de botija. «Uma bilha de genebra».

Biqueiro, pessoa difficil de contentar em coisas de comer; de paladar muito exigente; que debica apenas.

Bizarria. «*Como vae essa bizarria?*» «*Isto é que é uma bizarria d'um homem!*» (Sempre em sentido levantado).

Bofes de cão (*ter*), diz-se do individuo d'indole malfazeja. (Corresponde a «*ter pelos no coração*»).

Bôga (*não*), não merece credito, não vale. (Corresponde, na gíria de Lisboa, a «*não péga*», «*não gruda*», etc.).

C

Camisão, o baixo plebeu, que serve nos trabalhos mais grosseiros: o *calças de couro*. (Este nome, particular das ilhas açorianas, deriva da comprida camisa tecida de fio d'estopa, usada como blusa pelos homens cujo mister não consente limpeza; lavam-na frequentemente e conseguem assim certo asseio).

Canada, azinhaga, caminho estreito por sitio ermo. (Lembra, pela forma e significado, as palavras *caneiro*, e *canaleja*, antiquada).

Carrilho, carôlo, ou espiga da maçaroca de milho.

Carôlo, o milho moido em grosso, para alimento de aves domesticas.

Castigo, nome generico de qualquer desolação proveniente de phenomenos naturaes, como abalos de terra, erupções vulcanicas, corridas de terreno por desabamento, inundações, séccas, etc. Escusado era accrescentar que estes phenomenos, hoje como no tempo de Gaspar Fructuoso, são julgados castigos divinos.

Cevadeira, saca de levar pão.

Chapirão, pranchão de madeira. Muito usado em sentido figurado, applicando-se a pessoa mal talhada de corpo, informe, desgraciosa, *que está por affeição*.

Charamba ou **balho**, (*folga*, nas ilhas d'oeste). Reunião de homens e mulheres para folgarem dansando: os instrumentos musicos usados são violas, ou viola e rebecca; e as danças mais estimadas: a *Chamarrita*, *Sapateia*, *Bella aurora*, *Pézinho*, etc.

Chincho

Chinchinho

Pechincha

Pechinchinho

} Pequerrucho, pequerruchinho, menino.

Compeçar, começar. (*Empeçar*, em Trás-os-Montes). «Era de 1379 annos, 2.^a feira, dito dia de maio, dia de S. Miguel, *começaram* de fundar a crasta da see de Vizeu e... etc. (Doc. ant. cit. por Berardo).

Costumeira, costume. Usança antiga que já destoa hoje.

Cramar, **cramação**, clamar; queixar-se em altos brados. Foi usado na Beira. (Em antigos tempos, sahia uma vez por anno o povo de Vizeu, no 1.^o dia da oitava do Pentecostes, em romaria á Senhora do Castello de Mangualde, em altas rezas e cantos, commemorando a tomada do castello aos mouros. A esta romaria, feita em grande *clamor* pelo caminho, chama-se o *cramol*).

Cumieira, cuneada. A linha de contorno superior dos montes.

D

Derramar (liquido), enternar. (Termo desconhecido do campo-nês michaelense).

E

Em-mentes, entretanto, emquanto. (Corresponde a entrementes).

Engeitar, regeitar, recusar-se a receber qualquer offerta ou dadia.

Escarolar, partir em pedaços. «A minha criada escarolou hoje a terrina».

Esgalhar, desfolhar «a esgalha do milho», descamisar a maçaroca; «a esgalha da uva», esbagoá-la.

Espadado, derreado, quebrantado de forças. «Estou espadado», isto é, moído (como o linho zurzido e macerado pela espadella; ou será derivado do antigo castigo militar — pancadas d'*espada* de prancha — que foi substituído pelas chibatadas? A primeira d'estas duas derivações é do Dicc. Contemp., a segunda é nossa, que apresentamos apenas como hypothese).

Estefana, mulher de fôrmas avolumadas e... accessivel.

F

Fajã, terra baixa e chã. (Ha nas ilhas bastantes freguesias d'este nome: «*Fajã de baixos*», «*Fajã do mar*», «*Fajã da ovelha*», etc.).

Faial , campo de faias	} Estes nomes designam actualmente freguesias, que assentaram naquelles campos: « <i>Faial da terra</i> », « <i>Fenaes da Ajuda</i> », « <i>Feteiras</i> », etc.
Fenaes , campo de fenos	
Feteiras , campo de fetos	

Fiuses, enredos interesseiros.

Flato, ataque nervoso, epileptico. O emprego mais particularmente açoriano é o de «*meter flatos na cabeça*» (d'outrem), por *desinquietar* *alguem*, ou *imbui-la de ideias más ou erradas*.

Folião, homem dado à folia. Designadamente os homens (2, 3 até 4) encarregados da musica e cantoria fóra da igreja nas festas do Espirito Santo.

Frecha de sol, raio de sol.

G

Gavela, mólho, braçado de folhas de milho (ordinariamente para alimento ou cama de gado).

Grael, celleiro.

Grave, bello, excellente. (O snr. Leite de Vasconcellos, diz algures, que os habitantes de «Duas Igrejas» (terras de Miranda) dizem que, quem falla mirandês, *falla mal*, e quem falla português, *falla grave*).

Grota, quebrada, barranco, algar. Nos Açores, país vulcanico, é este o nome usado para significar os rasgões abertos nas encostas pelas correntes lavicas, e continuados a escavar e profundar pelas torrentes pluvias.

Gueixo (gueixa), novillo, bezerro, vitello (vitella).

I

Inchas, grandes ondas.

Individo (por individuo?), homem desprezível, em todo o sentido. «*Chama-me antes ladrão, mas não me chames individo, ou viste?*»

Inticar, questionar enredando, embaraçando, emmaranhando com tricas e trapaças.

J

Jarro, o que em Lisboa tem o nome de *billia*, e n'outras terras o de *jarra*.

Jazida (termo dos moribundos), o estado do mar, na praia, quando achana (de 7 em 7 ondas, diz o povo) e favorece a entrada dos barcos no varadouro. «*Esperar a jazida*».

L

Lambeão (de fogo), labareda; que lambe devastadoramente. **Clarão** (de fogo): neste sentido ouvimo-lo applicado a uma aurora boreal, tomada por grande incendio.

Laparoso (injuria), repugnante, asqueroso. (Este sentido será derivado da repugnancia que infundiam os doentes de lepra, e como tal corrupção de — *leproso*, ou antes dos doentes de laparões (mormo) e d'ahi — *laparoso*?).

Lomba, lombada; o relevo do espinhaço d'um monte ladeado de grotas.

M

Mafôma, esculptura grande e tósca, figurando homem ou mulher, como as das prôas dos navios. (Lacerda diz que os *lavors ao modo mourisco* se chamavam *machombaria*, de *machoma*, corrupção de *Mafoma*).

Mancho, mólho que se abranja em uma mão (mais particularmente applicado a um atado de maçarocas, para pendurar na tolda).

Manchoqueira, accumulção de muitos rebentos de raizes.

Maniado, adoidado; «desarranjado de cabeça». (Não tem a significação restricta de *maníaco*, como se pôde suppor pela fôrma da palavra).

Marracho, tubarão.

Milheiro, canna de milho.

Miote, pinga.

Mingua (não faz), não faz mingua; não faz falta; não é necessario; não tira nada ao caso.

Molestia (não faz), não faz molestia; não faz embarço; não põe duvida; não faz mal algum.

Monica, nespera. («Magnoles», no Porto).

Mormo, mônio; de pouco prestimo. (Applicada mais particularmente pelos arreeiros e burriqueiros às azemolas ronceiras).

Mourisca, representação sobre um tablado, ao ar livre, d'uma peça em fôrma dramatica, por homens do povo, com o vestuario apropriado ao assumpto. (Supponho ainda que as guerras com os mouros, simuladas depois em alguns dos seus episodios e em certos dias de regosijo publico, são a origem d'este nome. Era de rigor o entrarem santos e santas — o orago da freguesia, quasi sempre — como o patrono e salvador dos christãos. Modernamente, as peças representadas teem variado assumpto sob o nome de *comedias*, com quanto o *trajo historico*, que os figurantes exhibem, continue a ser de... *mouro* (afirmam elles).

Vimos na Fajã-de-baixo, o *João de Calais* e a *Formosa Magalona*, postas em quadras pelo sr. Luis Dinis («quadradas», dizia elle).

A *Formosa Magalona*, de Luis Dinis, pouco tem d'inventivo, proprio da imaginação popular. O que vimos de mais curioso foi o uso tradicional no theatro antigo, da apresentação da peça e seu argumento, em algumas quadras que iniciam a representação; e a despedida do auctor como fechando. Na *Formosa Magalona* ha na despedida estas tres quadras entre outras:

Estando a scena acabada
Num vivo contentamento,
Ninguem diz q'um homem leigo
Fez este ad'vertimento.

Se quiserem para o anno
Aqui se acharem presentes,
Inda heide estudar cousa
Para irem mais contentes.

Um homem pobre como eu
Metter-se com tanta funcção,
Devia pelo governo
Ter uma gratificação.

Esta *bisca* ás gratificações do governo, é que foi saudada com a franca e ruidosa gargalhada popular.

Mysterio, tratos de terreno devastados pelas torrentes de lava candente das erupções vulcanicas posteriores á colonisação das ilhas, e onde ainda se vêem accentuados os estragos que fizeram na sua passagem.

N

Novellão, hortense (flor).

P

Paranhos, teias d'aranha.

Pastelleiro (designação locativa), terreno onde se cultivava o pastel dos tintureiros (planta), e que foi uma das riquezas das ilhas.

Pelejar, ralhar, reprehender. «O patrão poz-se lá a pelejar comigo...»

Pesqueiro, sitio á beira-mar, asado para a pesca á linha ou de rede pequena.

Pesqueira, mercado publico do peixe.

Pico (dos montes), cume, ponto culminante.

Pitafe, defeito. «Esta comida tem pitafe».

Poderes, abundancia. «Ter poderes d'isto ou d'aquillo», isto é, «ter á farta».

Pote, pucaro de barro.

Pois-é-levar, expressão de resignação ou de conformidade, como quem dissesse, completando o sentido: «Pois é levar com paciencia».

Pois, homem! exclamação.

— «Já você, compadre, fica sabendo que tração não é aquella mulher!

— Pois, homem!!

— Raio de fogo lhe pegue.

— E o marido?!

— O marido é um barrela!»

Q

Queixoso, doente. «O rapaz está queixoso».

R

Raieiro (ra), injuria: homem mau; mulher má. «Ah raieiro!...»

Raio de fogo lhe pegue, imprecação, correspondente á do continente «raios o partam».

Rebentão, ladeira íngreme, muito violenta de subir.

Representar, apresentar; expôr; offerecer. (Usado pelo Padre Vieira: «E quando este pensamento, que muitas vezes *represento* a Deus, em meus sacrificios... »).

Rico, riquinho, formoso; bonito; lindo; bem decorado. «Aquelle andor de Nossa Senhora estava mesmo muito riquinho».

Roberto, travesso; trocista; amigo de fazer partidas.

S

Somenos, inferior (se se trata de qualidade); reduzido (se se trata de quantidade).

— «E que tal é a noiva?

— Assim... coisa somenos».

Sugigar (muito usado no Faial), aguentar; ter mão; manter-se forte sem ceder nem quebrar; não se deixar embarrilar ou enganar em negocios.

— «Sugiguei-me nas pernas» (aguentei-me sem cair).

— «Sugiga essa corda pela ponta».

— «Cuidado. Sugiga-te com esse meliante».

T

Talhão, o utensilio caseiro, de barro, que em Lisboa tem o nome de *pote*.

Tarouco (ca), **Palhouco** (ca), apalermado; idiota; demente pela longevidade. (A um juiz, já muito velho, chamado Arouca, tratava-o o povo, nas suas conversas, pelo dr. Tarouco).

Tenda, officina. «Tenda de sapateiro», «tenda de ferreiro».

Tôca, a raiz das plantas, que mergulha na terra. «A toca do inhame quer-se sempre n'agua».

Tolda, piramide de manchos, suportada por quatro hastes de pinheiro ao alto, em fôrça, para que o milho seja arejado, (pois que, em granel, amontoado e sobreposto, fermentaria, em rasão da constante humidade na atmospherá insulana).

Tortura (fazer), causar desarranjo; embaraçar um negocio; entortar um proposito.

Tração, enredador; intrigante; pessoa que atormenta a alma d'outra. (O Dicc. de Lacerda dá o verbo *traçar* no sentido de *atormentar*).

Traçar, 1.º misturar, lotar: «traçar o vinho com agua»; 2.º reduzir o volume: «traçar o milho para dar á creação».

Tronqueira (designação locativa), passagem estreita, em estra-

da ordinaria, onde houve tronqueiras de portada ou cancella. «Tronqueira do Nordeste. Tronqueira da Varzea».

Tropicar, tropeçar a miúdo. «Aquelle asno vae sempre a tropicar».

U

Urzellina (termo locativo), terreno semeado d'urzella. (A urzella empregada na tinturaria, assim como o pastel, constituia outro ramo de riqueza dos Açores).

V

Vae-te arréca, corrupção de *vade retro*. «Vae-te arreca, coisa má!»

Verrumão, operario reles e tósco no trabalho. (Corresponde ao *remendão*, usado cá).

Vigia (locativo), sitio elevado e de vasto horisonte sobre o oceano, d'onde se vigiava os piratas da costa Atalaia.

Villão. Nas mourisas, em S. Miguel, ha sempre um numero do espectaculo reservado ao «Villão». Tem este nome um sujeito mascarado, que dialogando com outro sem mascara, satyriza em quadras a cidade e as outras freguezias. Este é o *deseñjativo* da funcção. Todos os circumstantes se approximam do palco, para não perderem o chiste dos gracejos. As gargalhadas e a rizota de centenas de pessoas estalama cada momento, enchendo os ares. Mas tambem mais d'uma vez, bordoadada brava tem posto termo á funcção... sem constar do programma.

Expressões que se mantem na lingua castelhana e que lá, uma vez por outra, ainda se ouvem da bocca do povo, mórmente quando canta os romances de aravias.

Castilho, castello.

Donzilha, donzella.

Morcilha, morcella (chouriço de sangue e adubos).

Expressões archaicas portuguesas

Todos los, todos os. «Todos los homens». «Todos los bois». **Todas las**, todas as. «Todas las casas». «Todas las moças». **Lo**, **la**, por **o**, **a**. «Eu não lo vi». «Eu não la vi». «Procurei-lo». **No**, **na**, por **o**, **a**. «Passar bem na noite».

II

Trás-os-Montes

(As palavras cujo significado vae acompanhado d'um B, foram ouvidas em Bragança; as restantes, em Villa-Real)

Alfurja, bêcco; passadiço estreito e immundo (B).

Alheira, as gorduras do porco, menos o toucinho, caldeadas com miolo de pão, adubadas com alho, etc., ensaccadas em tripa e postas ao fumeiro. Coisa assáz enjoativa e indigesta, para os estranhos, por gordurosa; mas, para o transmontano, e pelo tempo da matança, é o seu acepipe querido. Uma alheira assada nas brazas, para se esvasiar uma pichorra... não lhes conto senão por musica.

Bardo, renque d'esteiros de pedra ou d'estacas de madeira, que traça o confin de cada courella ou socalco, e servindo de suporte a bacellos. Os esteiros põem-se equidistantes e ligados por um arame, a que se encosta a vinha. Também ha bardos de cânhas ou de silvas, sómente para encerramento de terreno, como nos Açores. (Vide esta palavra).

Bôa!... (exclamação). Simplificação de «*Bôa vac ella!*» ou de «*Bôa pergunta!*», quando se quer dar a entender que a interrogação que nos foi dirigida não carece de resposta, por não ser duvidosa.

Boldrégo, homem sordido e repugnante. Porcallhão.

Borôa, pão de centeio e trigo. O pão feito exclusivamente d'este cereal, diz-se: «um trigo»; e se é um pão pequeno, «um trigui-nho».

Cabaneiro, pobre diabo que habita em cabana.

Cabo, termo; topo onde acaba. «O cabo da villa». «Ao cabo d'aquelle pinhal...»

Cachafrelho, malsim; guarda do fisco. Actualmente applicado aos fiscaes do real d'agua.

Caleija, -ão, viella (no sentido usado no Entre-Douro-e-Minho), via estreita (B).

Calondra, abobora. (A especie que é de côr amarella no interior, chamada nos Açores *mogango*).

Cangaço

Canganho { Engaço do cacho d'uvas.

Cango

Cardanho, casota muito indigente; casebre; choça.

Cimeiro, -a, de cima, de riba, d'alto. (O opposto a *fundeiro*, que está de baixo, no fundo. As gavetas d'uma commoda, as prateleiras da cozinha, as casas d'um povoado assente em encosta, lá tem as cimeiras e as fundeiras).

Corredoura, certo ance de caminho ou d'estrada, nas povoações ou proximo d'ellas, reservado para carreira de cavallo em tempo de feira de gado. Este nome, e com a mesma significação, estende-se a mais provincias. Encontra-se na Beira. Já em Cantanhede ha corredoura. Em Tuy (Hespanha) a rua principal, e onde se fazia o mercado, nomeia-se; «Calle de la Corredera».

Cothurno, a meia que vem até áquem do joelho. O cothurno de lã é usado pelos serranos, d'inverno. A meia curta, diz-se *meote*. «Tivesse vossemecê la gana, que os cothurnos não fariam mingua».

Desasnear, instruir, ser sensato. Um indigena de Terras de Miranda entra no escriptorio d'um advogado, para tomar conselho. Admirado de tantos livros pelas estantes (postos adrede para o effeito) observa-lhe:

— «Sois mui nobito! Já sabedes tudo isto?»

Dado o conselho, o bacharelote diz-lhe a importancia da consulta. O trasmontano, sem se perturbar pela exorbitancia disparatada da quantia, remata assim a conversa:

— «Tomaes lá ametade e basta. E trabalhae por vos desasnear».

E foi-se em boa paz, deixando o bacharel com cara de quem ainda... não se desasneou (B).

Empeçar, começar (começar no Entre-Douro-e-Minho e em S. Miguel — Açores) (B).

Escaleira, escada.

Escano, banco de madeira, comprido, largo d'assento e d'encosto alto (espaldar), collocado permanentemente junto da lareira. (E' um regalo, nas noites frias, de nevada. E se ha magusto!...)

Esterqueira, diz-se da gallinha que se alimenta na rua, esgaravando no esterco. «Gallinha esterqueira», gallinha de gente pobre, insufficientemente alimentada.

Esteio (de pedra), pilastra para suporte. (A' sahida de Villa Real, estrada norte, lê-se sobre um portão: «*Aqui se vendem esteios de pedra para bardos e ramadas*». Supponho que este annuncio não será entendido promptamente por todos os viajantes do sul do país. Veja-se *bardos e ramadas*).

Estrella, o brinquedo que, em dias de vento, os rapazes fazem subir e pairar no ar, chamado em Lisboa *papagaio*. Nas ilhas tem o nome de *joeira*. O contorno da *estrella*, assim como o da *joeira*, é exagonal, portanto differente do *papagaio*, que tem a fórma d'um sector.

Fundeiro, -a, de baixo; em logar relativamente inferior a outro; no fundo. Veja-se *cineiro*.

Guerra, dôres. «Guerra na cabeça» (B).

Lameiro, terra fresca, fertil, abundante de pastagem. Varzea.

Lareira, a pedra de feitio de mesa posta d'alto, ou rasa com o chão, onde se faz lume e se cozinha.

Leirão, ratazana dos campos.

Meão, -ã, mediano, -a.

Meote, meia curta; penga. (Differente do cothurno).

Milhão, milho grosso para pão, para distinguir do *milho painço*.

Mingua, defeito; embaraço. «Pôr mingua». «Fazer mingua». (No sentido de *necessidade* é termo conhecido e usado noutras provincias).

Miradouro, mirante; logar elevado d'onde se goza largo panorama.

Mógo, balisa ou marco de pedra, que limita terrenos. *Mógos de Malta*, logar no concelho de Carrazeda. O que significaria? A Ordem de Malta teve bens no nosso territorio: haverá relação? Não sei. Sei que por alli transitei em novembro de 1896, e que proximo da estrada vi de relance «*A Cabreira dos Mógos de Malta*», um quadro de natureza convulsionada pelo vulcanismo, como não conheço no continente outro tão terrivelmente caracterisco (B).

Cfr. tambem *Mogadouro*? (B).

Palmeiro, -a, de palmo de comprido. «Uma truta palmeira».

Piára, rebanho de gado. «Piára de carneiros». «Piára de porcos» (B).

Picarnel, azenha improvisada sobre as pedras da ribeira, aproveitando o veio d'agua mais grosso, na força do verão, quando a estiagem tem reduzido muito as correntes fluviaes. No Córgo armam-se varios picarneis, e é curiosissimo observar o moleiro neste lance difficil da lucta pela existencia.

Pichorra, piehel com bico.

Pintar (ou **não pintar**), acertar (ou não) com o effeito desejado. Parece-nos contracção da locução popular nas provincias do sul «Ficar ao pintar», quando uma coisa ajusta, conforme era nossa intenção.

— «Então, o remedio fez-te bem?»

— «Pintou» (B).

Quedo, -a, quieto, -a; parado.

Quelho, -a, viella, nos povoados; azinhaga, nos campos.

Ramada, latada; parreira alta. (As ramadas são usadas nas aldeias, de casa a casa fronteira, a resguardar-lhes as portas, as janelas e as ruas, do ardor do sol de verão; muito pittoresco).

Rasa, alqueire.

Tabolado, terreiro publico onde se correm cavalhadas, toiros, etc., nos dias de feira grande ou de festejo publico. Vem o nome de serem fechados os terrenos, nestas occasiões, por tapumes de taboado.

Toiral, terreno reservado ao mercado do gado bovino.

Têso (d'um monte, d'um outeiro). O viso; o alto; o cume.

Villa

Villar

Villarinho

Villarelho

Villela

Designações locativas, que marcam a gradação de importancia dos povoados.

III

Vocabulos avulsos

(Vae indicado, depois de cada significado, o lugar ou região em que a palavra foi recolhida)

Almofia, alguidar de barro vidrado, de tamanho mediano, que serve para comida. (Figueira da Foz).

Ancyra (Rua) em Miragaya, no Porto. Provocou-nos a attenção este nome d'uma pequena ruella em frente da fachada da igreja parochial de Miragaya. A primeira ideia que nos occorreu foi a de que Ancyra seja um adjectivo archaico, que, ligado áquelle nome, quizesse significar, por ex.: *rua larga*, *rua velha*, *rua ancha* (uma rua de Evora), etc. Mas não. Esgaravatando o caso, achámos o seguinte, e parece-nos ainda hoje ser este o fio da tradição: Ancyra é o nome d'uma cidade da Asia-menor. Clemente, o Santo Clemente do *Sanctorum* romano, prégou o christianismo na Armenia, e foi eleito bispo de Ancyra. A sua memoria ficou guardada com muita devoção entre os armenios. Ora, d'estas gentes veio um troço parar ao Porto, onde fundou uma colonia em Miragaya, e de que ha ainda um vestigio bem publico, na «rua Armenia», ou «dos Armenios», que lá está a dois passos da rua Ancyra. O que ha a concluir, pois? E' que os armenios teriam naquella rua uma capella dedicada a S. Clemente d'Ancyra, que este nome viria a ser o da rua, e que mais tarde, extincta a capella, desapareceria da rua o nome do orago d'ella.

Não será assim?

Carêtos, mascarar, ou mascarados. (Mira).

Jolda, companha; rancho. «Jolda de ceifeiros; de malteses». E' corrupção de choldra, ou vice-versa? (Beira e Alemtejo, regiões dos ceifeiros).

Magnoles, nesperas. (Em S. Miguel «monicas»). (Porto).

Portella, na estrada, o lugar de passagem que dá ingresso no povoado e onde se pagava a *portagem*.

Toino, vadio. (O *tuno* castelhano). (Covilha).

IV

Rifões e adagios populares

(Recolhidos por nós nas provincias e ilhas, por nos serem algo estranhos)

— Para seres pobre sem Deus querer, mette trabalhadores e não os vás vêr.

*

— Junta palha como oiro, e terás oiro como palha.

*

— Quem mal quer cear, tarde vá comprar.

*

— Corpo de pobre cabe em roupa de toda a gente.

*

— Em bocca de pobre tudo sabe a comer.

*

— Calça como veste e veste como calças.

*

— Fogem-lhe os pés para os tamancos.

*

— Comida fina em corpos grossos, faz mal aos ossos.

*

— Em quanto o burro bebe, bebe tambem o almocreve.

*

— Onde vae gallo de fama, não teem os frangos que fazer.

*

— Cada mocho a seu sonto.

*

— O rato sempre foge para a palha.

*

— Olha o vinho não se torne em vinagre.

*

— Nem todo o mato é oregãos.

*

— Nem em todo o mato se faz lenha.

*

— Quando isto é na estrada, o que fará no mato!

*

— Quando o gado que está no caminho é d'esta qualidade, o que fará o que está na feira!

*

— Ir contente como um gato com um peixe na bocca.

*

— Triste como um gato molhado.

*

— Fugir como um cão, de lata ao rabo.

*

— Nem o pae morre, nem nós ceamos. (Não é rifão popular, mas vae para fechar, pela sua originalidade espontanea e graciosa. Ouvimo-lo a uma creancinha, na inconsciencia da fatalidade que se avizinhava d'ella. O pae estava a expirar, mas ella, coitadinha, tinha muita fome, e era o que sentia mais, e por isso pedia de cear. A boa da mãe, afflicta e soluçante, dizia-lhe: «O' filho da minha alma, espera, tem paciencia, deixa-me ir a teu pae, que está a morrer». — «Ora isto! gemia elle impaciente e rabugento: Nem o pae morre, nem nós ceamos». Este estado indefinido tem os seus rifões correspondentes: «Casar ou metter freira»; «Cortar a cabeça á noiva ou os pés á mulla»).

HENRIQUE DAS NEVES.

MISCELLANEA

I

AMULETOS

I

1. Pedra contra peçonha

«Huma amendoa de ouro, que tem dentro huma pedra contra peçonha, pesa tres oitavas e cinco grãos».

2. Lua

«Huma Lua de ouro com uma çafira, e trinta e quatro rubinetes».

3. Lingua de escorpião

«Huma lingua de escorpião engastada em ouro, que pesa duas oitavas e setenta grãos».

4. Cabeça de vibora

«Huma cabeça d'ouro, em que andava metida outra de vibora, que pesa tres oitavas».

(Extractos do «Inventario da pedraria, perolas, ouro e prata, que estão encarregadas á camareira D. Meia d'Andrade». — Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa, t. II, das Provas, pag. 177).

II

1. A gram besta

«Animal que se acha na Scandinavia, e outras partes septentrionaes. De muitas partes do corpo deste animal se val a medicina para admiraveis remedios. Todos os dias padece de mal caduco, e metendo a unha do pé direito na orelha se cura. Por isso esta unha, e os aneis, que della se fazem são contra o mal caduco soberano remedio».

Bluteau. — *Vocabulario*, t. II, pag. 111.

2. Pedra de aguia

«No ninho da aguia se acha a pedra deste nome. Está como prenhada de outra pequena pedra, que tem dentro em si, o que parece indicio natural da virtude, que alguns lhe attribuem de ajudar as mulheres prehes no parto, ou de reter a creança no ventre».

Ibidem, t. I, pag. 189.

A. THOMÁS PIRES.

II

ANNUNCIO D'UMA ESTAMPA PROTECTORA CONTRA A CHOLERA

«Sendo a Virgem Nossa Senhora, debaixo do titulo de sua Conceição Immaculada, a protectora d'estes reinos, e que lhes tem vali-

do em todas as suas tribulações e calamidades, nas actuaes circumstancias em que a Justiça Divina nos castiga com o flagello da epidemia que tem grassado, ainda mais se patenteia esta Poderosissima Protecção de Maria Santissima, por isso que se tem experimentado, que todas as pessoas que com fé viva e confiança tem pregado a estampa da Santissima Virgem da Conceição nas portas de suas casas, as tem admiravelmente livrado do terrivel flagello: faz-se este aviso a todas as pessoas que d'este modo quizerem implorar o Patrocínio de Nossa Senhora». — *Gazeta de Lisboa*, num. 147, 24 de junho de 1833).

P. A. D'AZEVEDO.

III

FRANCÊS *oi* REPRESENTADO POR *oê*

Depois da revolução de 1640 forão chamados a Portugal muitos estrangeiros, principalmente franceses, para nos auxiliarem na guerra contra Hespanha. Entre outros veiu o engenheiro militar François Dumont, cujo nome apparece na carta patente, de que adiante se publica uma parte, convertido em *François Dumon* representando a pronuncia então normal em francês do *oi*. O emprego do *ç* neste documento é contrario ao uso moderno.

«Dom João &c. faco saber aos que esta minha carta patente virem que tendo em consideração ao contrato que o conde almeirante meu embaxador na corte de elRej christianisimo meu muito amado e prezado irmão e primo fez com *francoês dunon* frances pera vir a este Reino a servir de mineiro nelle e o fazer nas frontificações sitios ataques.» [*Torre do Tombo, Lic. 17 de Douções de D. João iv, fl. 211 v., anno de 1646*].

Este caso de *Françoês* ou *François* por *François*, pôde juntar-se áquelles que o sr. F. Adolpho Coelho reuniu na *Revista Lusitana*, I, 182.

P. A. D'AZEVEDO.

IV

NOTICIA D'UM ANTIGO CANTO EM HONRA DE S. TIAGO

No livro chamado dos *Copos*, onde estão lançados muitos documentos que em vão se procurariam noutros logares, encontra-se no seu principio, antes mesmo do prologo, a narrativa do apparecimento de S. Tiago a um bispo que posera em duvida o referido santo tomar parte, á maneira de Castor e Pollux, nos combates que se travavam entre christãos e mouros. A passagem mais notavel d'esta narrativa consiste na menção d'um canto popular em honra do heroe

christão, que nunca pousou os pés na Península, a não ser nas lendas. O fragmento que nos chegou é o seguinte:

Apostollo Santiago,
Caualleiro muyto honrrado,
Antre os moouros,
muy esforçado.

O escrivão do cartorio da Ordem de S. Tiago, que recebem encargo do príncipe D. João, depois rei D. João II, de colligir e transcrever nesse volume (ou mais) os documentos concernentes á Ordem, chamava-se Alvaro Dias de Friellas, era escudeiro da casa do infante D. Fernando, morto já então, e ouvidor do seu ducado de Beja e senhorio de Serpa e Moura. O titulo completo do officio de Alvaro de Friellas era o de escrivão da visitação e do cartorio e judicial da Ordem. Além d'isto era notario publico por auctoridade apostolica e real. Foi em 1484 que Friellas recebeu com todas as solemnidades legaes o encargo de formar o Tombo, que conservamos com o nome de *Livro dos Copos*.

E', portanto, anterior áquella data o fragmento de poesia popular que transcrevemos da narração que Friellas diz ter extrahido d'um livro, contando em grande parte a vida dos reis passados. O caso diz-se succedido no tempo de D. Affonso IV; mas, como um anonymo observou, deu-se no tempo de Fernando Magno. Não se pôde, porém, admittir que o romance citado seja da epoca referida, deve ser muito mais moderno, talvez mesmo do sec. XV. Segue a copia:

«Porem Eu scripuiam do dito Cartorio por principio desta obra. faço primeiramente aqui memoria que em hũu liuro que grande parte Reconta. dos Reys passados e de como gaançarõ a terra aos Infyees. Achey hũa estoria escripta cuja côclusam he:

Que ELREY dõ affonso ho quarto. ¹ teendo çerquada A çidade de coimbra auendo muyto que a nõ podija tomar. «Hyndo hũu dija do sseu aRayal hũu nobre homem que era electo bispo da dita çidade de coimbra. E era dija sancto. diz que estanan çertas molheres aseentadas ao ssol .s. em hũa aldeea honde ho dito electo pousaua. e cantauam hũa cantiga dizendo assy: «Apostollo santiago. Canalleiro muyto honrrado. Antre os moouros muy esforçado». E diz que o dito electo bispo. ouuindoas cantar esta cantiga. detene ho caualo e que hija e escuytou a cantiga. e Começou de rrjr contra [contra] os seus escudeiros. Dizendolhe nõ olhaaes aquella cantiga que aquellas molheres cantõ: Santiago nũca foy Caualleiro nem pellejou coos moouros

¹ Nota á margem em letra talvez do sec. XVIII: Mente, que este cazo foi no tempo de Fernando Magno, de Hespanha, na era de 1045, muito antes de haver Reys de Portugal, por sinal que o tal Bispo de que elle iguera o nome se chamava Stephano. V. L.^{do} Francisco Caro de Torres na historia das ordens militares, lib. I. § 5 f. 4.

Ante era contêpratiuo que seruía a deus. E aquellas molheres cantô lhe Caualeiro muyto hórado, antre os moouros muy esforçado. Diz a estoria que este ãllecto se foy assy Rijndo pera sua pousada. E que foy çerta cousa que aquella noyte Jazendo em sua Cama .s., acordando do primeiro sono. lhe appareço o dito apostollo santiago. armado ã çima de hũn muy fremoso caualo branco e cõ sua lança na mãao co a bandeira de xpo. E disse ao ãlleyto. dize. porque escarnecijas das molheres que me a cantiga cantauõ. Como tirar me queres tu ho nome que me Jhu Xpo deu. de seu caualleiro contra os moouros e tâto que for manhãa vay logo a ElRey dõ A.º e dilhe que tal diga. venha cõ sua gente cõbater a Cidade de coimbra sobre que ha tanto que esta. E de ho combate por tal porta. E eu a essas oras serey ally com elle. da parte de dêitro. e lhe abrirey as portas. e nos moouros faremos tal estrago. que a Cidade ficara por sua. E por tẽ crer da-lhe taaes sinaaes. E o dito ãlleyto ao outro diga contou tudo ao dito REY dom A.º E foy çerto que asy acõteço. E dally ã diante nas pel-lejas sẽpre chamarõ por elle. «E aa sua vespera e ao seu diga. o dito bispo lhe fazia senpre sollenes festas. E tene neelle toda sua vjda. muyto grande deuaçõ». deo graçias.

(*Archivo Nacional*, Ordem de Sant'Iago, n.º 272).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

V

UM FEITICEIRO DO SEC. XV E BENZEDORES DO SEC. XVI

Além da Inquisição e das determinações exaradas nas Ordenações reaes para uso do Estado, cada uma das entidades que tinham um atomo de auctoridade nas suas terras, perseguia com o maximo rigor todo e qualquer desvio religioso que se manifestasse nos seus vassallos. Não é facil saber como os senhores seculares portuguezes davão largas aos seus sentimentos religiosos e que gradações havia d'uns para outros. As Ordens militares, principalmente a de Santiago, não admittião taes peccados. Na Visitação de 1560, como se vê pelo excerpto adeante publicado, foi encontrado um João Conde, que curava as creanças aluadas. Anteriormente, em 1499, um certo Pero de Leão, qua era escrivão das dizimas em Sines, foi preso como feiticeiro e adivinhadeiro, e, principalmente, como blasphemador de Jesus Christo e de Santa Maria, o que era mais grave.

a) Eu dom Jorgee a quantos esta mjunha carta virem, faço saber que por parte de Joham Murzello, escudeiro, morador em Sam Tiaguo de Quacem, me foy ora dito: que Pero de Siam, esprivam da dizema Reall e saída da foz e dos direitos Reaes da mjunha villa de Sines, foy preso em a dita villa por brasfamador de noso Senhor deus

e de Santa Maria e por feiçeiro e adeunhedeiro, e, estando asy preso e acusado pella Justiça na cadeia, usaua do dito officio e pos outro esprivam por sy sem minha licença. E, sendo as Imquyrições tiradas contra elle, elle fugyo da cadeia pera Castella e o dito officio estava vago; pedindo me o dito Joham Murzello que lhe fizesse merce do dito officio... etc. Dada é Lixboa a xij dias do mes de Janeiro asynada por mjnha mão e aselada cõ ho sello de mjnhas armas. Pero Royz a fez anno de mjl e iij^{ta} Rix 1499 annos ¹.

b) It. achej per confjsam que Joham Gonçalvez he Joam de Moura que foram a casa de Joam Conde pedir lhe he Rogar lhe que fizesse allgũa cousa pera hūs menynos que tynhão doentes que djseram que hera da lua e o dito Joam Conde lhe deu sertas cousas de que elles husaram Em prejuizo de suas conqjemçjas he com pouco temor do senhor deus pelo que condeno a cada hū Em trezentos rs. pera çhamsellarja he meyrinho auendo Respeito a se vjrem acusar voluntariamente e lhes mamdo que se asoluão da escumunhão Em que Emcorreram per sua Reverendisima senhorja he este se pubrique Em suas pesoas.

It. achej que a molher de Pero Pardo bemze sem ljsença de sua Reverendisima senhorja he nom constar de como a tem pelo que a condeno Em mjl rs. pera çhancellarja he meirinho e lhe mamdo sob a dita pena Em dobro que mais ho não uze de bemzer sem llyçemça de sua Reverendisima senhorja pelo que tambem correo Em escumunhão e por tall a decraro ².

PEDRO A. D'AZEVEDO.

¹ Chancellaria antiga da Ordem de Santiago, Liv. 4, fl. 38.

² Visitação da igreja de S. Pedro de Palmella feita em 21 de novembro de 1559 pelo licenciado Aleixo de Albuquerque, desembargador da Relação do arcebispo de Lisboa, e encarregado de visitar as igrejas do Ribatejo; a qual foi passada em certidão a requerimento de Ruy Paes, que para isso tinha alvará regio, na data de 28 de março de 1560. *Arquivo Nacional*, collecção especial, caixa 161.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Recherches ethnographiques sur la salive et le crachat, croyances, coutumes, superstitions, préjugés, usages et remèdes populaires, — por Camille de Mensignac, Bordeus 1892, 115 pag. in-8.º gr.

Por ocasião da viagem de estudo que em 1897 fiz fóra do reino, encontrei-me no Museu Archeologico de Bordeus com o Sr. Camillo de Mensignac, conservador do mesmo, o qual, entre outras deferencias que teve para comigo, me offereceu o livro cujo titulo encabeça este artigo. Eu, para lhe manifestar o meu agradecimento, prometti-lhe publicar a respeito d'elle uma noticia na *Revista Lusitana*, e juntar a menção dos factos portuguezes analogos que eu conhecesse, ou pelo menos os que no acto da leitura me occorressem. D'essa promessa venho agora desempenhar-me.

O livro tem oito capitulos, em que o A., depois de breve introdução, se occupa successivamente: 1) da offerenda religiosa da saliva aos deuses; 2) do emprego d'ella nos juramentos e nas declarações de amor; 3) das differentes maneiras antigas e modernas de escarrar para insultar; 4) das superstições relacionadas com o acto de escarrar; 5) da crença na influencia da saliva nos animaes; 6) do uso da saliva para diminuir ou augmentar a violencia das pancadas; 7) da saliva como meio therapeutico; 8) diversos usos da saliva e do escarro.

Sendo o character do livro sobretudo supersticioso (religioso), parece-me que alguns dos factos indicados, por exemplo, no cap. 6.º (cuspir nas mãos, para que não escapem os instrumentos em que se trabalha na terra, — precaução meramente physica), não deviam ter cabimento nelle. A' parte este pequeno reparo, que tomo a liberdade de fazer, o livro parece-me muito noticioso e instructivo, e o A. tem o cuidado de indicar sempre as fontes a que recorre.

Passarei a citar alguns factos comparativos:

Diz o Sr. Mensignac a pag. 16: «Lorsqu'un enfant girondin veut qu'on croie à ce qu'il dit, il crache dans la paume de la main droite et la lève. Souvent, avant de la lever, il fait sur le crachat un signe de croix pour donner encore plus de force à son serment». Em Portugal (Fozcôa), quando se quer averiguar se uma criança falla verdade, diz-se-lhe, cuspinho na palma da mão esquerda, e fazendo sobre a saliva cruzeiros com o bôrdo interno da outra:

Cuspinho de pau, +
Cuspinho de ferro, +
Quem mente +
Vai para o Inferno +.

Ainda a proposito de juramentos. Quando duas crianças tem qualquer questão, e uma duvida da veracidade da outra, diz aquella: — *Juras aos pés de N. Senhora?* A outra ou diz que jura ou não; se diz que jura, a interlocutora toina-lhe:

— *Então cospe aqui.* E cospem ambas no mesmo lugar, ficando assim feito o juramento. (Fozcoá).

Sobre as várias superstições de cuspir no lume, pag. 25, tido como sagrado, cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 61.

Em virtude de a saliva manchar, os sacerdotes girondinos recommendam aos fiéis que não cusпам quando estiverem na igreja. Em Portugal tambem succede o mesmo. Mas aqui o facto tanto pôde ser supersticioso, como de pura civilidade. Por se temer a mancha produzida pela saliva, é que em certas terras nossas receiam comprar azeite em casa de uma familia que se suppõe de origem judaica; alguém d'ella poderia ter cuspidno no azeite!

Sobre escarrar na cara, vid. pag. 25 sgg. Isto é facto muito geral. Em Portugal, quando uma criança é offendida por pessoa de que não pôde vingar-se, atira-lhe uma *cuspada*, e chama-lhe judeu ou judia (Fozcoá); quando duas mulheres ralharem entre si, cospem na sola do sapato e mostram-na uma á outra, ou cospem na mão e levam-na ao trazeiro (Fozcoá). Quando uma mulher, numa discussão, quer asseverar que é muito verdadeira e capaz, diz toda irada: — *Eu cá posso cuspir para o ar, que não receio que o cuspo me cáia na cara!* E cospe. Se a saliva cái fóra, bem está; mas, se por acaso lhe cái no rosto, recebe grande curriada dos circunstantes (Fozcoá).

«Dans le département de la Gironde, il y a des personnes qui, lorsqu'elles prononcent le nom du diable, crachent à terre» (pag. 33). Em Portugal succede o mesmo. Como que a boca ficou manchada com o nome maldito, e por isso se deita fóra a saliva que estava nella: é meio de purificação.

Por occasião da recitação dos ensalmos, tanto nos tempos modernos, como já na antiguidade, cospe-se fóra. Vid. pag. 41 sgg. — Em Portugal tambem assim succede. Cuspir fóra neste caso corresponde a expulsar o espirito maligno.

«Quand l'oreille gauche (oreille du mal) tinte, c'est signe que quelqu'un dit du mal de nous; aussi, pour neutraliser l'effet de ces mauvaises paroles, nos Girondins s'empresment ils de cracher à terre» (Pag. 62). Em Portugal não existe, que eu saiba, a segunda parte da superstição; e a primeira são se refere a zumbido dos ouvidos, mas ao rubor ou congestão passageira do lobulo da orelha esquerda (más ausencias) ou direita (boas ausencias): cfr. as *Trad. pop. de Portugal*, pag. 253-4.

Uma noz mastigada por um homem em jejum, e posta na ferida feita por cão damnado, é remedio efficaz contra a mordedura (Pag. 90). — Em Portugal é muito preconizada contra ferida de pequena monta e leves inflamações (nos olhos, por ex.) a saliva em jejum. Isto em parte terá base natural, pois a saliva em jejum é ás vezes um pouco acida. Por brincadeira tambem no nosso país, quando alguém se fere brandamente, ou se magoa, se lhe cospe na parte molestada, ou se faz menção de se lhe cuspir. Em Fozcoá, quando duas crianças se marram, diz-se-lhes: *cospe, senão nascem-te corninhos.*

A' cerca de varios usos supersticiosos da saliva no nosso país vid. *Trad. pop. de Portugal*, §§ 335 c, 344-u. Nos jogos, para se saber qual dos jogadores ha de começar, cospe-se numa pedra, chamada a *malha*, e diz um dos parceiros para o outro: — *Que lhe pedes? Pão ou vinho?* Este responde *pão* ou *vinho*. O outro atira a pedra para o ar: se a saliva ficou para cima, é *vinho*; se ficou para baixo, é *pão*. Conforme o interlocutor tinha respondido *vinho* ou *pão*, assim é ou não o que começa o jogo (Fozcoá). — Duas crianças molham cada uma um dos dedos mendi-nhos com saliva, e um aproxima o seu dedo, assim molhado, do da outra; depois ficam comadres entre si (Ibidem).

Num dos volumes do *Archivio per le tradizioni popolari*, publicou o Sr. S. Pitre um artigo com o titulo de «Lo sputo e la saliva nelle tradizioni popolari di Sicilia», que poderá tambem interessar ao Sr. de Mensignac.

II

PERIODICOS

Revue hispanique. — Cfr. *Rev. Lusit.*, iv, 196. — Este importante periodico, em virtude da actividade e intelligencia do seu director, o Sr. R. Foulché Delbosc, tem continuado a sair com regularidade, estando já no 5.º volume. Os numeros apparecidos em 1897 e 1898 contém os seguintes artigos que se relacionam com o nosso país: Gonçalves Vianna, artigo sobre João de Deus (iv, 71); Delbosc, reflexões sobre a *Bibliographie des voyages en Espagne et Portugal* (iv, 108); relação da viagem do flamengo Eustachio de la Fosse na costa occidental, em Hespanha e em Portugal, em 1479-1480, publicada pelo director da *Revue hispanique* (iv, 74); noticia da *Pretidão d'amor* de X. da Cunha por G. Vianna (iv, 202); *Notas philologicas* por J. L. de V. (iv, 209); noticia da viagem de Boutroue a Portugal por Grandier (iv, 333); *Guillaume de Humboldt et l'Espagne* por A. Farinelli (v, 1); contém muitas noticias importantes á cerca da ethnologia iberica; noticia de *Les capitales du monde* (sendo a descripção de Lisboa feita por Dayot) por Grandier. — O Sr. Delbosc é devotadissimo investigador de assuntos litterarios de Portugal (e Hespanha); em 1897 esteve elle algum tempo no nosso país, onde deixou as melhores recordações em todos os que com elle trataram, — e eu fui um d'esses.

Revista do Minho, vol. xii (1898), n.º 1 a 17. — Entre os artigos que contém, especializarei como mais notaveis os seguintes; *Trovas alentejanas* por A. Thomás Pires; *Cancioneiro popular do Baixo-Alentejo* por Dias Nunes; *Cantos populares de Trax-os-Montes* por A. F.; *Cantos populares da Beira-Baixa* por A. Thomás Pires; *Jogos populares infantis* por Ladislau Piçarra; *Tradições populares* por Dias Nunes. — Este volume é sobretudo rico em collecções de poesia popular. Merece, sobretudo, dos trabalhos do Sr. A. Thomás Pires, o cancionero português popular em breve estará todo conhecido. Foiço tambem por vér que o Sr. Dias Nunez, que nos apparece neste volume com varios e interessantes artigos, prosegue fervorosamente no estudo da nossa ethnographia, que iniciou, segundo creio, na *Revista Lusitana*, iv, 101. — O Sr. José da Silva Vieira, publicando com todo o desinteresse e dedicação, como publica, a *Revista do Minho*, que já conta uns poucos de annos de existencia, torna-se credor da sincera estima de quantos estudam estes assuntos.

Revista de Guimarães, xv-3. — *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, por F. Martins Sarmiento (contém algumas lendas locais); *Folklore*, por D. Maria dos Anjos Montenegro Da Mesquita Paul (superstições portuguezas, dispostas por ordem alphabetica, — algumas d'ellas já publicadas por outros investigadores).

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

— No primeiro semestre escholar de 1897-1898, o distincto professor Sr. A. Morel-Fatio tomou para assumpto das suas prelecções no Collegio de França (Paris): Camões e a epopeia maritima de Portugal. Vid. *Revista critica de hist. y literat. esp. y port.*, pag. 312.

— Na *Méclusine*, ix, 12-16, publica o Sr. E. de Schoultz-Adamevsky, de Dorpart, um artigo intitulado «Chansons populaires portugaises», em que aprecia lisongeiramente as *Canções populares da Beira* dadas a lume pelo nosso collaborador Sr. Pedro Fernandes Thomás.

— A nossa collaboradora, a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, publicou ultimamente, com aquella riqueza de erudição e finura de juízo que caracterizam todos os seus trabalhos, os seguintes estudos sobre assuntos portugueses: critica ao opusculo de Mussafia *Sull'antica metrica portoghese*, in *Literaturblatt f. rom. Phil.*, xvii, 308 sgg. (cf. *Rev. Lusit.*, iv, 196); e notas aos Cancioneiros portugueses in *Zs. f. rom. Philolog.*, xx.

— O Sr. Dr. Emilio Hübnér, que é quem melhor conhece as fontes classicas da nossa Archeologia, inseriu na «Kiepert-Festschrift» um artigo sobre o NO. e SO. da Hispania, onde interpreta uns passos da *Ora maritima* de Avieno relativos á Galliza e ao Algarve.

— Nos «Supplementi periodici» do *Archivio glottologico italiano* tem o Sr. Claudio Giacomino publicado uma série de suggestivos estudos em que tenta interpretar pelo vascenço alguns dos antigos textos ibéricos, taes como se acham nos *Monumenta linguae Ibericae* do Sr. E. Hübnér.

*

Obras ultimamente publicadas sobre assuntos de que se occupa a *Revista Lusitana*:

— **Para as crianças**, publicação periodica, por D. Anna de Castro Osorio. Contos populares com forma litteraria adaptados ao espirito infantil. Setubal.

— **Litteratura portugueza**, por Mendes dos Remedios, destinada aos lyceus. Coimbra 1898.

— **Introdução á historia da litteratura portugueza**, por Mendes dos Remedios, 2.^a ed., Coimbra 1898. Tem 3 partes: a 1.^a intitula-se *Philogia Portugueza*; a 2.^a e 3.^a versam sobre litteratura grega e latina. O auctor procura seguir o bom methodo, e apresentar com clareza e ao alcance das intelligencias da juventude, a quem o livro se destina, o resultado dos seus estudos: todavia não direi que tudo se possa aceitar sem mais exame. Assim não me parece que, como diz a pag. 31, a expressão *noro-latino* seja contrária ao genio da lingua latina, pois que nessa lingua existe tambem, por ex., *sacrosanctus*, onde o thema do primeiro elemento acaba em -o. A pag. 46 dá *barca* como de origem phenicia, e a pag. 47 *barco* como de origem normanda: ora evidentemente trata-se de uma só palavra. A pag. 47 dá *temão* tambem como normando; mas é o lat. *temone* (m). Alguns dos exemplos de permutas phoneticas, dados de pag. 52 em diante, não os julgo bem escolhidos, pois se trata ás vezes, não de factos geraes, como seria desejavel, mas de factos exceptionaes, que precisam de explicação particular, a saber: *abantesma*, *fome*, *migo*, *tigo*, *sigo*, *cumpro*, *entrudo*, etc. O Sr. Adolfo Coelho cabiu no mesmo engano no seu livro escholar *A lingua portugueza*, 2.^a ed., pag. 82 sgg. As formas que o Sr. Dr. Remedios cita, *gruta*, *gamella*, a pag. 53, não são comparaveis a *amigo*, onde o *g* é medial, ao passo que nas primeiras é inicial. *Agouro* não vem de *augurium*, mas do lat. pop. *agurium*. A etymologia de *Setubal* é duvidosa, como mostrei no *Archeologo Português*, i, 59 sgg. — O A. cita-me tantas vezes, e é tão amavel para comigo, que eu não me considero em verdade o mais competente para poder com independencia fallar do seu livro, porque, onde o elogiasse, poderia parecer suspeito, e onde o censurasse, poderia parecer ingrato.

— **Ensaio ethnographico**, por J. Leite de Vasconcellos, 1.^a vol., de 374 pag. (1891-1897). Contem duas partes: I) *O Presbyterio de Villa-Cova*. II) *Historia dos estudos feitos acerca das tradições populares portuguezas*. — A' venda em Esposende, em casa de José da Silva Vieira, editor, e em Lisboa, na livraria Bertrand.

— **Religiões da Lusitania**, por J. Leite de Vasconcellos, 1.^a vol., de xl-443 pag. Lisboa, 1897. Trata das religiões dos povos prehistoricos. — A' venda em Lisboa, na livraria Bertrand. Preço 1\$500 réis.

— **Historia da litteratura portugueza**, por Theophilo Braga. Porto, livraria Chardron. Consta de varios volumes, e estão por ora publicados os seguintes:

a) *Introdução á theoria da historia da litteratura portugueza*, 1896, viii-440 pag.

b) *Sá de Miranda e a escola italiana*, 1896, viii-402 pag.

c) *Bernardim Ribeiro e o bucolismo*, 1897, vi-435 pag.

d) *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, viii-544 pag.

— **O Archeologo Português**, collecção illustrada de materiaes e noticias publicada pelo Museu Ethnologico Português, de Lisboa. Estão publicados tres volumes, e já sahiram seis numeros do vol. iv, estando para sahir do prelo mais tres numeros.

— **Vida e obras de Luis de Camões**, por Wilhelm Störck, 1.^a parte, traducção (annotada) do original allemão por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Lisboa, 1898, 747 pag. in 4.^o gr.

*

— O sr. Epiphânio Dias, professor do Curso Superior de Letras, de Lisboa, está organizando os seguintes trabalhos, que, em virtude da grande competencia do auctor, são esperados com ansiedade pelos estudiosos :

a) Uma grammatica historica, desenvolvida, da lingua portuguesa ;

b) Um dicionario português-latino ;

c) Uma edição critica dos *Lusiadas*.

Os dois primeiros trabalhos estão já bastante adeantados ; o último, quanto seja por ora o mais atrasado dos tres, será, porém, o primeiro que sahirá a lume.

*

— Tenho presente o prospecto de um novo periodico de ethnographia portuguesa, intitulado *A Tradição*, que vai ser publicado em Serpa pelos snrs. Dias Nunes e dr. Ladislau Figarra, a ambos os quaes me referi acima. Embora já haja no nosso país dois periodicos consagrados ao estudo das tradições populares, a *Revista Lusitana* e a *Revista do Minho*, e muitos outros as publiquem com frequencia, a *Tradição* póde prestar bons serviços, sobretudo se procurar archivar materiaes collidos na vasta região. — o Alentejo —, em que sairá á luz ; assim contribuirá de modo especial para o conhecimento da vida local de uma das nossas provincias ethnographicamente melhor caracterizadas. Em todo o caso, num país pequeno como o nosso, onde os collaboradores e leitores das publicações d'este genero hão-de ser com pouca differença sempre os mesmos, mais valeria concentrar as forças do que dispersá-las.

J. L. DE V.

DIALECTOS CRIoulos PORTUGUESES DE AFRICA

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

Passámos o limite aonde chega
O sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a cor do dia.

Camões, *Lusiadas*, v, 7.

Uma das secções da minha *Dialectologia Portuguesa*, em que ha alguns annos trabalho, deve ser constituída pelos *Dialectos ultramarinos*, a que os *Crioulos* pertencem. Preciso pois de me occupar d'estes. Antes porém de apprehender o estudo geral dos mesmos, convem-me ir publicando pouco a pouco várias noticias e materias, como a respeito dos dialectos do continente e das ilhas tenho feito em numerosas monographias: assim preparo o terreno para o meu trabalho definitivo, e ao mesmo tempo despertarei num ou noutro leitor interesse pelo assumpto. Correm já impressos dois opusculos meus, um com o titulo de *Dialecto brasileiro* (1883), e outro com o de *Sur le dialecte portugais de Macao* (1892); o primeiro porém foi escrito a proposito da critica de um livro de tradições populares, e o segundo não vae além de algumas indicações bibliographicas.

Ao publicar a serie de artigos, que hoje começo a publicar, tenho pois intuitos diversos dos dos Srs. Adolfo Coelho e Hugo Schuchardt, que tambem publicaram muitos artigos sobre os crioulos: ao passo que estes philologos procuram no estudo dos crioulos sobretudo elementos de glottologia geral, — e tanto que o primeiro não se limitou á área dos crioulos portuguezes, mas percorreu a de outros crioulos romanicos, e o segundo, não se contentando com a área romanica, passou ainda á germanica ¹ —, eu nesta serie de artigos, pretendo exclusivamente servir a Dialectologia Portuguesa; se ás vezes sahir d'ella, será de modo accidental.

¹ O proprio Sr. Adolfo Coelho dá tambem várias indicações sobre os crioulos germanicos nos seus trabalhos: I, 62; III, 45.

*

Circumscrevendo-me por agora aos crioulos de Africa, aqui deixo nota de tudo o que a proposito d'elles actualmente conheço, ou, pelo menos, de tudo o que a tal respeito me occorre.

Como hei-de referir-me diferentes vezes aos trabalhos dos dois citados philologos, menciono de antemão, por extenso, os titulos, que depois só mencionarei resumidamente:

Adolfo Coelho: *Os dialectos românicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*, — 1.º artigo, Lisboa 1881; 2.º artigo, Lisboa 1882; 3.º artigo, Lisboa 1886. Publicados no *Boletim da Sociedade de Geographia*, d'onde se fizerem separatas. O A. diz a pag. 50 do 3.º artigo que não se despede dos crioulos, mas de 1886 para cá não publicou mais nada, que eu saiba. — Os mencionados trabalhos, que preencheram uma lacuna na nossa litteratura, despertaram tambem certo interesse lá fóra. Em appendice ao 3.º artigo, pag. 51, citam-se varias criticas publicadas por especialistas a estes trabalhos. — O Sr. Coelho é além d'isso auctor de uma critica publicada no *Journal du Commerce*, n.º 8740, a um dos trabalhos do Sr. Schuchardt, que adeante cito (*Kreolische Studien*, i).

Hugo Schuchardt: *Kreolische Studien*, i-ix, Viena d'Austria 1882-1891, — 9 opusculos (separatas das Actas da Academia Imperial das Sciencias); *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch*, i-v, publicados na *Zeitschrift für romanische Philologie* de Gröber, xii-xiii. — O mesmo A. tem dado a lume algumas criticas sobre os nossos crioulos. Sei das seguintes: in *Zeitschrift* de Gröber, v, 580-581, a respeito dos artigos do Sr. Coelho; in *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, 1883, col. 279 sqq., tambem a respeito do Sr. Coelho; no mesmo periodico, 1887, col. 132 sqq., a respeito do trabalho dos Srs. Vieira Botelho & Custodio Duarte, citado a baixo; no mesmo periodico, 1889, n.º 12, a respeito do trabalho do Sr. Paula e Brito, tambem citado adeante ¹. — E' admiravel o senso glottologico e a riqueza de erudição que o Dr. Hugo Schuchardt revela em todos esses escritos; as proprias criticas encerram bellas e penetrantes observações.

Passarei seguidamente á noticia bibliographica especial de cada crioulo ou de cada grupo de crioulos ².

¹ D'esta ultima critica possuiu uma separata (sem paginação), que o Sr. Schuchardt me enviou; das duas precedentes publicadas no *Literaturblatt* não possuiu senão a 2.ª (no proprio jornal).

² Quando digo *crioulo de tal* ou *tal terra*, não quero dizer que lá haja um crioulo proprio d'ella, e distincto dos de mais, mas simplesmente que lá se falla crioulo. A distincção e classificação rigorosa dos crioulos só depois de collidos muitos materiaes se poderá emprehender.

I. GENERALIDADES SOBRE O PORTUGUÊS DOS NEGROS:

- a) Schuchardt, *Beiträge*, I.
- b) Frederico de Barros, «Lingua creola da Guiné Portuguesa e do Archipelago de Cabo-Verde», in *Revista de Estudos Livres*, 1885-1886, pag. 153.

II. ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE ¹:

1. Crioulos de Cabo-Verde em geral:

- a) Coelho, I, 1-2, que reproduz uma breve nota de Lopes de Lima, *Ensaio*, 1844, I, 109;
- b) Coelho, III, 1-2, que reproduz uma breve nota de Silva Caetano, e parte do citado artigo de Frederico de Barros;
- c) Vieira Botelho da Costa & Custodio José Duarte, «O creôlo de Cabo-Verde», in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, VI, 325 sqq.
- d) Schuchardt, critica ao trabalho precedente in *Literaturblatt* citado a cima.
- e) Nas *Iles de l'Afrique* por D'Avezac, Paris 1848, no § v, à cêrca das ilhas de Cabo-Verde (escrita quasi inteiramente por Mac Carthy, — vid. pag. 171, nota), ha, a respeito do crioulo português, umas breves indicações a pag. 191.

2. Crioulo da ilha de S. Antão:

- a) Coelho, I, 4 sqq.;
- b) Lista de expressões in *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, 1885, pag. 103 e 291;
- c) Amostra in *Rev. de Estudos Livres*, já cit.;
- d) Tradução de duas estancias dos *Lusiadas* (v, 8-9) pelo Rev. Conego A. da Costa Teixeira in *Rev. Port. Col. e Mar.*, n.º 9, 1898, junho, pag. 567.
- e) Varios textos publicados pelo mesmo Sr. no seu *Almanach Luso-Africano* de 1899, pag. 29, 112, 251, 327, 363, 408 e 447. Alguns dos textos são acompanhados de notas. O Rev. Conego Costa Teixeira teve a bondade de me offerecer um exemplar, com correções e additamentos manuscritos, o que augmenta o valor dos artigos. Este *Almanach* é um repositório de curiosas noticias e artigos, cuja coordenação bem mostra quanto o seu redactor, o Rev. Conego Costa Teixeira, é illustrado, e se interessa pelo progresso intellectual dos povos do Archipelago.
- f) Tradução manuscrita de mais cinco estancias dos *Lusiadas* (I, 1-2; IV, 76-78), tambem pelo Sr. Conego Teixeira, as quaes publico adeante.

¹ As ilhas que constituem o Archipelago de Cabo-Verde formam dois grupos: *Barlavento* (ilha de S. Antão, de S. Vicente, de Santa Luzia, de S. Nicolau, da Boa-Vista, do Sal, e os ilheus Branco e Raso); *Sotavento* (ilha do Maio, de S. Tiago, do Fogo, Brava, e os ilheus Rombo, Grande e outros menos importantes).

3. Crioulo da ilha de S. Nicolau:

Possuo uma quadra manuscrita e uma brevissima lista de expressões, que devo á informação de um missionario, e que publicarei adeante.

4. Crioulo da ilha da Boa-Vista:

a) *Mar-Canal* (canção com musica) e *Tio Beth* (só musica), publicadas pelo Sr. Conego Teixeira no seu *Almanach Luso-Africano* de 1895, entre pag. 136 e 137, —folha sem paginação—. O Sr. Conego, no exemplar que me offereceu, juntou a traducção portugueza.

b) Dialogo crioulo, com traducção e notas, pelo mesmo, *ibidem*, pag. 148-151.

5. Crioulo da ilha do Sal:

Algumas notas de Botelho da Costa in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1882, pag. 667.

6. Crioulo da ilha de S. Tiago:

a) Coelho, I, 23 sqq.;

b) Amostras in *Revista de Estudos Livres*, 1885-1886, pag. 153, e pag. 239-240;

c) Paula e Brito, *Apontamentos para a grammatica do crioulo que se falla na ilha de S. Tiago de Cabo-Verde*, Lisboa 1887, 57 pag. (Separata do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, VII, n.º 10);

d) Schuchardt, critica ao trabalho precedente in *Literaturblatt* citado acima;

e) Schuchardt, *Beiträge zur Kenntnis des kreol. Romanisch*, III, «Zum Negerportugiesischen der Kapverden» (Praia, —S. Thomé), in *Zeitschrift de Gröber*, XII, 312 sqq.

f) Tenho muitas notas manuscritas que ha annos tomei da bôca de um natural de lá, e que publicarei adeante.

7. Crioulo da ilha do Fogo:

Conservo manuscritas várias observações que colhi ha annos da bôca de um meu discipulo natural de lá, e que publicarei adeante.

8. Crioulo da ilha Brava:

a) Amostra na *Revista de Estudos Livres*, 1885-1886, pag. 154, reproduzida por Coelho, III, 2;

b) Eugénio P. Tavares, «Manilla», canções populares, in *Almanach Luso-Africano* de 1895, pag. 101.

III. PROVINCIA DA GUINÉ¹:

a) Bertrand-Bocandé, «De la langue créole de la Guinée por-

¹ Tambem se chama, mas impropriamente, *Senegambia portuguesa*: vid. Ernesto de Vasconcellos, *As colonias portuguezas*, Lisboa 1896, pag. 9.

tugaise», in *Bulletin de la Société de Géographie de Paris*, 1849, pag. 73-77: artigo reproduzido por Coelho, I, 25;

b) José de Sousa Monteiro, «Estudos sobre a Guiné de Cabo-Verde», in *Panorama*, x e xii; faz algumas allusões ao crioulo: cfr. Coelho, II, 2;

c) N.ª *Fraternidade*, folha dedicada a soccorrer as victimas da estiagem da provincia caboverdiana, n.º unico, Bolama 31 de Outubro de 1883, vem na pagina 1.ª, um «specimen do dialecto crioulo da provincia», intitulado «Lobo cõ garça» (imitação de La Fontaine), — reproduzido por Coelho, III, 3.

d) Frederico de Barros, observações geraes sobre o crioulo da Guiné, em parte extrahidas do citado artigo de Bocandé, in *Revista de Estudos Livres*, loc. cit.

e) Marcellino de Barros, «Cojete Ianga» (poesia) e algumas observações, in *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, III, 728-729, — tudo reproduzido por Coelho, III, 3.

f) Schuchardt, *Beiträge*, II, «Zum Negerportugiesischen Senegambiens», in *Zeitschrift de Gröber*, XII, 301 sqq.;

g) M. Márques de Barros, «O Guinéense», in *Revista Lusitana*, vol. V, fasc. 3 (continúa). — O Sr. Conego Marcellino Márques de Barros é natural da provincia, e conhece perfeitamente o crioulo, sobre o qual tem muitos materiaes já colleccionados; o Sr. Schuchardt deve-lhe a posse de alguns, como diz nos *Beiträge*, II. Além de estudar o crioulo, o Sr. Conego Barros estudou tambem o mandinga e outras linguas indigenas, e tem publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* interessantes noticias ethnographicas á cêrca da Guiné.

IV. GOLFO DE GUINÉ:

1. Ilha de S. Thomé e Príncipe em commum:

Breves observações de Lopes de Lima, *Ensaio*, 1844, pag. 87, — reproduzidas por Coelho, II, 2-3.

2. Ilha de S. Thomé:

a) Coelho, I, 23;

b) Schuchardt, *Kreolische Studien*, I, Viena 1882, «Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé»;

c) Coelho, critica ao trabalho precedente, in *Jornal do Commercio*, cit. acima;

d) A. F. Nogueira, breves observações in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, V (1885), pag. 414, nota;

e) «O osobó», duas quadras, no periodico de S. Thomé *Para os pobres*, publicação a favor da Santa Casa da Misericordia da ilha de S. Thomé pela commissão administrativa d'este pio estabelecimento, — numero unico, 1884, pag. 7. — Esta poesia foi reproduzida no *Correio da manhã*, de Lisboa, de 15 de Março de 1885, e pelo Sr. H.

Schuchardt in *Kreolische Studien*, VII (Viena 1888), pag. 10, nota, onde lhe consagra algumas reflexões;

f) «Canções dos pretos da banda de S. Thomé», in *Diário de Notícias*, de 27 de Abril de 1885, — reproduzidas por Coelho, III, 2, que junta outros materiaes;

g) Almada Negreiros, *História Ethnographica da ilha de S. Thomé*, Lisboa 1895, onde não só ha várias amostras do crioulo dispersas pelo livro, mas um capitulo especial, pag. 303-369, intitulado «O dialecto de S. Thomé». (Desta obra fallo adeante mais de espaço);

h) Duas canções no *Almanach luso-africano* de 1899, pag. 337;

i) Colligi em 1887, da bôca de um indigena de lá, muitas observações que publicarei adeante.

3. Ilha do Principe:

Schuchardt, *Beiträge*, IV, «Zum Negerportugiesischen der Ilha do Principe», in *Zeitschrift de Gröber*, XIII, 463 sqq.

4. Ilha de Anno-Bom¹:

Schuchardt, *Kreolische Studien*, VII (Viena 1888), «Über das Negerportugiesische von Annobom».

*

Expostos estes preliminares, entro no assunto. Pois que o meu trabalho de agora tem character meramente provisório, — *Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa*, — segundo se diz no sub-titulo, não seguirei nas paginas seguintes ordem geographica, mas apresentarei as minhas notas á proporção que as fôr collhendo ou coordenando, exactamente como tenho feito nas monographias consagradas aos dialectos continentaes e insulanos.

I

Crioulo da ilha de S. Antão

(1.º artigo)

A população da ilha é de 22:000 almas. Os habitantes constituem cinco classes: 1) negros, descendentes dos indigenas da Guiné; 2) mulatos escuros, cruzamento dos familiares dos seus povoadores; 3) mulatos claros, mestiços, oriundos da 3.ª geração; 4) brancos nascidos na ilha, de paes e mães europeus; 5) brancos europeus que ahí foram fixar-se. — Vid. Ernesto de Vasconcellos, *As colonias portuguezas*, Lisboa 1896, mappa adjunto á pag. 36.

A' cerca da bibliographia do crioulo de S. Antão, vid. supra, II, 2.

¹ Hoje pertence á Hespanha, mas foi descoberta pelos Portuguezes.

O texto de que me sirvo para o presente estudo é a traducção manuscrita de que fallei acima. São cinco estancias camonianas traduzidas pelo Rev. Conego Costa Teixeira, caboverdiano.

Novamente agradeço a este Sr. a amabilidade e generosidade de que usou para comigo, remettendo-me, além dos exemplares do *Almanach luso-africano* de que já fallei, esta amostra do crioulo de S. Antão, e prometendo-me outras. Com o valioso concurso de S. Ex.^a eu poderei certamente adeantar bastante este ramo dos meus estudos.

TEXTO DIALECTOLOGICO ¹

CRIOULO

(Lus., I, 1)

1. Tude aquês árma e quês home falláde,
Que lá de Gilbôa, ond' sôl ta cambá,
Pa már nunca dânts p'ôtes navegáde,
Tê lá na cabe de munde ês chegá,
5. Na p'igue má na guérta desafinade
Mês que tud' força d'êss' munde tá d'xá:
E na mêi de gente longe ês fazê
Um nôve naçom q'ês tant' ingrandê:

Todas aquellas armas e aquelles homens fallados, — Que lá de Lisboa, onde sol descamba, — Per mares nunca d'antes por outros navegados, — Até lá no cabo do mundo elles chegádo, — Em perigos mais em guerras desafinados — Mais que toda força d'este mundo deixava: — E no meio de gente longe elles fizêdo — Uma nova nação q'elles tanto engrandecêdo:

(Lus., I, 2)

- E tambem tud'aquês côsa gloriôse
10. D'aquês rei grande que bá t'ômentá
Sê fê, sê naçom; quês terra prigose
D'Afrecá e d'Asa ês bá ta desterrá:
E quês que pa sês ôbra grandióse
D'unha de môrte ês bá andand' t'escapá;
15. Ta cantá ume ta 'spaiê-le pa tud' pèrte,
S'êne faltê-me nem ingênhe, nem êrte.

E tambem todas aquellas coisas gloriosas — Daquelles reis grandes que fôrão a aumentár — Sua fê, sua nação; aquellas terras perigosas — D'Africa e d'Asia elles fôrão a desterrar: — E aquelles que por suas obras grandiosas — Das unhas da morte elles fôrão andando a escapar, — A cantar em espalho-o por toda parte, — Se não faltar-me nem ingenho, nem arte.

¹ Conservo a orthographia do manuscrito. A versão foi accrescentada ao texto crioulo pelo Sr. Conego.

(Lus., IV, 76)

- S'nhô Rei chemá sés vassál pa consêi,
 Ell' d'zê-s uns còsa q'ell'oiá na sunhe,
 Ell' contê-s uns pâlávra d'um bom vêi,
 20. Que na tud'ês fazê um grênde espânte.
 És inranjá quell' instrument' de mâr,
 Pa, c'um grandiãose, c'um grênde c'raçôm,
 Quês gent', q'ell' mandâ, há cortânde mâr,
 Ta b'scâ térra nôve, te b'scâ ô't's ár.

Senhor Rei chamou seus vassallos para conselho, — Elle disse-lhes umas coisas q'elle olhou no sonho, — Elle contou-lhes umas palavras d'um bom velho, — Que em todos elles fizêrão um grande espanto. — Elles arranjárão aquelle instrumento do mar, — Para, c'um grandioso, c'um grande coração, — Aquellas gentes, q'elle mandâr, va cortando mar, — A buscar terra nova, a buscar outros ares.

(Lus., IV, 77)

- Mim, que tava bêm longe de cudâ
 Q'tâ bêm fazide o que m'tinha pensâde,
 Que sempe grênds còsa d'esse c'lidéde
 Nha c'raçôm já, me tinha dâde conta:
 Min'-ne sêbe pa quê, pa môde quê,
 30. O' que bom senâl na mim tâ t'oiá le,
 P'esse grênd' Rêi bêm pô-me chève no mom,
 Bêm dé-me râne d'ess' grênde service.

Eu, que estava bem longe de cuidar — Que se viria fazer o que eu tinha pensado, — Que sempre grandes coisas d'esta qualidade — Meu coração ja me tinha dado conta: — Eu não sei porquê, por modo quê, — Ou que bom signal em mim estava-se a ver — Para esse grande rei vir pôr-me chave na mão, — Vir dar-me ramo d'esse grande serviço.

(Lus., IV, 78)

- E c'mute instança e pâlávra morêve,
 Q'ê mande na Rêi que mês t'obrigâ,
 35. Ell' dzê-me: «Tud' còsa grênde e lustrôse
 T'alcançâde-elle é c'trabaie mã fadiga:
 Ta fazê gente grênde e grandiãose
 Vida perdide e q'ta pude na p'rigue;
 Que q'ande um méde infême 'ne ta vencê-le,
 40. Antom, s'ell' drâ me'ns, mês ell' ta estendê.

E com muita instancia e palavras amoveis. — Que é mando no Rei que mais obriga, — Elle disse-me: «Toda coisa grande e lustrôsa — E' alcançada ella com trabalho, mais fadiga: — Faz a gente grande e grandiosa — Vida perdida e que se põe em perigo: — Que quando um medo infame não vence-a, — Então, s'ella durar menos, mais ella s'estende.

ANALYSE GRAMMATICAL

A) Phonologia

1. O -o final atono português está representado por -e, ex.: *falade, navegade, cabe, munde, nove*. Talvez o phenomeno tenha de se explicar assim: apocope do -o, seguida de paragoge de -e para amparo da consoante final: cfr. fr. *sable* < **sabl* < l. *sabulu-* (sabulo); quando depois da queda do -o a palavra acaba em ditongo, ou a consoante final crioula pôde formar syllaba com a vogal precedente, não é necessario accrescentar -e, por ex.; *mei* < meio; *vassal* < *vassallo*¹. — Vieira & Duarte² citam tambem -e < -o, mas só em relação a S. Nicolau e Boa-Vista.

2. ESDRUXULOS. Temos *Asa* < *Asia*, *instança* < *instancia*. Esta tendencia, real ou apparente, para desfazer os esdruxulos é frequente no Sul de Portugal. Temos tambem *Afreca* < *Africa*, talvez porém pronunciada *Africa*. Cfr. o que se dá no Sul de Portugal: *Revista Lusitana*, iv, pag. 219, § 12.

3. Em *senal* < *signal*, a vogal atona *i* está representada por *e*. Este phenomeno é tambem vulgar na metropole. Cfr. o que succede na linguagem do Alemtejo, onde se diz *relória, teção* (tição); *Revista Lusitana*, iv, pag. 217.

4. Em *chemá* < *chamar* deu-se dissimilação de *a-a*: cfr. em Portugal *selada* < *salada*.

5. A vogal tonica *ô* está representada por *u* em *tude* < *todo* e *sunhe* < *sonho*: cfr. Adolfo Coelho, i, pag. 11, que cita *cusa* e *favur*; e cfr. Vieira & Duarte, pag. 334, que citam *unde* (onde), *bum* (bom). Todavia, como o meu texto offerece casos de manutenção de *ô*, por ex.: *ôtes, ôt's, gloriôse* e outras palavras acabadas em -*ôse*, e além d'isso *côsa*, talvez não se trate de um phenomeno geral, e terá de se explicar cada phenomeno separadamente: assim, *sunho* por *sunhar*, *cusa* por **cusinha* = **côsinha*, etc.³ Schuchardt, *Beiträge*, iii, cita como de S. Thiago, a par de muitas palavras em *ô*, *cussê* 313 (= *cuss'ê?*), *bum* 314 (= bom) etc. — Cfr. no emtanto o que se passa na linguaagem dos Açores, onde a *ô* tonico corresponde *u*: vid. *Revista Lusitana*, ii, 293.

¹ Todavia, não seria absurdo explicar o -e por attenuação de -o: nesse caso teriamos *cabo* < **cabe* etc. Quanto a *vassal* e *mei* explicavam-se respectivamente por *vassallo* < **vassalle* < *vassal*, *meio* < **meiu* < *mei*, com apocope de -e (§ 11-c).

² *Boletim*, pag. 333.

³ A vogal, sendo atona nos derivados, facilmente se obscurecia; depois os derivados influiriam nos primitivos, e as vogaes d'estes tornar-se-hiam tambem obscuras. — Factos analogos dão-se em todas as linguas.

6. O *a* tónico está representado por *e* nos seguintes vocabulos: *més* < mas, *pérte* < parte, *falté-me* < faltar-me, *spaiê* < espalhá-lo, *érte* < arte, *contés* < contar-lhes, *grênde* < grande, *clidêde* < qualidade, *sêbe* < sabe, *chêve* < chave, *morêve* < amovável, *infême* < infame. — Talvez este phenomeno não se tenha produzido na illha, mas fosse já do continente português para lá, pois se observa tambem em condições muito semelhantes nas linguagens do Alto-Alentejo e da Beira Baixa; em Avis, por exemplo, diz-se *qualidêde* < qualidade, *nêda* < nada, *sepultêr* < sepultar, *chêma* < chama: vid. *Revista Lusitana*, iv, 217 e 218.

7. No nosso texto não existe o ditongo nasal -ão: nos casos em que elle existe hoje em português está lá representado por *om*, ex.: *antom* < antão ou então, *cracom* < coração, *mom* < mão, *naom* < nação. Cfr. Coelho, i, 11; Vieira & Duarte, pag. 329. Em *antom*, *cracom* e *naom* temos certamente as respectivas fórmas portuguezas archaicas; *mom* é provavel que seja uma analogia, pois no Minho se diz ainda hoje *môm* por *mão*: digo «analogia», porque, ao passo que as outras correspondem á terminação latina -onem, esta corresponde á terminação -anum, que deu em português regularmente, não -om, mas -ão. A' cerca do character archaico dos crioulos vid. algumas observações de Schuchardt in Litbl., 1887, col. 134 sqq. ¹.

8. Entrando no estudo do consonantismo, observarei, em primeiro lugar, que no dialecto existe o som archaico *ch*, que ainda vive no continente em diversos dialectos. O nosso texto tem por exemplo *chêve* e *chegá*, onde o Rev. Conego Costa Teixeira me faz notar a pronúncia especial do *ch*. Sobre esta pronúncia cfr. tambem Vieira & Duarte, pag. 330.

9. O *e* está substituído por *b* em *bá* < vá, *bém* < vem: cfr. Coelho, i, 11, onde se citam outros exemplos; contudo o nosso texto offerece varias vezes *r*. Deve, pois, modificar-se a asserção de Vieira & Duarte ², de que em S. Antão não se substitue *r* por *b*; e a de Schuchardt ³ baseada nesta.

10. Phenomeno interessante, e que se observa noutros crioulos e

¹ A forma que elle cita, *cômarêa*, dada por Vieira & Duarte, pag. 340, na phrase *sardinha cômarêa* (muitas sardinhas), não deve explicar-se por *com* + *marê*, mas por *com'arêa* = *como* (conjunção) + *arêa*. A *arêa*, por causa da sua meudeza e usual accumulção, foi tomada como typo de comparção para exprimir grande quantidade de objectos. Na poesia popular encontram-se exemplos desta comparção: muitas cantigas da Beira-Baixa dizem:

Se eu fosse poetinha,	Amor, não te ausentes de mim,	Já fui rapaz, já sou homem,
Que eu soubesse notar,	Que ficas sempre a chorar:	E tambem já andei no mar:
Notava-te tantas cantigas,	Que são as lagrimas tantas	Já t'amei vezes sem conta,
Como d'arcias tem o mar.	Como as arcias do mar.	Como d'arcias tem n-omar.

Os exemplos que acabo de citar não podem ser mais convincentes.

² *Boletim*, pag. 336.

³ *Literaturblatt f. germ. u. rom. Philologie*, 1887, col. 137.

em várias lingoas romanicas e dialectos, é o da substituição de *lh* por *i*, ex.: *spáie* < espalhe, *conséio* < conselho, *oláde* < olhado, *olá* < olhar, *rêi* < velho, *trabáie* < trabalho. — Adolfo Coelho, *loc. cit.* pag. 11, diz que no crioulo está *lh* substituído por *j*, ex.: *paja*, *ija*, *faja*, *fiço*, *fija*. Cfr. o que sobre as duas especies de phenomenos dizem Vieira & Duarte, *Boletim*, pag. 332.

As fórmãs *rêi* e *consêi* explicam-se respectivamente por **veio* e **conseio*, em ambas as quaes o *-o* se apocou (§ 1), ou por **veie*, **conseie* (§ 1, nota), com apocope de *-e*, por dissimilação, a qual não se daria em *trabáie* e *spáie*, por ali não haver precedentemente outro *e*.

11. Neste § mencionarei varios accidentes geraes:

a) *Apherese* de *a* em *té* < até e de *e* em *spáie* < espalhe (cfr. Coelho, I, 11, onde cita outros exemplos) ¹:

b) *Syncope* de vogal atona em *d'ant'*, *ôl's* (*ôles*) < outros, *prigue* ², *dzá*, *ingrandê*, *sulô*, *dzé*, *cracom*, *didede*, *mens* (i. é, me-ns) < menos, *drá* (cfr. Coelho, I, 11 e Schuchardt, *Literaturblatt*, 1887, col. 139; e com relação ao Alemtejo, cfr. *Rev. Lusit.*, IV pag. 219-220); — a mesma syncope se dá em próclise: *gent'q'ell'* (v. 23), *q'lá* (v. 26), *m'linha* (v. 26);

c) *Apocope* de *r* em *chegá*, *cambá*, *pô* (cfr. Coelho, I, 11; e Vieira & Duarte, *Bolet.*, pag. 334), e de *-e* em *aguês* < arc. aquecesse; a respeito de *-o* vid. § 1.

d) *Metathese* curiosa em *Gilboa*, isto é, *Jilboa*. — por *Lisboa*. Como no Sul se diz *Lijboa*, creio que o *J* de *Jilboa* representa o *j* que realmente se pronuncia antes do *b*.

e) Simplificação do ditongo *ai* e *â* em *má* (mais) e em *bá* (vai); cfr. as fórmãs *pá*, *pâ* (de pai) e *mâ* (do arc. *mai*) citadas por Vieira & Duarte, pag. 329 ³.

12. A condensação de *ou* que se observa em *ôles* (outros), *côsa* (cousa), *ô* (ou) e *ômentá* (aumentar), e a de *eu* que se observa em *sê* (sen, sua), creio que não são productos proprios do crioulo, mas phenomenos que já de cá passaram para a Africa, pois elles se encontram na linguagem do Sul e na de parte da Beira: com relação a *ê* < eu cfr. em Vieira & Duarte, pag. 330, *mê* (meu), *sê* (sen), etc. *Cudá* (cuidar) deve tambem provir de *cudar*, que se usa nos dialectos meridionaes ⁴. *Tá* < está, e *tava* < estava são fórmãs vulgarissimas nos mesmos dialectos. O verbo *dzá* assenta em *dêzar* (deixar): como no Sul do reino se usa *dêzar*, talvez a condensação se operasse já na linguagem do continente, e não no crioulo: cfr. *pêxe* (peixe) e *lête* (leite), palavras citadas por Vieira & Duarte, pag. 330.

¹ No continente é vulgar a apherese do *e* que precede o *s* impuro: assim *espalhe* diz-se frequentemente *spálhe*. Tanto no Norte como no Sul.

² Muitos dos phenomenos mencionados dão-se já na linguagem do continente.

³ A forma *mai* (sem nasal) ainda se usa em mirandês; cfr. tambem o gallego *maí* e *nai*.

⁴ Vid. *Revista Lusitana*, IV, 61.

⁵ Cfr. *Revista Lusitana*, IV, 65, etc.

B) Morphologia

13. GÊNEROS. Os nomes e pronomes biformes são no crioulo geralmente uniformes: «guerra *desaf'nade*», «*sê fê*». A forma que elles tomaram corresponde de ordinario á masculina em português. — Cfr. Coelho, I, 11; Vieira & Duarte, pag. 341. — Mas vid. o § 15.

14. NÚMEROS. Vejamos alguns exemplos: *tude aquês arma*, v. 1; *aquês rei grande*, v. 10; *sês obra*, v. 13; *sês vassal*, v. 17; *uns cosa*, v. 18; *grênds cosa*, v. 27; *palavra morêre*, v. 33 (◊ palavras amoráveis). — A tendencia parece ser não tomarem os substantivos a desinencia do plural; os adjectivos e pronomes umas vezes tornam-na (*sês*, *uns*, *grênds*), outras vezes não (*tude*, *aquês*, *morêre*). Só com muitos textos se poderá apurar uma lei mais rigorosa; talvez no emprêgo ou não emprêgo da desinencia plural influam por vezes razões phoneticas. — Sobre os numeros cfr. tambem o que diz Coelho, I, 11; Vieira & Duarte, pag. 341.

15. PRONOMES. O nosso texto contém os seguintes pronomes:

a) *Pessoaes:*

mim, v. 25
-m', v. 26
-me, v. 16
ume, v. 15
ell, vv. 18-19
ês, v. 4
-s, vv. 18-19
-le, vv. 15 e 39

b) *Possessivos:*

nha, v. 28
sê, v. 11
sês, v. 13

c) *Demonstrativos:*

quell, v. 21
aquês, v. 1
quês, v. 1
êsse, v. 27
êss', v. 6
ôtes, v. 3
ôts, v. 24

d) *Indefinido:*

tude, v. 1.

e) { *Relativo e*
Interrogativo:

que, v. 10; *q'*, v. 38
quê, v. 29

f) *Artigos:*

um, v. 8
uns, v. 18
na, v. 4.

Sobre os pronomes vid. tambem Coelho, I, 12; Vieira & Duarte, pag. 341 sqq.

16. VERBOS. O texto é pequeno de mais para poder apresentar grandes quadros da conjugação. O que offerece notavel é o seguinte:

a) *Presente do indicativo:*

tá cambá, v. 2

tá spaicé, v. 15

t'obrigá, v. 34

tá fazé, v. 37

tá feistendé, v. 40

tá pude < põe, v. 38

Nestes exemplos o presente do indicativo exprime-se pelo infinito precedido de *tá* < *está* (§ 12).

Mas nos seguintes, o presente é expresso pela 3.^a pessoa do singular, ainda que referido á primeira: *é* — *é*, v. 34; *mim-ne sabe* < eu não sei, v. 29.

b) *Imperfeito do indicativo:*

tá dzá < deixava, v. 6

tava (§ 12) < estava, v. 25

c) *Preterito perfeito do indicativo:*

és chegá, v. 4

ell' dzê, v. 18, 35

és fazé, v. 7

és faré, v. 20

és ingrandécé, v. 8

és inranjá, v. 21

chemá, v. 17

ell' mandá, v. 23

Nestes exemplos o perfeito exprime-se com o simplez infinitivo; distingue-se do presente em neste entrar *tá* (§ 16-a).

d) *Plusquam perfeito composto do indicativo:*

tinha pensade, v. 26

tinha dade, v. 28

Nestes exemplos o processo não differe do português.

e) *Futuro imperfeito do conjunctivo:*

s'ñe falté < se não faltar, v. 16

s'ell drá < se ella durar, v. 40

Como estes verbos são regulares, não se pôde dizer se as fórmãs são as do infinitivo, se as do futuro do conjunctivo em português; num texto publicado no *Almanach luso-africano* para 1899, pag. 363 e pag. 112, lê-se *quezé* < *quiser*, o que mostra correspondencia com o futuro português.

f) *Infinitivo presente:*

ta cantá, v. 15

ta buscá, v. 24

de cudá, v. 35

g) *Participio passivo:*

navegade, v. 3. Também se lê *fallade*, v. 1, *desafñade*, v. 3; mas estes participios figuram antes como adjectivos. — Vid. no Vocabulário *fazide* e *pude*.

h) *Periphrases verbaes:*

q' tú pude na prigue <> que se pôe em perigo, v. 38
que bá l'omentá <> que foram augmentando, v. 10
és bá ta desterrá <> que foram (devastando), v. 12
és bá andand' Pescupá <> elles se vão escapando, v. 14
bá cortande < vá cortando, v. 23
que tu bém fazide <> que se viria a fazer, v. 26
na mim tá l'oiade <> em mim estava-se a vêr, v. 30
bém pô me <> vir pôr-me, pôe-me, v. 31
bém dê-me < vem dar-me, v. 32.

Sobre a conjugação no ericoulo de S. Antão, vid. também Coelho, I, 13-15; Vieira & Duarte, *Boletim*, pag. 349 sqq.

17. PARTICULAS. Notam-se no texto as seguintes:

a) *Conjunções:*

e, ou.

b) *Preposições:*

pa <> por, *p'*, *na* (§ 15-f) *de*, *e'* (nas expressões *c'um*, *c'mute*, *c'tra-baie*).

c) *Adverbios:*

lá, *ond'*, *nenca*, *d'ants*, *má* <> mais, *més* <> mais, *longe*, *tamem*, *ñe* (na expressão *s'ñe* <> se não) *ne* <> não, *nem*, *bém*, *ja*, *antom*.

Sobre as particulas vid. também Coelho, I, 15-16; e Vieira & Duarte, pag. 361 sqq.

C) *Syntaxe*

18. Pouco ha que notar. As modificações que no capitulo da Morphologia vimos que se deram nos generos e numeros, são de algum modo phenomenos syntacticos (concordancia); no mesmo caso está o uso de umas fórmas verbaes por outras, o emprêgo de *tá* (§ 16-a, § 16-f), e as periphrases citadas no § 16-h. Outro phenomeno de igual natureza é a suppressão do artigo definido, por exemplo em: *tud' força*, v. 6; *bá cartande mar*, v. 23; *tá b'scá terra nôve*, v. 24; *pô-me ché-ve na mom*, v. 31; *dê-me ráme d'ess' grênde service*, v. 32: este modo de tornar a expressão vaga e geral, já em parte usado em português, foi o que mais agradou ao indigena; todavia em *na* está o artigo junto com a preposição (phenomeno que porém não se operou em S. An-

tão), e em *oque*, v. 26, o relativo está precedido de *o*, que propriamente fôrma corpo com elle.

D) Vocabulario

Neste Vocabulario incluo apenas os termos que differem dos da lingua litteraria moderna na fôrma ou na significação. Adeante de cada um indico o sentido que tem no texto, e seguidamente a explicação etymologica, quasi sempre com referencias aos paragraphos da Phonologia e da Morphologia. Dos verbos dou apenas a significação que elles tem no infinitivo.

Afreca, Africa. — Etymologia: § 2.

alcançade, alcançado, -a, -os, -as. — De alcançado (§ 1).

antom, então. — Fôrma archaica (§ 7).

aquês, aquelles, aquellas. — Apesar de no singular termos a fôrma *quell*, não me parece que *aquês* seja plural d'esta; primeiro, porque no crioulo pôde dizer-se *aquês*¹; segundo, porque *ês* tanto pôde ser singular como plural. Creio portanto que *aquês* é na origem fôrma singular, que (cf. § 14) pôde tambem empregar-se no plural. Admittido isto, corresponderá ella ao antigo pronome portuguez aquesse², como me parece que *ês* corresponde a *esse*, tendo havido num e noutro caso apocope normal de -e (§ 11-c).

Asa, Asia. — Etym.: § 2.

bá, § 16 *h*. — De vai: § 11-c (redução do ditongo): § 9 (*b < > v*).

bêm, § 16 *h*. — De vem: § 9.

bscã, buscar. — De buscar: § 11-b (syncope do *u*), § 11-c (apocope do *v*).

c', com. — Como a preposição portuguesa *com* é proclitica, diz-se frequentemente na linguagem familiar *co'*, sobretudo antes de vogal differente de *o* ou *u*, porque antes d'estas diz-se *c'* (ex. *c'o*) *o pau*, *c'um pau*; foi talvez nesta fôrma simpler *co'* que a palavra passou para o crioulo, onde, por ella ser proclitica, o *o* (*tu*) se syncopou (§ 11-b).

cabe, cabo. — Etym.: § 1.

cambá, descambar, pôr-se (o sol). — De des-cambar (§ 11-c).

cantá, cantar. — De cantar (§ 11-c).

chegá, chegar. — Etym.: § 11-c.

chemã, chamar. — Etym.: chamar > * *chemar* (§ 4) > *chemá* (§ 11-c).

chêve, chave. — Etym.: § 6.

¹ Fôrma que vem em Coelho, 1, 12.

² Em hesp. ant. ha tambem *aquese*. Em catalão moderno temos ainda *aquês*. Em dialectos italianos *quisse* (apud Meyer, *Italianische Grammatik*, § 379). — A origem está no lat. *eccu'sipse*.

clidade, qualidade. — Na lingua popular do continente diz-se *colidade*, que na forma *colidade* (§ 6) pôde ter sido o etymo immediato da palavra crioula. Temos pois: *colidade* < *clidade* (§ 11-b).

conséi, conselho. — Etym.: § 10.

conté, contar. — Etym.: contar < *contêr* (§ 6) < *conté* (§ 11 c).

cortande, cortando. — De *cortando* (§ 1).

côsa, cousa. — Etym.: § 12.

craçôm, coração. — Da forma arch. *coraçom* (§ 7), com syncope de *o* (§ 11-b).

cudá, cuidar. — Etym.: § 12.

dade, dado. — De *dade* (§ 1).

dante, d'antes. — Etym.: § 11-b.

desafnade, desafinado, -a, -os, -as. — De *desafinado*, por syncope do *i* (§ 11-b) e mudança de *o* em *-e* (§ 1). — Esta palavra não será popular.

desterrá, desterrar (devastar). — De *desterrar* (§ 11-c).

drá, durar. — Etym.: durar < *durá* (§ 11-c) < *drá* (§ 11-b).

dxá, deixar. — Etym.: § 12.

dzê, dizer. — Etym.: dizer > *dizê* (§ 11-c) < *dzê* (§ 11-b).

ell, elle. — Bastaria escrever *el*. — Esta forma tanto pôde provir de *elle*, por syncope do *-e*, como ser a antiga portuguesa *ell* ou *el*, que ainda hoje se usa em Trás-os-Montes.

êne, não. — Como só se usa na expressão *s'êne* < *senão*, pôde *êne* resultar de uma combinação de *se* + *nem*.

érte, arte. — Etym.: § 6.

espante, espanto. — De *espanto* (§ 1).

estendê, estender. — De *estender* (§ 11-c).

ês, este, estes, essa, elles. — De *esse*; cf. supra, s. v. *aquês*. Quanto ao numero, vid. § 14. — Não é estranho que o pronome *esse* passasse a significar «este», pois, por exemplo, tambem em latim o pronome *iste*, da 2.^a pessoa, que significava «esse», tomou em português, e noutras linguas romanicas, a significação de «este». — Que *ês* não vem de *este*, mas de *es*, prova-se pelo facto de em S. Antão se dizer *ste note*¹, onde está representada a forma *este*.

fallade, fallado, -a, -os, -as. — Etym.: § 1.

faltê, faltar. — Etym.: §§ 6 e 11-c.

fazê, fazer. — Etym.: § 11-c.

fazide, vid. verso 26. — De *fazido* (§ 1) < > *feito*?

gent', gente. — Vid. § 11-b (em próclise).

Gilboa, Lisboa. — Etym.: § 11-d.

gloriôse, glorioso, -a, -os, -as. — De *glorioso* (§ 1).

grandiôse, grandioso, -a, -os, -as. — De *grandioso* (§ 1).

grênde, grande. — Etym.: § 6.

¹ Vieira & Duarte, *Creolo de Cabo Verde*, pag. 347 do *Boletim*.

home, homem. — Como no continente também se assim diz, é provável que já assim fosse para o crioulo a forma sem nasalização.

infême, infame. — Etym.: § 6.

ingênhe, engenho. — Da forma pop. ingenho (§ 1).

ingrand'cê, engrandecer. — Da forma pop. ingrand'cer (§ 11-c).

inranjá, arranjar. — De arranjar, por troca do prefixo aparente *a-* por *in-*. O elemento *a* é realmente na origem um prefixo (cfr. fr. *ranger* a par de *arranger*), mas dentro do português não é, embora o povo o pudesse tomar por tal, aproximando-se assim inconscientemente do processo da primitiva formação da palavra.

instança, instancia. — Etym.: § 2.

instrument', instrumento. — Etym.: § 11 *b* (proclise).

-le, o. a, i. é, -lo, -la. — Usa-se junto às formas infinitivas, por ex., *spaiê-le* (v. 15), *vencê-le* (v. 39), em vez de espalha-lo, vencê-lo, onde, por *lo* ser enclítico, e o -o final ser por isso atono, este se mudou regularmente em -e (§ 1).

lustrôse, lustroso, -a, -os, -as. — De lustroso (§ 1).

má, mais. — De mais > *más* ¹ (§ 11-e) > *má*. A apocope do -s não é fácil de explicar, existindo, como existem, outras palavras acabadas em vogal tónica seguida de -s, por ex. *quês*, *mês*.

méde, medo. — De medo (§ 1).

mei, meio. — Etym.: § 11-c.

mês, mais. — De mais > *más* (vide a nota) > *mês* (§ 6).

mim, eu. — Cfr. Adolpho Coelho, *ob. cit.*, I, 67.

môde. — Esta palavra entra na phrase *pa móde quê*, que o sr. conego Teixeira traduz assim: «por modo que». Effectivamente *môde* pôde provir de modo (§ 1); mas não será *pa mode quê* equivalente a *por amor de quê*? Cfr. em Coelho, I, 15, *panôde*, e em Schuchardt, *Beiträge*, III, 318, *modi*, *modi dji*, etc. Neste caso, *mode* provinha de amor por syncope do *r* (§ 11-c), e crase do seu *a* com o *e* de *pa*. — Vieira & Duarte também citam *panôde*, pag. 369-370.

mom, mãe. — Etym.: § 7.

moreve, amovível, -eis. — De amovível. Quanto ao *e* que corresponde ao *a* vid. o § 6. Não posso, porém, dizer se o -*t* se opocou simplesmente como o *r* (§ 11-c), ou se tem de se admitir como forma intermédia *amoraete* (que também não seria estranha no continente) e talvez ainda **amovave*, onde o *r* cahia por estar num grupo consonantico ou por dissimilação.

munde, mundo. — Etym.: § 1.

mute, muito, -a. — Da forma arch. muito, com syncope de *i* (cfr. em port. *fruto* < *fruito*, *entrudo* < *entruído*); quanto ao -e, vid. § 1.

¹ Citada por Coelho, I, 7, sob a forma *más*: «mês tempo». — A forma *más* pôde ter ido do continente, pois se usa por ex. no Alentejo: vid. *Revista Lusitana*, IV, 12.

na, em, no, na. — De no ou de na (cfr. *nha*, «meu»).

naçom, nação. — Etym.: § 7.

navegade, navegado. — Etym.: § 1.

ne, não. — De nem, com desnasalamento, por a palavra ser proclítica, vid. neste Vocabulário s. v. *o'*.

nha, meu. — De minha (cfr. *na*). O Sr. Adolfo Coelho, t. 11, not., diz a este respeito: «O desaparecimento da syllaba inicial de *minha* explica-se pelo facto de esta palavra se tornar proclítica? G. Vicente tem *enha*. Entreviu a explicação, mas não a deu completa. Juntarei pela minha parte alguns elementos para ella. Com o *enha* vicentino pôde comparar-se *inha*, que Viterbo, *Elucidario*, s. v., cita como archaico, e de que F. J. Freire, *Reflexões da lingua portuguesa*, III, diz: «acha-se frequentemente em escripturas desde o principio do reino até o tempo del-rei D. Diniz». Na linguagem actual da Extremadura é frequentissimo, em certas localidades, ouvir-se, por exemplo, *a nha mãe*. O extremenho *nha*, que só se encontra em proclise, depois de vogal (isto é, depois de *a*, como no citado exemplo, e depois de *ó*, v. g. *ó nha mãe*! Não me occorrem outros casos do emprego de *nha*). Parece-me poder explicar-se d'esta maneira: primeiro disse-se *a minha mãe*; depois, por estas tres palavras se pronunciam quasi como uma só palavra, disse-se *a m' nha mãe*, d'onde, por assimilação de *m* a *nha*, resultou *a nha mãe*. Em virtude d'isto, o *enha* de Gil Vicente devia pronunciar-se sem acento no *e* inicial:

E *enha* mãe ensobradada ¹

Florido, *enha* filha ²,

Granado, *enha* filha ³

onde o *e* é um como que apoio da palatal inicial, mas que pôde desaparecer de todo, como neste verso:

E d'*enha* mãe eu herdarei ⁴,

que tem de se lôr

E d'*nha* mãe eu herdarei ⁵,

¹ *Obras*, ed. de Hamburgo, III, 261.

² *Ibidem*, III, 271.

³ *Ibid.*, *ibid.*, *ibid.*

⁴ *Id.*, I, 128.

⁵ Quando, por occasião das festas do 4.º centenario da India, se representou no theatro de D. Maria, em Lisboa, o *Auto pastoril português* de Gil Vicente, o actor dizia erradamente *ênha*, frisando bem o *e*, por suppor que assim dava á pronuncia character archaico.

para não ficar com uma syllaba de mais. Em gallego existe *ña*, no sentido de *minha*, mas também só certamente em proclise: cfr. na mesma lingua *ñamadre* < *minha madre*, *ñamadrinha* (diminutivo de *ñamadre*), *ña prenda* = *minha prenda*¹. Aqui *ña* pôde explicar-se como fica dito por *m'ña* (= *m'inha*), com syncope de *i*². A forma crioula *nha* está no mesmo caso que a da Galliza; e foi talvez já do continente para a Africa.

nôve, novo, -a. — Etym.: § 1.

ô, ou. — Etym.: § 12.

obrigá, obrigar. — De obrigar (§ 11-c).

oiá, olhar. — De olhar (§§ 10 e 11-c).

oiáde, visto. — De olhado (§§ 10 e 1).

ômentá, augmentar. — De au(g)mentar (§§ 11-c e 12).

ôtes, outros. — De outros ou ôtros (que se usa no Sul de Portugal e em parte do centro, — cfr. § 12), por syncope do *r* no grupo *tr*, difficil de pronunciar: cfr. *pa*. Além d'isso a palavra pôde ser proclitica, o que facilitava a syncope do *r*.

ôts, outros. — Mera variante de *ôtes* (§ 11-6).

pa, por. — De p'ra (para). Cfr. *ôtes*.

perdide, perdido, -a. — Etym.: perdido (§ 1).

pensade, pensado. — Etym.: pensado (§ 1).

pêrte, parte. — Etym.: § 6.

pô, pôr. — De por (§ 11-c).

prigóse, perigoso, -a. — De perigoso, na pronuncia do nosso povo prigoso (§ 1).

prigue, perigo. — De prigo (§ 1).

pude, posta. — A phrase é «q' ta *pude* na prigue»; cfr. «que ta bem *fazide*» (v. 26); «na mim tá *oiude*» (v. 30). — Vieira & Duarte, *O crioulo de Cabo Verde*, pag. 354, também tem *pudo* (a par de *pôdo*). — Reflexo dos antigos participios portuguezes da 2.^a conjugação acabados em -udo.

q', que. — Etym.: § 11-b.

qande, (= cande, quando. — De quando, na pronuncia vulgar *q'ando* (= cando); quanto a -e, vid. § 1.

quell, aquelle. — De aquelle (§ 11-b).

quês, aquelles, aquellas. — Vid. supra *aquês*.

rame, ramo. — De ramo (§ 1).

sê, sua, suas. — De seu ou sê (§ 12).

sabe, sei. — Vid. § 16-b.

senal, signal. — Etym.: § 3.

service, serviço. — De serviço (§ 1).

sês, seus. — Vid. *sê*.

s'nhô, senhor. — De senhor (§§ 11-b e 11-c).

¹ Valladarez y Suárez, *Dicc. gallego-castelhano*, 1884, I v.

² A forma *inha*, indicada por Freire, pôde ter analogia explicação: o *i* corresponde ao *e* do *inha* de Gil Vicente.

- spaiê**, espalhar. — De espalhar ou spaiar (§§ 6 e 11-c).
sunhe, sonho. — De sonho (§§ 1 e 5).
ta. Vid. §§ 12 e 16-a b-c. — Cfr. Vieira & Duarte, pag. 350 sqq.
tamem, também. — Fôrma que também se usa no continente, na
 linguagem popular de todo o país.
tant' tanto. — De tanto (§ 11-b).
tava, estava. — Etym.: § 12.
tê, até. — Etym.: § 11-a. — Na linguagem portuguesa poetica
 também se usa *tê*.
trabaie, trabalho. — Etym.: § 10.
tud', todo, -a, -os, -as. — Syncope da vogal final em proclise (§
 11-b).
tude. (Vid. **tudo**). Quanto ao -e, vid. § 1.
um, uma. — De um, ou de ùa (arch. e ainda hoje pop.).
ume, eu. (No verso 15). — Cfr. *um*, indicado por Vieira Botelho
 e Custodio Duarte, *O creôlo de Cabo Verde*, in. *Bolet.* cit., pag. 342;
 e o que diz Paula Brito, *Crioulo de S. Tiago*, pag. 22.
vassal, vasallo. — Etym.: § 1.
vêi, velho. — Etym.: § 10.
vencê, vencer. — De vencer (§ 11-c).

*

Apesar de com este artigo poucas novidades trazer para o conhecimento da linguagem crioula de S. Antão, creio porém que elle não é de todo inutil, porque, além dos factos que archivei, que ainda não estavam archivados, estabeleci algumas comparações com outros dialectos ¹, e tentei a formação de um vocabulario.

Das comparações que fiz, resulta, segundo me parece, que a base do nosso crioulo é a linguagem do Sul de Portugal, ou uma linguagem vizinha. No § 2 (destruição dos esdruxulos), § 3 (*e* atono < *i*), § 6 (*ê* < *á*), § 11-b (syncope) e § 12 (condensação de ditongos, e outros factos), sobretudo no §§ 6 e 12, assignalei phenomenos muito característicos. As palavras que os Srs. Vieira Botelho e Custodio Duarte citam, *nin* (nem), *sin* (sem), *quin* (quem) ² e *xintido* (sentido) ³, se em certas circumstancias podem ouvir-se á gente do Norte, constituem f-icção peculiar de algumas fallas do Sul. Pelo phenomeno mencionado no § 6 (*pérte* < *parte*), eu seria levado a relacionar o crioulo de S. Antão mais particularmente com o dialecto usado no Alto-Alem-tejo e Sul da Beira-Baixa ⁴. A oscillação entre *b* e *v* (§ 9) não se dá

¹ Restringi-me nellas aos dialectos do continente e aos de Cabo Verde. Não procurei por agora referir-me, nem aos de mais crioulos, nem a outros dialectos ultramarinos.

² *Boletim da Soc. de Geogr.*, 1886, pag. 330.

³ *Ibid.*, pag. 335.

⁴ Zona marcada no meu Mappa Dialectológico.

hoje na maior parte do Sul, mas dá-se na Beira, e talvez se dê, o que ainda não pude verificar, no Alto-Alemtejo; o som *ch* (§ 8), se hoje é característico dos dialectos do Norte e centro do país, era no tempo da colonização de Cabo-Verde commum a todo o Portugal; no mesmo caso estava *-om* (§ 7), que hoje, modificado em *-ou* ou em *-õu*, só se ouve no Norte; por isso, estas tres ordens de phenomenos, embora á primeira vista possa parecer que contradizem a deducção que acima tirei, não a contradizem de nenhum modo.

A conclusão a que fui levado por considerações de ordem meramente linguistica, confirma-se pelo facto de as ilhas de Cabo-Verde terem sido povoadas, como se suppõe, por casaes do Alemtejo e do Algarve, a que só depois se juntaram tribus da Guiné ¹.

Julgo ficar assim, com relação a S. Antão, prejudicada a pergunta do meu amigo o snr. dr. Hugo Schuchardt, se, nas emigrações maritimas dos Portugueses, o Norte de Portugal tomaria parte tão preponderante como nas dos Hespanhoes a Andaluzia ². Effectivamente elle cita alguns pontos de contacto entre o crioulo e as fallas do Norte; mas esses pontos não bastam, por não serem tão característicos como os que acima indiquei.

Lisboa, Novembro de 1898.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SEC. XVI

(Continuação da pag. 207)

e) Legislação e varia

1.º A lei civil mais antiga a respeito de feitiçaria, que até agora se encontrou, provavelmente sem precedente, é do anno de 1385. Foi promulgada numa occasião critica e não pelo soberano, mas sim pelos regentes d'uma cidade, que poderia chamar-se livre por depender apenas do monarcha, se a intervenção constante d'este nos negocios municipaes não demonstrasse a pesada dependencia d'ella. No assento municipal, confirmado por D. João I, falla-se por vezes na in-

¹ Vid. Ernesto de Vasconcellos, *As colonias portuguezas*, Lisboa, 1896, p. 29.

² In *Literaturblatt für german. u. roman. Philologie*, 1887, col. 135-136.

curia do ainda então bispo de Lisboa, no que dizia respeito aos negócios ecclesiasticos. E effectivamente nas primeiras constituições diocesanas compostas depois do *assento*, e que são até agora as primeiras conhecidas e publicadas, ha uns paragraphos relativos á feitiçaria com algumas expressões tambem existentes na determinação municipal e que se não encontram na legislação posterior. Pela leitura d'estas constituições e pela historia da diocese de Lisboa se vê que as houve anteriormente e não poucas. Mas, como as não temos, nada se pôde affirmar a seu respeito. Se contivessem prohibições sobre feitiçaria, deveriam ser interessantes, especialmente as constituições que fossem escriptas em latim; por nos darem a correspondencia dos termos empregados para denominar as artes supersticiosas. Como é que, porém, uma corporação civil foi levada á perseguição de similhantes bagatellas, não é necessario por agora dizê-lo. Nesta epoca começa a differencição no christianismo occidental, que o levará á divisão em dois campos bem distinctos. Num, no christianismo septentrional ou germanico a exclusão da tradição é absoluta e constante; no outro, o latino com alguns elementos germanicos ou meridional a inclusão das tradições populares faz-se incessantemente. A incorporação das antigas crenças, mais apparentemente perseguidas do que realmente no systema latino continuado pela camara de Lisboa, é um pouco posterior á agitação iniciada em Inglaterra por Wiclef († 1384) e depois propagada pelo Norte europen. Parece, pois, o movimento lisbonense ser um reflexo d'aquellas ideias revolucionarias expostas pelo conego inglês com toda a franqueza germanica, as quaes transplantadas para o solo peninsular pelos guerreiros energicos da casa Lencastre, protectora durante muito tempo do heresiarcha, soffreram um desvio, de que ha muitos exemplos em outras ideias. Durante todo o seculo xv a perseguição contra os adeptos inconscientes da feitiçaria, e dizemos inconscientes, porque na sua maioria julgavam fazer uso de boa e legal religião, não cessou de augmentar. Devemos agora dizer que desde muito cedo eram castigados aquelles que renegavam de Deus, da Virgem e dos Santos apesar do emprego *renegar* se ter quasi convertido numa palavra sem significação. Mas o augmento deu-se na quantidade e na qualidade quando o movimento anti-romano se generalizou na Europa e a detestavel incorporação do povo judeu na raça portugueza se perpetrou. A conversão de mouros e judeus, que até então se fazia a pézo de curo, de como ha documentos, dando agora occasião a que estes fizessem os seus negocios em enorme escala entre os christãos, não lhes foi a principio muito repugnante. Os influentes catholicos vendo que tinham sido ludibriados, pois os judeus havia muito costumados a ter um culto domestico, não tinham difficuldade em cumprir os preceitos externos do catholicismo, inventaram ou introduziram em Portugal um systema mixto civil e religioso de perseguição, com o nome de Tribunal do Santo Officio. Até então a pressão exercera-se pelas auctoridades civis e religiosas separadamente e esta dualidade fez com que a creação da Inquisição, em que ecclesiasticos condemna-

vam e seculares executavam as sentenças, não fosse considerada como muito extraordinária, a não ser pelas victimas, os novos christãos depois denominados christãos-novos, que foram os unicos, não defendendo abertamente as crenças herdadas, que luctaram contra o estabelecimento de semelhante tribunal. A multiplicidade de pontos differentes a regular por parte dos guardas das leis, e as relações d'estes com os povos em que viviam, tornando mais doce o cumprimento do estatuido nas Ordenações, no caso presente os diversos actos de feitiçaria, occasionaram a formação das devassas.

As devassas ou inqueritos especiaes, manifestações anormaes de mania judicial, eram essencialmente injustas; mas consideravam-se como o unico remedio contra a tibieza dos magistrados locais em determinados assumptos. O mais antigo Regimento (regulamento) d'uma alçada que encontramos relativamente á feitiçaria, é datado de 24 de novembro de 1514 ¹, e foi passado a Jorge da Silva, para ir devassar pelo reino de *feiticeiros, alcoriteiros, barregueiros casados e mancebas de clérigos*. Em 28 de janeiro de 1570 foi assignado outro Regimento ², no qual o rei D. Sebastião mandava duas alçadas por todo o reino a inquirir, além de outras cousas, de *feiticeiros, blasphemos, alcoriteiros, alcones, onzeneiros, barregueiros publicos casados, mancebas de clérigos e de pessoas ecclesiasticas e de homens casados e de casados abarregados publicamente e dos amancebados com parentas ou affins e dos publicos amancebados e dos que dão tavolagem, e ainda dos que curam sem os graus nem o tempo necessarios*.

Mas o Santo Officio foi alliviando os tribunaes civis e religiosos gradualmente da feitiçaria não considerada a principio como heretica. A' perseguição exercida pelos officiaes ou ministros reaes, successores das autoridades municipaes, e pelos bispos e seus delegados, vein juntar-se o tribunal mixto do Santo Officio, em que se unia a brutalidade civil com a hypocrisia religiosa. Por fim o tribunal da fé absorveu a faculdade de inquirir dos crimes de feitiçaria.

Numas instrucções a Bras Neto, que se attribuem a 1531, e que tinham por fim determinar por que modo a Bulla de criação de Inquisição devia ser concluida, vem o seguinte paragrapho: «Item: que possam os inquisidores inquirir e proceder contra quaesquer sortiligos, feiticeiros, adivinhadores, encantadores e blasfemadores, posto que os taes diltos nom toquem a heresia, os possam condenar nas penas que per direito lhe parecer que deuan ser condenados, e tenham nestes casos poderes que lhe forem dados contra os hereies ³». Comtudo, a curia romana percebendo que a faculdade de extirpação concebida naquelles termos era muito lata, redigiu da seguinte forma cautelosa, que ficou inalteravel em todos os documentos de semelhante especie: «ac alii Lutheranam et ceteras damnatas hereses et

¹ Archivo Nacional, Maço 2 de Leis, n.º 140.

² Id., Maço 3 de Leis, n.º 14.

³ Corpo Diplomatico Portuguez, 1865, II, pag. 321.

errores sequi, ac sortilegia heresim manifeste sapientia instigante humani generis inimico committere non vereantur, ... ¹».

Em 1560 ² repetem-se quasi as mesmas palavras de 1531. A falta de formalidade, a indecisão entre o feitiço e o que hoje é base dos nossos conhecimentos, devia dar occasião a muitos abusos. Em todo o caso, o que se perdeu, ou o que se não chegou a manifestar devido á Inquisição em Portugal, não deve ser de importancia desmarcada. Com a investigação encetada por aquelle tribunal no dominio espirital começa uma fonte preciosa de documentos para o estudo dos phenomenos neuropathicos, que deve ser feito por especialistas. E' a parte notavel do archivo inquisitorial; os processos dos christãos novos repetem sempre os mesmos delictos, os dos hereges nacionaes notam-se mais pelo que não queriam do que pelo que queriam fundar, e os dos estrangeiros pouco tem de notavel. (*Documentos XXXIX, XL e XLV*).

2.º Feiticeiras sodomiticãs. (*Documentos XLI e XLII*).

3.º A origem da palavra *bruxa* ainda hoje não está sufficientemente esclarecida. A distincção entre *bruxa* e *feiticeira*, palavra esta ultima quasi inteiramente desaparecida, está, porém, plenamente assente. *Feiticeira* era uma mulher que nada tinha em si de extraordinario e que se limitava ao emprego de certas composições supersticiosas. A *bruxa* não apparece espontaneamente; segundo as tradições modernas, é preciso que receba a sua nomeação ou a sua virtude do diabo ou d'um seu representante, de quem é delegada. Tem muitos pontos de contacto com os *lobishomens*, individuos que tiveram a desgraça de receber esse *fado*. Estas duas classes, uma no todo, outra em parte, pertencem mais ao dominio da lenda, do *diz-se* aldeão, do que ao da existencia real. A menção das fadas é geral nos contos populares, e, como não ha prova da existencia em Portugal de entidades com este nome, pôde suppor-se que os contos em que ellas entram, tenham origem extranha. Portanto, o mais provavel é pertencer a bruxa e o seu character a relações lendarias ou tradicionaes, e mais tarde, pelo menos anteriormente ao sec. xvi, essa designação começar a confundir-se com a designação de *feiticeira*, que por fim absorven. Talvez a qualidade predominante das bruxas fosse a residencia nos cemiterios, a evocação das almas e juntamente com os *lobishomens* praticassem a *anthropophagia*, que, como instituição, obedece a ideias animistas. Os celebrados vampiros do norte tem praticas similhantes. (*Documentos XLII a XLIV*).

4.º Se a morte e a doença são produzidas por feitiços, podendo ser evitadas por *contra-feitiços*, não é menos preciso nem menos necessario o emprego d'elles nas questões amorosas. Por isso, é difficil encontrar uma *alcoviteira* que não fosse *feiticeira*. O clero não era menos victima do que os outros mortaes das artes diabolicas, encontran-

¹ Id., ib., pag. 336.

² Id., vii, pag. 289.

do-se muitas das suas *mancebas* possuidoras de conhecimentos que provavelmente lhes tinham servido para se apoderarem do coração de muitos clérigos e frades. Não devia, também, deixar de ser pequena fonte de receita, attendendo ao numero de documentos comprovativos, para as auctoridades, a perseguição de verdadeiras e inventadas *mancebas* de individuos pertencentes ao clero, que para lhas não levarem presas, se viam obrigados a subornar os officiaes de justiça. O celibato do clero, independentemente de causas politicas e ultramontanas, tem um grande fundo na superstição. O desejo de possuir um grande numero de individuos maravilhosos, mediante os quaes a humanidade podesse ver curados os seus achaques e alcançada a paz do seu espirito, fazia com que fossem cultivados cuidadosamente e alheios a todas as paixões mundanas e a todas as necessidades de actividade, exemplares doentios da especie humana. O celibato rigoroso perante gente que não sabia nem se podia conter perante o que fosse fazia uma impressão extraordinaria. Este acontecimento foi, porém, tardiamente e só em epochas historicas explorado com ricos resultados. (*Todos os restantes documentos*).

XXXIX. — Nos ElRey fazemos saber a vos Ayres da Sylua do nosso conselho e Regedor da nossa casa da supplicação que por o avermos asy por bem de Justiça e nosso serviço hauemos por bem que aquellas pessoas assi homens como mulheres que daqui é diante forẽ comprehendidos e condenados é maleficio de feiticeiros e feiticeiras, alem das penas que per nossas ordenações são dadas sejam may's feridas nos Rostos em ambalas faças quem o ferro que para isso mandamos fazer de hũ f., porque seja sabido pelo dito ferro que forão julgados e condenados pelo dito maleficio, porẽ vollo notificamos asy e vos mandamos que daqui é diante assi se faça e de a execução e é todo se cumpra este aluara como nelle he contendo, o qual se asente e Registe no liuro que anda na mesa da Relação. feito é Lixboa a ix dias do mes dagosto de 1516 annos. (*Livro dos extravagantes que atle ha tempo presente ha na casa da Supplicação. Ho qual se lançou na Torre do toumbo no ano do Senhor MDLVI. fl. 285*).

XI. — Sôr. — No aluara, que V. A. mandon pasar a Instancia do Arçebispo pera ouujdor desta cidade devasar nella e seu termo sobre formigueiros, latroçinhos e barrigueiros, e outros casos, não se estemdeo a se poder devasar daleconiteiras e feiticeiras, que parece que foy descuido, e por que estes dous casos são muyto Iimportantes, em que cumpre auer execução, pela mnyta desoluição que diso ha nesta cidade, de que noso Senhor não he servido, e se causão grandes males, e escandelo no pouo, peço a V. A. mande pasar aluara pera o dito ouuidor devasar das ditas alconiteiras e feiticeiras, asy como devasa dos outros mais casos contendos no outro aluara, e elle spreue a V. A. sobre Iso. nosso senhor a vida e Real estado de V. A. agre-

cente per muitos annos, ã braga a dez de setembro de 1561. = frey Johão de leyria. (*Carta 2.ª, Maço 9, N.º 18*).

XLI. — Dom Sebastiam, etc. a todos os Corregedores... saude. Faço nos saber que Bramca Freyre, molher de Fabyam Allvez, laurador, morador na Ribeira de Lytem, termo de Leyrea, me ãvjou dizer por sua pytyção que a casa della suplicante ffora ter hũa Joana Fernandez, que se posera cõ o dito sen marydo e cõ ella soplicante por soldada a quall hera hũa maa molher feyticeira e Induzira a ella suplicante cõ suas manhas e feytyços cõ que ha leuara cõsyguo fogida de sen marydo leuãdo allgũu movel de casa a fim de a matar e lhe Roubar o dito fato, a qual Joana Fernandez fora depois Justificada nesta corte por sodomjtica e ella soplicante ffora presa por a dita cullpa e acusada pela Justiça dizendo que partycipara o delyto cõ ella e fora ella soplicante posta a tormento de polee sem confessar cousa allgũa por ser na verdade sem cullpa e sem embargo dyso fora condenada em sete anos de degredo pera Afriqua... se tornara a casa cõ saudade de seus filhos que lhe ficauão na semana sãta... que ella soplicante era muito pobre, velha e doente... Dada na minha cidade de Lixboa aos xx dias do mes de Julho... de j brix anos. (Liv. 8 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 115).

XLII. — Dom Joam, etc. saude. Faço nos saber que Bramca Freire, presa na cadeia da corte e molher de Faujão Alvarez, morador na Ribeira da Liteira, termo de Leirea, me enuyou dizer por sua pitição que ao dito lugar omde ella sopricante viue foy ter hũa Joana Fernandez que hia da cidade de Lixboa, a qual Joana Fernandez se diz ser feyticeira e bruxa e por não ser conhecida naquella terra com seus feytiços e artes peruersas e diabolicas emfeiticaua as molheres casadas e solteiras e as leuaua de seus marjdos e pais e mãis, polia qual arte leuou a ela sopricante que se foy com ela tres ou quatro leguoaes do dito lugar omde ela sopricante fora de seu perfeitto Juizo e lhe fez leuar muyta fazenda de sua casa, o que tudo fazia pera aRoubar e ãganar, pelo qual caso e per outros grates malefícios a dita Joana Fernandez foy presa e Justificada publicamente a morte e depois da dita execução premdirão a ela sopricante e se proçedeo contra ella pela Justiça, dizendo que cometera o pecado de Sodoma com a dita Joana Fernandez e ffoy posta a tormento e nem pollo dito tormento nem per outra proua se prouou contra ella o dito malleficio nem ouue mais que allgũus Indícios que naçerão da Ida que ella sopricante fez com a dita Joana Fernandez que a leuou emfeiticada como dito hee, pollo qual caso foy condenada a sete annos de degredo pera huũ dos lugares dAfrica... Dada ã a minha villa dAlmeirim aos xxij dias do mes dAbuill... de mill e quynhemtos e cincoenta e huũ annos... (Liv. 17 de perdões e legit. de D. João III, fl. 149 v.; outra carta de perdão no Liv. 19, fl. 49 v.).

XLIII. — Dom Sebastião etc. faço saber que Pero Fernandez e Gaspar Lopez, lauradores, moradores no lugar de Lamosa, concelho de Carya, me çuyará dizer por sua pitição, que eles forã cõpelidos pelos Juizes e vereadores do dito Concelho de Carya, que por quanto Francisco Fernandez, carcereiro da cadeia dela, os piñdera pela fogida de Margarida Jorge, que na dita cadeia estaua presa por furtar hũa cadeia de prata a nosa sñora da Lapa e outros lusilltos e por feyticeyra e bruxa, e por o dito carcereiro a tornar a piñder foy a dita cadeia çtregue a elles soplicantes pera que a guardasçẽ, e tendo a elle sç guarda, a dita presa Margarida Jorge lhes tornara a fogir da cadeia per hũa Janella, e elles a tornarão a piñder breuemente, e ora esta presa no castelo de Lamego e da dita fogida nã pereçera a Justiça nẽ parte pella (*sic*) ter e a fogida fora de dya perãte os presos que hy estavã e ẽ tempo que se nã esperana fogir... Dada ẽ Lisboa a bj de nouembro... de j belxxbj... (Liv. 22 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 98).

XLIV. — Dom Sebastian, etc., a todoslos Corregedores... saude. Faço saber que Margarida Esteuñz, viuua, morador nesta çydade, me enuiou dizer, per sua pitição, que ella fora acusada pella Justiça, por se dizer que era Infamada de bruxa e feyticeyra, e pello dito caso fora acusada e comdenada, que, cõ pregão na audiência, fose degradada pera fora deste Reyno pera sempre, e sendo nella mais achada que fose pera o Brasyll e se sayse dentro de trinta dias do dia de sua solltura, os quais se acabarão no derradeiro dia de Janeiro deste anno presente de mil bº lx, no primeiro de feureiro do dito anno onuera mais hũu mes como pareçia da petição que apresentana... e porque ella soplicante adoeçera logo depois que a solltarão, e não podera vender sua fazenda, e, tãobẽ, porque hũu João Roiz, seu Imigo capitall, e que cõ testemunhas fallsas que Induzira e fazera cõdenar a fim de lhe leuar suas casas que ella soplicante tinha compradas e de feyto logo lhe posera a ellas demanda... anendo Respeito a tres filhas que não podia deixar nẽ leuar sç ter que lhe dar a comer... Dada na mñha cidade de Lisboa aos bij dias do mes dagosto... de mil bº lx annos. (Liv. 4 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique fl. 137 v.)

XLV. — Dom Sebastião, etc., a todoslos Corregedores... saude. Faço saber que Jsabel Diaz, morador no lugar de Majorga, me çviou dizer por sua pytição que ela fora acusada pela Justiça a falecymto de parte por se dizer que era bruxa e feyticeyra, por sentença da Rolação fora cõdenada ẽ dous anos de degredo pera Crasto Marym... por ser mulher muito velha e ter seu maydo muito doente ẽ hũa cama e ter sejs filhos e ser muito pobre deixara de jr cõprir o dito degredo... Dada na cidade de Lisboa aos xx bij do mes doutubro .. de j bº lxj anos... (Liv. 7 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 433 v.)

XLVI. — Dom Sebastiam, etc., faço saber aos que esta carta virê que Cosmo Ferreira, escriuão dos agraues da casa do ciuel, que por andar ora muyto occupado na deuasa das bruxas e feyticeyras, que vossa alteza lhe mandou tirar com o desembarguador Gomez Soarez, e també por ser muyto occupado no dito officio descriuão dos agraues por continuar nas audiências dos ditos agraues e na Rellação, pello que não pode dar tambõs aviamentos aas partes, pede a v. a. lhe faça merce de lhe dar licença pera ter hũa pessoa que o ajude a escreuer, soescrenendo elle tudo o que a dita pessoa escreuer, no que Recebera merce.

E visto seu Requerimento e avendo Respeito ao que na dita petição diz, ey por bem e me praz de lhe dar lugar e licença para que possa ter hũa pessoa que o ajude a escreuer em todos as cousas do dito officio descriuão dos agraues... Fernão Barbosa a fez e Lisboa a xxij dabrill ano... de mil b^e lxx... (Liv. 1 de Privilegios de D. Seb. e D. Henrique, fl. 17 v.)

XLVII. — Dom Joham, etc., saude. Faço uos saber que Guyomar Diaz, veuva, morador em Castel Branco, pobre, me enviou dizer per sua pitiçam que sendo ella sopricante presa e acusada por parte da Justiça por se dizer ella dita sopricante ser culpada em a deuasa que se tyrou per meu mandado sobre as alcouvyteyras e feyticeyras por nã mostrar lyramento de como Ja fora condenada pelo dito caso e fora ella dita sopricante condenada pelo ouuidor do mestrado em huũ anno de degredo pera o conto de Marvã... Dada em a minha cydade dEvora aos xxij do mes de fenereiro... de myll b^e xxx iij annos (Liv. 9 de perdões e leg. de D. João III, fl. 89 v.)

LXVIII. — Dom Joam, etc., saude. Faço uos saber que Ines Martinz, molher de Handre Martinz Burell, morador na villa de Môte Mor o Novo, me enviou dizer per sua pitiçõ que ella sopricante fora presa e acusada pella minha Justiça por se dizer que he feitiçeira e alcouyteira e que dana e sua casa moças e molheres a muytos homẽs pello que ella sopricante fora condenada na primeira Instancia e sentença de minha Relaçã que cõ preguam na audiencia fose degradada por dous annos pera hũ dos lugares de Afrjca... Dada e hesta cidade dEvora aos iij dias do mes de Julho... de j b^e xxxiij annos (Id. fl. 249).

XLIX. — Dom Joham, etc. saude. Faço uos saber que Domjgas (*sic*) moça solteira, morador em a cidade de Lamego me enviou dizer per sua pitição que ela sopricante esta ora presa por se dizer que de hũa manga cayrã hũs feyttycos e ao tempo da prysã confesara que herã feyttycos e lhos dera hũa molher e fora condenada pelo Juiz de fora da dita cidade que fose açoutada com baraço e pregam pela cidade e ferada em amballas faces e degradada pera sempre pera a

Ilha de Santome e em tres myll reaes etc. (Apresentou no Desembargo do Paço um alvará regio datado de Eora a 4 de junho de 1533 pelo qual lhe foi perdoada a execução dos arçotes, barão e pregão contando que pagasse 5000 reis, e no mesmo se declara que a Relação confirmando a pena dada pelo Juiz de fora abrandara o degredo só para fora da villa e termo.) Dada em a mynha cidade d'Evora aos xxx dias do mes de Julho de... de myll bº xxxiiij... (Liv. 9 de perdões e leg. de D. João III, fl. 261 v.).

L. — Dom Joam, etc. saude. Faço nos saber que Lourenço do Regno, alcaide da vila de Synes me enviou dizer per sua pitição que pela deusaa que Luis Alvarez de Proença tirara como visytador do byspo d'Ebora se achara culpada por feiteiceira hũa Brytiz Alvez Ruyana e fora presa em Syaes e entregue ao dito sopricante como aicaide e carcereiro o qual a tinha presa no castelo e prisam da dita vyla com muyta vigia e bom Recado e aly lhe fora tirada per força da dita prysam e quebraram a porta da dita cadea que hera muito forte e lhe torceram as armelas de modo que fugira... Dada em a mjuha cydade de Lisboa aos xij dias do mes de fenereiro... de j bº xxx biij anos .. (Liv. 14 de perdões e leg. de D. João III, fl. 47).

LI. — Dom João, etc. saude. Faço nos saber que Pero Diaz, çapateiro, morador na cidade de Sylues, mēviou dizer per sua pitição que sendo ele carcereiro na dita cidade lhe fogio hũa Bastiam Vaz que hy estaua preso por tãbem lhe sendo carcereiro lhe fogir hũa Catarina Gill, molher de João da Veiga que era presa por se dizer que vsaua de feiteiceira... Dada ē a minha cidade de Lisboa aos dez dias do mez de dezembro... de j bº xxx biij anos... (Liv. 14 de perdões e leg. de D. João III, fl. 385 v. e 386 v.)

LII. — Dom Joham, etc. saude. Faço vos saber que Braz Lopez, morador ē Listris, concelho de Lafões me ēviou dizer per sua petiçã que averja ora sete ou oyto ãnos que ho ounjdor do dito concelho tirara devasa gerall sobre barregueiros e feytyceiros e (la drões formigeyros e allguas pesoas sendo seus Imigos ho culparã na dita devasa por homde ho prenderã e estando asy preso na cadea do dito concelho ē poder de Bastyam Fernandez Ja defunto, carcereiro que entã hera por ser muito pobre e não ther com que se llyvra nē ter quē por elle fizesse, elle cō hontros dous ou tres presos se tyrara da corente ē que estaua e quebrara tres ferros que chamavã Isquas... Dada ē a vylla d'Almeyrym aos xx ij dias do mes de fenereiro .. de j bº Riij anos. (Liv. 13 de perdões e leg. de D. João III, fl. 40 v.).

LIII. — Dom Joham, etc. saude. Faço vos saber que Pero Goncalvez, morador na vila de Midôys e Pero Fernandez, morador na Povoa, termo da dita vila tera do Bispo de Coymbra, me ēvion dizer por sua pytiçã que sendo eles guarddas e hũa Isabell Alvez, presa na prysã da dita vila por se dizer ser alcovyteyra e feytyceyra sem

ter parte que o acusase somente a Justiça e estando asy presa e eles sopricantes gardas por serẽ homes lavradores e trabalhadores sym- prez vimdo de noyte camsados de seus trabalhos se deytará na dita casa da cadeia e guarda da dita presa lhes fogyra e se acolhera a Igreja da dita vila... Dada e a vila de Symtra aos vinte e he hũ dias do mes de Julho e feyta a vynte e tres dias dele... j^o b^o Rõij anos... (Liv. 13 de perdões e leg. de D. João III, fl. 266).

LIV. — Dom João, etc. saude. Faço vos saber que Bramca Anes, molher de João Afonso, Caseyro dalleunha, morador e Ryo Mayor, termo da villa de Santarem me emuyou dizer per sua petyção que tyramdo o Juiz de fora da dita villa devasa sobre as fleytyceyras e allecouvteyras certas pessoas querião mal a ella sopricamente pola InJuriarẽ e defamarẽ testemunharão comtra ella dizemdo que allecouvytara hũa Vyolante Fernandez, molher casada... Dada e a minha cidade de Lisboa aos xij dias do mes doutubro... de mill b^o Rõij anos. (Liv. 13 de perdões e leg. de D. João III, fl. 356).

LV. — Dom João, etc. saude. Faço vos saber que Pero Alluez, laurador, morador e Soutilha, termo dErnedoso, terra de Bragança, me Imviou dizer por sua petição, que, sendo ele caçereiro da cadeia do dito lugar, lhe fogio hũa Bretiz Alluez, molher de Joã Gonçalvez, çapateiro, morador no dito lugar dErvedoso, que estava preso (*sic*) por hũa devasa que tirara o ounjdor das terras de Bragãça, e que ha cullparã que vsaua dallecouviteira e feiticeira, o qual elle sopricante tinha na coriẽte e que, por a cadeia ser fraqua e não tinha grades, em hũ dos dias do mes de dezembro do Anno passado de Rbji, ao primeiro sono perto da mea noyte, tirara o alluquete e lleixara a cadeia na coriẽte. e se fora cõ ho alluquete ferro no pee... Dada e Lisboa a xj dias do mes de novembro... de j^o b^o Rbji annos. (Liv. 12 de perdões e leg. de D. João III, fl. 161).

LVI. — Dom Joam, etc. Faço uos (*saber*) que Joam Afonso, çapateiro, morador e Belmonte, me eviou dizer por sua pitiçã, que, serujndo de caçereiro o ano passado de j^o b^o Rbiiij na dita vyla, tendo presos no castelo da dita (*villa*) hnũ Joam Diaz Galhardo, morador e Maçaynhas, por baregeyro casado, e hũa Mjcia Fernandez, por mæbea de omẽ casado, e Costamça Afonso, por baregeyra e feyticeyra de feytiços leues, e hũ dos dias do mes de Junho do dito ano, estando ho alcajde mor cõ toda sua gente no castelo, omde o sopricante não veuya, e leyxamdo a prysã sarada, segumdo custume da dita vyla, estando e sua casa, que he muito afastada do castelo, omde he a cadeia, acharã a dita cadeia quebrada e os presos fogidos... Dada e a mynha cidade de Lisboa aos xxiiij^o dias do mes de março e feyta aos xxbij dias do mes dabrjl... de mill e b^o Rbiiij^o Anos... (Liv. 1 de perdões e legit. de D. João III, fl. 83 v.)

(Continúa).

PEDRO A. D'AZEVEDO.

O GUINÉENSE

(Continuado da pag. 181)

CAPITULO II

Apontados grammaticaes

(AO SR. DR. LEITE DE VASCONCELLOS)



§ 1.º

GENERALIDADES

O *lexicon* do Guinéense é, como se sabe, português archaico: quanto á fôrma, isto é, se a grammatica portuguesa não soffreu uma profunda ou superficial remodelação, é problema em que não podemos dizer nada de positivo, lembrando-nos de que, segundo Whitney, «quando começamos a aprender uma lingua não fazemos outra coisa senão traduzir para a nossa os seus termos; as particularidades da fôrma interna, a falta de relações e de proporções entre os seus moldes e seu modo de coordenar as ideias com os nossos moldes e a nossa maneira de coordenar essas mesmas ideias, escapam-nos¹».

Em these nada mais evidente, em hypothese esses principios serão a expressão da verdade? Não é da nossa competencia responder. Contentamo-nos com expôr os factos e nada mais.

Com effeito, attentando-se bem para a estrutura organica do nosso dialecto português-creolo da Guiné descobrem-se phenomenos singulares, porém, de modo algum surprehendedentes. Os indigenas, guiados pelo instincto a applicarem o principio do minimo esforço, empregaram os mesmos processos de redução e de simplificação ás fôrmas agglomerantes, — que o povo português e sobretudo o anglo-saxão empregou na simplificação ás fôrmas syntactico-contractas — as complicadas fôrmas syntheticas da lingua latina. A grammatica portuguesa, não obstante a sua tal ou qual approximação das grammaticas analytico-agglomerantes, devia ainda assim parecer lhes um tanto algebrica e cabalistica. — A morphologia necessariamente teria sido por elles desde logo remodelada, soffrendo com isso, e por isso, a syntaxe, essa fôrma superior da evolução de uma lingua: «a perda dos

¹ Whitney — La vie du Langage — 2.º edit., 1877, pag. 19.

casos trás consigo necessariamente a perda dos processos syntacticos correspondentes, a introdução ou a generalisação de outros que o substituam». (Dr. *Adolpho Coelho*. A *Lingua Portuguesa*).

Com a introdução dos affixos substituíram, com effeito, aquelles processos syntacticos, uma vez que o complicado systema de flexão e das desinencias foi quasi por completo destruido.

Conservaram, contudo, as fórmas do ablativo e do accusativo plural portugnês, offerecendo a do accusativo algumas excepções; sendo a mais constante, quando vae precedido de um adjectivo numeral:

<i>se cassas,</i>	= <i>suas casas</i>
<i>nha doc balê,</i>	= <i>meus dois balaies</i>

Neste importante capitulo ha a notar o *plural duplo*, em que con-correm a um tempo um prefixo africano, e um suffixo português:

<i>ba-manceles</i>	<i>os Manocis</i>
<i>ba-quissas,</i>	<i>coisas; que de coisas</i>
<i>ba-finas,</i>	<i>as Finas (nome proprio)</i>

e mais a singular dispensa do suffixo português signal do plural:

<i>ba-tat,</i>	<i>os Tates (nome proprio)</i>
<i>ba djobê,</i>	<i>os curiosos, os basbaques</i>
	<i>(djobê = olho vê)</i>

Os generos ficaram reduzidos à fórmula de epicenos:

<i>lion,</i>	= <i>leão</i>
<i>polon,</i>	= <i>poilão</i>
<i>lion macho</i>	
<i>lion femea, ou</i>	
<i>femea de lion</i>	
<i>polon macho</i>	
<i>polon femea</i>	

e não *femea de polon*; e muito menos *mulher polon*, ou *polon multher*, como já vimos escripto em qualquer parte.

O que não obsta, que tenham conservado e adoptado differentes nomes designativos de differentes sexos tanto em português como em africano. Exemplos:

<i>gallo,</i>	= <i>gallinha</i>
<i>rapac,</i>	= <i>badjudá</i>
<i>moç,</i>	= <i>moça</i>
<i>gurmete,</i>	= <i>tunguma</i>
<i>bedjo,</i>	= <i>bedja</i>

Os adjectivos sempre na fôrma masculina não variam para o feminino.

Por isso que (como deixamos no capitulo anterior subentendido) o guinéense teria sido vasado nos moldes do Mande, cuja feição grammatical se assemelha tão singularmente à ingleza, reduziu os themas dos verbos a fôrmas rarissimas vezes variaveis, mutilando sempre a ultima letra, articular do infinitivo, que não se encontra naquelles primitivos moldes. Assim temos:

<i>levantar,</i>	== <i>lebanta, e lanta</i>
<i>conhecer,</i>	== <i>concé</i>
<i>despir,</i>	== <i>dispi</i>
<i>compor,</i>	== <i>compó</i>

E quando o thema de um verbo anômalo varia notavelmente do infinitivo para o presente do indicativo, é a 3.^a pessoa d'este tempo que serve, em regra, de radical para conjugação em todos os tempos. Haverá alguma rara excepção que foge à nossa lembrança:

<i>dar,</i>	== <i>da</i> == <i>elle dá</i>
<i>ir,</i>	== <i>bâe</i> == <i>elle vai</i>
<i>vir,</i>	== <i>bem</i> == <i>elle vem</i>
<i>ver,</i>	== <i>djobé</i> == «(olho) vê»

A par d'aquelle modo de modificar o infinitivo, temos outro que d'elle se affasta:

<i>frigir,</i>	== <i>fursi</i>
<i>trazer,</i>	== <i>tissi</i>
<i>buscar,</i>	== <i>biscá, e, buscá</i>
<i>deitar,</i>	== <i>detandá, e, detá</i>
<i>perder,</i>	== <i>perdenté, e, perdé</i>

Para a distincção de todos os tempos nos differentes modos empregaram os affixos tirados — um ou outro das linguas africanas, — suppomos — e dos verbos auxiliares e outros verbos portuguezes, bem como dos pronomes, preposições e mais partes da oração:

<i>sedo,</i>	= ser-o
<i>ta,</i>	= (t)a, ou, (est)a (?)
<i>sta-ta</i>	= (e)sta-'sta (?) ou, 'sta(t)a (?)
<i>ó que</i>	= o(ra) que = quando
<i>ochá, ochado</i>	= achar, achado = quando
<i>sa-ta</i>	= (e)s(t)a-(t)a (?)
<i>se</i>	= se
<i>pa</i>	= pa(ra); para que: que

cabeça = (sua pessoa; si mesmo), se
ung-otro = um e outro = reciprocamente = se
na = na (?)
namá = na(da) ma(is)
co... nam' = co(m)... na(da) ma(is)
na... que e' na (levam o verbo ao particípio do presente)
ar, iar = al, ial = had(e), hiad(e)
ba = va (suffixo que leva qualquer verbo a varios tempos)
ca = não, (particula negativa que vae sempre junto aos verbos).

Exemplos:

am sedo (eu ser) = eu sou
bo ta fassé (vós a [?], ou, está [?] fazer) = farás (!)
e' sta ta badjá (elle está a [?], ou, está-está [?] dançando)
o' que, ó q' és bâte (hora que elles vae) = quando elles forem
ocha e' entrá (achou elle entrar) = quando elle entrou
na sa ta da-l (nos está-está [?], ou, está a [?] dar-lhe) = nós es-
 tamos a dar-lhe; isto é: damos-lhe e tambem se emprega no sentido
 de espancar
se am cõe (se eu cõe) = se eu caio
pa'm bem (para eu vem) = para eu vir
e' fidi cabeça (elle feriu [sua] cabeça, isto é: sua pessoa) feriu-se
és culla ung-otro (elles acutilar um [ao] outro) = acutilaram-se
no, na, na na sõe (nos em a [?], ou, na [?] sae) = saímos (no pre-
 sente indicativo): — *no* passa a ser *na*, por influencia do *a* seguinte
co' chigá nam' (com chegar nada mais) = no momento em que
 acabava de chegar: ou, simplesmente: apenas chegaram
co entrá que e' na entra nam' = no momento justo em que vinha
 entrando
e' ar bem-ba (elle ha de vem ia [?], ou, havia [?]) = Elle have-
 ria de vir = Elle viria.

As origens ethnicas das fórmãs *sa*, *ta*, *na*, podiamos, violentan-
do-as, ir busca-las no portuguez, como deixamos esboçado. Porém,
supponhamos que *na*, *ta*, e provavelmente *sa*, são elementos gramma-
ticaes africanos.

Não é preciso sair do Mande para encontrar o *na*, verbo *vir*, e
particula prefixativa enfatica, como se vê nestes exemplos:

mandinga: {be i nhinim-nà.
 {a si n'e (= na e) i terëndi.

crioulo: {e' na busca-bo.
 {e' na bem panta-bo.

«Elle procura-te. Elle vem espantar-te».

Na mesma lingua encontramos o *ta* em *quendi-a-ta*: sendo *ta*

sufixo do presente, que no presente periphrastico vae precedido de **si**, prefixo de futuro e do presente, que, por influencia da vogal seguinte (cf. **si ta**) ficou sendo **si**. Exemplo em creoulo: *am sg ta djédjé*, = «estou-me rindo» que em rigor seria *em si ta djédjé*, em Mandinga. E' para notar nesta phrase a identidade da fôrma e do vocabulario nas duas linguas!

E' possivel que haja aqui um caso de *concorrença*. No Indo-português de Syngapura encontramos o *ta* em *eu nunca ta sabé*, citado pelo sr. Adolpho Coelho.

A desinencia *-ba* = *va*, entra na formação do preterito perfeito e mais que perfeito do indicativo; presente e preterito do condicional, e preterito imperfeito do conjunctivo. Ora, como a sua funcção é invariavel com todos os verbos, julgamos conveniente para fixar attenção, separa-lo das radicaes, como se faz com o auxiliar português *haver* quando tem logar a contracção como alguns grammaticos pretendem.

Exemplos:

<i>am na badja-ba</i>	= eu dançava (balhava)
<i>am sa ta badja-ba</i>	= eu estava dançando
<i>am badja-ba</i>	= eu tinha dançado
<i>am ta badja-ba</i>	= eu dançaria
<i>amg-ar badja-ba</i>	= eu teria dançado
<i>s'am badja-ba</i>	= se eu dançasse

<i>am na come-ba</i>	= eu comia
<i>am sa ta come-ba</i>	= eu estava comendo
<i>am come-ba</i>	= eu tinha comido
<i>am ta come-ba</i>	= eu comeria
<i>amg-ar come-ba</i>	= eu teria comido
<i>s'am come-ba</i>	= se eu comesse.

Bom é que se note que o preterito perfeito do indicativo é: *am comé*, *am badjá* = eu comi, eu dancei — *am comê dja*, ou, *dja'm comé*, quer dizer, *já comi*. O *já* é sempre um adverbio, e não uma desinencia do preterito perfeito do indicativo, como já vi affirmado em qualquer parte.

Com o fim de esclarecer e completar algumas das questões em que levemente tocamos, não podemos deixar de acrescentar em **aditamento** as notas que seguem.

Ha no dialecto uma perfeita distincção entre o *na* affixo, e o *na* verdadeiramente português, que é a fusão de *em*, preposição com o artigo *a* (*na*).

<i>na se cassa</i>	= em sua casa
<i>na chon</i>	= no chão
<i>na mar</i>	= no mar

Tambem conhecem e fazem uso da negativa *não*, nesta e nontras phrases semelhantes.

Queres? — Não.

bo querê? — *não, am ca querê.*

Estás contente? — Não estou contente, não.

bo contente? — *am ca contente, não.*

Quanto á negativa *ca*, cingimo-nos a transcrever as informações que temos á vista do dr. H. Schuchardt, e do rev. Henrique ¹.

O primeiro, referindo-se áquella particula «cujo significado é *não*, em Caboverde», diz: «Creio que é de alguma lingua africana. No idioma Bantu *ca* é tambem negativo, e o mesmo succede na lingua de Angola».

O rev. Henrique a quem perguntei, responde-me:

«Depois de ter escripto a nota sobre esta particula, consultei hoje o companheiro (Arsenio Pompilio Pinhel) que me forneceu os seguintes dados:

«*Ca*» particula negativa em crioulo, vem do mandinga «*ca*» = negar, como se vê do seguinte exemplo: *Nim i é i nhinim cá nhim cumô-la, i cá* = Se te perguntarem por (ou, a respeito desta) conversa, nega, porfia. — *Em cá* = nego.

«Como adverbio de negação, precede os imperativos, e toma a fôrma *caná* = não. Assim dizemos: *caná nhim quê* = não faças isso, como já disse noutra nota. Por aqui se vê que esta particula é d'origem africana, como muitos outros vocabulos, que são ou oriundos de alguma lingua indigena ou puramente crioulos, peze...».

* * *

A'cerca do presente do indicativo e do futuro na funcção dos afixos *ta* e *na*, que offerecem justificado embaraço na sua verdadeira comprehensão, temos de dizer o seguinte:

O *na* pôde levar o verbo ao presente do indicativo na fôrma synthetica e periphrastica:

¹ Rev. Henrique Lopes Cardoso, cuja auctoridade temos citado mais de uma vez e como farenos de futuro nos casos difficeis, nas nossas duvidas e embaraços, — é natural da Guiné. No Seminario-lyceu de S. Nicolau de Caboverde «foi o alumno que mais se distinguio» no seu curso de preparatorios e de theologia. Ao sr. Arsenio Pompilio Pinhel, interprete do governo da provincia, um talento deploravelmente desaproveitado, e que na opinião do rev. Henrique «é o mais profundo conhecedor das linguas d'aquellas terras», de que é natural, — bem como aos meus primos capitão Adolfo Eduardo da Silva, socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, Luiz Corrêa Dias e Manuel Marques de Barros — devo os mais importantes esclarecimentos e um valioso subsidio com que tenho dado mais desenvolvimento a este trabalho.

Julgo-me em obrigação de mencionar aqui os nomes desses intelligentes e prestimosos cavalheiros, não só como signal da minha sincera gratidão, mas ainda para que aquelles que se dignarem lêr-nos se convençam de que não podiamos encontrar collaboradores mais competentes e desinteressados.

londre na comê = a lontra come

londre sa ta comê = a lontra está comendo.

O *ta*, nas seguintes phrases e semelhantes, leva o verbo ao futuro fixo, locativo, e «ao futuro imperativo»:

am ta nadá. Não quer dizer que «nado», como se podia traduzir correntemente em português; nem tão pouco que estou «nadando», mas que *sei e posso nadar*.

bo ta tocá combecô? ¹ = Tocas combecô?

A traducção assim feita é ambigua, porquanto pôde muito bem entender-se de dois modos: *sabes tocar?* ou *estás tocando?* Porém a pergunta no caso sujeito é: *se sabes ou podes tocar?*

am ta tocá = sei... posso tocar

bo ta cantá = cantarás

bo ta monda-l = monda-lo-has

e' ta rebentá = elle arrebentará.

A não se querer forçar o dialecto, conforme a nossa primeira tentativa, para o accommodar ás fórmulas do português vernaculo, — pôde-se desde já concluir, que a função organica d'aquelles minusculos monosyllabos, que, não obstante, valem um discurso, — não têm equivalentes em português?

No entretanto, enquanto não formos melhor aconselhados, ficamos no proposito de sublinhar sempre como vozes possivelmente africanas o *ta* e o *na*; bem como o afixo *sa*, como se fosse de origem suspeita.

* * *

Bertrand Bocandé pretende que o substantivo e o verbo se formaram d'este modo: «Le radical des verbes se termine toujours par une voyelle: on en a retranché l'r; et ce radical peut être employé comme substantif, ou comme verbe».

Ora, verbos ha, que não podem ser substantivos, e substantivos que não podem ser verbos. Exemplos á sorte:

Verbo <i>labrá</i> ,	Substantivo labor
» <i>comê</i> ,	» comêda

¹ *Combecô*. De uma canna verde fazem os Papeis um instrumento excentrico e ephemero, que tem alguma coisa de flauta, de clarinete, e de saxophono. E' instrumento de sopra, por ter um ouvido e tres buracos para os dedos. E como este ouvido tem uma lingueta delicadamente feita na entrecasca, funciona como um instrumento de aspiração: o som é de um saxophono imperfeito e em miniatura.

Uma particularidade digna de ser conhecida: como a canna é vasada de lado a lado, a extremidade do lado do ouvido é introduzida numa cabacinha que funciona de resonador.

Verbo <i>remd</i> ,	Substantivo remo
» <i>guerei</i> ,	» <i>guëra</i>
» <i>pantô</i> ,	» <i>spanto</i>
» <i>pintô</i> ,	» <i>pintor</i>
» <i>calafatô</i> ,	» <i>calafate</i> .

Se restituíssemos o supposto *r* «retranché» aos substantivos — *remo*, *guëra*, *calafate*, etc., teríamos os verbos desconhecidos *comedar*, *remor*, *calafater*. E se trancássemos o *r* de labor, teríamos o verbo... *labô*!

Já agora cumpre-nos completar os nossos reparos. Aquella nova e bonita maneira de formar os generos com *bœuf* e *femme*, «bœuf homme» por exemplo, é obra de que não temos conhecimento: e o que diremos nós das transformações de *je* e *che* em *ie* e *kie*? — Nada, porque não comprehendemos.

Bertrand Bocandé foi um infatigável naturalista francez, que residiu cerca de 20 annos no Casamansa: e nos seus arduos trabalhos de colleccionador zoologo teria mais de uma vez percorrido toda a nossa provincia da Guiné. Portanto, tinha tempo e illustração, como nenhum outro, para estudar a fundo o dialecto se quizesse. E como nada se aprende sem um estudo serio, as consequencias d'essa falta de estudo temo-las palpapeis naquelle francez illustre. Quando abarca generalidades dialectaes — é um primor. Se entra em especialidades — *grand dommage*!... — nem sempre é impecavel. E duvidamos que outros tenham sido mais felizes, lembrando-nos *do que vae cá por casa*, e que esse esclarecido homem de sciencia conviveu na mais sympathica intimidade com os indigenas cerca de vinte annos! — Não obstante algumas informações um tanto phantasiosas que se notam no seu substancioso trabalho sobre o creoulo da Guiné, é dever nosso chamar sobre elle *toda a attenção* dos especialistas. (Bolet. da Socied. Geogr. de Lisboa de 1880. 2.ª serie, n.º 3, pag. 151. — Bolet. de la Société de Geograph. de Paris, 3.ª ed., t. xii, pag. 73-74, 1849).

Uma vez que nos achamos neste plano inclinado, perigosissimo, de criticar o que os mais fizeram, não podemos deixar de observar que, quasi tudo o que o meu primo Luiz F. de Barros escreveu acerca do nosso creoulo, não é bem a expressão da verdade. Elle conjuga assim o verbo *ir*:

Eu vou,	<i>mi na bai</i>
Eu fui,	<i>mi lha bai</i>
Eu irei,	<i>mi ta bai</i> .

Este meu parente é natural de S. Tiago de Caboverde, onde estudou de *re omni scibili* com um padre da Companhia, e sobretudo — linguas. *inclusivè* — o copta. Aos 17 annos escreveu um pequeno livro, *Impressões de sua viagem á Guiné*, onde apenas se demorou 3 a 4 mezes, se tanto. Pouco depois fundou um jornal, *Ecco de Caboverde*

na cidade da Praia ¹. — Perseguido pela politica, voltou á Guiné, onde assentou a sua banca de advogado, em Bolama. E como se fazia bem comprehender no seu dialecto natal aos seus clientes illetrados, nunca pensou em aprender outro, e por isso era-lhe facil, nas suas correspondencias para os periodicos ou Revistas, confundir os dois dialectos — o da Guiné e o de Cabo Verde.

Pedimos ao illustre Dr. H. Schuchardt a fineza de acceitar esta nota biographica em resposta á pergunta que faz no seu valioso opusculo, que tem o subtitulo «*NEGERPORTUGIESISCHEN SENEGAMBIENS*», depois de se referir a M. M. de Barros, «*ist der oben genannte Luiz Frederico de Barros etwa mit dem ersten ein und dieselbe Person?*»

* * *

Do monumental desmoronamento salvaram-se, creio, que todos os particípios do presente, *labado*, *bendido*, *bistido*, *compodo*, etc.; um imperativo archaico, *son* = soem, um ou outro gerundio, *ta-bendo* = vindo; e caso notavel, um presente de subjunctivo, *sedja-bos* = com tanto que. — As construcções periphrasticas supprem a falta dos particípios do presente ou gerundios; para o imperativo serve o infinitivo e a 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo; exemplos: *ben*, do verbo vir; *bâc*, do verbo ir; *labá*, do verbo lavar; *bistih*, de vestir; *compô*, de compor.

Temos ainda a formação singular de alguns verbos enchoativos com a desinencia de um particípio do presente junto á ultima sonante do radical, *lantandá*, de levantando; *perdenté*, de *perdentendo, de perdendo; *bebenté* (dar de beber) de *bebentendo, de bebendo. — Os reiterativos são frequentes: *djuguta-djugutá* = andar aos pulos.

* * *

Estando destruidos os cimentos da syntaxe da concordancia, resta-nos examinar o que ha de mais interessante na syntaxe de collocação.

Quando, sem artificio, as ideias se succedem segundo a ordem natural do pensamento, não ha, *geralmente fallando*, notaveis differenças entre o portuguez e o seu dialecto.

«Eu vou entregar a São João os seus dois livros de capa azul, que me emprestou, anno passado, em Bambayá para eu ler».

em na ba entergá sandjon se doç libre de capa sulade, que e' pista-m', ano passado, na Bambayá pa-m lê.

Porém, como não é essa ordem natural, simples ou vulgar que constitue maneira invariavel da locução portugueza, succede que,

¹ Luiz Frederico de Barros editou o seu primeiro jornal a *Imprensa*, em 1880, e o segundo, a *Justiça* em 1881.

quando é alterada, cortada, invertida ou transposta, como é corrente no estylo elevado, classico, ou academico, manifesta-se desde logo uma tão fundamental differença entre a lingua e o dialecto, que, se na traducção acompanhássemos o vocabulario — *passim*, mantendo a fôrma, o sentido seria obscuro, incomprehensivel mesmo, e muitas vezes contradictorio. Os exemplos que seguem, demonstram o que ha nisso de verdade.

«Perdoon-lhes o haverem-no offendido».

perdoâ les le ba na offendido
e' perdoâ les le na offendido ba
na offendido ba le perdoâ les.

Mesmo fugindo um pouco ao rigor grammatical, não ha meio de traduzir comprehensivelmente semelhante discurso. Para que seja possível, é preciso dar volta á phrase:

e' perdoâ és quel ofensa que é fassê-l.

«Quantos montes então que derribarão as ondas que batião denodadas!»

q'anto montes anton que durbi ondas, que batê-ba furios!

Isto é algaravia mesmo em creoulo, por se achar fôra dos moldes, dentro dos quaes os indigenas se expressam... aquelles famosos «moldes» de Vitney. — Demais, deve notar-se que o complemento é na traducção *ondas*, e o relativo *que*, numa e outra oração, sujeito de predicados; o que basta para inverter o sentido do discurso, descrevendo uma scena de cataclismo, a *fúria dos montes investindo contra o mar*.

A traducção deve ser:

ca ten conta quel montes, que maron de mar brabo durba.

Ou mais elegantemente:

quel dia que mar brabo ramangá se marons, ca ten conta montes riba de montes que e' durbâ.

Ou então:

quel dia! que mar brabo sintâ pa ramangá se marons, montes riba de montes que durbado quel ca ten conta.

Isto é:

Nesse dia em que o mar embravecido «se assentou», se firmou no proposito de arremessar suas ondas, foram innumerados os montes sobre montes que tombaram.

Nem, *nesse dia*; nem, *naquelle dia*, traduzem bem o apocalypticismo *quel dia!* que só pôde encontrar uma justa interpretação no *dies illa* da missa de finados. — Bertrand Bocandé já notara, com surpresa sua, singular eloquencia no phraseado d'aquelles negros d'Africa.

* * *

Resta-nos, finalmente, apresentar a pyramide das principaes vogaes que achamos no dialecto, pois que das consoantes já tratamos no artigo antecedente. — É aproximadamente como segue:

		â	
	(â)	a	ã
(é)	e	é	(ó)
ø		o	ô
i		ih (i)	u

Esta pyramide mostra-nos o valor relativo dos sons estranhos que os indigenas introduziram entre os sons legitimos da lingua portuguesa, cuja pyramide das vogaes é a seguinte:

		â	
	é	a	ó
ê		e	ô
i			u

§ 2.^o

ANALOGIAS COM O CABOVERDIANO

Assim como, com o termo GUINEENSE, reunimos numa só palavra os dialectos da Guiné, assim tambem, com o CABOVERDIANO, significamos o dialecto da ilha de S. Tiago, por ser o principal e o mais interessante de todo o archipelago. — Propositadamente não temos feito a esta linguagem a mais leve referencia: e os motivos que nos levaram a tomar esta resolução, que a nosso pezar não podemos manter, foram evitar que estes *apontoados*, fossem mais extensos; fugir ás responsabilidades e desgostos, que acompanham sempre aquelles que se mettem a falar do que os mais fizeram, — bem ou mal; e sobre tudo o nosso insufficiente conhecimento do Caboverdiano, e que demais a mais se subdivide em tantos outros, quasi tantos como as ilhas, segundo Lopes de Lima ¹. Todo o tempo que estivemos de passagem na cidade da Praia e nas ilhas de S. Vicente e de S. Nicolau, sommado, não irá muito além de um anno.

Porém, lembrando-nos que os dois dialectos se completam, «por não se differencarem tanto como se tem dito» (snr. Sá Nogueira P.

¹ Cf. os seus *Ensaíos estatísticos*, pag. 100-112 do 1.^o volume.

de Balsemão ¹⁾ seria uma falta sensível se fechassemos este capítulo sem defrontarmos os dois dialectos, sublinhando as variações que entre um e outro possam existir. Para isso pensamos que bastarão «A Parábola do Filho prodigo» do sr. J. Augusto Ribeiro, e algumas conjugações dos verbos segundo o sr. Paula Brito, não obstante ignorarmos o grau de confiança que a sua grammatica merece, por não termos conhecimento de uma critica, que nos dizem, feita pelo sr. dr. Schuchardt, que nos podia esclarecer e conduzir por uma vereda mais segura. No entanto, apenas consignamos aqui as nossas impressões, que de modo algum poderão obscurecer os verdadeiros meritos d'aquelle trabalho, que se acha compendiado n'um livro (Cf. Bolet. Socied. Geographia Lisboa, 7.ª Serie n.º 10 «*Dialectos creoulos portuguezes*»).

O sr. Paula Brito nasceu em Lisboa, e foi educado na Cidade da Praia no meio de uma sociedade distincta, e muito longe da convivencia intima com aquelles que falam o creoulo «*fundo*», «*rachado*», e genuinamente «*badio*». Ora, o sr. Adolpho Coelho não deixa de notar delicadamente que essa circumstancia não lhe podia ser por demais favoravel. O nosso pouco conhecimento do dialecto dá-nos apenas uma pequena margem para indicarmos umas differenças, que julgamos encontrar, e são ellas principalmente a surprehendente dissimilhança de significados ou confusão de tempos na conjugação dos verbos mais vulgares; e sobre tudo a invariabilidade do pronome *eu* — eu. — O sr. Joaquim Augusto Ribeiro tambem natural do reino, porém, negociante, parece-nos (salvo erro) que conhece melhor o dialecto puro, o *rachado dos badios*, porque só nesta *pequena coisa* chamada pronome da primeira pessoa, apresenta nada menos que tres fórmulas: *em, in, um* nos exemplos: *pan ta; em ca ta; quin ten, um ba*, segundo as differenças de posição, que é positivamente o que notamos no dialecto da Guiné, e no falar dos mandingas, e dos caboverdianos, ²⁾ — como se pôde ver na sua primorosa composição que tem por título *A' M' QUÊ BÔDE* (Cf. *Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch* do dr. H. Schuchardt.) Verdade, verdade, — ainda hoje achamos impossivel, que um portuguez nado e creado na Europa seja o verdadeiro auctor d'aquella producção, tão bem feita nos parece! O «*badio*» mais autentico dos Orgãos ou de Tarrafal não a faria melhor.

* * *

Persuadidos de que o estudo das migrações humanas é uma fonte, um canal inexaurivel, que nos pôde conduzir direito ao por-

¹⁾ Não sabemos ao certo quem assim se assigna, se é o illustre Secretario geral que foi do Governo de Caboverde, e mais tarde de Angola, e da India ou um seu irmão ou primo, que em Cacheu muito nos honrou com a sua amizade.

²⁾ Com a differença que na Guiné, em geral, o mesmo pronome se pronuncia *em*, quasi *hôn*.

qué de certos costumes e habitos, e de certas vozes e phenomenos de linguagem que apparecem normal ou esporadicamente, — demos no primeiro capitulo rapidas noticias do movimento dos povos entre o Niger e o Senegal em volta dos primeiros estabelecimentos dos portuguezes, indicando aquelles que, primeiro, em idade avançada, aprenderam a creoular o portuguez. Igualmente ácerca do povoamento d'aquellas terras do archipelago, algo diremos em duas palavras.

Ha opiniões a favor e contrarias á occupação da ilha de S. Thiago pelos jalofoes antes da escravatura e dos portuguezes. Os navegadores anteriores e posteriores a Messer Cadamosto, ou guardam silencio sobre o caso, ou afiançam com o mesmo navegador e Pedro de Cintra que aquellas ilhas (Maio, Fogo e S. Thiago) estavam deshabitadas, quando por lá passaram, «*não havendo nellas senão pombos e aves de estranhas sortes, e grande pescaria de peixe*»¹. Lopes de Lima, (obra citada, pag. xi) é d'esta opinião e accrescenta que «presiste» nella, e, indicando apenas os nomes dos seus auctores favoritos espraia-se em argumentos, não d'esses auctores, mas tirados da sua lavra, da sua sciencia maritima, muito esclarecida, com calculos de distancias, de ventos, e de correntes: argumentos esses, na verdade, ponderosos; mas que não destroem a opinião contraria, como tentaremos provar noutro lugar onde se nos offereça margem mais larga para dissertações. Por agora basta-nos dizer que só a ilha de S. Thiago tem uma superficie de 718 k.²: e que esses ousados marinheiros, cuja missão era descobrir novas terras, singrando ao longo das costas, medindo e sondando surzidouros, — não lhes sobejaria tempo, na sua passagem, para explorar aquellas ilhas vulcanicas e accidentadas. Os habitantes podiam perfeitamente demorar afastados das bordas do mar, e longe do alcance dos excursionistas marinheiros, que alli foram á caça, fazer aguada, ou abrigar-se dos ventos duros e ponteiros.

Respeitando muito a opinião contraria, razões temos que nos levam a suppôr, ainda, que os primeiros habitantes, o subsolo ethnico, da ilha de S. Thiago não seriam escravos importados da nossa costa da Guiné. Os camponeses de Caboverde, chamados *radios* afastam-se tanto dos Pepeis e Mandingas dolicho-prognatos, quanto se aproximam dos Jalofoes, os negros mais perfeitos de toda a Senegambia, e por cujas mulheres, as *soroás*, entrou a escravatura no mundo, aphorismo corrente entre os mesmos — tão formosas ellas são! Os sons gutturaes, que devem existir entre os serranos de S. Antão, ha cerca de cincoenta annos, Lopes de Lima ainda os encontrou na expressão geral de todos os naturaes do archipelago, e que tão mal o impres-

¹ Cf. *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes* — 2.º vol. Navegações de Cadamosto. (Bibl. Nacional de Lisboa 2:221).

sionaram ¹ (cf. seus *Ensaio* pag. 109.) — O z jalofo, se bem que de raro em raro, também apparece no caboverdiano como um phenomeno de atavismo. Na scena comica «*Á mi qué bóde*» do snr. Ribeiro, lêmos *zabola*, cujo z, é igual a z de zaragatoa, som que não ha em nenhuma das linguas da Guiné: em S. Antão ainda dizem *bzôto cá tá oyába*.

Além dos sons gutturaes, e do z atavico, encontram-se numerosos termos, que são completamente extranhos ás linguas da costa fronteira. Em fim, o *batuque*, especie de fado ou de fandango, com saracoteados simicapros, e que tanto fazem *córar* de vergonha os fillos da Guiné, é igualmente costume jalofo.

Confrontos

DIALECTO DA ILHA DE ST. IAGO

DIALECTO DA GUINÉ

Fabula do Filho prodigo ²

Storia d'un filho starbagante	Storia d'um fidjo <i>starbagante</i> (do-do) ³
Temba un pai que temba dôs fi-jho	— ¹ é, tem-ba um pæe que tem-ba doç fidjo
Quel más piquinotê un dia	— quel maç <i>piquinote</i> (maç nobo) um dia
bira na si pai, é flâl	— birâ na se papê e' fala-l'
pá-dâl quel qué al ben ardâba	— pa e' da-l' quel que e' ta ben ardâ ²
si pai dâl mé	— se papê da-l' síma ³ é' pidi
ê caba di racêbê	— e' cabá recebê
Ê flâ si pai adês, ê sai,	— e' falâ se papê adêç, e' sâe

¹ «... substituíram-lhe (a lingua portugueza) uma algaravia mestica de termos africanos e portuguez antiquado, (e ainda alguns a que seria difficil assignar origem certa) pronunciado velozmente com terminações gutturaes, a que chamam lingua *creola*, sem grammatica, nem regras fixas».

«Sem grammatica»? Contra isso protestará sempre o snr. dr. Adolpho Coelho, e com razão, pois aquillo não é nenhum dialecto chinez, ou lingua turca».

No dialecto de S. Antão ainda apparecem essas famosas gutturaes. Luiz Frederico de Barros dá-nos as seguintes amostras que elle mesmo recolheu da bocca dos serranos d'aquella ilha. As gutturaes vão indicadas com r, e h simples ou dobrados.

Jezuz Crriusto = Jesus Christo — *khôrby* = arvores — *vragaldha* = vêr — em *t'orrnáha* = verto agua (?) — *bzôto - ca - tá - oyáha comá-ê-ta rras-pingáha comá-cabrito-na-mantón?* = Vós outros não olhaes como elle respinga (salta?) como cabrito no montado?

² In — *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen romanisch* — Dr. H. Schuchardt.

³ Os caboverdeanismos, no dialecto da Guiné, vão sublinhados.

ê bá môra n'oto téra;
ê cá chiga lâ, ê bira na-straba-
gancia

tí dia qué cá gásta tudo cussa qui
si pai dába el
Cando jhê cá gasta fêpo,

e qui jhe ojha m'é cá ten nada
más,

e qui, própi jhe bira ê cá sabê cus-
sa qué tâ fassê,

Ê bá pidi, ê dado un cabo pê tâ
gárda porco,
na cássâ d'un mórgado rico di
quel téra

Alâ góra qu'é ben conxe si dis-
graxa.

Cando jhê cuda té, ê flâ:

"Ua nha m'ai?..."

Canto morador na cassa di nha
pai farto,

e a mi li si eu fome, ta buscá
mórê!

'N cá pôde sapporta más!

'N tâ bá pundi nha pai,

'n ta finca duejho si diante, 'n ta
flal:

Qué papai! nho purdan!

jhan sâbê mân graba nhô

simâ 'n graba nhor Dês;

'N cá merecê di nho tratan sima
fijho di nhô;

más di sumola, nho toman sima
morador di nho, e nho tratan
sima nho ta trata quel eriado
más mufino qui nho ten li.

Cando jhê fassê ês xintido suguro,
ê pega na caminho,
ê bai, má na ante d'ê chiga, si pai
jhâ xintil jhâ;

— é' ba morâ n'otro téra;

— e' cabâ chigâ e' bidâ na fassê
'starbagancia

— té quel dia que e' cabâ gasta
tuda cussa que se papê da-l'-ba
— *q'ando* (ochâ) dja e' cabâ gasta
fêpo (tudo)

— e *que dja e'* (e' ben) odjá comâ
e' «ca» ten nada maç

— e (*que, prope dja e' bidâ*) sima
dja e' ca sebê cussa que e' ta
fassê

— e' ba pidi, e dado un cabo pa
.e' ba-ta (*gardâ*) baqueá porco
na cassa (*d'un morgado*) d'un ri-
con⁴ de quel tera

ê la que e' ben concê se desgraça

(*q'ando*) dispoç que e' cudâ té, e'
falâ

nha mamê oh!...⁵

(*q'anto morador*) alâ manga de
djente na cassa de nha papê
tudo farto,

(*e mi li sin*) e ami li sin co fome
(*ta buscá morê*) na risco de morê

am «ca» podê saportâ maç

am ta ba nonde nha papê

am ta fincâ djodjo se deante, *am*
ta fala-l'

papê porda-m', qué!...⁶

dja-'m sabê comâ 'm

garba-bo sima 'm garbâ nhôr Dês

am «ca» mercê nho (*trata-m'*) te-
ne-m' (*sima*) na conta de bo fi-
djo

maç de sumola (*nho toma m' sima*
morador de nho) tene-m' na con-
ta de bo ospre, co'⁷ catibo maç
mofino (amonton) de bo cassa
(*que bo ten li sin*)

(*q'ando*) e' cabâ fincâ sintido

e' mondô caminho⁸

e' bae, maç antes de e' chigâ se
pae dja sinti-l [melhor] e' sin-
ti-l-ba-dja

- e comá un pai cá tâ pode despre-
zia si fíjho,
- ê cá ojhá qué ojhá!,
- ê corê, ê bá barçal,
e ê purdal tudo cussa qué fassê-
ba êl.
- Ê bira propi na si criados,
ê flal: "Nhos bá tarsem quel rôpa
más fajhado qui nha fidjo tem;
- Nhos pô calderon riba,
por qui hoche 'n crê fassê un fes-
ta bejho,
- pa nós tudo no fica sabi dento dês
cássã.
- Cando si armun más bėjho, qui
staba na sirbiço, chiga,
qu'ê obi batuco, cu musgo ta
tôca,
- Ê qui jhe ojha ma tudo quel festa
é só pabia si armun qui jha torna
ben cássa
ê cioz; ê acha mã cá tâ pôde ser,
- pa ta facido quel festa tudo,
- pa bia d'un môs qui sai di cássa
di si pai
ê qui bá gasta na strabagancia
- tudo cussa qué dado,
ê qui dêxa ti dia qué cá ten nada
más que pôde fassê,
- anton qué cunsa lembra ben cassa
di si pai.
Mã si pai, caba di xinti cussa qui
môs sa ta cuda na si xintido, ê
- sima e' ca ten pãe que ta dispres-
sa se fidjo [melhor] botá; «dju-
ti»; «disdangti»⁹ se fidjo
e' cabã odja-l-nam': co' odjã que
e' odja-l-nam'
- e' corê e ba barça-l
e' pordoa-l tudo cussa que e' tardã
fasse-l-ba
- e' bidã na se criados¹⁰ prope
e' falã "bôç ba tissi-m' quel ropa
maç *fadjado*¹¹ (maç dereto;
maç formoç; maç djanota) que
nha fidjo ten
- boç ba pôe caleron na fugo
parque aôç am quere fassê *um fes-
ta bedjo* (santa-maria¹² de fun-
dson¹³ [= funcção])
- pa na *ficã tudo sabe* dentro d'ês
cassa (pa tudo alguen contente
n'ês cassa)
- (*q'ando*) se ermon mas bedjo que'
sta-ba na sirbiç cabã chigã
e' obi (*batuco*¹⁴) badjo; tambor:
fundson: festa gardo: festa risso:
festa bedjo co musgo ta tocã¹⁵
e que djã e' odja [melhor] e sima
e' odjã
- ê son par bia [= causa] de se er-
mon que tornã ribã cassa
e' ochã comã e' «ca» podê sedo
(e' ochã [melhor] e' entendê; e'
cudã; e' parce-l': e' falã)
- pa fassido tudo quel *festa* (quel
santa-maria de fundson)
- par bia d'un moç que sãe de cas-
sa de se pãe
- pa bá gastã na starbagança: amon-
tondades: danaçon; perdicon
tudo cussa que ê dado
e que e' dessã tê dia (e dessa tê
dia) que e' «ca» ten nada maç
que e' ta podã fassã
- anton (quel ora) que e' cunçã lem-
brã ben cassa de se pãe
maç se pãe cabã sinti cussa que
moç sa ta cndã na se sintido e

pól 'ntende	fasse-l entendê [melhor]: e con- sedja-l
ma un pai pâ ser fajhado, ê al trãta si fijos tudo só di quel un módi,	comã um pãe pa sedo dereto e' ar trata se fidjos tudo son de quel un mode [melhor]: e' «ca» ta Fassê scodja na se fid- jos
"Nha fijo, bô armun jha mórêba jã, e hojhe jhe torna bibo;	nha fidjo, bo ermon more-ba-dja [melhor] e' perdê co noç: e aôç dja e' tornã bibo [melhor] e' tor- nã lantã (= labantã)
a el jhe perdeba jha, a nós qui ben achal;	e' perdê co noç, na ben ocha-l [melhor] na tornã codje-l
a ês qui fãssê qui bô ojhanô no 'sta tudo contenti dento dês cabo.	ê êl que mandã bo odjano na con- tente a noç tudo dentro d'ês cassa.

NOTULAS Á PARABOLA

1) e', e, ê. Representamos assim e', pronome *elle*; e conjuncção; ê = é, verbo com o fim evidente de differenciar esses sons que não são bem distinctos na pronuncia indigena, excepto talvez e que ao nosso ouvido sôa quasi i.

A orthographia do rev. Henrique (no meio de outras bem differentes entre si) é a que mais se approxima da nossa. Entretanto devo confessar que a minha maneira de representar os sons e de redigir o creoulo deve achar-se ainda sob a influencia do dialecto de Cacheu, influencia que jámais se apagará «*qui ne s'efface jamais*», segundo Whitney, por ser aquelle sob cujo imperio estivemos mais tempo.

Este dialecto deve ser o mais *vernaculo* por se achar como que isolado de poderosas influencias varias, taes como o portuguez, o mandinga e o caboverdiano. Não pretendemos com isso dizer que tenha escapado a todas as influencias possiveis, até mesmo do *idioma* fulupo labial em extremo, e com uma pronuncia calcada sobre o u e o ó. Em Bissau dizem *otro*; em Cacheu *ítur*. Em Bissau e Bolama, *pon*, *pons*, em Cacheu *pon pomes* = pão, pães.

2) *que e' ta ben ardã*, que elle ha de vir a herdar.

Qué al ben arda ba, caboverdiano, significa no guinéense, *que elle haveria de vir a herdar*, ou *que elle herdaria*, modo de se expressar mais hypothetico em relação a herança futura. A primeira fórma é positiva.

3) *sima* = *assim comã*, *assim como*.

4) *d'un ricon*. Na Guiné nunca houve morgadios.

5) *papè pord-m'*, qué!... Eloquente exclamação que envolve a ideia de supplica no fundo de uma censura filial. *Perdoae-me, por quem sois*, não diz tanto como *papè porda-m' qué!*...

6) *nha mamè oh!*... á moda indigena. Os Pepeis dizem *pap' nan-co' ooh!* Traducção em creoulo: *papè que padi-m' oh!*... pae que pariu-me oh! Esta fôrma interjectiva é frequente.

7) *co'* — com, preposição, que muitas vezes funciona no dialecto como conjunção copulativa.

Podíamos escrever *có'*, porém preferimos seguir o conselho do dr. Schuchardt não abusando dos signaes orthographicos: nem mesmo saberíamos como contentar a todos os dialectos, o de Cacheu, de Bissau, de Geba, de Ziguichor e de Bolama onde aquella particula se pronuncia differentemente *cu, có, cô, co, cò*.

O accentto medio, o mais geral, como é a pronuncia typica de Cacheu, parece-nos preferivel.

8) *e' mondô caminho*, tomar caminho á mão: ou talvez, tomar a mão (ou o braço) do caminho, em sentido figurado. Porém o verdadeiro conceito da phrase é: estar de posse do caminho, ou tomar caminho, ou segui-o resolutamente. E' uma bella expressão emphatica muito frequente entre aquelles indigenas.

9) *djutì disdangù*, termos mandingas muito usados no dialecto. — *Djutì*, é fazer pouco d'alguem; e *disdangù*, termo composto do verbo mandinga *dam-cum*, responder, e da preposição portugues *des*.

10) *e' bidâ na se criados prope*, dirigiu-se aos seus proprios criados, é como se pôde traduzir no guinéense: *prope na se criados* significa mesmo nos seus criados, isto é: no physico dos seus criados.

11) *fadjado*, galhardo.

12) *põe caleron na fugo*, e não, *põe caleron riba*, porque quereria dizer em qualquer parte muito superior, no sotão, por exemplo, menos ao lume.

13) *santa-maria de fundson*, tudo o que é interminavel, como uma conversa enfadonha, dizemos nós: *que ladainha!* Ora, como as ladainhas começam com a invocação a Santa Maria, passou este nome por extensão a significar toda a ladainha, tudo o que é interminavel, enfadonho e massador.

14) *é' obi (batuco)* especie de fado ou de fandango é-lhes desconhecido; e como dissemos, é dança nacional dos jalofos. Na Guiné

dançam ao som de tambor e de outros instrumentos musicos quasi á moda nacional dos russos ou polacos. Os fulas de Chernó, que ahí estiveram nas festas do centenario do Gama exhibiram perante o publico do Coliseu de Lisboa uma das feições caracteristicas da dança indigena, que não tem absolutamente nada de indecente e de vergonhoso.

15) *musgo ta tocá*, não significa o mesmo que *musgo na tocá*.

Se, *musgo na tocá*, é que, com effeito a musica no actual momento está tocando.

E se, *musgo ta tocá*, é por que tocou, pôde estar tocando, e com possibilidade de continuar a tocar: é um presente *possivel* ou *potencial* em relação ao passado sob a fôrma do futuro. — Tambem em portuguez temos o *presente historico*, em que o presente se refere a um facto passado; etc.

Verbo — SER

INDICATIVO — PRESENTE USUAL

CABOVERDE

GUINÉ

«*ĩ ta-ser*, eu sou, hei de ser»

«*m ta sedo*, eu serei

«*mi é*, eu sou, hei de ser»

«*a mi* (ou *amin*) *é*, sou

NA GUINÉ: eu sou, «*m sedo*

hei de ser, «*m ta sedo*

PRETERITO IMPERFEITO

«*ĩ era* (*mi era*), eu fui, fui eu»

(«*m era-ba* [?]), «*m sedo-ba*, eu
era: *era-ba*, era

«*é mi*, eu fui, fui eu»

«*é mi*, sou: fui eu

FUTURO

«*ĩ al sér*, eu serei»

«*ang-ar*, ou «*m iar*, *sedo*; talvez, é
possivel que eu seja

NA GUINÉ: eu serei, «*m ta sedo*

CONDICIONAL

«*ĩ al-sérba*, eu seria»

«*eng-ar* ou «*m iar sedo-ba*, eu teria
sido: é possivel que eu fosse

NA GUINÉ: eu seria, «*m ta sedo-ba*

IMPERATIVO

«*Sér-bo*, sê tu»

«*son* (Ad. E. Silva).

SUBJUNCTIVO — PRESENTE

«*k-i sér*, que eu seja»(quel) *q'am sedo*, aquillo que eu souNA GUINÉ: que eu seja, *pa 'm sedo*seja (= comtanto que), *sedja-bog*

PRETERITO

«*k-i sér*, que eu fosse»(quel) *q'am sedo*, aquillo que eu souNA GUINÉ: que eu fosse, *pa 'm sedo*

FUTURO

«*S'i sér*, se eu fôr»*s'am sedo*

INFINITO — PRESENTE

«*Ser*»*sedo*

PARTICIPIO

«*Sëdu*, sendo»*co' sedo: sima é sedo*, com o ser: assim como elle é (= sendo)

Verbo — TER

INDICATIVO — PRESENTE USUAL

CABOVERDE

GUINÉ

«*i tē*, tenho, hei de ter»*am ten*, ou *am tenê*, eu tenho«*i tenê*, tenho, hei de ter»*am tenê*, eu tenho«*i ta-tē*, tenho, hei de ter»*am ta ten*, eu terei

PRESENTE ACTUAL

«*i satū-tē*, eu estou tendo»*am sa ta ten*,

PRETERITO IMPERFEITO

«*i ta-tēba* (*teneba*), eu tinha»*am ta ten-ba*, eu teriaNA GUINÉ: eu tinha, *am ten-ba*

PRETERITO PERFEITO

«*i tēba* (*teneba*), eu tive»*am ten-ba*, eu tinhaNA GUINÉ: eu tive. (Só traduzível na fôrma periphrastica): teve boa sorte, *e' panhá sorte*. Teve dois pintainhos, *e' padí doç pinton*

FUTURO

«*ī al-tē (tenē)*, eu terei» *ang-ar* ou *em iar ten* ou *tenē*, talvez, ou é possível que eu tenha
 NA GUINÉ: eu terei, *am ta ten*

CONDICIONAL

«*ī al-tēba (teneba)*, eu teria» *ang-ar* ou *am iar ten-ba*, talvez, é possível que eu tivesse
 NA GUINÉ: eu teria, *am ta ten-ba*

IMPERATIVO

«*Tē (tenē)* *bo*, tem tu» *tenē*

SUBJUNCTIVO — PRESENTE

«*k' ī tē (tenē')*, que eu tenha» (*quel*) *q'am ten*, aquillo que eu tenho
 NA GUINÉ: que eu tenha, *pa' m ten*

PRÆTERITO

«*k' ī tēba (teneba)*, que eu tivesse» (*quel*) *q'am ten-ba*, aquillo que eu tinha
 NA GUINÉ: que eu tivesse, *pa' m ten-ba*

FUTURO

«*S' ī tē (tenē')*, se eu tiver» *s' am ten*

INFINITO — PRESENTE

«*Tē (tenē')*, ter» *tenē*

PARTICIPIO

«*Tēdu*, tendo» ? (Traduzível num circumloquio).
 Tendo elle um passarinho na mão, deixou-o fugir: *el co' doç pastrinho na mon, e' dessa-l fussi*

Verbo — FALAR

INDICATIVO — PRESENTE USUAL

CABOVERDE

GUINÉ

«*i ta fla*, eu digo»«*m ta falá*, eu direiNA GUINÉ: eu digo, «*m na falá* ou «*m na paped*

PRESENTE ACTUAL

«*i sa ta fla*, estou dizendo»«*m sa ta falá*

PRETERITO IMPERFEITO

«*i ta flaba*, eu dizia»«*m ta fala-ba*, eu diriaNA GUINÉ: eu dizia, «*m na fala-ba*

PRETERITO PERFEITO

«*i fla*, eu disse, tenho dito»«*m falá*, disse: tenho dito (?)

FUTURO

«*i al fla*, eu direi»«*ng-ar* ou «*m iar falá*, talvez eu digaNA GUINÉ: eu direi, «*m ta falá*

CONDICIONAL

«*i al fla*, eu diria»«*ng-ar* ou «*m iar fala-ba*, eu teria dito; talvez dissesseNA GUINÉ: eu diria, «*m ta fala-ba*

IMPERATIVO

«*Fla bo*, dize tu»«*falá*; «*paped*

SUBJUNCTIVO

«*k' i flá*, que eu diga»(quel) q'«*m falá*, aquillo que eu disseNA GUINÉ: que eu diga, «*pa 'm falá*; «*pa 'm paped*

PRETERITO

«*k' i flaba*, que eu dissesse»(quel) q'«*m fala-ba*, aquillo que eu tinha ditoNA GUINÉ: que eu dissesse, «*pa 'm fala-ba*

FUTURO

«*S' i fla*, se eu disser» *s' am falá; s' am paped*

INFINITO — PRESENTE

«*Flá*, dizer» *falá; paped*

PARTICIPIO

«*Fladu*, dito» *falado*

Verbo — CHOVER

INDICATIVO — PRESENTE USUAL

CABOVERDE

GUINÉ

«*Ta chóbé*, chove *e' ta chobé*, choverá

NA GUINÉ: chove, *e' na chobé*

PRESENTE ACTUAL

«*Sa tá'-chóbé'*, está chovendo» *e' sa ta chobé*, está chovendo

PRETERITO IMPERFECTO

«*Ta-chôbêba*, chovia» *e' ta chobe-ba*, choveria

NA GUINÉ: chovia, *e' na chobe-ba*

PRETERITO PERFEITO

«*Chóbé'*, choveu *chobé*, chova (no Imperativo)

NA GUINÉ: choveu, *e' chobé*

FUTURO

«*Al-chóbé'*, choverá» *e' ar chobé*, talvez chova

NA GUINÉ: choverá, *e' ta chobé*

CONDICIONAL

«*Al-chóbé'*, choverá» *e' ar chobe*, teria chovido; é possível que chovesse.

NA GUINÉ: choveria, *e' ta chobe-ba*

SUBJUNCTIVO — PRESENTE

«*Ki chôbé'*, que chova» (quel) que chobê, aquillo que choveu

NA GUINÉ: que chova, *pa chobê* ou *pa e' chobê*

PRETERITO

«*Ki chôbéba*, que chovesse» (quel) que chobe-ba, aquillo que tinha chovido

NA GUINÉ: que chovesse, *pa chobê*: ou (pa) *chobê*: *e' mandá pa nubes chobê*: «*dêz mandá chuba chobê*», Deus mandou que a chuva chovesse.

FUTURO

«*Si chôbé'*, se chover» se *e' chobê*, se elle chover

INFINITO — PRESENTE

«*Chobê'*, chover» *chobê*

PARTICIPIO

«*Chobidu*, chovido» *chobido*

A lição mais curiosa e interessante que pudemos tirar do confronto dos dois dialectos é que nos parece haver mais português ou mais feição portuguesa e terminologia moderna no dialecto da Guiné, que no de Caboverde. Devia ser o contrario. — Desejavamos em todo o caso vêr esta nossa supposição confirmada ou combatida pelos distinctos e conscienciosos dialectologos caboverdianos os Srs. Joaquim Vieira Botelho ¹, Joaquim Augusto Ribeiro, e Conego Costa Teixeira ².

De uma lista de 51 vocabulos em creoulo de Caboverde que o Sr. Dr. Schuchardt por um rasgo de fineza se dignou remetter-nos afim de a completar com o creoulo da Guiné encontramos 14 ou 16 evidentemente portugueses, que são usados neste dialecto, e apenas 5 ou 6, no de Caboverde e taes são: *burburi*, *bzid*, *chussí*, *manduco*, *regalá* e provavelmente *mondogá*, e *mundugu* (Cf. o seu cit. op. pag. 156).

¹ Cf. *Breves estudos do creôlo das ilhas de Cabo-Verde* off. ao Dr. H. Schuchardt Boet. Socied. Geogr. Lisboa, 1875 — 6.ª série n.º 6, pag. 374.

² Auctor dos *Lusiadas*, canto 5.º, estancia viii e ix, *traducção em criôlo de Santo Antão* (Cabo-Verde) in *Revista portug. colonial maritima* de 1898, n.º 9, pag. 567.

Da referida lista extractamos os termos seguintes:

GUINÉ	CABOVERDE
<i>desfiá</i>	bsu
<i>tocã palmo</i>	côlã
<i>rôe, murmurar</i>	corcuti
<i>ranhã</i>	chuchi
<i>buscã palavra</i>	chussi
<i>ratajjá</i>	finingã
<i>êmbared, atordoar</i>	junjá, jonjá
<i>enguli</i>	lôlô
<i>sussã-sussã</i>	mondogã
<i>marotã, marlotã</i>	mundugui
<i>jjobê (von olho ver)</i>	regalã
<i>cambiã, deitar liquido</i>	sulí,
<i>termê</i>	tingui

Quanto ás alterações dos vocabulos a grammatica do Sr. Paula Brito fornece-nos os seguintes exemplos, que poderiam reforçar as nossas presumpções se não achassemos no seu vocabulario mais calão que dialecto:

CABOVERDE	GUINÉ
<i>Cachô (caxorro)</i>	<i>cachor</i>
<i>Paia (palha)</i>	<i>padja</i>
<i>Brido (vidro)</i>	<i>bidro, e bidre</i>
<i>Lamento (alimento)</i>	<i>alamento</i>
<i>Aso (asno)</i>	<i>asno</i>
<i>Chêmi (queimar)</i>	<i>quemá</i>
<i>Fala é fi (fala é filha)</i>	<i>fala é fidjo</i>
<i>Rabu'l paja (rabo de palha)</i>	<i>rabo de padja</i>

* * *

Se fosse certo, como pretendemos, em vista dos principios de prova, que acabamos de expôr, — que ha mais português no dialecto da Guiné, que no da ilha de S. Tiago, esta observação, na apparencia paradoxo, teria uma explicação facil na influencia e differenciação dos meios em que os dois dialectos se desenvolveram.

Os rudes trabalhadores dos campos de S. Tiago e de S. Antão no isolamento em que viveram seculos nas suas serras, «cachadas» e «ribêras» só o minimo d'essa população, em periodos de poucas horas diarias, nas feiras e nos mercados, vem pôr-se em contacto com as populações das cidades, onde as ideias circulam e se renovam sem cessar.

Na Guiné, pelo contrario, desde os tempos nefastos da escravatura, todas as casas se acham grupadas num limitadissimo recinto, a bem dizer, de alguns centos de metros quadrados, como se fossem casaes, logarejos ou acampamentos cercados de muros ou de paliçadas, — todos se conhecem e vivem em familia sob a influencia intellectual de uma ou de poucas notabilidades argentarias mais ou menos esclarecidas ou civilisadas.

Essa influencia é de um effeito tão imperioso que se notam differenças dialectaes accentuadas e num *crescendo* rapido em relação á sua maior intensidade.

O creoulo de Cacheu passou por ser o *melhor fallado*, durante o longo espaço de tempo que ali foi a séde do governo de toda a colonia. Com a mudança das repartições centraes do Estado para Bissau, em menos de 100 annos, o creoulo d'esta villa já é mais correcto, e notavelmente superior ao da praça de Cacheu. Hoje com o governo da provincia em Bolama, o dialecto vae adquirindo uma feição nova com tendencia a aporuguesar-se.

Não obstante o nosso natural empenho em redigir por equal, normalisando o dialecto, e expurgando-o de *gentilismos* (queria dizer, de *barbarismos*), a historia de Duco, que ha de vir em um novo capitulo; a fabula do lobo e do cordeiro; e as Colambas de Augusto, bastariam para marcar as gradações ou estagios na vida d'aquelle dialecto portuguez, — contudo, julgamos opportuno formar uma lista de vocabulos mais vulgares em Bissau o Cacheu, para mostrar as suas differenças. Vae na mesma lista incluído o vocabulario dos *Discidos* e de Bolama.

Dialectos

De CACHEU (e *Discidos*) de BISSAU (e *Bolama*).

<i>lantá</i> (levantar)	levanta
<i>fogaléro</i> (fogareiro)	fogarero
<i>uchol</i> (achar)	ochã
<i>duç</i> (dois)	doç
<i>dêç</i> (Deus)	deus
<i>mistade</i> (amizade)	missade
<i>rênha e reynha</i>	rainha
<i>tissi-l'</i> (tuâga-o)	tesse-l'
<i>biscá</i> (buscar)	buscã
<i>criatuda</i> (criatura)	criatura
<i>siquido</i> (se quedar)	sequido
<i>ótur</i> (outro)	otro
<i>site</i> (azeite)	sête
<i>purmedo</i> (primeiro)	purmérô
<i>biscá</i> (buscar)	buscã
<i>rapadá</i> (reparar)	rapará
<i>caí</i> (acabar)	cabã

<i>tudji</i> (tolher [= negar])	<i>todjê</i>
<i>e'quíri-m'</i> (elle quer-me)	<i>quere-m'</i>
<i>quinte</i> (gente)	<i>djente</i>

Em abono da verdade, devemos prevenir que, quaesquer alterações de linguagem, sejam ellas lexicologicas ou grammaticaes, mesmo em Cacheu, são, pelas pessoas bem fallantes ou que se presam de fallar bem a sua lingua — mal recebidas, e mesmo censuradas, como *sotaques* e *calões* de mau gosto, proprios de gente mal educada ou de baixa esphera. Os termos considerados como *sotaques* vulgares são entre outros:

mistade
ditur
purmedo
rapadd
caá
quíri-m'
rênha
quinte
fogaléro.

* * *

Generalisando, fallamos da influencia intellectual de uma ou mais notabilidades argentarias naquelles pequenos nucleos de povoação chamadas com toda a propriedade — *praças* e *presidios*, como quem diz, ACAMPAMENTOS DE GUERRA; — muito a proposito d'essa salutar e efficacissima influencia diremos:

O periodo aureo da civilisação da praça de Cacheu brillou no tempo em que estavam á testa de poderosas casas — os Benícios, os Dias, os Alvarengas, e os Barretos, extremando-se nesta familia Honório Pereira Barreto que foi governador emerito de toda aquella colonia. Este grande portuguez de coração era filho do opulento negociante João Pereira Barreto, e foi educado em Lisboa no extinto Collegio dos Nobres. — Em Bissau, esse periodo teria logar no tempo dos Barros e dos Nozolinys. A acção civilisadora d'estas duas importantes casas não podia attingir efficazmente os habitantes extra-muros chamados *grumetes*. O creoulo d'esta gente que fórma a massa popular da Guiné, por ser o menos puro e correcto, é denominado *creoulo dos descidos*, dos que vieram das terras altas para os estabelecimentos portuguezes á beira mar.

O dialecto de Geba apenas se distingue á primeira observação dos tres dialectos mencionados por causa dos seus dd cacminnaes, e o de Ziguichor, na terra dos Fulupos-zegochos pela predominancia das labiaes. O de Farim fluctuará entre os dois dialectos de Geba e Cacheu.

Nos poucos dias que demoramos neste presidio sertanejo não tivemos tempo, ou não prestamos attenção ás suas características differenças.

Os dialectos do Rio-Grande, de Santa Cruz de Buba, e de Cas-sine será neste momento historico igual ao de Bolama.

§ 3.º

VOZES PEREGRINAS

«Commençons par l'adjonction des mots empruntés aux langues étrangères comme étant le procédé le plus externe. L'emprunt est, plus ou moins, le moyen commun de s'enrichir que les langues ont employé. Il n'y a point de dialecte dans le monde qui n'ait pris quelque chose au dialecte voisin» (*Whitney*, ob. cit. pag. 96).

Se linguas e dialectos ha, que, depois de fundamente estudadas num espaço de tempo necessariamente longo, se achou que escaparam a essa lei tão natural, tão evidente, tão necessaria, pensamos que difficilmente se conseguirá fazer entrar os dialectos portuguezes da Guiné em o numero d'essas linguas afortunadas, que nunca mendigaram termos de outras linguas por necessidade ou vaidades de luxo dispensavel.

Quando encetámos a traducção das *Nharambanas*, das *Cacatuas*, dos *Fino-mi*, e mais specimens da litteratura indigena, topavamos a cada passo com terminologias tão extranhas, tão irreductiveis, que, esgotada a paciencia, e perdida toda a esperanza de as encontrar nos Calepinos portuguezes, escrevemos para a Africa perguntando, e a resposta que de lá nos veio convenceu-nos de que, com effeito na nossa lista de 31 vocabulos, que pacientemente iam colligindo se encontrava nada menos que as linguas *Biafada*, *Bijagó*, *Banhua*, *Aci Sumá*, com um só vocabulo cada uma; o *Pepel*, com 4; e o *Mandinga*, com 21.

Nem todas essas vozes peregrinas transitaram no creoullo no seu estado primitivo, ou de *cruda forma*: evidentemente, foram primeiro *adoçadas* ou remodeladas atravez dos órgãos de phonação menos barbaros. E, caso para notar! andam geralmente a par de outros termos equivalentes do vocabulario portuguez, e nessa parceria hybrida funcionam como synonymias no dialecto. — Damos a lista de alguns.

funguli, de *funcoalatá* (Mandinga): esfumaçar; fazer-se pardo, cinzento, nublado.

chum pi, de *echumpé* ou *etumpé* (Fulapo): fabricar azeite de palma. — No dialecto portuguez é: = *cuçuhá sete*.

djuti, de *djututá* (Mandinga): achar pouco (Luiz C. Dias).

caur (Pepel?): dunas, bancos de areia, coroa maritima (Adolpho Eduardo da Silva).

= *banco de reia*.

= *c'roua*.

cáncara, de **cancaráng-ò** (Mandinga): tecto. Em sentido figurado: coisa muito grande; muito alta; desmarcada.

soaqué, (Bijagó): fregar peixe (Adolpho E. da S.).

= *fisgá peç*.

sibe, de **sibó** (Mandinga): uma palmacea.

caêlé (Pepel): concha de mexilhão (Adolpho E. da S.).

= *concha de lingron*.

dangú, de **dan-cun**, ou **dangú** (Mandinga): responder. E, **desdangú**, português e Mandinga, não responder.

= *ca bo ruspondê*.

= *ca bo cudi* = não acudas (ao chamamento).

fidinguiti, de **findinguiti** (Mandinga): trambuilhão, queda ou salto comico.

= *trambudjon*.

suli, ou *soli* (Caboverdiano, e por consequencia, Jalofo?): cheirar mal.

= (*e' na*) *fede*; *e' na*) *chèra mal*.

badjuda (Caboverdiano, *Rev. Henrique*) de **bagudon** (Banhum).

= *moça*.

= *rapariga*.

djédjê e *djidjih*, de **djelé** (Mandinga): rir; mas rir com satisfação; dar gargalhada: relinchar.

= *çotá gargadjada*, açoitar gargalhada (fazendo-a estalar como um chicote).

= *ri*.

felé (Mandinga?): riso ou gargalhada zombeteira ou caustica.

cocobêo, de **cocobéó** (Mandinga): rheumatismo (Ad. E. da S.).

= *rumatismo*.

djifrafo, de **djipûrpur** (Fulupa): alma penada, especie de ló-bishome.

cassequé, de **issequé** (Pepel): peixe secco (Luiz C. Dias).

= *peç seco*.

balimbô, de **balimbáng-ò** (Mandinga): instrumento de corda em fôrma de arco de flecha.

* * *

Ao lado d'estas vozes d'origens conhecidas encontram-se outras cuja proveniencia se ignora; sendo algumas «de pura invenção dos creoulos» segundo o parecer do Rev. Henrique, e as minhas antigas suspeitas. Não nos encontramos desacompanhados neste ponto. — O nosso grammatico Duarte Nunes de Leão tambem diz, que palavras ha, que «no vocabulario tem seus nativos, que não tomaram de outras gentes, que nós sabemos».

Comtudo não são frequentes e quasi que só se descobrem nas

fôrmas onomatopaicas, interjectivas, reduplicativas. Ainda assim apostamos dez contra um, se num cento d'essas vozes de origens desconhecidas, setenta não são Mandingas, sobretudo quando são euphônicas, e terminam em sonantes; ou quando nellas não ha durezas de dithongos consonanticos.

TRADIÇÕES

I

O SYMBOLO DA STIPULAÇÃO

«... E sendo na ditta praça o ditto Juis do fisco mandou ao ditto porteyro metesse em pregão de venda e a rematação a ditta metade da herdade do Posso do conselho toda redonda mente liure de todos os encargos que fuisse, por quanto estes sendo forros se distratarião por este juízo, ainda que perpetuos por priuilegio especial, e o ditto porteiro com hum ramo verde na mão, perante muita gente, que na ditta praça estava comessou em alta, e intelligivel vos de apregoar dizendo. quem quizer comprar metade da herdade do Posso do Conselho termo desta Cidade, que parte com suas verdadeiras e deuidas confrontações venha a mym receber-lhe hey o lança que se ade vender e arematar toda redonda mente, e liure de todas as penções pello fisco Real a quem mais der; e com o ditto pregão andou o ditto porteiro muito espaço de tempo pella ditta praça, em que houve varios lanços, o ultimo, e mayor delles foy o do Reverendo Padre Frey Francisco de Santa Catherina Relligiozo professo da Ordem observante do Sarafico São Francisco das Chagas. . . . e no ditto lança tornon o ditto porteyro de nouamente apregoar disendo. quatro centos e des mil reis medão pella ametade da herdade do Posso do Conselho liure de quaesquer encargos, quem mais quizer lançar venha a mym receber-lhe-hey o lança, que se ha de vender, e arematar pello fisco real a quem mais der, e com o d.º lança andou muito espasso de tempo pella dita praça, e mais lugares publicos, e acostumados, e deu sua fee não haver outro lança mayor, nem tam grande; o que visto pello ditto Juis do fisco por lhe constar serem corridos os pregões do regimento fiscal, e outros muitos, mandou ao ditto Porteyro afrontasse, e arematasse a ditta herdade no ditto lança visto não haver outro mayor, e o ditto porteiro comessou disendo, em praça vendo, em praça aremato, afronta fasso, que mais não acho, se mais achara mais

tomara, proveito era pera a fazenda, dou-lhe hũa grande, hũa e meya, e outra mais pequenina em cima, e por não haver outro lanço mayor, nem tão grande que o do ditto P.^{do} do Conuento, o ditto porteiro de mandado do ditto Juiz do fisco lhe meteo o ramo verde na mão, que elle aseitou em sinal de venda e arematção e pagou logo os ditos quatrocentos e des mil reis...»

(Anto de arematção lavrado aos 19 — 11 — 1689, — e trasladado a fl. 35^r. e seqq. ao Tombo da fazenda dos Religiosos de Santa Clara d'Elvas).

II

AS OBRADAS OU OFFERTORIOS FUNEARES

(a)

«Por huã mysa ofyciada no dito dia vÿte soldos e mado que levẽ aa dyta Igreja ao dyto dya dos carneyros e dous cestos de pam e dous camtaros de vynho».

(Excerpto do Testamento de João Durães. = Elvas, 1385. = Tombo velho da Igreja de S. Pedro de Elvas, folhas 37 v.).

(b)

«Mado q̃ leuem cõ meu corpo presẽte (ã igreja) des alqrs de trigo e dous almudes de vynho e mea dzia de pescados».

(Excerpto do Testamento de Vasco Pires Clerigo. = Elvas, 1528. = Ibidem, folhas 46.).

III

O RITO DA PROVOCAÇÃO DA CHUVA

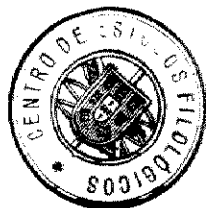
«E se Deos nos nom Acudir com agoa de miziricordia nom nos honde faltar pleitos p.^a a cobrança das Rendas porque tudo se vai sequando, temse feito preses por Repitidas vezes e agora ha tres dias que mudarom a Senhora do Rozairo de Sam Domingos pera Sam Paulo e a Senhora do Carmo p.^a o altar da Sr.^a do Rozairo pera Sam Domingos e todas as tardes huma e outra Religiois em pursisam de hu a outro Convento e m.^{ta} gente desta sidade em devasois nom so de

dia mas tẽmbẽm de noute honde vam em pursisois todos descalsos com em zenplar pinitensia athe o dia de hoje tẽm som.^{to} esta tarde avido algum muslisnos, mas temos confiansia que as divinisimas Senhoras honde acabar com seu prisiozo filho a que nos acuda com a sua miziricordia».

(Excerpto de uma carta de Domingos Pinheiro, dirigida, de Elvas, em 5 de maio de 1753, a André José de Vasconcellos, residente em Lisboa).

A. THOMAS PIRES.

MISCELLANEA ETHNOGRAPHICA



Os factos que publico sob este titulo foram colhidos em leituras, excursões, etc., com o fim de pela maior parte entrarem em trabalhos extensos e de plano geral; como porém ainda não chegou a sua vez de entrarem, nem para alguns chegará tão cedo, aqui os vou a pouco e pouco reunindo quasi sempre em fórma solta, porque podem entretanto aproveitar a outros investigadores.

1. A vindima no Minho

Geralmente no Baixo-Minho as videiras crião-se enroscadas nos choupos, carvalhos e castanheiros bravos (aqui chamados *beirões*, na Beira-Alta *vaboleiras*), plantados em volta dos campos e das estradas. Nestas circumstancias as vides chamam-se *de enforcado* e as arvores *uveiras* (cf. *Rev. Lusit.*, I, 53). A's vezes aparam-se os beirões, ficando apenas a coruta, que ao longe apresenta o aspecto de uma cabeça desgrenhada, suspensa num páo, á maneira do que fazem os selvagens com os vencidos e do que ainda ha pouco praticavam as nossas auctoridades com os enforcados, espetando-lhes as cabeças ensanguentadas e de rosto livido da morte em altas varas, para irrisão dos homens, e cumprimento da lei.

A vindima é um dos afans, e ao mesmo tempo um dos melhores divertimentos, do nosso povo. No Minho, como disse, as vides estão em arvores, e por isso torna-se necessario subir a ellas para colher os cachos. Eu assisti aqui a algumas vindimas. Rapazes em mangas

de camisa, em cabello, e descalços, empicotados nas arvores, apanhavam as uvas no meio de grande alegria, fazendo descer, de instante em instante, por meio de uma corda, a cêsta cheia, ao grito de — *ella ahi báí* (= vae)! Cá em baixo, mulheres recebiam as cêstas dos vindimadores, e despejavão-nas em cestos grandes. A mulher, no Minho, é extraordinariamente trabalhadeira. Nos campos vêem-se sempre mulheres, segando hervas, apanhando frutos, guardando gados. — Em quanto as cêstas, já cheias de uvas, já vazias, andavam assim num vae-vem, das arvores para o chão, e d'aqui para cima, outros trabalhadores arrastavam grandes escadas, de umas arvores para outras, ou conduzião os cestos para os lagares. Todo este trabalho é animado de vez em quando pela musica das cantigas populares.

(Observação feita em Guimarães em 1879).

2. A vida do campo no Minho

Numa casa no sitio do Bom-Retiro, junto á Fonte-Santa, arredores de Guimarães, está gravado o seguinte soneto que dá ideia do viver horaciano do aldeão minhoto:

Oh! quanto vive alegre o que da aldea
A' rustica vivenda se acomoda,
Adonde os campos lavra, as vides poda,
E em santa paz o seu cazal grangêa.

Veste o borel pelúdo e não recêa
Que o culpe o mundo por faltar á moda,
E sem que tema da fortuna a roda,
Com gosto almoça e com socego cêa.

Teme a Deos, teme ao rey e assim procura
Lograr dos anos sens o giro inteiro,
Sem que o fim lhe anticipe a parca dura:

Até que em braços de hum fiel herdeiro,
Ouvindo o *credo velho* ao padre-cura,
Morre feliz na fé do carvoeiro.

(Este soneto, que copiei em 1881, é do celebre Abbade de Jazente, Paulino Cabral de Vasconcellos, pois vem nas suas POESIAS, Porto 1786, pag. 8).

3. Cantar o tórço

Na *Memoria historica da villa de Barcellos*, de Domingos José Pereira, Vianna 1867, pag. 36, lê-se: «Antigamente, e ainda ha trinta

annos, os vizinhos da Porta-Nova, e principalmente os mercadores por alli estabelecidos, todas as noites cantavam devotamente o *Térço*, em culto publico áquella imagem de Nossa Senhora da Abbadias.

Na Beira-Alta (Mondim) muitas vezes ouvi *cantar o térço*. Chama-se *térço* ao conjunto de *cinco mysterios*; um *mysterio* consta de um Padre-nosso e dez Ave-Marias. Para cantarem o *térço*, formão-se de noite, em certos sitios centraes, varios magotes de mulheres, nos quaes ás vezes tambem entrão homens; um magote canta em côro o Padre-nosso até ao meio, o outro magote canta em resposta o resto; depois fazem o mesmo para a Ave-Maria, e assim se tem o *térço* inteiro. Isto dura toda a Quaresma.

4. Perlenga do moleiro

Conta-se que o moleiro costuma dizer o seguinte a respeito da farinha que moeu:

Vem minha filha,
Tira uma maquia.

Venho eu,
Tiro o que é meu;

Vem minha mulher,
Tira o que quer.

Vae-te fol,
P'ra esse canto:
Se m'arrenego,
Tiro-te outro tanto.

Vem o criado,
Tira o que lhe é dado;

(Ouvi na Quinta, Baixo-Doiro, em 1884).

Estes versos, quanto á *fôrma do roubo*, lembram a conhecida fabula de Phedro (i, 5) em que o leão, depois de dividido em partes o veado que elle apanhára na caça em companhia da vaca, da cabra e da ovelha, diz, arrebatando tudo:

Ego primam tollo, nominor quoniam leo;
Secundam, quia sum socius, tribuetis mihi;
Tum, quia plus valeo, me sequetur tertia;
Malo adficietur, si quis quartam tetigerit.

O moleiro, em geral, é considerado com desprezo pelo povo: vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 343-c. Tão inocuada está a ideia de que elle rouba, que se fez o verbo *maquiar* (que significa *desfalcar, subtrahir*, etc.), tirado de *maquia*, que é a medida de que os moleiros ainda usam (pelo menos na Beira-Alta, — Mondim), para se pagarem com a farinha que moem.

5. Lenda de Condeixa-a-Velha

Em Condeixa-a-Velha ha, como se sabe, os restos notaveis de um *oppidum* lusitano, que foi *Conimbriga* ¹, onde ainda hoje apparecem muitos objectos da arte e civilização romanas, por exemplo, moedas (que o povo lá chama *rialôchas* ² e *medalhas dos Moiros*), aneis de ouro, brincos de ouro ³, inscrições, vidros, barros, etc. ⁴. A lenda accrescenta que um sujeito achou lá uma vez *uma bola de ouro* (do jogo da bola), com a qual enriquecen. Parte das ruínas tem hoje o nome de *Almedina*, como lá ouvi, e reduzem-se a um bom panno de muralha, com contra-fortes muito firmes, o que deita para o rio e fórma parede a um vasto olival, em que se vêem tambem pequenos muros, de construcção antiga.

Segundo o costume, o povo diz que foi alli «uma cidade do tempo dos Moiros», e conta a seguinte lenda, em que parece haver um echo do nome de D. Ignês de Castro. Transcrevo-a com a propria linguagem em que um aldeão m'a dictou nas proprias ruínas, em Setembro de 1889.

«Nesta cidade havia no tempo da môirâma uma sinhora, Dôna Inaixa, môira, que, quando arrasârão isto, alverô p'r'a Serra de Pêgas e luvava comsigo nove mulas, e andô nove luados ⁵ a acartar ⁶ a riqueza; ella luvava no arregaçõ mais cl'as ⁷ nove mulas carregadas. Hoje stá lá incantada ⁸».

6. Mão de ferro

Nas *Trad. pop. de Portugal*, §§ 172 e 360, alludi á crença popular de que ás vezes os sêres sobrenaturaes, como o Diabo, as Bruxas, etc., dão bofetadas na gente com mãos invisiveis.

Leia-se a proposito o seguinte passo da *Nova Floresta* do P.^e Manoel Bernardes:

«Mas este indiscreto amor dos páis, prohibindo a seus filhos servir a Deus parece-se mais particlamente com aquelle pêso que causa uma desacautelada mãe, quando dorme opprimindo a sua criança. Isto succedeo não poucas vezes, e hia succedendo á mãe do grande servo de Deus Fr. Joseph de Loniza, religioso capuchinho. Porém sentiu que uma *mão invisivel*, que sem duvida seria a do Anjo Custodio ou

¹ Vid. Borges de Figueiredo, *Oppida restituta*, in *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*; e cf. *Arch. Port.*, III e IV.

² Parece deriv. de *real*. Cf. *Rev. Lusit.*, II, 272, nota 1.

³ Possoo varios objectos romanos, provenientes de lá.

⁴ Cf. Simões de Castro, *Guia do viajante em Coimbra*.

⁵ I. é, «nove luas, nove meses», — como mesmo o homem traduziu.

⁶ = *acarretar*.

⁷ = *ca as* (*ca* = lat. *quam*).

⁸ Factos analogos conta o nosso povo a respeito de outras ruínas antigas.

d'ella, ou do menino, *lhe assentou uma rija bofetada*. Acordou e juntamente o marido, que ouviu o ruído, e perguntou a causa: recearão alguma traição sanguinolenta, *das que costumão fazer as bruxas*. Accesa luz, reconhecerão o perigo da creatura, e a mercê que Deus lhes fizera naquelle golpe, para atalhar outro, que lhes doeria mais: e o signal d'elle ficou estampado na face toda a vida ¹.

Este e outros factos podem entrar na categoria das *hallucinações do tacto*; por isso, em these, e medicamente fallando, a realidade da sua existencia não repugna. Devemos porém notar que, depois de terem entrado no dominio das superstições populares, elles estão sujeitos a outras leis além das da pura pathologia.

7. Cortar o vento

Quando as gallinhas, agachando-se a pôr, fazem ninho e não põem nada, diz-se que «*põem vento* ²». Faz-se então o seguinte para se atalhar ao mal. Pêga-se na gallinha, e esfrega-se-lhe em cruz a cauda numa taipa ou numa parede, dizendo-se por tres vezes:

Sai-te d'aqui, béinto,
Im loubor do Senhor S. Béinto;
Deixa pô' la galinha, qui é téimpo.

E reza-se um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.
(Ouví isto em S. Thomé de Covellas, concelho de Baião).

Vê-se nesta formula mais uma vez como o povo associa o *nomen* ao *numen*, pois invoca S. Bento contra o «mal do vento» (na pronúncia do Norte *Bento* e *vento* tem o mesmo valor phonetico): vid. outros exemplos adeante, § 8, e na *Revista Lusitana*, II, 377. O assunto foi estudado pelo Sr. H. Gaidoz in *Mélines*, vol. IV e V; cf. do mesmo auctor *Un vieux rite médical*, Paris 1892, pag. 31 (e nota) e 38 (nota).

8. Para fazer fallar as crianças

Nas *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pag. 206-207, indiquei alguns modos pelos quaes o povo julga que pôde fazer fallar as crianças, que, tendo já idade para isso, ainda porém não fallão. Um santo invocado é S. Luis.

Já D. Francisco Manoel de Mello, que conhecia perfeitamente a vida popular portugueza do sec. XVII, diz na *Feira dos annexins*, pag. 97: «—Ora você não falla? S. Luis, dae falla ao menino».

¹ Tomo V, Lisboa 1728, pag. 53.

² Eis aqui as proprias palavras com que a mulher que me ensinou esta formula começou: «Cândo as galinhas s'agácho' a pôr, faz'ninho e num põi nada, diz-se que põi béinto». — A linguagem d'esta terra pertence ao sub-dialecto baixo-duriense. — Comprehende-se bem o que quer dizer «pôr vento».

Com o costume de fazer passar a criança debaixo do andor de S. Luis numa procissão cf. H. Gaidoz, *Un vieux rite médical*, pag. 48; e cf. pag. 35 seqq. Este A. cita factos parecidos.

Quando a menina começa a «gálrejar», diz-se para ella fallar:

Santa Clara
Te dê falla! (Concelho de Baião).

O povo invoca *Santa Clara* em virtude do mesmo principio indicado no § 7: «fallar claro».

9. Adivinha

A cabra estava a olhar para o trigo, quando este ainda era herwa. Elle disse-lhe então, alludindo a que da pelle da cabra um dia o homem faria um folle:

D'alto me smiras ¹,
Comer-me querias;
Tu morrerás,
E eu ficarei.
De ti se fará
Im que m'eu met'rei. (Concelho de Baião).

Estes versos são ditos em fôrma de adivinha, que ao mesmo tempo tem sentido moral.

10. Culto da lua

Nas religiões de certos povos atrasados os astros tem muita importancia como objectos de adoração. As superstições populares modernas são muitas vezes o echo de antigas crenças, cujo sentido se perdeu. Nas *Trad. pop. de Portugal*, § 34, reuni varios vestigios do culto da lua (cf. tambem *Religiões da Lusitania*, I, 104 sqq.). Eis mais outro.

Em Borba (Alemtejo) é costume as mulheres saudarem a lua, nova com estas palavras:

Deus te salve lua nova ou velha!
Assim como Deus te fez nova ou velha,
Me faça uma boa serva.

No geral das formulas que conheço a respeito da lua, não se falla senão em *lua nova*; a expressão *lua velha* pôde ser talvez uma

¹ A pronuncia popular é *me smiras*, pelo facto do *s* estar antes de *m*, que é consoante senora. A fôrma popular *smirar* está por *esmirar* = *ex-mirare. Neste sub-dialecto não se admite *es* antes de consoante: cf. *Dial. interann.*, III, 8.

antithese moderna. Sem embargo lê-se em Goblet d'Alviella, *L'idée de Dieu*, 1892: «Aujourd'hui encore, ne parlons-nous pas de nouvelles lunes, en témoignage du temps où l'on pensait qu'il y en avait de vieilles? Dans le pays wallon, on raconte aux enfants que les étoiles sont faites avec des morceaux de vieilles lunes». (Pag. 179 e nota 3).

11. O arco iris

Ao que reuni nas *Trad. pop. de Portugal*, § 137 sqq., sobre o arco-iris, junte-se mais esta formula que ouvi em Borba:

O arco-da-velha á tarde.
Não vem cá em balde.

Isto é, annuncia tempestade.

12. Cantigas dos barqueiros do Douro

Uma vez em que eu ia da Foz-do-Sabor para o Tua, em barco, pelo rio Douro a baixo, ouvi os homens que guiavão o barco cantar as seguintes bellas cantigas:

Suspirando, dando áis,
Anda o amor pela rua:
Suspira quanto quiseres,
Que eu nunca hei-de ser tua!

Tanto aí, tanto suspiro,
Que se dá pela calada!
Meu coração sabe tudo,
Minha boca não diz nada!

Algum dia por te ver,
Voltas que eu dava ao vento:
Vês-me agora ao pé de ti,
Nem me vens ao pensamento!

Eu, por te ver algum dia,
Voltas que eu dava no ar!
Don-as agora na terra,
Só p'ra te não encontrar.

Isto passou-se de madrugada. Pouco antes eu dormia no barco, porque erão horas d'isso, mas acordei ao som da toada das cantigas, que se repercutia pelos reconceavos das altas pedreiras que bórdão o rio. E então lembrei-me de Horacio que, descrevendo uma viagem por agoa, diz que tambem ia acordado,

..... absentem ut cantat amicam
 Multa prolutus vappa nauta atque viator
 Certatim ¹...

o que é ao mesmo tempo um dos testemunhos da existencia de cantigas populares entre os Romanos.

12. Lettreiros em tabernas

E' costume em algumas tabernas pôr lettreiros em verso, como aviso ao publico. Na porta exterior de uma em Coimbra vi a seguinte sextilha, que com quanto pareça de origem culta ou semi-culta, tem contudo seu sabor popular:

« Nesta venda não se fia
 « Nem de noite, nem de dia,
 « Porque o fiado dá pena,
 « A pena me dá cuidado,
 « E' se hei-de viver com pena,
 « Não quero vender fiado».

O verso *Nem de noite, nem de dia* encontra-se por exemplo no «Padre-Nosso pequenino», numa versão que ouvi na Beira-Alta:

.....
 Cruz no monte, cruz na fonte,
 Nunca o diabo me encontre,
Nem de noite, nem de dia,
 Nem ao pino do meio-dia...

e encontra-se numa cantiga:

Quem tem amores não dorme,
Nem de noite nem de dia
 ²

A gradação ou climax que se observa entre o 3.º e o 4.º verso, «Porque o fiado dá pena», «A pena me dá cuidado», é também frequente na poesia popular. A proposito lembrarei a cantiga que começa:

O mar pediu a Deus peixes,
 Os peixes a Deus fundura,

A *pena* é um thema muito favorito da musa do povo, o qual gosta até de estabelecer equívoco com *penna*, e discorrer depois; podem

¹ Horacio, *Sat.*, I, v, 15-17.

² Apud Theophilo Braga, *Cancioneiro popular*, 1867, pag. 50.

vêr-se exemplos no *Canc. pop.* de Th. Braga, pag. 55, 57, 73, 111, 126, 128 e 129, e na minha *Poesia amorosa do povo port.*, pag. 23-24.

A' porta de uma venda, no Largo do Rato, em Lisboa, esteve muito tempo, á vista de quem passava na rua, a seguinte quadra, escrita numa bandeira:

Verde é o vinho,
E sem rival;
Aqui se vende,
Não ha igual.

Em verdade, a musa dos auctores de taes poesias não passa só por ellas á posteridade; todavia o meu fim foi dar ideia de um costume popular.

Vid. formulas analogas in *Zeitschrift des Vereeis für Volkskunde*, vi, 139 ¹.

14. Dias aziagos

Do vol. ms. n.º 604 da Bibl. da Univ. de Coimbra, copio a seguinte *Lista de alguns dias aziagos que tem o anno, cujo papel se achou entre os do Viso Rey P. da Silva, ó Molle* ², qd.º morreu; e se assegura ser tirado de demonstrações claras de Astrologia, Philosophia, e ajuda das experiencias exercitadas; e não ha q. lhe por duvida, conforme a regra n.º ¹ [natural], salvo se Ds. N. Sr. quizer ordenar o contrario.

«Ha 3 dias mortais no anno, que são a 26 de Janeiro, o primeiro de Agosto e o primeiro de Setembro: quem nelles adoeçer ou brigar, ás vezes acontece escapar, mas com notavel perigo, nem he bom nestes 3 dias cazar nem começar caminho, nem obras novaz, nem fazer compras. E tem mais cada anno 33 dias aziagos, que se contam pelos meses, e quem em cada hum d'elles nascer irá pouco adiante, comtudo o que principiár em cada um d'elles não terá bom fim, antes mau successo, e quem se cazar nos tais arisca-se [arrisca-se] a ter molher desleal; não he bom começar caminhos, nem por mar, nem por terra; são finalmente dias em os quais com muito cuidado se deve guardar d'elles, salvo se o planeta Jupter (*sic*) estiver em bom aspecto, mas Jupiter com Marte são terrebilissimos.

Estas cousas são certas e aprovadas, mas Deus Trinus Maximus sobre tudo.

Janeyro—1—2—3—4—5—9—30.

Fevereyro—10—16—19.

¹ Em algumas lojas tenho visto annuncios em que se lê pouco mais ou menos o seguinte, (cito de memoria) a respeito de se darem os objectos fiados: *hoje não, amanhã sim*

² [Pedro da Silva, o Molle? O visor-rei da India Pedro da Silva governou de 1635 a 1639].

Março—16—17—18—19.

Abril—6—15.

Mayo—7—9—19.

Junho—1—6.

Julho—2—10.

Agosto—2—19.

Setembro—16—18.

Outubro—6.

Novembro—15—17.

Dezembro—6—7—9.

Na primeira 2.^a feira de Abril não he bom comprar ou vender nem fazer outras quais quer couzas, porque no tal dia matou Cahim a seu irmão Abel. Tambem a 2.^a feira primeira de Agosto he mau dia. . . .¹ no tal abrasou Dss. as 5 cidades de Sodoma Mogorra. Tambem a primeira 2.^a feira. . . .² não he bom dia, porque no tal nasceu, Judas Escariote, que venden a Jesus³.

A precedente *Lista* occupa toda uma pagina no manuscrito. Podem vêr-se outras semelhantes na *Revista Archeolog. e Histor.*, 1, 65-50, num artigo do Sr. Adolfo Coelho, que diz o seguinte, com que concordo: «A tradição de que me occupo é das que não se transmitem senão com o auxilio da escrita. . . A fonte d'ella é erudita, como a de tantas outras» (*Id.*, pag. 70). Claro está que o A. se refere á tradição naquella fôrma complicada de numeros; pois a crença em dias aziagos ou egypcios faz parte do thesouro geral das superstições populares.

15. Cantiga popular

Os meus olhos, de chorar,
Tem feito covas no chão:
Coisa que os teus não fizerão,
Não fizerão, nem farão!

16. A roca no sec. xvi

As mulheres no Norte do reino occupão-se muito a fiar na roca. E' vulgarissimo encontrar, por exemplo, no Minho, ás portas das casas as velhas fiando. Alguns pintores tem já aproveitado esta situação para os seus quadros.

Um grande observador do sec. xvi, Fr. João dos Santos, diz o seguinte na *Ethiopia oriental*, livro 1, cap. xii:

«... tão propria he a enxada nas mãos das Cafras, como a roca na cinta das molheres de Entre Douro & Minho».

¹ O papel roto, mas deve subentender-se *porque*.

² Roto. Talvez o que falta seja «de Setembro», segundo a comparação que fiz com outras listas semelhantes.

³ Ha uma pequena falha no angulo da fl. mas não pôde faltar mais que uma ou duas palavras, se faltam. O ms. acaba aqui.

Em alguns pontos do país, por exemplo em Tras-os-Montes, as rocas são às vezes verdadeiras obras de arte, em virtude do grande numero e variedade de esculpturas que tem. No geral, porém, do país, a ornamentação limita-se a pouco, como tenho visto em rocas do Algarve, da Extremadura, da Beira e do Minho.

17. Dictados topographicos

- a) Aqui é que é Viseu,
Quem te mata sou eu! (Taboação).

Costuma dizer-se quando se vence qualquer obstaculo, ou se começa empresa difficil:

- b) Alma até Almeida,
E de Almeida para diênte (= deante)
Alma para sempre! (Entre-Douro-e-Minho).

No primeiro verso ha uma rima allitterante.

- c) Serpa — serpente
Boa terra — má gente.

As duas primeiras palavras são tambem allitterantes como no §-b.

- d) Os do Alandroal
Não usão ceroulas,
Que lhe fazem mal.

- | | |
|-----------------|-------------------|
| e) — Villa Boim | — Você mente, |
| Terra boa | Se boa é a terra, |
| Gente ruim. | Melhor é a gente. |

Quanto á fórma, cf. o §-c. — Os apodos de terras para terras, principalmente vizinhas, são muito frequentes. Dos dois precedentes dictados o segundo é de certo mais moderno que o primeiro, e feito pelos naturaes em resposta ao outro.

- f) Pesqueira
Ladroeira.
- g) Mal vae a Portugal,
Quando ha boa seara
Em Terena e Landroal ¹.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Sobre a fórma *Landroal* vid. *Rev. Lusit.*, II, 34.

INDICE

Artigos desenvolvidos:

<i>Superstições portuguezas no sec. XVI</i> — por PEDRO A. D'AZEVEDO . . .	1, 198 e 261
<i>Vocabulário trasmontano</i> — por AUGUSTO C. MORENO . . .	22 e 88
<i>Ourivezeiros</i> — por SOUSA VITERBO . . .	52
<i>O Vocabulo «ledino» e os «cantos de ledino»</i> — por JULIO MOREIRA . . .	55
<i>Noticias philologicas</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS . . .	58
<i>Contos populares portuguezes</i> — por Z. CONSIGLIERI PEDROSO . . .	62 e 81
<i>O trovador Martin Soares e seu filho João Martins</i> — por PEDRO A. DE AZEVEDO . . .	114
<i>Dialectos extremeños</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS . . .	137
<i>Folios religiosos</i> — por SOUSA VITERBO . . .	148 e 181
<i>Linguagem popular de Trancoso</i> — por Felício dos Santos . . .	161
<i>O Guinéense</i> — por M. MARQUES DE BARROS . . .	174 e 271
<i>Notas mirandesas</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS . . .	195
<i>Paremiographia portuguesa e hespanhola</i> — por Sousa Viterbo . . .	207
<i>Glossario de palavras, locuções e azequins</i> — por Henrique das Neves . . .	215
<i>Dialectos crionlos portuguezes de Africa</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS . . .	241
<i>Tradições</i> — por A. Thomás Pires . . .	300
<i>Miscellanea ethnographica</i> — por J. Leite de Vasconcellos . . .	302

Miscellanea:

<i>Vocabulos esclavonicos em portugûes</i> (Gonçalves Vianna) . . .	78
<i>Consulta a um salvador no sec. XVIII</i> (Pedro A. d'Azevedo) . . .	78
<i>Amuletos</i> (A. Th. Pires) . . .	230
<i>Estampa contra a colera</i> (Pedro d'Azevedo) . . .	231
<i>Francês oi = port. oe</i> (idem) . . .	232
<i>Antigo canto em honra de S. Tiago</i> (idem) . . .	232
<i>Um feitiço do século XV, e benzedores do sec. XVI</i> . . .	234

Bibliographia:

I. LIVROS:

<i>Os portuguezes e o gentio</i> , de Sousa Viterbo (J. L. de V.) . . .	80
<i>Recherches ethnographiques sur la salve</i> , de Mensignac (J. L. de V.) . . .	236

II. PERIODICOS:

<i>Zs. des Vereins für Volkskunde</i> (J. L. de V.) . . .	80
<i>Revue Hispanique</i> (J. L. de V.) . . .	238
<i>Revista do Minho</i> (J. L. de V.) . . .	238
<i>Revista de Guimarães</i> (J. L. de V.) . . .	238

III. VARIA QUÆDAM:

<i>Para as crianças</i> , de D. Anna de Castro Osorio . . .	239
<i>Litteratura portuguesa</i> , de Mendes dos Remedios . . .	239
<i>Introd. á hist. da litt. port.</i> , do mesmo . . .	239

<i>Ensaïos ethnographicos</i> , de J. L. de V.	239
<i>Religiões da Lusitania</i> , do mesmo	239
<i>Hist. da litt. portug.</i> , de Th. Braga	239
<i>O Archeologo português</i>	240
<i>Vida e obras de Camões</i> , de W. Storek	240
<i>Trabalhos de Epiphanio Dias</i>	240
<i>A Tradição</i>	240
 Portugal lá fóra:	
Curso de português por Morel-Fatio	238
Artigo sobre as <i>canções da Beira</i>	238
Artigo sobre a <i>Metrica portugese</i>	239
Artigo de E. Hübner	239
Vasconço e ibero	239
